

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO

JÚLIA TAINÁ MONTICELI ROCHA

**GUERRA, SUBSTANTIVO FEMININO: O MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS MULHERES  
DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)(1962-1973)**

Porto Alegre  
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE DE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA

JÚLIA TAINÁ MONTICELI ROCHA

**GUERRA, SUBSTANTIVO FEMININO: O MOVIMENTO INTERNACIONAL  
DAS MULHERES DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE  
(FRELIMO)(1962-1975)**

Porto Alegre

2023

JÚLIA TAINÁ MONTICELI ROCHA

**GUERRA, SUBSTANTIVO FEMININO: O MOVIMENTO INTERNACIONAL  
DAS MULHERES DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE  
(FRELIMO)(1962-1975)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito final para obtenção do grau de Doutora.

Orientador: Drº Marçal de Menezes Paredes

Porto Alegre

2023

## Ficha Catalográfica

M791g Monticeli Rocha, Júlia Tainá

Guerra, substantivo feminino : o movimento internacional das mulheres da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)(1962-1975) / Júlia Tainá Monticeli Rocha. – 2023.

182.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

1. Liga Feminina de Moçambique. 2. Organização da Mulher Moçambicana. 3. Mulher. 4. Moçambique. 5. África. I. Menezes Paredes, Marçal de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

JÚLIA TAINÁ MONTICELI ROCHA

**GUERRA, SUBSTANTIVO FEMININO: O MOVIMENTO INTERNACIONAL  
DAS MULHERES DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE  
(FRELIMO)(1962-1975)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito final para obtenção do grau de Doutora.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aurora Almada Santos

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Soares de Santana

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura António Nhaualeque

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Omar Ribeiro Thomaz

---

Dr.<sup>o</sup> Marçal de Menezes Paredes (Orientador)

Porto Alegre

2023

Um mundo inteiro foi escondido de nós. A guerra delas permaneceu desconhecida... Quero escrever a história dessa guerra. A história das mulheres.

Svetlana Aleksievitch (2016) em *A guerra não tem rosto de mulher*.

Eu me sinto uma guerreira. O que eu faço é guerra. A partir do momento em que eu comecei a colocar determinados temas e pontos de vista em debate eu comecei a mostrar que as mulheres também se levantam. Mostrei que há muita mulher com capacidade, que são muito boas no que fazem, mas que tinham medo de escrever. E eu mostrei que escrever era possível. Então foi assim que eu comecei a fazer a minha guerra.

Paulina Chiziane (2018) em entrevista para o jornal *O Povo*.

## AGRADECIMENTOS

Chego no final desta etapa com sabor de vitória e conquista. Só quem viveu o período pandêmico da Covid-19, que iniciou em 2020 no Brasil, sabe o que foi escrever uma tese de doutoramento nesse momento. Entre as crises políticas e nervosas, a minha maior preocupação sempre foi realizar um bom trabalho. Um trabalho a altura da grandeza das mulheres que escolhi investigar. Me sinto orgulhosa de vencer essa trajetória.

Esse caminho começou quando eu ainda era pequena e ouvia com atenção cada palavra que o meu pai, Péricles Humberto Rocha, me ensinou. Meu primeiro professor de História acompanhou o meu doutorado já em outro plano. Queria que sentisse todo o amor e gratidão que eu carrego por ti.

No meio do caminho encontrei outro professor de História que me ensinou tanto e por quem eu agradeço imensamente pela realização desse trabalho meu orientador Marçal de Menezes Paredes. Agradeço imensamente por tu ter acreditado em mim. Quero que saiba que também ouvi cada palavra tua com atenção e esta tese contém uma boa parte de todo o conhecimento que tu me passou em todos esses anos em que trabalhos juntos.

Entre tantos outros professores que eu tive a sorte de conhecer na vida acadêmica, preciso agradecer a uma professora de História maravilhosa Júlia Nequete. Obrigada amiga por sempre, em dias bons ou ruins, me esperar com um sorriso no rosto e uma cerveja gelada.

Por fim, meu agradecimento especial é para uma professora de História excelente, companheira dos melhores debates e que modificou completamente a minha vida. Camila Ruskowski, eu amo poder relembrar cada momento do meu doutorado e saber que tu esteve lá em todas as partes. Tu segurou a minha mão quando eu estava insegura e comemorou comigo cada vitória. Tu sempre foi luz na minha vida.

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo explorar a rede de circulação internacional da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) referente à atuação política das mulheres, desde seu início, em 1962 à 1973, ano da criação da Organização da Mulher Moçambicana. Dessa forma, esta pesquisa recuperou a trajetória política de Celina Simango, Janet Mondlane, Priscilla Gumane, Josina Machel, Deolinda Guezimane e Marina Pachinuapa. Sem as quais, seria impossível compreender a complexidade e alcance do movimento feminino da FRELIMO em escala global. Portanto, essa pesquisa mantém como foco principal a análise dos movimentos de mulheres da FRELIMO organizadas na Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO), no Destacamento Feminino (DF) e na Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Confere-se especial atenção às falas registradas nas fontes históricas selecionadas no âmbito das viagens internacionais e que se inserem em um amplo debate sobre a emancipação da mulher. A partir dessa etapa, é possível observar as ambiguidades do projeto emancipatório reformulado pela FRELIMO, após 1968. Com isso, problematizam-se as diferenças e modificações da trajetória de mobilização e enquadramento das mulheres dentro da Frente de Libertação que ao refletirem a situação política em que foram organizadas, dão sentido ao projeto político e ideológico da FRELIMO.

**PALAVRAS-CHAVE:** FRELIMO; Liga Feminina de Moçambique; Organização da Mulher Moçambicana; Destacamento Feminino;



## ABSTRACT

This research work aims to explore the international circulation network of the Front for the Liberation of Mozambique (FRELIMO) regarding the political activity of women, from its beginnings, in 1962 to 1973, the year of the creation of the Mozambican Women's Organization. In this way, this research recovered the political trajectory of Celina Simango, Janet Mondlane, Priscilla Gumane, Josina Machel, Deolinda Guezimane and Marina Pachinuapa. Without which, it would be impossible to understand the complexity and scope of the FRELIMO women's movement on a global scale. This research maintains as its main focus the analysis of the FRELIMO women's movements organized in the Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO), in the Women's Detachment (DF) and in the Mozambican Women's Organization (OMM). Special attention is paid to the statements recorded in historical sources selected in the context of international travel and which are part of a broad debate on the emancipation of women. From this stage, it is possible to observe the ambiguities of the emancipatory project reformulated by FRELIMO, after 1968. With this, the differences and modifications of the trajectory of mobilization and framing of women within the Liberation Front are questioned, which, when reflecting the political situation in that were organised, give meaning to FRELIMO's political and ideological project.

**Keywords:** FRELIMO; Mozambique Women's League; Mozambican Women's Organization; Female Detachment;

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Lúcio Lara, Marcelino dos Santos, Walter Rodney e Ângela Davis.....	39
<b>Figura 2</b> - <i>Namibia Support Committee London</i> .....	43
<b>Figura 3</b> - Josina Machel. ....	44
<b>Figura 4</b> - Cartaz do evento Women's International Congress .....	62
<b>Figura 5</b> - Comitê revolucionário da fábrica nacional de algodão de Xangai.....	69
<b>Figura 6</b> - Mulheres combatentes na formatura do DF.....	113
<b>Figura 7</b> - Samora M. Machel e o primeiro pelotão do Destacamento Feminino .....	114
<b>Figura 8</b> - Formatura de Marina Pachinuapa e Josina Machel .....	126
<b>Figura 9</b> - Deolinda Guezimane e Rosária Tembe.....	139
<b>Figura 10</b> - Deolinda Guezimane na República Democrática Alemã.....	147
<b>Figura 11</b> - Deolinda Guezimane na 10ª Conferencia Afro-asiática das mulheres ....	148
<b>Figura 12</b> - Foto da primeira conferência da OMM.....	154

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE I. “O VENTO DA MUDANÇA ESTÁ SOPRANDO SOBRE ESSE CONTINENTE”: A LIGA FEMININA DE MOÇAMBIQUE (LIFEMO)</b> .....	28
<b>Capítulo 1. Os “ventos da mudança” embalam os ventos da emancipação</b> .....	29
1. 1. O movimento internacional das mulheres .....	35
1. 2. Os vento impulsionam a FRELIMO .....	46
<b>Capítulo 2. Os encontros internacionais das mulheres da FRELIMO: A Primeira Conferência das Mulheres Africanas, Tanganica, 1962.</b> .....	57
2. 1. O Congresso Mundial das Mulheres: Moscou, 1963. ....	61
2. 2. Celina Simango em visita à China (1964).....	66
<b>Capítulo 3. As articulações das mulheres da FRELIMO provocaram redemoinhos O início da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO)</b> .....	71
3. 1. “A mulher moçambicana está a dar a sua completa participação na luta de libertação de Moçambique”: Celina Tapua Simango .....	72
3. 2. “Uma pessoa de dois mundos”: Janet Rae Mondlane, a diretora do Instituto Moçambicano .....	79
3. 3. “Guerreamos contra os males sociais que os colonialistas nos impõem”: Priscilla Gumane, a vice-presidente da LIFEMO. ....	91
3. 4. A prisão de Celina Simango, o desaparecimento de Priscilla Gumane e o afastamento Janet Mondlane: o fim da LIFEMO .....	95
<b>PARTE II. “O MOMENTO É FAVORÁVEL PARA NAVEGARMOS”: O DESTACAMENTO FEMININO DA FRELIMO (1967 – 1973)</b> .....	100
<b>Capítulo 4. “Sopra, pois, o vento da revolução”: O novo equilíbrio mundial de 1970</b> .....	101
4. 1. “Sopra o vento da emancipação da mulher”: A criação do Destacamento Feminino da FRELIMO .....	108
<b>Capítulo 5. As combatentes do Destacamento Feminino da FRELIMO</b> .....	121
5. 1. “O nosso militante é aquele que sabe interpretar devidamente a nossa política”: Marina Mangedye Pachinuapa .....	123

5. 2. “É necessário fazer um combate interno”: Josina Abiatar Muthemba Machel (1945-1971).....	128
5. 3. “Um autêntico exemplo para a emancipação da mulher”: Deolinda Simango Guezimane.....	134
<b>Capítulo 6. Os encontros internacionais das mulheres da FRELIMO: 10º Conferência das Mulheres Africanas, Dar-es-Salaam, 1972 .....</b>	<b>137</b>
6. 1. Federação das mulheres da República Democrática Alemã (R.D.A.) convida o Destacamento Feminino Moçambicano.....	144
6. 2. 10ª Conferência Afro-asiática das Mulheres: Mongólia, 1972.....	147
<b>Capítulo 7. A Primeira Conferência da Mulher Moçambicana: A consolidação do projeto libertação da mulher da FRELIMO na criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) .....</b>	<b>152</b>
7. 1 "O farol que ilumina caminhos da revolução moçambicana" : A instrumentalização política de Josina Machel através de sua biografia.....	158
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	 <b>165</b>
 <b>REFERÊNCIAS .....</b>	 <b>172</b>

## INTRODUÇÃO

Quando Samora Moisés Machel anunciou a “libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de sua continuidade e condição de seu triunfo”, em 1973, na abertura da Primeira Conferência da Mulher Moçambicana, ele oficializou o projeto de emancipação feminina da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). O projeto político apresentado durante o discurso, entretanto, foi desenvolvido pelo trabalho de diversas mulheres em um processo que durou 11 anos. Desde 1962, dos escritórios na Tanganyika (Tanzânia) a FRELIMO se conectou com mulheres de todo o mundo. Foi de Dar es Salaam que as mulheres integraram redes internacionais, viajaram para congressos mundiais, visitaram países aliados e observaram a ampla circulação de ideias sobre emancipação feminina. Ao se inserirem em uma comunidade internacional de apoio e solidariedade entre as mulheres, mobilizaram a mídia estrangeira e chamaram atenção de Comitês de libertação em todo o mundo.

O presente trabalho analisa o movimento feminino internacional da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) recuperando as trajetórias políticas de Celina Simango, Priscilla Gumane e Janet Mondlane. Desde o início da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) até a criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), no qual, daremos luz à trajetória política das mulheres combatentes Marina Pachinuapa, Josina Machel e Deolinda Guezimane. Confere-se especial atenção aos suportes internacionais oferecidos à FRELIMO no âmbito das viagens internacionais realizadas pelas mulheres integrantes desses movimentos e suas representantes internacionais.

Sobretudo, esse trabalho se dedicou ao estudo da História das mulheres da FRELIMO. Estamos acostumados com a compreensão masculina da guerra anticolonial escrita, de modo geral, por homens sobre os homens. As vozes majoritariamente masculinas acabaram produzindo a compreensão dicotômica dos conceitos sobre o gênero que assumiram formas quase sempre dualistas como masculino *versus* feminino. Nessas análises, a categoria “mulher” é simbolicamente representada em narrativas históricas unilineares e que privilegiaram, ao longo do tempo, as representações masculinas, ou seja, enquanto os homens são retratados como agentes produtores da história nacional, as mulheres se inserem em noções estáticas do espaço nacional. Quase sempre, percebidos como espaços de menor importância social. Para elas, sobrou, quase sempre, o silêncio

da História (PERROT, 2005). Essas perspectivas auxiliaram no apagamento das singularidades e complexidades que apenas o estudo sobre as mulheres da FRELIMO, inseridas na política em escala global, podem nos oferecer. Portanto, neste trabalho, as mulheres da FRELIMO constituíram a posição central no foco das análises.

Estudar as mulheres da FRELIMO foi possível pela atuação política das mulheres que, ao participarem da correspondência internacional, contribuíram para o movimento internacionalista feminino em desenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970. Para Judy Tzu-Chun Wu (2018) o movimento internacional das mulheres foi promovido por ações que partiam das mulheres do sul global, assim como, por mulheres racializadas nos Estados Unidos. Foi responsável por transmitir a ideia de que as mulheres não lutavam apenas contra a família patriarcal e pelas normas sociais impostas, mas também, pela independência nacional e pela revolução socialista em seus países. A autora utiliza o conceito de *sisterhood* (irmandade) cunhado pela estadunidense Kate Millet, em 1970, para compreender a formação dessa comunidade política internacional ditada no feminino.

Contudo, esse trabalho está alinhado com as pesquisas desenvolvidas que pretendem fugir das narrativas lineares das lutas de libertação. Pretendemos, dessa maneira, enriquecer nossa compreensão acerca das modificações, apontadas no trabalho Jonna Katto (2020), ocasionadas no tecido social moçambicano e que foram provocadas pela atuação das mulheres inseridas nas organizações femininas da FRELIMO. Contribuindo para os estudos das suas trajetórias que, em muitos casos, revelaram as negociações cambiantes e multifacetadas das mulheres. Principalmente, na luta pela inserção de espaços em que debatiam o direito das mulheres e as estratégias para a sua emancipação sem as constitui-las concretamente no interior da Frente de Libertação de Moçambique.

Parte das fontes históricas selecionadas para essa Tese de doutoramento fazem parte do acervo do periódico informativo da FRELIMO a Voz da Revolução. O material produzido dos escritórios da FRELIMO, na Tanganica (Tanzânia), mantinha ênfase nas dimensões internas da luta armada de libertação nacional. Dessa maneira, incluiu em seu conteúdo informações atualizadas sobre a frente de batalha, relatórios sobre as áreas libertadas, as atas dos Congressos e das suas estruturas. Ao ser criado em 1963, foi assinado apenas como Boletim informativo da FRELIMO com a direção do

Departamento de Informações da FRELIMO com objetivo de informar seus militantes. A partir de 1964, passou a ser nomeada como Voz da Revolução até suas últimas edições na década de 1980. Seu conteúdo foi reproduzido por periódicos do mundo inteiro, participando de um intenso cenário global de correspondências sobre a Guerra Fria, como veremos no caso do Boletim Informativo da Frente Revolucionária do Timor-leste Independente (FRETILIN), mais conhecida como Nacrum<sup>1</sup>.

Para a compreensão da dimensão internacional, utilizaremos o acervo da Mozambique Revolution com o objetivo de informar em escala global. O periódico de língua inglesa da Frente de Libertação de Moçambique contou com versões dos comunicados da Voz da Revolução. Por sua vez, as suas publicações foram produzida a partir dos escritório da FRELIMO em Dar-es-Salaam e durou de 1963 à 1975. O periódico incluiu em seu conteúdo uma campanha internacional contra o colonialismo português e denúncias das práticas da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Dessa maneira, fora amplamente reproduzido, como veremos no caso da publicação da Liberation Support Movement<sup>2</sup>.

A produção da Voz da Revolução e da Mozambique Revolution é a única fonte histórica, produzida pela FRELIMO, que comprova a existência da LIFEMO como sua primeira organização de mulheres. Ou seja, a OMM não foi o ponto de partida na trajetória de mobilização das mulheres no movimento revolucionário. Mas foi, sem dúvida, considerada a organização feminina mais importante da FRELIMO. Evidenciando a cristalina preferência do Movimento, liderado por Samora M. Machel, em apontar a OMM como somente a única e verdadeira representante da mulher revolucionária ao ignorar a trajetória política das mulheres que constituíram a LIFEMO. De fato, o apagamento do trabalho das primeiras mulheres da FRELIMO ofuscou, inclusive, as responsáveis pela impressão e distribuição dos periódicos da Frente de Libertação, Voz da Revolução e Mozambique Revolution, que saíam dos escritórios do Instituto Moçambicano.

---

<sup>1</sup> A Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (Fretilin) foi movimento anticolonial que lutou pela independência de Timor-Leste, primeiro de Portugal e depois da Indonésia, entre 1974 e 1998. Era originalmente a Associação Social Democrática Timorense (ASDT). Após Timor-Leste se libertar da ocupação imposta pela Indonésia, a Fretilin tornou-se um partido político.

<sup>2</sup> O Liberation Support Movement (LSM) foi uma organização ativista com sede em Canadá e nos Estados Unidos. O grupo esteve ativo de 1968 a 1982. As suas atividades estavam vinculadas com o apoio aos movimentos anticoloniais.

Após a leitura de todos os periódicos da Voz da Revolução e da Mozambique Revolution, passamos a concordar com o trabalho de Catarina Antunes Costa (2019). A autora percebeu a existência de organizações apagadas pela historiografia oficial e identificou não apenas a LIFEMO, mas, também, o Instituto Moçambicano, como “organizações fantasmas na memória coletiva de Moçambique”. De fato, outros estudos como de Isabel Casimiro não se aprofundaram nas atividades exercidas pela LIFEMO. A autora de “Paz na Terra, Guerra em Casa: Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique” (2014), foca sua investigação nos movimentos de mulheres, em Moçambique, entre as décadas de 1970 e 1990. Portanto, Isabel Casimiro (2014) não investigou a documentação selecionada nesta Tese, pois não considerou a LIFEMO a primeira organização feminina da FRELIMO. Para Isabel Casimiro (2014) o estabelecimento da luta anticolonial, em 1964, e as novas exigências dessa etapa não foram acompanhadas por essas mulheres o que acarretou no encerramento de suas atividades (2014, p.228). Para Benigna Zimba (2012), chefe do departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane<sup>3</sup>, utilizou o acervo Voz da Revolução e a composição de dezenas de depoimentos, para explorar a formação do Destacamento Feminino da FRELIMO em seu livro “A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do Destacamento Feminino”. É importante notar que a especialista inicia o seu livro com uma pequena digressão a importantes mulheres do passado do território moçambicano, como no caso de Mazarira (1586-1597) a “mulher principal” do Rei no Império do Monomotapa, a Rainha do Xeicado de Quintangonha e a Rainha Ndlhovukaze de Chibuto (1830-1840). Porém, a autora não cita a existência da Liga Feminina de Moçambique, considerando o DF a primeira organização feminina da FRELIMO.

Além da documentação selecionada, utilizaremos a documentação de apoio da Revista Tempo. Em seu conteúdo, a Revista adicionou novas informações ao âmbito das atividades em escala internacional. Após 1975, passou a ser comandada pelo Estado moçambicano, propagandeando e difundindo os ideais do governo da Frelimo<sup>4</sup>. Utilizaremos também, as Atas do I Congresso da FRELIMO, em 1962, e, do II Congresso,

---

<sup>3</sup> Em Moçambique, o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane foi o grande responsável pelas primeiras pesquisas sobre as relações sociais entre mulheres e homens. O novo campo de estudos nasceu na década de 1980 afirmando-se apenas na década de 1990.

<sup>4</sup> Nesta tese, utiliza-se um diferencial de FRELIMO com letras maiúsculas para identificar o período ainda como movimento revolucionário (antes de 1977) e Frelimo, com apenas a letra inicial em maiúscula, para identificar como partido único, após 1977, com a oficialização do sistema de partido único durante o III Congresso da Frelimo.



em 1968, referente às mulheres. Assim como, as Atas e Estatutos referentes a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) e o Destacamento Feminino (DF). Seleccionamos, ainda, alguns trechos dos discursos dos líderes revolucionários da FRELIMO, Eduardo Mondlane e Samora Machel. Os líderes em suas falas sobre as mulheres, introduziram novas informações relevantes para a nossa análise.

Por fim, cruzaremos as informações das fontes históricas com entrevistas, autobiografias e biografias das mulheres em foco nesse estudo. Portanto, foi necessário para esta investigação utilizar o gênero biográfico como método de análise, uma vez que, “partindo de trajetórias individuais alcançamos questões mais gerais sobre a dinâmica da vida em sociedade, em diferentes tempos e espaços” (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012, p.90). Portanto, a história das mulheres e o gênero biográfico são dois suportes importantes para essa investigação, principalmente ao percebermos que “as fronteiras do gênero constroem um campo de possibilidades para a ação do indivíduo” (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012, p. 93). Ao utilizarmos o espaço biográfico precisamos estar atentos como salienta a pesquisadora Leonor Arfuch (2010) para a tensão entre o público e o privado que revela uma profunda imbricação entre indivíduo e sociedade. Esse horizonte analítico é valioso nesta pesquisa pois contribui para a compreensão, em termos discursivos, das diferenças singulares entre as mulheres e nega as análises generalizantes.

Para compor as nossas referências metodológicas, foi utilizada a abordagem de John Pocock, sobre a pesquisa de fontes escritas e da hermenêutica histórica<sup>5</sup>. Seu uso será feito ao analisarmos a produção da FRELIMO sobre o seu movimento feminino, evidenciando: suas estratégias retóricas, para quem era destinada a publicação, qual plataforma internacional integraram e o alcance global em que se manifestaram. Tais relações são desdobradas nas apresentações de possibilidades metodológicas exibidas por John Pocock (2003), ao compreender a linguagem em seu contexto de efetuação e em sua pluralidade de interpretações:

Quanto mais complexo, e até mesmo contraditório o contexto linguístico em que ele se situa, mais ricos e mais ambivalentes serão os atos de fala que ele terá condições de emitir, e maior será a probabilidade de que esses atos atuem sobre o próprio contexto linguístico e induzam a modificações e transformações no interior dele. Nesse ponto, a história do pensamento político torna-se uma história da

---

<sup>5</sup> Para tal análise metodológica, o trabalho utiliza especificamente: POCOCK, John. Linguagens do ideário político. São Paulo: Edusp, 2003. [Cf.: Introdução, “O Estado da arte” (p. 23-63) e Capítulo 2: “O conceito de linguagem e o Métier D’historien: Algumas considerações sobre a prática” (p.63-82)].

fala e do discurso, das interações entre langue e parole. [...] Precisamos ter meios de saber o que um autor “estava fazendo” quando escrevia ou publicava um texto. [...] Quais eram, em suma, as (por vezes ocultas) estratégias intencionais por trás de suas ações. (POCOCK, 2003, p.28)

Essa abordagem compreende a linguagem imersa em seu contexto histórico e político. Ao analisarmos os conceitos utilizados pela FRELIMO ficou evidente a sua contribuição ao debate intelectual de emancipação feminina das décadas de 1960 e 1970. De igual modo, os discursos das mulheres da FRELIMO buscaram inserir novos componentes de significação e interpretação nos conceitos correntes. Ou seja, as publicações da FRELIMO fizeram uso da linguagem partilhada para manifestar sua compreensão própria sobre libertação nas plataformas em que se inseriram. Observamos as modificações em seu conteúdo, ao cruzarmos a percepção externa e interna do Movimento, ou seja, a Voz da Revolução e a Mozambique Revolution, apontando as modificações no discurso da FRELIMO. Como manifesta John Pocock (2003):

A linguagem que um autor emprega já está em uso. Foi utilizada e já está sendo utilizada para enunciar intenções outras que não as suas. [...] Mas o mesmo que ele fez com outros autores e suas línguas pode ser feito com ele e sua linguagem. As mudanças que ele procurou imprimir às convenções linguísticas que o rodeiam podem não conseguir impedir que a linguagem continue a ser usada nas formas convencionais. [...] Mesmo quando um autor tem êxito em inovar, isto é, em, emitir seu discurso de maneira a incitar outros a responder a ele de uma maneira até então convencional, não se segue disso que ele conseguirá controlar as respostas dos outros. . (POCOCK, 2003, p.20-30)

Percebemos assim, que o uso da metodologia de Pocock (2003) forneceu o subsídio para interligar a produção da FRELIMO em uma rede de recepção e difusão de suas leituras e argumentações sobre a condição das mulheres. Adentrando a ambivalência de assimilação da linguagem, bem como, as alterações ou tentativas de alterações, em seu conteúdo ao longo do tempo. Usaremos Pocock como método para encontrar indícios nas palavras utilizadas pela FRELIMO, que tanto afirmaram concepções de conceitos habituais, como também, apresentaram novos significados para conceitos em uso. Dessa maneira, compreendemos que as ressignificações apresentadas nas publicações da FRELIMO são o resultado de novas experiências, que concedem lugar a novas origens,

novos problemas e novas possibilidades de discurso na linguagem sob estudo. Como se lê:

A explicação das linguagens que ele aprendeu a ler é seu meio de levar adiante suas investigações, simultaneamente em duas direções: na dos contextos em que a linguagem foi enunciada e na dos atos de fala e de enunciação efetuados no e sobre o contexto oferecido pela própria linguagem e outros contextos que ela se situava [...] A linguagem, no sentido em que usamos o termo, é chave do historiador tanto para o ato de fala quanto para o contexto. (POCOCK, 2003, p.35)

Os métodos desenvolvidos por Pocock estão presentes, ao passo que, compreendemos a argumentação do movimento feminino da FRELIMO não se constituiu de uma cultura genérica. Seus textos estão relacionados à uma rede de discursos, à localização de seu ato de fala em seu contexto específico e aos usos conceituais do período. Sendo assim, o texto modula e é modulado, pelo seu contexto de criação ao integrar uma rede de diálogo:

Linguagem ou linguagens disponíveis para seu uso, e frequentemente – talvez predominantemente – é nesse contexto (ou nesse setor do contexto) que o historiador do discurso vislumbra a execução do “lance” do autor. As linguagens são objetos tanto quando instrumentos da consciência. [...] Esse “lance” pode ter rearranjado, ou tentado rearranjar, as possibilidades linguísticas abertas ao autor e aos co-usuários da linguagem. (POCOCK, 2003, p. 39-40)

Tal uso teórico-metodológico se revelou extremamente polivalente. Assim como, a produção da FRELIMO, que será a linha condutora dessa Tese. As nossas fontes históricas foram interligadas a outras abordagens metodológicas para seu auxílio, quando necessário. Dessa maneira, utilizamos a definição conceitual de Reinhart Koselleck (2006) sobre categorias meta-históricas<sup>6</sup>. Ao trabalhar as concepções de "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa", cunhados pelo autor alemão, concedeu novas ferramentas de abordagem sobre a análise histórica e seus desdobramentos temporais. Principalmente, ao aproximar tais categorias equivalentes a espaço e tempo, respectivamente, sendo elas correlacionadas. As categorias abordadas interlaçam as relações de passado e futuro, formando o meio constitutivo da história analisada, desenvolvida pelo conhecimento produzido na tensão temporal do espaço de experiência

---

<sup>6</sup> Para tal análise metodológica, o trabalho utiliza especificamente: KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 307.

e do horizonte de expectativa. Os tempos, por sua vez, estão justapostos na teoria de Koselleck (2006), existentes na memória individual e coletiva. Portanto, para essa Tese, considera-se a tensão entre a experiência e a expectativa como formador do tempo histórico analisado.

O estudo de Koselleck (2006) foi essencial para a compressão da contribuição das mulheres ao projeto de libertação da mulher. Devido ao "espaço de experiência" de cada uma, as mulheres da FRELIMO produziram discursos singulares. Somam-se ao projeto diferentes "horizontes de expectativas" que surgiram a partir das diferentes experiências compartilhadas. Sendo assim, o movimento internacional das mulheres da FRELIMO utilizou para sua discussão argumentos que evidenciaram a experiência e interpretação adquiridas pelas mulheres em escala global. Porém, essa experiência não forma a totalidade da constituição do projeto; essas diferentes mulheres foram elementos de experiência rearticulados pela FRELIMO, após 1968. Logo, podemos, por meio das condições metodológicas apresentadas, recuperarmos suas trajetórias políticas para compreender as suas diversas referências e proposições em relação ao meio social e histórico em que se inseriram individualmente. Para tal, essa pesquisa combinou uma abordagem transnacional, ao estudos das organizações e da História da Guerra Fria, com uma abordagem interseccional, ao estudos dos direitos das mulheres e História das mulheres na construção de suas biografias.

Por fim, é preciso esclarecer que as ferramentas teórico-metodológicas sofreram influência dos autores da História Global, principalmente, dos estudos de Odd Arne Westad (2007)<sup>7</sup>. Em sua revisão historiográfica, o autor dilatou conceitos e os acomodou em novas interpretações. Dessa maneira, tornou possível uma nova visão sobre as dinâmicas internacionais. É sob essa nova ótica que podemos compreender a diversidade de projetos, modelos e agendas políticas que desafiaram as tensões globais da Guerra Fria e resultaram em novos estudos sobre as alternativas disponíveis àqueles que procuraram não se submeter as esferas de influência das superpotências.

Em 1960, uma onda de descolonizações atingiu o continente africano. Embalados pela conquista da independência de Gana (1957) do líder Kwame Nkrumah. Os novos países independentes eram imediatamente cooptados pela tensão da Guerra Fria. Dessa

---

<sup>7</sup> Para tal análise metodológica, o trabalho utiliza especificamente: WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. New York: Cambridge University Press, 2007.

maneira, multiplicaram as alternativas políticas disponíveis, como por exemplo, os movimentos afro-asiáticos, dos não-alinhados, o comunismo chinês, o comunismo soviético ou o liberalismo norte-americano. Muitos desses novos países acabaram no centro das disputas da Guerra Fria. A complexidade do período tornou evidente a atuação de movimentos em apoio as lutas de libertação do continente, desde Organizações Não-Governamentais, as Nações Unidas e os governos de outros países. Dessa maneira, as ideologias passaram a ser fundamentais, para a guerra e para a diplomacia, que sustentou os movimentos anticoloniais.

Em conjunto aos estudos de Arne O. Westad (2005) pretendemos nos aprofundarmos nos efeitos globais da Guerra Fria, mais especificamente, nos efeitos da liderança pró-comunista da FRELIMO em relação ao direito e status da mulher. Assim, nesse caso, procuramos compreender como e através de quais formas as ações em reconhecimento aos direitos das mulheres se desenvolveram na FRELIMO, as formas como suas ações foram praticadas e que tipo de conflitos internos e discussões esse assunto provocou dentro da Organização. Por outro lado, será possível explorar questões mais amplas como as relações da FRELIMO com outros movimentos transnacionais de mulheres e as pressões, desenvolvimentos e pontos de virada da Guerra Fria.

Fica evidente que a ausência dos estudos sobre a LIFEMO obliterou os estudos sobre o alcance internacional da FRELIMO durante a Guerra Fria. Essa pesquisa está comprometida em contribuir para as discussões acadêmicas em torno do papel das organizações transnacionais e nacionais de mulheres do sul global em termos de mudança política e social. Por isso, explorou como organizações, nacionais e internacionais, de mulheres podem ter influenciado a FRELIMO em seu ativismo político internacional.

Portanto, os pontos de virada da Guerra Fria são essenciais para a compreensão dos contornos do projeto feminino da FRELIMO. Carole Fink (2018) é incisiva ao perceber a influência chinesa no continente africano ao se destacar como uma alternativa ao marxismo estrutural soviético no início de 1970. Parara Jeremi Suri (2010) a influência da Revolução Cultural chinesa foi uma inspiração para os novos países, mesmo que conscientes das graves consequências promovidas pela Revolução Cultural, a violência ganhou um caráter de força purificadora essencial para o fim das antigas estruturas sociais e políticas. Para Aurora Almada e Santos (2017), o envolvimento das Nações Unidas na contestação da política colonial de Portugal foi constituído por um processo complexo e

contraditório. Nesse estudo, podemos compreender a legitimação dos movimentos anticoloniais que utilizaram a força como instrumento para sua independência. Deixando evidente a consolidação da influência da FRELIMO na arena internacional um caminho para a visibilidade de seu projeto em escala global.

Com o desenvolvimento dos trabalhos DF e o avanço da luta armada anticolonial, a decisão da FRELIMO em criar outra Organização feminina maior e que abrangesse mais do que as guerrilheiras da luta armada resultou na criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), criada em 1973, em Tunduro, na Tanzânia. A criação da OMM consolidou o projeto emancipatório feminino desenvolvido, desde 1962, pelas mulheres da FRELIMO. Para Cristiane Soares de Santana (2016), esse período foi marcado pela defesa de uma emancipação feminina concomitante à independência do país, porém nos termos propostos por Samora Machel, o projeto acabou por determinar um controle sob o corpo feminino. Na urgência da mobilização política feminina, o desenvolvimento da OMM fortaleceu as bases do reenquadramento identitário projetado pela FRELIMO. Esse processo resultou em graves consequências, constatadas nos estudos de Laura António Nhaueleque (2020), que destacou a atuação da polícia no país influenciada por fortes elementos herdados do período colonial desde 1974. O modelo forjado nos limites da “prontidão militar” revelou, mais uma vez, a violência como justificativa.

Os estudos de Signe Arnfred (2015) destacaram o caráter moderno do projeto político da Frelimo ao perceber como as modificações na alfabetização, na educação, nos novos pensamentos e nas novas ideias sugeridas para as mulheres e para os homens romperam com uma série de esferas restritas de gênero. Entretanto, o caráter moderno, como ocorreu em Moçambique, também promoveu o poder dos homens criando novas hierarquias entre homens e mulheres. As disputas internas ocorridas na Frente de Libertação, muitas vezes levaram, por um lado, a visões hegemônicas com características autoritárias, e, por outro, a um esvaziamento dos propósitos inicialmente traçados. Como veremos, a falta de uma postura democrática nas discussões prejudicou profundamente o movimento de mulheres da FRELIMO.

Em Moçambique, os estudos sobre as relações sociais entre homens e mulheres se desenvolveram com a construção do Núcleo de Estudos da Mulher (NEM), em 1988, pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. O objetivo foi viabilizar trabalhos que mantinham a mulher como foco da análise. De forma geral, os

pesquisadores da Universidade Eduardo Mondlane foram os responsáveis por realizar as primeiras investigações sobre as mulheres em uma perspectiva de gênero. De modo geral, os trabalhos estavam relacionados com a situação da mulher antes da colonização, o impacto do colonialismo na divisão do trabalho entre homens e mulheres e no papel da mulher no movimento anticolonial e a sua contribuição para a luta armada da FRELIMO. O último tema citado é nosso principal interesse de estudo. Portanto, começamos pela leitura das obras clássicas como *A História de Moçambique* (1997) de Malyn Newitt; *Mozambique from Colonialism to Revolution: 1900 – 1982* (1983) de Allen e Barbara Isaacman e Isabel Casimiro em *Paz na terra, Guerra em Casa* (1999) que nos permitiu acender a uma primeira abordagem historiográfica sobre o tema. Em conjunto, as obras mantinham uma preocupação evidente quanto a retratar o movimento de libertação nacional e seu desenvolvimento até a independência do país.

Contudo, pelas memórias das integrantes do movimento feminino da FRELIMO, percebemos o real contributo histórico das mulheres para o desenvolvimento da luta armada. Nesse sentido, é preciso ressaltar os trabalhos como *A Mulher Moçambicana na Luta de Libertação Nacional: Memórias do Destacamento Feminino* (2012) de Benigna Zimba; Renato Matusse e Josina Malique em *Josina Machel: ícone da emancipação da mulher moçambicana*. (2007); Ana Bouene Mussanhane em *Protagonistas da luta de libertação nacional* (2012) e *Simpósio 50 anos da FRELIMO (1962-2012) : fontes para a nossa história* da Coleção memórias dos combatentes realizada pelo Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, Maputo, 2012. Apesar da grande circulação de biografias e autobiografias que colaboram para a importância da narrativa histórica nacional, esse trabalho compreende que atualmente o panorama de produção intelectual sobre as mulheres da FRELIMO carece de problematização historiográfica.

Dessa maneira, esta Tese de doutoramento esteve aliada a uma rede de texto composta por novas interpretações sobre as atividades das mulheres durante a Guerra Fria. Ao ampliar a escala analítica puderam reconhecer o trabalho de grupos marginalizados na historiografia oficial do país como foi o caso da LIFEMO. Em específico, Catarina Costa (2019) em *O Instituto Moçambicano e o Estado Social dentro da FRELIMO*, Joanna Katto em *Women's Lived Landscapes of War and Liberation in Moçambique: Bodily Memory and the Gendered Aesthetics of Belonging* (2020) e Natalia Telepneva (2022) em *Mediators of Liberation: Eastern-bloc officials, Mozambican Diplomacy and the Origins of Soviet Support for Frelimo, 1958 – 1965*. Ao recuperar a

trajetória das mulheres da LIFEMO e do DF percebemos a lacuna historiográfica referente ao trabalho intelectual feminino da FRELIMO.

O apagamento das atividades internacionais das mulheres da FRELIMO obliterou o alcance em escala global do movimento anticolonial. Esse trabalho defende a Tese da existência do movimento mulheres da FRELIMO, desde 1962, ou seja, antes da criação da Liga Feminina de Moçambique. Essas atividades são pautadas, principalmente, por Celina Simango, Priscilla Gumane fundadoras da LIFEMO e Janet Mondlane à frente do Instituto Moçambicano. O apagamento da LIFEMO da História oficial ofuscou as pontuais diferenças e modificações sofridas pelo projeto de emancipação feminina. Ao recuperar a trajetória das combatentes do Destacamento Feminino Marina Pachinuapa, Josina Machel e Deolinda Guezimane tornamos evidente a continuidade do desenvolvimento de um projeto feminino em escala global. Perceberemos que, após 1968, Samora Machel foi reconhecido como o fundador de um projeto de autoria feminina e que construiu o mito de Josina Machel como símbolo da mulher emancipada.

Para dar luz a tantas questões, consideramos a documentação da FRELIMO referente a *Voz da Revolução* e a *Mozambique Revolution* selecionando somente os registros das atividades das mulheres. Com foco na análise dos eventos internacionais, esse trabalho de pesquisa foi dividido em duas partes: a primeira parte possui três capítulos dedicados às mulheres da Liga Feminina de Moçambique, e, a segunda parte, com quatro capítulos dedicados à atuação das mulheres do Destacamento Feminino, totalizando sete capítulos que, em seguida, exploraremos de modo sucinto seus conteúdos.

A primeira parte desta Tese é dedicada ao trabalho das primeiras mulheres da FRELIMO e ganhou o título “*O vento da mudança está soprando sobre esse continente*”: *A Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) (1962 – 1967)*. O primeiro capítulo, *Os “ventos da mudança” atingem o continente africano*, poderemos observar a modificação política do continente africano no início dos anos 60 que permitiu a mobilização de novos grupos anticoloniais. Esses novos grupos, absorveram as inovações propostas para a libertação dos seus territórios e foram embalados por um projeto de escala global que defendeu a melhoria na condição de vida das mulheres. Compreenderemos como as modificações transnacionais do período influenciaram na criação da FRELIMO e impulsionaram a participação das mulheres na Organização.



No capítulo dois, perceberemos a atuação de Celina Simango na *Primeira Conferência das Mulheres Africanas*, na Tanganica, em 1962. Ou seja, a participação das mulheres representantes da FRELIMO em atividade no exterior desde o ano de criação da própria Organização. Esse fato nos leva a participação de Celina Simango e Priscilla Gumane ao maior evento de mulheres no período, e no qual, nos dedicaremos no quinto capítulo *O Congresso Mundial das Mulheres (Moscou, 1963)*. No ano seguinte, em 1964, Celina Simango se dedicou a viajar a República Popular da China.

No capítulo três, ou *As articulações das mulheres da FRELIMO provocaram redemoinhos : O início da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO)*, perceberemos o início da mobilização das mulheres na formação do seu primeiro grupo. A LIFEMO foi comandada por Celina Simango, no qual, dedicaremos a recuperação de sua trajetória subcapítulo seguinte “*A mulher moçambicana está a dar a sua completa participação na luta de libertação de Moçambique*”: *Celina Tapua Simango*. Perceberemos a parceria da LIFEMO ao integrar a rede assistencial do Instituto Moçambicano comandada por Janet Rae Mondlane ao recuperar sua trajetória em “*Uma pessoa de dois mundos*”: *Janet Rae Mondlane, a diretora do Instituto Moçambicano*. Por fim, nosso quadro analítico sobre as primeiras mulheres da FRELIMO se completa com a trajetória de Priscilla Gumane, vice coordenadora da LIFEMO e no qual nos dedicamos em “*Guerreamos contra os males sociais que os colonialistas nos impõem*”: *Priscilla Gumane, a vice-presidente da LIFEMO*.

Dessa forma, o capítulo quatro, ou *A prisão de Celina Simango, o desaparecimento de Priscilla Gumane e o afastamento Janet Mondlane: o fim da LIFEMO* perceberemos o fim da primeira etapa do movimento feminino da FRELIMO. Importa salientar que o trabalho dessas três mulheres foi imprescindível para a sobrevivência das populações nas zonas de conflito. São as mesmas mulheres que foram afastadas, após 1968, em meio aos conflitos internos que provocaram uma profunda modificação no projeto inicial da FRELIMO. Esse momento foi marcado pela prisão, perseguição política e afastamento das mulheres de longa carreira política e que foram essenciais para a criação do projeto emancipatório desenvolvido pela Frente de Libertação de Moçambique nos anos seguintes.

A segunda parte desse trabalho foi intitulada “*O momento é favorável para navegarmos*”: *O Destacamento Feminino da FRELIMO (1967 – 1973)*, concentra-se na

análise da seleção de fontes dos discursos produzidos por mulheres do Destacamento Feminino nos eventos internacionais. Iniciaremos com o capítulo quatro, ou “*Sopra, pois, o vento da revolução*”: *O novo equilíbrio mundial de 1970*, nos dedicaremos a compreender uma série de modificações políticas que influenciaram o continente africano na virada da década. É dentro dessa perspectiva que o subcapítulo, com o título “*Sopra o vento da emancipação da mulher*”: *A criação do Destacamento Feminino da FRELIMO* podemos perceber as influências globais no movimento de mulheres com o surgimento do DF e de novos nomes femininos mobilizados para sua organização.

É no capítulo cinco, dedicado às *Combatentes do DF*, que aprofundaremos sobre as trajetórias políticas das mulheres combatentes. Ao iniciarmos o subcapítulo, “*O nosso militante é aquele que sabe interpretar devidamente a nossa política*”: *Marina Mangedye Pachinuapa* perceberemos que a criação do Destacamento Feminino surgiu do trabalho de mulheres como Marina Pachinuapa. Em “*É necessário fazer um combate interno*”: *Josina Abiatar Muthemba Machel (1945-1971)* recuperaremos a trajetória de Josina Machel como sujeito histórico. Josina Machel foi uma mulher multifacetada que impactou profundamente a FRELIMO com o seu trabalho político. Em seguida, “*Um autêntico exemplo para a emancipação da mulher*”: *Deolinda Simango Guezimane* recuperaremos a trajetória política da representante internacional da FRELIMO nos eventos de mulheres e acompanharemos uma agenda internacional complexa através da análise de sua atuação durante todo o ano 1972.

Para tanto, iniciaremos o capítulo seis, ou *Os encontros internacionais das mulheres da FRELIMO: 10ª Conferência das Mulheres Africanas, Dar-es-Salaam, 1972* evento no qual Deolinda Guezimane representou a FRELIMO e fortaleceu o movimento de mulheres do continente africano. Nos aprofundaremos no subcapítulo seguinte no evento da *Federação das mulheres da República Democrática Alemã (R.D.A.) convida o Destacamento Feminino Moçambicano*. Dessa forma, será possível compreender outra vertente importante do movimento feminino internacional, aquele construído pelas mulheres europeias. No subcapítulo posterior, dedicaremos o seu conteúdo sobre a participação das mulheres durante *10ª Conferência Afro-asiática das Mulheres na Mongólia*, ou seja, as mulheres da FRELIMO encerraram as atividades internacionais do ano de 1972 fortalecendo o apoio mútuo forjado pelas mulheres do continente afro-asiático.

Por fim, o capítulo sete, ou *A Primeira Conferencia da Mulher Moçambicana: A consolidação do projeto libertação da mulher da FRELIMO na criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM)* exploraremos a consolidação do projeto de emancipação da mulher da FRELIMO. Esse projeto foi responsável por construir o mito Josina Machel e o tornar um símbolo poderoso de comunicação e que será explorado no subcapítulo final, com o título "*O farol que ilumina caminhos da revolução moçambicana*" : *A instrumentalização política de Josina Machel através de sua biografia.*

Bem vistos os conteúdos abrangidos nos capítulos desse trabalho de pesquisa, importa salientar, por fim, a necessidade da realização de recortes e delimitações de elementos que seriam observados em detrimento de outros. Em função dos limites que uma pesquisa objetiva acarreta, foi necessário a seleção dos seis nomes femininos nos quais essa pesquisa se debruçou exclusivamente. Entretanto, é preciso lembrar que todos os capítulos e fontes históricas analisadas nesse trabalho carregam a história de muitas outras mulheres ativistas e militantes que dedicaram parte de sua vida a defender a libertação de seu país e de melhorar a sua condição como mulher.

## **PARTE I. “O VENTO DA MUDANÇA ESTÁ SOPRANDO SOBRE ESSE CONTINENTE”: A LIGA FEMININA DE MOÇAMBIQUE (LIFEMO)**

A Frente de Libertação de Moçambique, como se sabe, construiu seus fundamentos na experiência dos campos de treinamento na Tanzânia, nas suas próprias organizações criadas nas áreas de zonas libertadas e na participação um amplo universo de circulação internacional. Iniciaremos nesse capítulo o nosso mergulho mais profundo no tema central dessa pesquisa dedicado à análise das diversas fontes históricas sobre a atuação e circulação internacional das mulheres da FRELIMO. Para tanto, dedicaremos atenção especial às primeiras mulheres da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) ao recuperarmos as trajetórias de Celina Simango, Janet Rae Mondlane e Priscilla Gumane e suas contribuições políticas fundamentais para a criação da primeira organização de mulheres da FRELIMO.

## Capítulo 1. Os “ventos da mudança” embalam os ventos da emancipação

Exploraremos o contexto que se inserem os processos de luta por libertação nacional, necessário para compreender o ambiente de circulação internacional que surgiu dos movimentos anticoloniais no continente africano, período comumente chamado de “Guerra Fria”. A tensão, as estratégias e os conflitos entre as duas maiores potências mundiais, Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), não devem ser percebidos de maneira rápida ou simplificada. O campo de influência das duas potências ao redor do mundo evidência o alcance complexo dos apoios, alianças, ajudas militares e o envio de especialistas aos diversos países que intervieram concretizando guerras e agenciando acordos de paz.

Se, por um lado, os dois espectros políticos são distintos e diversos, por outro, as duas maiores potências convergiam em um único sentido: o fim do colonialismo. Seja através do capitalismo liberal estadunidense e sua gana em mostrar-se ao mundo como uma civilização defensora da liberdade individual e do livre mercado, ou, através, do social marxismo-leninismo soviético e sua campanha anti-imperialista contrário as formas de exploração capitalista. A FRELIMO utilizou as oportunidades disponíveis para percorrer os caminhos que levaram até o seu reconhecimento.

A Revolução Chinesa, de 1949, foi um dos maiores desafios enfrentados pela União Soviética<sup>8</sup> e complexificou ainda mais a compreensão da multiplicidade de visões sobre o comunismo. A Revolução Cubana, dez anos depois, ampliou o bloco socialista e forneceu novos modelos para revolucionários de todo o mundo. Cuba manteve uma grande influência no continente africano, sobretudo no Congo Brazzavile e em Angola, mas também pelo posicionamento do líder político cubano Fidel Castro diante do conflito com os Estados Unidos e seu posicionamento singular dentro da corrente de pensamentos comunistas. Dois exemplos citados que ilustram muito bem um período de contrastes multicoloridos ao lado das duas grandes bandeiras que se pensavam dividindo o mundo. Em ambos os lados, a historiografia foi profundamente afetada pelas paixões políticas promovidas pela Guerra Fria e deturpada pela propaganda política. A mudança de foco e

---

<sup>8</sup> O conflito sino-soviético foi uma série de confrontos armados entre a URSS e a República Popular da China causados pelo acirramento da competição entre os dois modelos de comunismo distintos. Principalmente após a morte de Josef Stalin e a ascensão de Nikita Krushev as relações com o líder chinês Mao Tsé Tung se tornam insustentáveis.

significado proposta por essa nova visão historiográfica aumenta o panorama analítico evitando ao máximo as armadilhas do generalismo histórico.

Portanto, é necessário ainda levar em conta para compor a diversidade do período os conflitos internos dos países europeus, as ditaduras e os movimentos de resistência na América Latina, as guerras no Oriente Médio, os emergentes partidos socialistas, a influência do maoísmo em diversas partes do mundo e a ebulição de novas ideias em trânsito. O trabalho de Westad (2007) é essencial para a compreensão das diversificadas práticas políticas e proporciona uma percepção ampla da competição por intervenção. Essa visão está amparada no agenciamentos dos líderes políticos como dirigentes de suas políticas singulares, tornando evidente a visão dilatada sobre as políticas multipolares que se concretizaram a partir do terceiro mundo. Westad (2007) é exato em sua revisão historiográfica ao perceber conceitos em grande escala acomodando novas interpretações sobre a Guerra Fria.

O contexto inclui a transformação da geopolítica mundial, de territórios dominados por senhores imperiais e uma maioria colonizada para um mapa geopolítico contemporâneo que passou a contar com mais de 200 estados independentes. Para os pesquisadores, a divisão amplamente reconhecida de um mundo dividido em três partes (o Primeiro mundo ocidental e capitalista, o Segundo mundo países socialistas de estado ou o Bloco comunista e o Terceiro mundo os países ainda em desenvolvimento da Ásia, África e América) também passou a ser considerada por sua divisão entre norte global e sul global nos quais as relações eram intensas e adquiriram fortes tonalidades ideológicas, porque – apenas aparentemente – tratava-se de um conflito que contrapunha uma democracia liberal associada à economia capitalista de mercado (Estados Unidos) a um sistema político unipartidário associado à economia estatizada e centralmente planejada (União Soviética). Os próprios termos citados sofreram diversas disputas, como exemplo, a União Soviética e seus aliados não utilizaram as três divisões optando por definirem os países independentes fora da Europa e da América do Norte como “em desenvolvimento”, dividindo aqueles que escolheram pelo socialismo e os demais.

É essa complexa dinâmica internacional que marca a década de 1950 como o período de descolonização do continente africano promovida pelo “Espírito de Bandung”. Eventos importantes no continente asiático são tema de debate na Conferência de Bandung, em 1955, na Indonésia, evento responsável pela reunião de uma série de representantes de países da África, Ásia e América e promoveu o sentimento de

solidariedade entre os países do terceiro mundo que se concretizaram em práticas políticas que desafiaram as lógicas impostas pela Guerra Fria.

Um mês antes da realização da Conferência de Bandung, em março de 1955, foi publicado o primeiro boletim da Conferência Afro-Asiática. O documento é fundamental para a compreensão das quatro principais propostas que fomentaram o surgimento do “Espírito de Bandung”. As propostas consistiam em: “Promover a boa vontade e a cooperação entre as nações da Ásia e da África, explorar e avançar nos interesses mútuos e comuns, e estabelecer e fortalecer relações de amizade e vizinhança”; “considerar os problemas sociais, econômicos e culturais, e as relações dos países representados”; “considerar os problemas de interesse especial dos povos asiáticos e africanos, por exemplo, problemas que afetam a soberania nacional, racismo, e colonialismo”; e “revisar a posição da África e da Ásia e de seus povos no mundo de hoje, e as contribuições que eles podem fazer para a promoção da paz e cooperação mundial”<sup>9</sup>.

Essas propostas expressaram a intenção dos países colonizados em tornarem-se protagonistas de suas políticas. A Conferência ficou marcada como uma alternativa a dicotomia declarada da Guerra Fria, ao “fortalecer relações de amizade e vizinhança” a Conferência forjou alianças baseadas em um passado comum de exploração e não em aspectos políticos ou ideológicos semelhantes. Seus problemas estavam relacionados a “problemas sociais, econômicos e culturais” específicos de suas realidades e fugiram dos problemas apontados pelos dois lados da “Cortina de Ferro”<sup>10</sup>. Questões relacionadas com a “soberania nacional, racismo e colonialismo”, que até então ocuparam um lugar importante na agenda internacional, em Bandung viraram prioridade e serviram de munição para os argumentos que seus representantes utilizaram para atalharem uma nova posição na política internacional, o de serem agentes promotores da “paz e cooperação mundial”.

A Conferência de Bandung marca o momento que muitas lideranças de países da Ásia, África, e, posteriormente, América Latina, forjaram um campo político-diplomático próprio na arena internacional. Uma visão opositora a lógica de um mundo repartido ou bipolarizado, ou seja, se recusaram a fazer parte das “esferas de influência”. Redesenhando o “Terceiro Mundo” nas dinâmicas da Guerra Fria, o mosaico de novos

---

<sup>9</sup> MINISTRY OF FOREIGN AFFAIR, REPUBLIC OF INDONESIA. Asian African Conference Bulletin, 18 april, 1955. Indonesia, Printed newsletter; 17 p. Tradução própria. Disponível em: <https://timorarchive.ca/indonesia-african-asia-conference-bulletin>. Acesso em 10/10/2022.

<sup>10</sup> “Cortina de Ferro” foi um conceito cunhado por Winston Churchill, em 1946, para nomear a cisão da Europa em países capitalistas e socialistas após a Segunda Guerra Mundial.

projetos políticos e ideológicos apresentados em Bandung foram capazes de desafiar as grandes potências mundiais e forçar líderes políticos do norte global a repensarem suas políticas externas, suas estratégias e suas prioridades.

No continente africano, podemos citar ainda a importância de uma série de iniciativas promovidas pelo “Espírito de Bandung”. Esse foi o caso do Cairo, em 1957, com a realização da Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos. O evento marca a continuação das discussões em torno das quatro propostas de Bandung. Em 1958, houve a realização da Conferência dos Povos Africanos, em Accra, Gana, onde elencaram a questão das descolonizações africanas no epicentro das discussões.

A Conferência de Bandung foi responsável também pela elaboração dos princípios que fundamentaram o Movimento dos Não-Alinhados, criado em 1961, em Belgrado, capital da Sérvia. O evento foi idealizado pelas principais lideranças de Bandung e contou com a parceria de Josip Tito. Embora o termo “não-alinhado” fora amplamente utilizado, a aplicabilidade do conceito é extremamente limitada a 120 países que se uniram em defesa da sua independência ao decidirem não se alinharem as grandes potências em conflito. Porém, esses termos serão utilizados nessa pesquisa conforme se encontram nas fontes históricas selecionadas para esta Tese de doutoramento e auxiliaram na compreensão da gramática do período estudado.

Em 1963, a criação da Organização da Unidade Africana (OUA) por lideranças de países africanos unificou os esforços do continente no combate ao colonialismo, imperialismo e assuntos relacionados a políticas internacionais. Os ventos foram impulsionados até 1966, com a realização da Conferência Tricontinental, em Havana capital de Cuba. O evento marca a reunião dos esforços dos povos africanos e asiáticos àqueles da América Latina.

Portanto, os “ventos da mudança”<sup>11</sup> que atingiram o continente africano marcaram a década de 1960, elencado como o “O ano da África” pela ONU, como o período de reivindicação de independências de países sob o jugo colonial. O resultado da ventania foi um rastro de iniciativas contraditórias, porém importantes para evidenciar o universo de possibilidades e alternativas construídas dentro e fora do continente africano.

---

<sup>11</sup> Em 3 de Fevereiro do ano de 1960, conhecido posteriormente como o “O ano da África”, Harold Macmillan, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, dirigiu-se Parlamento da África do Sul, a sua intervenção ficou conhecida como o discurso “O Vento da Mudança”. Referente ao trecho “o vento da mudança está soprando sobre esse continente. Quer vocês queiram, quer não, o crescimento da consciência nacional é um fato político”.



A Guerra Fria, por esse ângulo, não é arquitetada como um período “bipolar”, mas “multipolar”. Essa nova visão sobre as dinâmicas internacionais ofereceram uma diversidade de projetos, modelos e agendas políticas que desafiaram as dinâmicas globais e proporcionaram novas alternativas para os países que procuravam não se submeter as esferas de influências das superpotências. Esses eventos revelaram os antagonismos existentes nas agendas do Terceiro mundo, que muitas vezes resultaram em rivalidades, disputas e contradições internas que colocaram em risco suas propostas de cooperação mútua. Dessa forma, é evidente a importância dos encontros internacionais como ponto de pressão exercido sobre as potências e que possibilitaram a redefinição dos rumos da Guerra Fria ao conquistarem aliados entre as organizações, intelectuais, militantes, coletivos e comitês internacionais advindos dos países do norte global.

Esse é o caso da Inglaterra, desde 1945, em Manchester, onde foi realizado o Congresso Pan-africano. O evento ficou conhecido como o pioneiro dos grandes eventos anticoloniais entre os movimentos de libertação e organizações do norte global para o fim do colonialismo. Outro exemplo de extrema importância está vinculado aos periódicos produzidos no norte global para a promoção da libertação dos povos colonizados. Caso evidente da documentação produzida pelo Liberation Support Movement do Canadá<sup>12</sup> responsável por uma série de publicações a fim de popularizar as causas da FRELIMO durante a luta de libertação. Segundo Marçal de Menezes Paredes suas ações não se concentravam apenas na edição de publicações, manifestos e prospectos de grande amplitude, como também, na organização de eventos, cine-debates e passeatas além de receberem os líderes políticos e artistas dos movimentos de libertação (2022, p.5). O documento que mais nos interessa é o periódico produzido em 1974 intitulado “The Mozambican Woman in the Revolution” que promovia as ações das mulheres da FRELIMO durante a 10ª Conferência das Mulheres Africanas (AAWC), de 1972.

No caso moçambicano, o sistema colonial representado pelo Estado Novo português negou qualquer espécie de conversa ou negociação para a abertura do regime colonial e não possibilitava espaços de criação de organizações políticas locais. Poucas foram as organizações que mesmo sofrendo censura conseguiram se desenvolver, como foi o caso da Associação Africana, do Centro Associativo dos Negros de Moçambique, da Associação dos Naturais de Moçambique, do Instituto Negrófilo e do Núcleo dos

---

<sup>12</sup> Para saber mais sobre o Liberation Support Movement do Canadá ver a dissertação de mestrado em andamento de João Victor Cristiano Scheffer desenvolvida no Programa de Pós graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Estudantes Secundários Africanos de Moçambique. Segundo John Marcum (2018), no final de 1957, a maioria dos africanos com orientações nacionalistas nas cidades de Lourenço Marques e Beira estavam na prisão ou fora do país. Pela ausência da liberdade política, muitos grupos de moçambicanos procuraram se organizar no exterior e formar movimentos anticoloniais no exílio.

Grandes eventos históricos ocorreram dentro do continente africano e promoveram a contribuição de organizações internacionais, entre eles, a Revolução comandada por Gamal Abdel Nasser no Egito (1952) que culminou na ascensão ao poder no Egito através do pan-arabismo nasserista e na nacionalização do Canal de Suez, em 1956. A influência da forte onda nacionalista percorrida pelo mundo árabe afetou a Argélia e acabou na formação de Front de Libération Nationale (FNLA) no combate a dominação francesa em 1954. Em 6 de março de 1957, durante o discurso de independência publicado, a posteriori, com o título “Gana is free forever”, Kwane Nkrumah declarou sua estratégia política exterior “We have won the battle and we again re-dedicate ourselves ... Our independence is meaningless unless it is linked up with the total liberation of Africa” (1957). Nkrumah e as lideranças do Convention People’s Party (CPP), do qual era membro, estavam convencidos da tática de “Ação positiva”, inspirada na ação anticolonial do indiano Mahatma Gandhi. Essa estratégia consistiu em ações de não-violência e campanhas públicas promotoras de greves e boicotes. Dessa maneira, conquistaram o espaço de primeiro país africano a alcançar a sua liberdade. É dentro dessa estratégia inicial<sup>13</sup> que a independência de Gana, em 1957, é determinante para promoção da Conferência dos Povos Africanos.

Sem esquecermos, no entanto, de percebermos a importância dos movimentos civis de contracultura e sua influência nas decisões políticas de líderes e governos. O caso que mais nos interessa é o movimento das mulheres e sua luta por direitos como um movimento político de crescente pressão sobre as políticas das décadas de 1960 a 1970. Para Francisca de Haan (2018) se houvesse um domínio no qual a União Soviética poderia impressionar o mundo e, portanto, poderia competir pacificamente com os EUA, era o status e os direitos das mulheres.

---

<sup>13</sup> Após a independência, Kwane Nkrumah gradualmente se distancia dessa estratégia. A influência de Frantz Fanon na Argélia foi fundamental para a sua mudança política. Ver mais em: AHLMAN, Jeffrey. The Algerian Question in Nkrumah's Ghana, 1958–1960: Debating “Violence” and “Nonviolence” in African. *Africa Today*, v.57, n.2, 2010. 19 2010

## **1. 1. O movimento internacional das mulheres**

O movimento de mulheres é um dos temas mais debatidos da História Social. Entretanto, grande parte das contribuições compreendem esse tópico através de uma perspectiva nacional, sem considerar as ramificações globais e as relações multiníveis articuladas no combate ao sistema que gera a desigualdade de gênero. Compreenderemos nesse subcapítulo a impossibilidade de estudar os movimentos das mulheres, entre 1960 e 1970, sem a compreensão em plano internacional. Foi a pressão dos movimentos de mulheres do bloco socialista e oriental que ocasionou a realização de eventos para as mulheres no mundo ocidental.

Nesse contexto, podemos afirmar que as mudanças ocorreram de forma global. O reconhecimento lento e gradual da igualdade de direitos de mulheres e homens no direito internacional foi fruto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, na qual, a Organização das Nações Unidas defendeu pela primeira vez que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos" (1948, p.4). Porém, o desenvolvimento desse debate alcançou seu ápice apenas décadas depois, em 1975, quando a ONU realizou sua I Conferência Mundial da Mulher sob o lema "Igualdade, Desenvolvimento e Paz" e declarou o ano internacional da mulher em resposta as tensões que os debates das mulheres socialistas promoveram. Foi apenas em 1975 que os governos capitalistas foram compelidos a enviar delegações femininas oficiais para discutir a condição das mulheres em seus países em eventos internacionais. A conferência da ONU significou a preocupação dos governos ocidentais em se comprometerem a melhorar a vidas das mulheres, além disso, promoveram discussões importantes onde as mulheres dos diferentes países puderam comparar a igualdade legal, social, econômica e política entre os seus países.

Eventos como as Conferências mundiais ou como foi o caso da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979) reuniram não apenas representantes diplomáticos como o Fórum de Organizações Não-Governamentais chegou a contar com a participação de 4.000 mulheres ativistas. A confluência de diversos grupos nesse debate formou uma rede transnacional que pôde conectar pessoas de diferentes continentes em torno de ações coletivas distantes, inclusive, de suas próprias realidades nacionais. O sucesso dos eventos tornou possível a criação do Fundo de Contribuições Voluntárias das Nações Unidas para a Década da Mulher, o qual foi convertido no Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a

Mulher (UNIFEM), em 1985, por decisão da Terceira Conferência Mundial sobre a Mulher. O que provocou o avanço dos debates em países liberais do ocidente.

Como se sabe, durante as décadas de 1960 a 1970, a parte leste ocidental observou as mudanças ocasionadas por movimentos feministas que reivindicaram o direito ao divórcio, ao aborto e a igualdade salarial. Os esforços para a mudança dos costumes patriarcais foi promovida pelo livro da norte americana Betty Friedman, *A mística feminina* (1963) que revelou pela primeira vez a ilusão criada pelo “American Dream” que prometia felicidade e liberdade individual porém, através do consumo excessivo, provocou nas mulheres um sentimento de insatisfação generalizado que culminou em graves problemas de ordem psicológica e social. Na França, um livro escrito em 1949<sup>14</sup> começou a ganhar notoriedade apenas na década de 1960, *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir<sup>15</sup>, refletiu sobre a mulher em sociedade e denunciou o lugar de segunda categoria no qual os homens mantinham as mulheres para reforçar a desigualdade de gênero através do controle comportamental feminino. A pergunta central do seu trabalho: “o que é uma mulher?” lançou as bases teóricas do movimento feminino que surgiu 20 anos depois de sua publicação. O seu livro só alcançou amplo reconhecimento na década de 60 o que demonstrou a ascensão do movimento de mulheres do período que ficou conhecido como a “segunda onda feminista”<sup>16</sup>. Esse período foi, sobretudo, marcado por análises como a de Beauvoir no qual consistia no estudo dos papéis diferentes e desiguais que as mulheres desempenhavam em relação aos homens em sociedade e redefiniu aspectos como sexualidade, religião e poder em relação à opressão feminina.

Conforme novas ideias em torno da mudança cultural e social em busca da igualdade de gênero se intensificaram o movimento social de mulheres se intensificou. O conceito-chave no desenvolvimento dos trabalhos sobre as mulheres na parte ocidental

---

<sup>14</sup> O trabalho da pesquisadora estava vinculado ao movimento de mulheres francesas que conquistaram o direito ao voto em 1944 e as leis do século XIX que davam controle dos homens sobre as suas esposas começaram a ser revistas.

<sup>15</sup> Nascida em uma família burguesa de Paris, em 1908, Simone de Beauvoir foi uma das mais importantes filósofas do século XX. Formada pela Universidade da Sorbonne onde conheceu seu futuro companheiro Jean-Paul Sartre. A partir de 1944, a pesquisadora francesa publicou uma série de livros de ficção e não-ficção. Com Sartre mantinha a edição do periódico ‘Les Temps Modernes’ e apoiaram diversas causas políticas de esquerda incluindo a independência dos países africanos sob julgo dos colonialismos europeus, os protestos de Maio de 1968 e o movimento contrário a Guerra do Vietnã. Ao escrever o “Segundo sexo” Simone se declarou uma socialista e se tornou membro da Mouvement de Libération des Femmes (MLF) o movimento feminista francês.

<sup>16</sup> O conceito de "onda feminista" foi utilizado pela primeira vez em um artigo do New York Times, em 1968, cunhado pela jornalista Martha Weinman Lear ao reportar uma série de manifestações que exigiam mudanças fundamentais na sociedade estadunidense. Ou seja, o conceito de "ondas" foi produzido por uma percepção externa ao movimento feminista e revelou o despertar do interesse da sociedade civil na luta das mulheres por seus direitos.

do mundo, no início da década de 1960, estava na ideia de que as mulheres não nasciam, eram criadas como um produto do condicionamento social em que estavam inseridas. As questões levantadas por Beauvoir quanto a separação do sexo biológico e do gênero impactaram profundamente o movimento social de mulheres em diferentes partes do mundo ao afirmar que a sociedade determina o homem como norma e a mulher como o sexo secundário, o “outro”, o “objeto”, o “incidental” ou ainda como definido pela autora como o “não essencial”.

Mulheres como Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Germaine Greer, autora de “A mulher eunuco” (1970), desafiaram o status de feminilidade impostas às mulheres através da educação e psicologia. Seus textos fomentaram ataques massivos contra os estereótipos de gênero. O movimento feminino ficou conhecido ainda como “Women’s Liberation Movement” e se desenvolveu interligado ao contexto de ativismo político dos direitos civis e dos movimentos contrários a Guerra do Vietnã. O Movimento de Libertação das Mulheres se inseriu em mais uma causa de libertação reivindicada pela sociedade civil do período.

Feministas como Kate Millett definiram o patriarcado como um sistema político e social universal de poder do homem sobre a mulher e sua principal fonte de opressão. Outras mulheres feministas como Anne Koedt em seu ensaio “O mito do orgasmo vaginal” (1968) defendeu que os homens definiram a sexualidade feminina apenas nos termos de seus próprios desejos sexuais. Acompanhadas desses debates as mulheres puderam reivindicar direitos reprodutivos e a recém descoberta pílula anticoncepcional, em 1960 nos EUA, garantiu uma resposta concreta ao controle da fertilidade que formou uma das pautas emergentes dos movimentos femininos. Assuntos como o acesso livre e seguro à contracepção e ao direito legal ao aborto<sup>17</sup> foram conquistas de mulheres ativistas desse período que provocaram um amplo debate sobre a saúde das mulheres<sup>18</sup>.

Outros debates como questões políticas do estupro e da violência doméstica ganharam ampla atenção das feministas ao afirmarem que esses eram os métodos usados pelos homens para controle e intimidação das mulheres. Como exemplo, ao final de 1970,

---

<sup>17</sup> Em 1962, na cidade de Nova York, um grupo de feministas chamado Redstockings promoveu um grande debate ao interromper uma sessão de audiência legislativa sobre o aborto que incluiu catorze homens e uma freira católica. Mais de 10 anos depois, em 1973, o debate sobre o aborto tomou grande proporção quando a Suprema Corte dos EUA considerou o aborto um direito constitucional fundamental ao dar o veredicto no caso Roe vs Wade. Dia 24 de junho de 2022, a Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou a decisão conhecida como "Roe vs Wade" e retirou o direito constitucional das mulheres no país.

<sup>18</sup> Como exemplo, em 1962 a ativista britânica Sheila Kitzinger afirmou que o parto natural deveria ser uma experiência empoderadora para as mulheres e não um processo altamente medicalizado e decidido por homens.

todos esses debates levaram a feminista Andrea Dworkin a iniciar um movimento que exigia o fim e a proibição da pornografia argumentando que a prática não passava de uma violência sexual filmada para apreciação do público masculino.

Essas movimentações estiveram interligadas com movimentos em diversas partes do mundo. A campanha por Remuneração para Trabalhos Domésticos iniciado na Itália, em 1972, ganhou destaque internacional nesse período. Na Inglaterra, em 1973, a ativista Erin Pizzey inaugurou o primeiro abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Na Islândia a igualdade salarial era uma reivindicação da classe trabalhadora feminina que havia iniciado uma série de greves trabalhistas entre 1970 e 1976. No mesmo período, historiadoras, como a inglesa Sheila Rowbotham, destacou em seus trabalhos a exclusão das mulheres em sua área e artistas, como a estadunidense Judy Chicago, trabalharam na criação de uma arte especificamente feminista, enquanto pesquisadoras como a britânica Laura Mulvey considerou o comportamento dedicado as personagens femininas no cinema. A autora francesa Hélène Cixous defendeu uma escrita feminina livre de restrições masculinas. Enquanto a cineasta Laura Mulvey desenvolveu a teoria “olhar masculino” e fomentou o debate sobre a perspectiva masculina sobre as mulheres retratadas nas artes visuais.

Podemos afirmar que a maior contribuição do pensamento de Betty Friedan ao movimento das mulheres foi demonstrar que a vida pessoal e privada das mulheres era importante para a reivindicação de direitos políticos e sociais femininos. Foi, dessa maneira, que o movimento feminista é demarcado pela sua união ao direitos civis norte-americanos. A década de 1960, foi caracterizada por uma série de revoltas, greves e protestos representados pelas diversas camadas da sociedade estadunidense exigindo um tratamento igualitário. Em 1970, a prisão de Ângela Davis a transformou em um símbolo feminino de resistência antirracista em todo o mundo, percorrendo sua rota de fuga através de Dar es Salaam, afirmou seu apoio às lutas anticoloniais promovidas por organizações africanas, como a FRELIMO, e consolidou sua figura como resistência comunista ao sistema imperialista estadunidense. Como é possível perceber na foto a seguir:



**Figura 1** Lúcio Lara (MPLA), Marcelino dos Santos (FRELIMO), Walter Rodney e Ângela Davis. (Brazzaville, Agosto de 1973).<sup>19</sup>

O encontro de Angela Davis e militantes importantes do MPLA e da FRELIMO foi possível pela semelhança de pontos fundamentais nos movimentos que representaram, entre eles, a resistência ao capitalismo estadunidense. Por seguirem um viés político comunista acrescentaram aos seus movimentos uma perspectiva internacionalista. Eram mulheres militantes como Angela Davis que começaram, nos anos de 1960 e 1970, a participar de amplas redes circulação internacional.

De fato, a primeira Conferência de mulheres da ONU realizada na cidade do México, em 1975, organizada por reconhecidas militantes como Mildred Persinger, só foi possível após a pressão de ativistas que já recebiam informações sobre a realização das Conferências internacionais de mulheres em Berlim Oriental, no qual milhares de mulheres ao redor do mundo haviam participado, entre elas como veremos a seguir, as mulheres da FRELIMO.

Portanto, se no lado ocidental do mundo, as mulheres estavam principalmente preocupadas com as suas intersecções de gênero, classe e raça, a parte oriental do mundo atentava para o sistema político e econômico como o grande causador da opressão das

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.tchiweka.org/fotografia/1014009001> . Acessado em 08/11/2023 às 15:33.

mulheres e já contavam com um movimento internacional muito anterior ao movimento ocidental introduzido pelas norte-americanas. De fato, as mulheres do bloco comunista participaram em peso dos Congressos Mundiais de Mulheres desde sua primeira edição, em 1945, realizada em Paris e demonstraram o compromisso com o objetivo central dos eventos: a promoção da solidariedade internacional entre as mulheres. O evento foi responsável pela fundação da Federação Democrática e Internacional de Mulheres (FDIM) e contou com a participação de 850 delegações de 40 países diferentes da Europa, Ásia, Austrália, África e Américas (DE HAAN, 2018). Para Francisca de Haan (2018), o Congresso Mundial de Mulheres foi um feito inigualável de diplomacia pública em momentos de tensão durante a Guerra Fria e merecem muito mais atenção dos historiadores.

As conferências internacionais dos países socialistas organizadas pela FDIM garantiram as mulheres do bloco socialista o amplo debate sobre seus direitos. Para a pesquisadora Kristen Ghodsee (2013) ao pesquisar o comitê do movimento das mulheres búlgaras, sem os esforços das mulheres socialistas e os debates acalorados das Conferências internacionais, talvez nunca houvesse existido uma década da mulher da ONU a partir de 1975. Para Aryonne Fraser, integrante da delegação estadunidense, em 1975, durante a Conferência de mulheres da ONU, afirmou que não havia possibilidade de participação das mulheres estadunidenses na Conferência de mulheres de Berlim Oriental, pois o governo norte-americano não permitia a sua participação (GHODSEE, 2013). Até então, as reivindicações das mulheres norte-americanas não haviam conquistado importância entre as pautas do governo estadunidense. Além disso, as Conferências femininas organizadas pela ONU foram uma resposta direta a organização das mulheres do bloco socialistas. Esse fato evidencia a complexidade de compreender os movimentos femininos em perspectiva global.

Os Congressos Mundiais das Mulheres foram um promotor do modo de vida das mulheres socialistas e uma plataforma de solidariedade na luta pelos direitos das mulheres. Para Francisca de Haan (2018) o Congresso de Moscou pode ter servido como um catalisador para o processo que levou à Organização das Nações Unidas, em 1967, adotar a Declaração sobre a Eliminação da Discriminação contra as Mulheres, que em 1979, virou uma Convenção ligada a ONU e é descrita como uma declaração internacional de direitos das mulheres, que entrou em vigor em 3 de setembro de 1981 e foi ratificada por 188 Estados.



Portanto, a União Soviética e outros países socialistas passaram a ser elogiados pelas suas conquistas em termos de direitos das mulheres e pela realização dos seus Congressos. Nikita Khrushchov foi o primeiro a declarar durante a sua liderança na URSS, de 1953 a 1964, seu apoio aos direitos das mulheres. Afirmou apoiar a luta na esfera internacional e reconheceu as deficiências das mulheres na própria União Soviética. Por outro lado, foi apenas durante o comando de seu sucessor Leonid Brezhnev que as mulheres realmente iniciaram os debates que levaram a amplas discussões e intensas publicações sobre os problemas da desigualdade entre gênero (HAAN, 2018). Podemos afirmar, sobretudo, que foi a iniciativa das mulheres comunistas, com uma estratégia política internacional, a promotora de melhorias para mulheres em todo mundo. Assim como, abriram um espaço ideológico para discutir a situação da mulher em todos os estados socialistas que resultou em uma rede internacional de solidariedade dedicada às mulheres.

A Frente revolucionária moçambicana era participante ativa das redes de contatos estabelecidas pelas conferências internacionais promovidas pelas mulheres do bloco socialista e outros países da parte oriental do mundo. Evidenciando o impacto do Congresso Mundial em promover a participação das mulheres na esfera política internacional. Afinal, para Francisca de Haan (2018) a libertação das mulheres era uma peça importante do princípio do socialismo, da década de 1960 e 1970, e permaneceu no centro da ideologia soviética.

Para a pesquisadora Judy Tzu-Chun Wu (2018) a década de 1960 e 1970 é marcada pela reunião, correspondência e encontros entre mulheres, em todo o mundo, evidenciando a capacidade de estabelecer “their ability to fuel a sense of moral outrage among women across national, cultural, racial, and class”, principalmente “boundaries stemmed from a belief that all human beings, and especially all women, could share a sense of commonality and purpose” (2018, p. 211)<sup>20</sup>. Portanto, é de grande importância para esse trabalho destacar a influência da União soviética no que se refere a construção de uma plataforma de solidariedade feminina internacional, durante as décadas de 1960 e 1970, mas sem esquecer, como esse era um movimento civil crescente em diferentes partes do mundo.

---

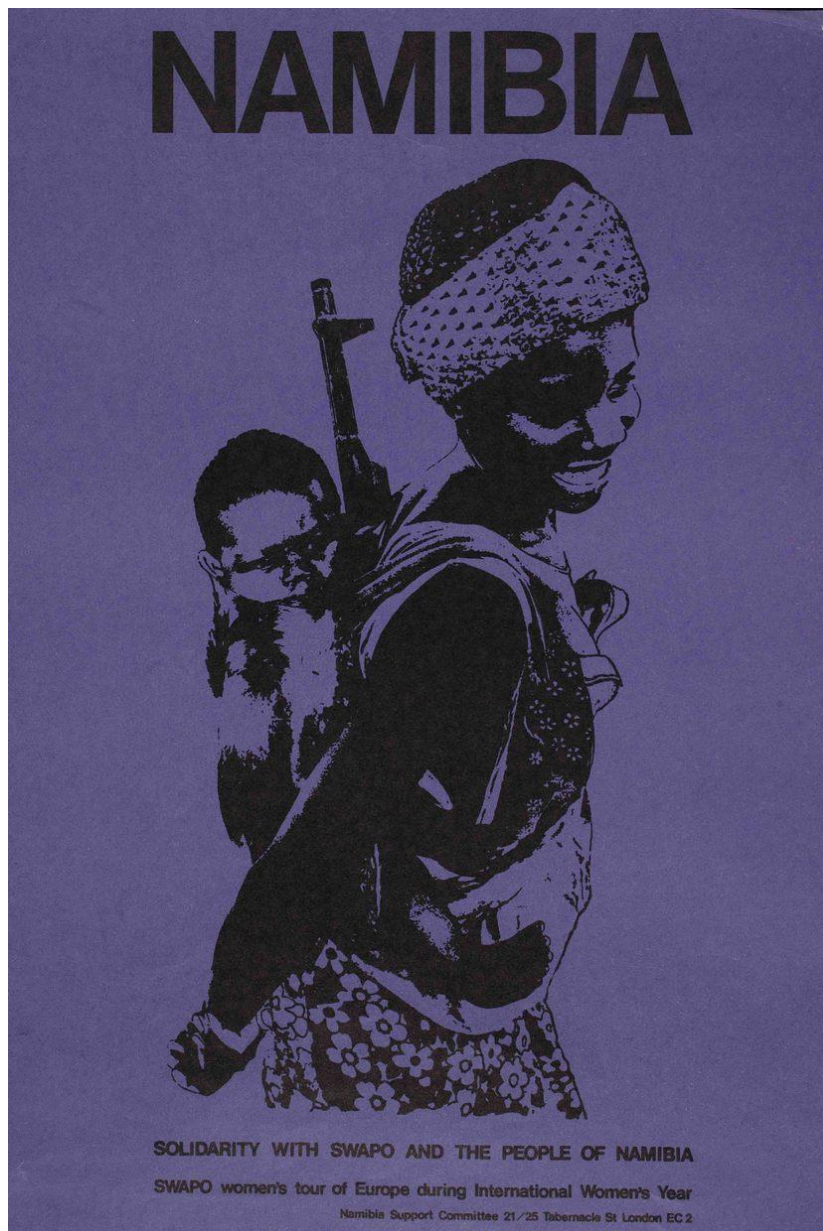
<sup>20</sup> Tradução própria: “sua capacidade de alimentar um sentimento de indignação moral entre as mulheres além das fronteiras nacionais, culturais, raciais e de classe” principalmente “fundada na crença de que todos os seres humanos poderiam compartilhar de um senso de comunidade e propósito” (WU, 2018, p. 211)

É dentro desse escopo de pesquisa, que percebemos o desenvolvimento do feminismo internacionalista promovido principalmente pelos países que compunham o bloco socialista e participantes das lutas anticoloniais<sup>21</sup>. Dentro do imaginário do ativismo internacional do período, Judy Tzu-Chun Wu (2018) desenvolveu o conceito de “orientalismo radical”, ou seja, considera fundamental a diferença entre as mulheres do ocidente e do oriente em um período onde indivíduos do oriente moldaram ativamente suas imagens para o ocidente<sup>22</sup>. Como exemplo, muitos dos cartazes e periódicos carregaram imagens de mulheres guerrilheiras dos Destacamentos Femininos africanos e outras imagens ainda mais conhecida como o cartaz da Organização do Povo do Sudoeste Africano, em inglês South West Africa People's Organization (SWAPO), de uma mulher com uma arma no ombro e um bebê nas costas. Como se vê:

---

<sup>21</sup> Esse fato fica evidente quando nos deparamos com uma série de organizações femininas vinculadas a organizações anticoloniais como a União das Mulheres do Vietnã, a Organização das Mulheres Angolanas, a Organização da Mulher na Tanzânia e a Organização das Mulheres Moçambicanas.

<sup>22</sup> Como exemplo, Tzu-Chun Wun (2018) salienta que a imagem da mulher asiática sexualizada e vitimada foi substituída pelas mulheres lutadoras das guerras vinculadas as lutas anticoloniais e serviram como um novo modelo de feminilidade revolucionária.



**Figura 2** Namibia Support Committee London, 1975, United Kingdom. Holding institution: AAM Archive, Bodleian Library MSS AAM 2512/9/38. Disponível também em: <https://africanactivist.msu.edu/image.php?objectid=210-809-1618> acessado em 18/05/2022

A imagem da mulher que carrega o futuro da nação em suas costas, representado pelo bebê, é extremamente vinculada as lutas de libertação do continente africano e asiático. De maneira geral, tornou-se comum associar as mulheres armadas e com fardamento militar que participaram das lutas anticoloniais dos países africanos e asiáticos como símbolos da emancipação feminina e da libertação nacional. Essas figuras eram responsáveis pelo cuidado do futuro da nação abrindo novos caminhos, através do uso da arma e da diplomacia, para a libertação de seu povo das opressões as quais eram submetidos.

Nesse contexto, as mulheres moçambicanas também participaram da propaganda política do período e foram frequentemente representadas pela figura de Josina Machel, promovida pela FRELIMO como o “ícone da emancipação da mulher moçambicana” e “heroína da Revolução” durante os anos que marcam a luta anticolonial. A data da sua morte, o 7 de abril, foi instituído pela Frente como “dia da mulher moçambicana” em sua homenagem. Apesar de ser uma referência da "nova mulher" da FRELIMO, morreu em 1971, quatro anos antes da independência de seu próprio país. Como se vê, sua figura fez parte do rol de imagens simbólicas das mulheres do terceiro mundo que percorreram os diversos circuitos internacionais:



**Figura 3** Foto sem data e sem autoria. Disponível em: <https://www.mozambiquehistory.net/josina.php>. Acessado em 10/12/2022.

Essa é uma das fotos mais famosas de Josina Machel e carrega um status icônico literal. Como sua condição estava associada ao símbolo de mulher-militante, foi constantemente retrata com o fardamento de guerrilha da FRELIMO, portando armas e um semblante sério. Mantinha na imagem o comportamento considerado adequado, segundo a FRELIMO, para a “nova mulher” moçambicana revolucionária comprometida

política e militarmente com o projeto de libertação. Serviu como modelo e mentora, não somente para os propósitos do projeto político da FRELIMO para o seu país, mas para definir a identidade e os objetivos da Frente em perspectiva global. Sua imagem foi reproduzida em cartazes, capas de revistas e periódicos de diversos movimentos anticoloniais. Como exemplo, esse foi o caso do periódico *Nacrum*, produzido pela Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente<sup>23</sup>, em outubro de 1974, responsável por promover “A vida e as causas justas de Josina Machel”<sup>24</sup>. Nas páginas da publicação *Josina Machel* é descrita como uma mulher de "alto espírito revolucionário" principalmente nos momentos que antecederam a sua morte após "aceitar os sacrifícios comoveu os médicos e camaradas", segundo a publicação, os médicos foram os responsáveis por registrar as últimas palavras de Josina Machel: "Deixo atrás de mim duas preocupações, a Revolução e a minha família" (1974, p.4).

O caso moçambicano é, portanto, significativo quando percebido de maneira ampla e profundamente atrelado ao contexto citado. Em 1962, ao construir a Frente de Libertação de Moçambique foi possível observar a organização das mulheres do mundo inteiro. Meses após sua criação, a FRELIMO decidiu integrar o movimento feminino internacionalista ao criar um grupo feminino próprio, a Liga Feminina Moçambicana (LIFEMO). A Liga foi coordenada por Celina Simango e como vice coordenadora contou com Priscilla Gumane. Funcionou em cooperação com o Instituto Moçambicano de Janet Mondlane que tornou-se um braço social da FRELIMO nas zonas libertadas. Outro aspecto importante do seu trabalho, e que será profundamente explorado nessa pesquisa, é a participação da LIFEMO em eventos internacionais para as mulheres.

O primeiro grande evento que marca a estreia da participação das mulheres da LIFEMO é a “Conferencia das Mulheres de toda a África” realizada em Dar es Salaam. Esse evento é o início da construção de uma plataforma internacional que tornou a condição das mulheres do continente africano o principal tema dos debates. Outro evento importante para essa pesquisa é o “Congresso internacional das Mulheres” realizado em Moscou, em 1962, organizado pela maior organização feminina do período a Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM) e reuniu mulheres preocupadas em evitar novas guerras e exigiram melhoria na condição de vida de

---

<sup>23</sup> Para saber mais sobre a FRETILIN ver a dissertação de mestrado em andamento de Bianca Obetina Magnus desenvolvida no Programa de Pós graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> FRENTE REVOLUCIONÁRIA DO TIMOR-LESTE INDEPENDENTE (FRETILIN). *Nacrum*, 1/15 de outubro, 1974. Timor-Leste, Printed newsletter; 4 p.

mulheres e crianças. Para Francisca de Haan (2012) a FDIM sempre manteve uma agenda independente de Moscou e esteve sempre preocupada com os direitos das mulheres e a garantia da paz em todo o mundo. Para Chiara Bonfiglioli (2012) em seu trabalho “Revolutionary Networks. Women’s Political and Social Activism in Cold war Italy and Yugoslavia (1945–1957)” a Federação foi um centro de ativismo antifascista na Europa do pós-guerra, mas manteve um papel negativo durante a divisão soviética-iugoslava, em 1949, quando as mulheres iugoslavas foram expulsas da Federação. Assim como os eventos internacionais, as mulheres da FRELIMO realizaram uma série de importantes viagens a países aliados. Esse é o caso da viagem de Celina Simango à República Popular da China em 1964. Importa salientar que mulheres do mundo inteiro já se conectavam com o país asiático através da All-China Women's Federation organização feminina filiada à Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM). A verdade é que a All-China Women’s Federation foi reformulada, a partir de 1957, a fim de abarcar todas as mulheres chinesas. Será essencial a compreensão dos trabalhos apresentados pelas mulheres chinesas nesse período e que influenciou e fomentou grandes debates sobre a emancipação feminina.

Iniciaremos o próximo subcapítulo sobre a experiência de criação da Frente de Libertação de Moçambique em perspectiva internacional. Como se sabe, por questões geográficas, políticas e sociais a formação da FRELIMO na Tanganica (Tanzania), país que faz fronteira ao norte com Moçambique, foi essencial para organizar a luta armada e iniciar o importante processo de criação de zonas de treinamento político e militar. É esse centro de ativismo que promoveu uma intensa rede anticolonial e transnacional diversa e densa em que a Frente de Libertação de Moçambique foi sediada por quase 13 anos.

## **1. 2. Os vento impulsionam a FRELIMO**

Foi no dia 25 de junho de 1962, segundo a história oficial da FRELIMO, em Dar es Salaam que a Frente de Libertação de Moçambique se formou com o acordo de três grandes movimentos de libertação. De fato, a data oficial corresponde a parte dessa história. Neste subcapítulo, dedicaremos nosso estudo a uma experiência anterior, os esforços da formação da FRELIMO no exterior e o início de sua inserção nas rotas anticoloniais em desenvolvimento no continente necessário para a compreensão da inserção das mulheres da FRELIMO nas redes internacionais do período.

A Rodésia do Sul foi o destino de milhares de moçambicanos, principalmente oriundos das regiões centrais e ao sul do território, que encontraram no país vizinho oportunidade de empregos na construção civil, têxtil, minas e principalmente no trabalho rural (FUNADA-CLASSEN, 2012). Foi essa a origem de muitos daqueles que formaram associações no país vizinho como a Mozambique Native Association, o Mozambique Club e a Tete Burial Society. A Rodésia do Sul propiciou um terreno fértil para a formação de movimentos políticos, ao passo que os territórios ocupados por Portugal resistiram as inúmeras solicitações de habitantes locais para iniciar movimentos políticos representativos. No final de 1950, a Rodésia do Sul foi testemunha das duas principais associações de moçambicanos existentes em seu território, a Mozambique East African Association, em Bulawayo e a Tete East Africa National Globe Society que mantinham sua sede em Salisbury (NCOMO, 2013). Em 1957, as associações passaram a um próximo estágio, ou seja, a formação de partidos políticos africanos como o Southern Rhodesia African National Congress, que em 1960 passou a ser conhecido como National Democratic Party liderado por Joshua Nkomo<sup>25</sup>.

A formação de partidos e associações da Rodésia do Sul eram inspirados pela formação de inúmeros movimentos anticoloniais do continente africano. A partir de 1960, Adelino Gwambe passou a mobilizar os moçambicanos em território vizinho que incluiu membros da elite de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane. Esse grupo foi o formador da União Democrática de Moçambique (UDENAMO) em outubro de 1960. Foi a UDENAMO a principal responsável pela mobilização de líderes políticos em escala internacional. Esse foi o caso de Uria Simango, o pastor da Presbyterian Church of Central Africa, tornou-se a conexão da UDENAMO com a região central de Moçambique e foi responsável pela mobilização de muitos militantes, entre eles, a elite protestante a qual representava. Outros dois importantes militantes que aderiram a UDENAMO nesse período foi o casal Paulo e Priscilla Gumane associados ao Partido nacionalista sul africano Pan-african Congress (PAC). Entre outros membros relevantes, o recém criado movimento moçambicano no exílio foi responsável pela criação de uma rede de conexões transnacionais anticoloniais. Em meados de 1961, os líderes da UDENAMO preocupados com a dispersão do movimento partiram em direção a Tanganica (atualmente Tanzânia),

---

<sup>25</sup> Joshua Mqabuko Nyongolo Nkomo nasceu na Rodésia do Sul em 1917, de origem Kalanga, foi um revolucionário e político que ocupou a vice presidência do Zimbábue em 1990 até o ano de sua morte em 1999. Liderou a União Popular Africana do Zimbabué. Em 1958 formou o comitê All African People Conference onde defendeu a retórica do pan-africanismo de Kwame Nkrumah.

ao mesmo passo que, passaram a recrutar novos membros na própria Rodésia do Sul e em Moçambique.

A UDENAMO encontrou na Tanganica diversos moçambicanos que encontraram no país vizinho oportunidades de trabalho principalmente no meio rural. Esses moçambicanos se espalharam pelo território da atual Tanzânia, Zanzibar e Kenya, majoritariamente formados por Macondes que conviviam com outros grupos como Macuas, Nianjas e Niassas (CAHEN, 1999).

A Tanganica (Tanzânia) foi uma importante rede de descolonização e compreendeu os estudos da obra de Burton (2019). Cenário político no qual as ações de grande parte dos ativistas da FRELIMO se desenvolveram. Para o autor, os anos de 1950 a 1970 são marcados pela dinâmica da Guerra Fria e pelos esforços para a descolonização do continente africano deslocando os centros de ativismo localizados ao norte global para o sul global, principalmente, nos países como a Tanzânia que realizaram sua independência e dedicaram-se a descolonização como ação fundamental de sua política externa.

Portanto, os acontecimentos na Tanganica foram determinantes para a formação da FRELIMO. Em 1954, foi criado a Tanganyika African National Union (TANU), liderada por Julius Nyerere, o partido nacionalista reivindicou a independência total da Tanganica, e por sua vez, de seus países vizinhos. A independência da Tanganica, em 1961, facilitou a transição de diversos movimentos políticos anticoloniais para a cidade de Dar es Salaam. Após sua independência, a união da Tanganica com o seu país vizinho Zanzibar, fundou a República Unida da Tanzânia em 26 de abril de 1964. O país foi fundamental para a formação de diversos movimentos anticoloniais por meio das ações coordenadas da TANU. Um ano após a independência da Tanzânia, Julius Nyerere foi nomeado como presidente após um plebiscito popular. Seu pensamento político estabelecia um vínculo com outros movimentos anticoloniais, favorecendo o surgimento de movimentos de independências orientados por sua política e ideologia. Como se lê:

As the first country to gain independence in East Africa, Tanganyika quickly attracted diplomats from around the world – also because it hosted liberation movements. Refugees from Southern Africa flowed in and liberation movements quickly seized the opportunity to follow Nyerere’s invitation to set up camps and offices in Tanzania. As a gate to both the region and liberation movements, East Germans, Soviets, and Czechoslovaks all wanted to establish good relations with Tanganyika despite their suspicion of the “bourgeois” Nyerere and his “collaboration” with Western countries. The new connections were quickly inscribed into the city’s geography. In Dar es Salaam’s north,



“the communist embassies plus a smattering of representations from radical non-aligned states like Algeria and Indonesia, were scattered along Upanga Road, earning it the nom de guerre ‘Red Boulevard’.”<sup>99</sup> The offices of ANC, ZAPU, ZANU, FRELIMO, and other organisations were concentrated along Nkrumah Street, close to a Chinese restaurant which was popular with leaders of liberation movements and rumoured to serve as a front for unofficial Chinese operations in East Africa. (BURTON, 2019, p. 48-49).

Julius Nyerere defendia a formação de uma unidade africana através de uma linha política socialista e acreditava na formação de cooperativas rurais como forma de organizar as populações locais oferecendo um lugar de importância no comércio. Em fevereiro de 1967, Nyerere delineou os contornos ideológicos de sua política com uma abordagem radical de desenvolvimento nacional baseada na coletividade e aproximando sua política à temas-chave do maoísmo<sup>26</sup> como a autoconfiança, a política de massas e a primazia camponesa (LAL, 2014). Portanto, manteve um papel fundamental na conscientização política ao norte de Moçambique e influenciou na criação de iniciativas como a Sociedade Agrícola Algodoeira Voluntária dos Africanos de Moçambique, associação liderada por Lázaro Nkavandame. Nesse contexto, Michel Cahen (1999) destacou o surgimento de duas associações Macondes na região da Tanganyika que buscaram organizar as populações locais, a Tanganyika Mozambique Maconde Union e a Tanganyika Mozambique Maconde Association. Ambas mantinham perspectivas políticas diferentes. Ainda é importante ressaltar a presença da Mozambique African National Union (MANU) fundado por Mateus Mhole em território tanzaniano, também associada a TANU.

Os esforços de Adelino Gwambe, em Dar es Salaam, em 1961, representou o encontro da UDENAMO e da MANU, assim como, as negociações que culminaram na formação da FRELIMO. A Frente passou a ser parte formadora de uma ampla rede de conexões internacionais. Como exemplo, participou de organizações transnacionais como a Pan-African Freedom Movement for East, Central and Southern Africa, organização idealizado por Julius Nyerere e pelo nacionalista Tom Mboya<sup>27</sup>, que

---

<sup>26</sup> A tradução e venda do Livro Vermelho escrito por Mao Tsé-Tung foi produzido e vendido por um preço acessível na Tanzânia no final da década de 1960. O conteúdo do livro influenciou os funcionários do partido da TANU e ressoou entre os mais jovens e intelectuais nas cidades de Dar es Salaam. A veiculação do conteúdo do livro de Mao foi acompanhado por uma ampla gama de pessoas e recursos que partiram da China para a Tanzânia entre 1964 a 1975. (LAL, 2014).

<sup>27</sup> Thomas Joseph Odhiambo Mboya, nasceu em 1930 no Quênia, foi um nacionalista pan-africanista e um dos fundadores da República do Quênia.

buscaram fortalecer e facilitar as conexões no continente com encontros diplomáticos entre os países e representantes de movimentos anticoloniais.

A cidade de Dar es Salaam tornou-se um centro político onde guerrilheiros, diplomatas, repórteres, imigrantes, estudantes, refugiados, líderes e todos aqueles dedicados a descolonização do continente podiam trocar experiências, visões, apoios, assim como, fundar sedes e instituições. Esse foi o caso da FRELIMO ao fundar o Instituto Moçambicano na cidade. A partir das ações da Instituição o líder político da FRELIMO Eduardo Mondlane adquiriu o financiamento da Fundação Ford e do Conselho Mundial de Igrejas (BURTON, 2019). Institutos como o moçambicano além de arrecadar ajuda externa também funcionaram como um “proto-estado” oferecendo mais poder a FRELIMO na administração de seus militantes (BURTON, 2019). Espaço promotor de experiências administrativas que a FRELIMO herdou até a gerência do próprio país.

Desde 1961, a formação da FRELIMO se materializava. Mas não podemos afirmar que esse fato foi construído apenas com os moçambicanos no exílio. Outros importantes atores dessa história também se esforçaram para sua organização. Esse é o caso da Casa dos Estudantes do Império (CEI), fundada em 1944 em Lisboa, que reuniu diversos jovens estudantes moçambicanos e agrupou membros de uma elite assimilada que possuía acesso à educação. Promoveu o encontro de jovens que se tornaram políticos influentes na história de Moçambique como foi o caso de Marcelino dos Santos. Propiciou o compartilhamento de uma atmosfera acadêmica intelectual e internacional que permitiu desenvolver uma consciência anticolonial e nacionalista inspirados pelo “espírito de Bandung”, pelo Pan-africanismo e pelo Partido Comunista Português, além das ligações com associações estudantis, sindicatos e com nacionalistas de outras colônias.

Militantes e ativistas como Marcelino dos Santos correspondem a uma das primeiras gerações de alunos que passaram pela Casa dos Estudantes do Império no início de 1950 e começaram um processo importante de construção de redes internacionais de influência e apoio. Foi em sua mudança para Paris que consolidou seu trabalho internacional e representativo como um nacionalista moçambicano em eventos importantes para a sua causa. Entre esses eventos podemos destacar sua aproximação com grandes organizações internacionais como com a União Soviética ao participar, em 1957, da World Youth Festival realizada em Moscou.

Marcelino dos Santos foi uma liderança na Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (C.O.N.C.P.) criada no Marrocos em abril de 1961. Com a participação de figuras políticas importantes como Amílcar Cabral,

Agostinho Neto e Mario de Andrade a CONCP se tornou um espaço de coordenação entre os movimentos anticoloniais das colônias portuguesas, além de um grupo de pressão contra o colonialismo no continente. Marcelino dos Santos expandiu sua rede de conexões e ganhou relevância entre os líderes socialistas ao assumir a secretaria geral da CONCP que tornou possível suas inúmeras viagens a países aliados, que devido ao seu cargo na CONCP e seus vínculos internacionais, o receberam com mais dedicação do que os próprios líderes políticos de outros movimentos anticoloniais.

Outro importante grupo organizado e que proporcionou a unidade da FRELIMO foram àqueles vinculados ao Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM). Uma organização estudantil moçambicana formada e liderada por Eduardo Mondlane, e posteriormente, Joaquim Chissano e Pascoal Mocumbi protestantes que aproveitaram a oportunidade de se inserirem em uma rede de conexões anticolonial e transnacional missionária associada a Missão Suíça Presbiteriana. Foi em Paris, em 1961, longe da metrópole colonizadora, que Chissano e Mocumbi formaram a União dos Estudantes Moçambicanos (UNEMO) que estabeleceu relações com outras organizações estudantis internacionais como a União Internacional dos Estudantes em Praga na República Tcheca e com a Conferência Nacional dos Estudantes em Quebec no Canadá.

Não é possível deixar de mencionar a participação do primeiro líder da FRELIMO, Eduardo Mondlane no NESAM. Como seu idealizador e principal formador reuniu estudantes de Moçambique, em 1949, na capital Lourenço Marques. Após alguns anos de atuação, Mondlane ingressou com uma bolsa de estudos para a Universidade de Lisboa e entrou em contato com os integrantes da Casa dos Estudantes do Império, onde conheceu Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Mario de Andrade. Em pouco tempo Eduardo Mondlane embarcou para os Estados Unidos, ao solicitar a sua transferência, porém sua pequena passagem por Portugal foi definitiva para a criação dos laços que formaram a FRELIMO anos depois.

Podemos afirmar que a confluência de diversos atores políticos e redes de conexões estabelecidas dentro e fora do continente africano culminou na criação da Frente de Libertação de Moçambique em junho de 1962. Porém, devemos ainda refletir sobre o papel da União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) que frequentemente é referenciada como um dos grupos formadores da Frente na história oficial do país. Como já mencionado, os primeiros diálogos para a formação de uma única Frente moçambicana estão relacionados aos esforços de Adelino Gwambe, em 1961 na

cidade de Dar es Salaam. Rapidamente outros militantes interessados em uma frente ampla revolucionária foram atraídos para as negociações como foi o caso de Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano, Priscilla Gumane, Paulo Gumane e Pascoal Mocumbi. Logo Eduardo Mondlane, casado com Janet Rae Mondlane, ganhou destaque na gerência do movimento. Essa movimentação, à medida que se desenvolveu, chamou a atenção dos mais diversos grupos moçambicanos espalhados pela região, entre eles, a UNAMI e seu líder Baltazar Chagonga associado ao Malawi Congress Party (MCP). Com importantes conexões internacionais, a UNAMI fez parte da formação da FRELIMO, mas não foi designado a seus militantes nenhum cargo de relevância dentro da organização<sup>28</sup>.

Após o estabelecimento de amplos contatos internacionais, a sua formação oficial ficou marcada entre os dias 23 a 28 de setembro de 1962, quando a recém criada Frente de Libertação de Moçambique realizou seu Primeiro Congresso, em Dar Es Salaam, na Tanganica. A sessão de abertura foi realizada com a presença e apoio de Rashidi Kawawa, primeiro ministro da Tanganica, e Oscar Kambona, ministro dos negócios estrangeiros e da Defesa Nacional do mesmo país vizinho. Durante os seis dias, os militantes da FRELIMO definiriam o programa e estatuto oficial da Organização. Preparavam-se, nessa ocasião, para retornar a Moçambique e iniciar a luta armada de libertação nacional com as estruturas de sua Organização já fixadas. Portanto, esse encontro ficou conhecido como o “Congresso da Unidade”.

Assim, três meses após a criação da Frente única, o Congresso tinha como objetivo “a legalização da nova situação criada e a definição concreta da estrutura e do programa da FRELIMO” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p.2). Deliberaram a própria FRELIMO como um “movimento geral de emancipação sólida, o guia lúcido e consciente do povo moçambicano, arma fundamental na luta contra o colonialismo português” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p.3). A importância desse evento é marcada pelo início do desenvolvimento das estruturas e do programa do projeto político e ideológico da FRELIMO. Sobretudo, sua importância também se concentra na implementação e preparação para a liberdade do território como objetivo final do projeto político da FRELIMO. Segundo Catarina Costa:

Simultaneamente, o momento de libertação é alargado a todo o território moçambicano, isto é, ao nível nacional, afastando-o das suas raízes regionais. Posteriormente, esta situação ir-se-á tomar, de tempos

---

<sup>28</sup> Para saber mais sobre os primeiros anos de formação da Frente de Libertação de Moçambique ver a Tese de doutoramento em andamento de Pedro de Oliveira Barbosa desenvolvida no Programa de Pós graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

a tempos, num foco de tensão dentro da própria FRELIMO. Originando rivalidades entre os militantes, quer ao nível do posicionamento Norte/sul para os cargos de direção, quer ao nível de questões éticas e raciais que punham em questão as origens étnicas dos dirigentes face aos militares, bem como a militância de brancos e mestiços, face a pretos, e que, embora não fossem discutidas abertamente, permaneceram num estado latente dentro da Frente, ao ponto de desencadearem os confrontos internos de 1968 e, posteriormente, serem um dos aspectos abordados no II Congresso da FRELIMO. (COSTA, 2019, 50)

Com a sombra dos conflitos internos sempre ameaçando cobrir a Frente de Libertação, foi consolidado como necessário a promoção da unidade. A FRELIMO proclamou que na sua constituição seriam aceitos “todos os moçambicanos sem qualquer discriminação de origem étnica, de condição de fortuna, de confissão religiosa ou filosófica, nem de sexo” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p. 22). Para tanto, todos os adeptos a Frente deveriam estar “organizando-se cada vez mais no seio da FRELIMO, afim de desenvolver fortemente o combate contra o inimigo, o colonialismo português” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p. 22). Em seu primeiro Congresso, edificou-se a Frente como uma vanguarda de luta anticolonial, aberta a todos, e, principalmente, assumiram o posicionamento de aceitar oficialmente as mulheres em sua organização.

Sua estrutura foi determinada e os Congressos foram definidos como o “encontro supremo” da Organização. No plano da administração, inauguravam um Conselho Nacional eleito durante a realização dos Congressos. Criaram ainda, o Comitê Central que deveria ser eleito pelo Conselho Nacional. As Províncias, os Distritos e as localidades deveriam manter, também, cada um, um comitê próprio. Esses comitês seriam eleitos, respectivamente, pela Assembleia de Delegados das Províncias, dos Distritos e das localidades. O Círculo, existente em lugares de residência e de trabalho, eram a organização de base da FRELIMO controladas por um secretariado. O Conselho Nacional, os comitês e o secretariado eram responsáveis pela execução das resoluções dos órgãos superiores e pela aplicação das diretrizes políticas da FRELIMO. Dessa forma, estabeleciam que a Organização era formada pelo princípio de um “centralismo democrático”<sup>29</sup> (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p. 23). A FRELIMO não podia ser

---

<sup>29</sup> Segundo Bottomore (2001) Vladimir Lenin aproveitou um período de maior liberdade proporcionada pela Revolução de 1905 e utilizou, pela primeira vez, a expressão "centralismo democrático" para defender um amplo partido de massas baseado na responsabilidade e possibilidade de afastamento das lideranças. O "centralismo democrático" é um princípio político de organização comunista que combina elementos como a democracia eleitoral e a livre discussão com a disciplina política e uma direção executiva centralizada.

dissolvida até a conquista da independência do território moçambicano sem que antes o seu órgão máximo fosse mobilizado, o Comité Central.

Para esse Primeiro Congresso, exigiram que o “Governo português reconheça solene e formalmente o direito do povo moçambicano à auto-determinação e independência Nacional” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p. 22). Declararam ser o colonialismo português o inimigo direto dos povos em luta anticolonial em Moçambique, Angola, Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Português<sup>30</sup>. A união a qual se referiam não era apenas do povo moçambicano, mas uma necessidade da luta em contribuição às outras lutas externas, se inserindo em uma ampla frente internacional de apoio mútuo entre os movimentos anticoloniais. Refletiram, assim, o início de um projeto político que ambicionou tornar-se a única Organização reconhecida internacionalmente.

A partir da deliberação de seu caráter combativo, a Frente de Libertação de Moçambique apontou para medidas necessárias ao combate a seguinte listagem de tarefas:

1. Desenvolvimento e consolidação da estrutura da organização da FRELIMO;
2. Desenvolvimento da unidade entre os moçambicanos;
3. Utilização máxima das energias e faculdade cada um e de todos os membros da FRELIMO;
4. Promover a formação acelerada de quadros;
5. Empregar todos os esforços para promover o acesso rápido de Moçambique a Independência;
6. Promover, por todos os meios, o desenvolvimento social e cultural da mulher moçambicana;
7. Promover desde já a alfabetização do povo moçambicano, criando escolas onde for possível;
8. Tomar as medidas necessárias afim de prover as necessidades dos órgãos dos diferentes escalões da FRELIMO;
9. Encorajar e apoiar a formação e consolidação das organizações sindicais, de estudantes, da Juventude e de Mulheres;
10. Cooperação com as organizações nacionalistas das outras colônias portuguesas;
11. Cooperação com as organizações nacionalistas africanas;
12. Cooperação com os movimentos nacionalistas de todos os países;
13. Obtenção de fundos junto das organizações que simpatizam com a causa do povo de Moçambique, fazendo apelos públicos;
14. Obtenção de meios para a auto-defesa e para manter e desenvolver a resistência do povo moçambicano;
15. Propaganda permanente por todos os meios, afim de mobilizar a opinião pública mundial em favor da causa do Povo moçambicano;
16. Diligências junto de todos os países afim de realizar campanhas e manifestações públicas de protesto contra as atrocidades cometidas pela

---

<sup>30</sup> Timor Português, atualmente Timor-Leste, foi colônia de Portugal. Nesse período, Portugal partilhou a ilha de Timor com as Índias Orientais Neerlandesas, atualmente Indonésia. Portugal controlava ainda, nas mediações da ilha, a ilha das Flores no arquipélago de Sunda.

administração colonial portuguesa, assim para a libertação imediata de todos os nacionalistas que se encontram nas prisões colonialistas portuguesas;

17. Obtenção de ajuda diplomática, moral e material, para a causa do povo moçambicano, junto dos Estados Africanos e de todos os Estados amantes da paz e da liberdade. (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p. 26-28).

Após a decisão da construção do Comitê Central, ainda sem a presença de mulheres, entre os primeiros dezessete pontos defendidos constava, no ponto 6, a formação cultural e social das mulheres como um ponto de destaque. Outro fator determinado pelo Congresso foi estabelecer esforços na criação de sindicatos e organizações, no ponto número 9, para mulheres, e, assim, constituir o começo de uma formação política feminina. Na parte seguinte do mesmo relatório, defendiam, ainda, no ponto que chamaram de “interesses do povo moçambicano”, a garantia de “salário igual para trabalho igual, sem discriminação racial ou de sexo” (ATA DO I CONGRESSO, 1962, p.17).

A criação de escolas da FRELIMO é outro ponto de importância, uma vez que foi após a sua constituição que a Frente passou a promover a educação de mulheres como fator fundamental para o desenvolvimento da Organização. Segundo Catarina Costa, a importância da mulher na luta armada era inquestionável:

Desde o I Congresso ficou claro que, para a FRELIMO, era essencial que a luta de libertação se estendesse também a mulher moçambicana. Esta era uma luta de todos e onde todos eram necessários, pelo que a defesa da emancipação feminina foi simultaneamente um ponto de honra para o movimento, e uma questão fraturante entre os seus sectores mais conservadores. Contudo, as mulheres tornaram-se demasiado importantes para continuarem confinadas aos seus papéis tradicionais, passando a exercer tarefas variadas e vitais para o esforço de guerra. (COSTA, 2019, p. 57-58)

A educação das mulheres foi imprescindível para a promoção da igualdade entre gêneros, uma vez que diversos povos moçambicanos proibiam ou eram contrários a educação feminina, aumentando os índices de analfabetismo entre mulheres. A Frente tornou obrigatório a presença de meninas nas suas escolas rompendo definitivamente com a educação tradicional para as mulheres. Esse período foi marcado por desordens sociais e revoltas de algumas populações moçambicanas. Algumas das mulheres da FRELIMO dedicaram seu trabalho junto a população para a compreensão da importância da educação feminina, como foi o trabalho determinante de Josina Machel, nos

aprofundaremos no assunto quando debruçarmos sobre as fontes históricas referentes a Josina no próximo capítulo dessa Tese de doutoramento.

Portanto, é possível afirmar ainda que o universo de circulação dos militantes da Frente era muito maior que apenas os polos de descolonização do continente africano como foi as cidades de Dar es Salaam e do Cairo. Seus parceiros estrangeiros foram mais diversos do que apenas EUA, URSS ou China. Essas redes de conexões e influências internacionais e transnacionais foram galgadas pelos militantes moçambicanos a duras penas e não estavam a salvo de interesses e divergências políticas e ideológicas em jogo nas disputas estabelecidas pelo desenvolvimento da Guerra Fria.

De modo geral, desde 1962, a China manteve boas relações com a FRELIMO para o envio de instrutores militares chineses, registrados principalmente em acampamentos na Tanganica. O fato é que a China mantinha relações próximas com os militantes da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), principalmente com um de seus fundadores Paulo Gumane, que tornou-se Secretário-Geral Adjunto na criação da FRELIMO, em 1962 (FERRÃO, 2002, p.26). No entanto, Gumane foi expulso da FRELIMO por uma série de divergências políticas, foi acusado de conspirar contra a liderança de Eduardo Mondlane e criticou suas ligações americanas que incluíram graves acusações contra a sua esposa Janet Mondlane (CABRITA, 2000). Após um período de reestruturação da UDENAMO no Cairo, em 1965, Paulo Gumane foi o fundador do grupo opositor a FRELIMO, o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO)<sup>31</sup> que continuou recebendo apoio da China e do presidente Kenneth Kaunda nos anos seguintes.

A partir de 1971, República Popular da China mostrou-se obstinada em oferecer apoio a FRELIMO e a COREMO deixando grupos menores e de oposição sem auxílio (TAYLOR, 2006). Após um período de perseguição aos militantes da COREMO, que resultou na captura de muitos de seus integrantes, essas relações foram gradualmente diminuindo de forma que a própria FRELIMO passou a receber cada vez mais aprovação da União Soviética e da Alemanha oriental fechando negócios com sucesso de ajuda armada (BURTON, 2019).

Após 1974, a criação do Partido da Coligação Nacional (PCN) liderado por Uria Simango foi capaz de mobilizar nacionalistas moçambicanos como o COREMO de Paulo e Priscilla Gumane, a FRECOMO de Joana Simeão, o FUMO de Narciso Mbule, o

---

<sup>31</sup> A COREMO, criada em Lusaka em 1965, recebia treinamento político e militar chinês através dos esforços do governo da Zâmbia, local de sua sede no exílio, assim como recebeu ajuda do Congresso-Pan Africanista (CABRITA, 2000).



MONIPAMO de Basílio Banda e de Miguel Murrupa, o CNAM de Calisto Makulube e o MONAUMO de Domingos Cardoso<sup>32</sup>. O Partido exigia eleições democráticas após o fim do colonialismo português, assim como, contestavam a centralidade da FRELIMO que já se reivindicava como única representante política de Moçambique. O contexto onde se inseriram os movimentos anticoloniais africanos aconteceram em grande parte em centros de ativismo do continente. Esses locais também promoveram ligações com a parte leste global que fomentaram uma maior radicalização da política da FRELIMO. O período de perseguição e prisão de líderes políticos opositores após a independência de Moçambique constituiu algumas das páginas mais sombrias daqueles que escreveram a história do país.

Os fundamentos explorados pela FRELIMO ao assumir a gestão do governo não podem ser reproduzidos de maneira a obliterar outros caminhos e opções disponíveis nos mais diversos lugares que seus militantes circularam e negociaram. O Partido único no poder após a independência de Moçambique produziu uma única história oficial onde atores políticos foram designados entre heróis e traidores. Algumas mulheres acabariam por sofrer do mesmo destino. Perceberemos nas páginas seguintes dessa Tese que esse tipo de designação, traidoras ou heroínas, são atribuições políticas simplificadoras para sujeitos políticos complexos.

## **Capítulo 2. Os encontros internacionais das mulheres da FRELIMO: A Primeira Conferência das Mulheres Africanas, Tanganica, 1962.**

A realização da Primeira Conferência das mulheres africanas, em 27 de julho a 1º de agosto de 1962, em Dar es Salaam na Tanganica, marcou o início de um período onde as mulheres africanas foram prioridade entre os temas dos debates de diversas organizações políticas e sociais. Em homenagem ao evento que reuniu 14 países e 8 movimentos de libertação - entre eles a FRELIMO - o dia 31 de julho foi determinado, durante a Conferência, como o “dia da mulher africana”. Assim como, esse evento marca a criação da Organização Pan Africana das Mulheres (CASIMIRO, 2001, p.4). O objetivo do evento amplamente divulgado era centralmente discutir o papel e as condições das

---

<sup>32</sup> Os Arquivos do US Department of State, disponíveis em <http://aad.archives.gov/aad/> nos oferecem a dimensão da interferência da Central Intelligence Agency (CIA) em Moçambique no apoio a grupos anti-FRELIMO que surgiram nesse período. Utilizamos para essa pesquisa o documento “Anti-FRELIMO forces form new party”, de 23 de agosto de 1974. consultado em 20 de outubro de 2022.

mulheres na resolução de problemas e conflitos, principalmente na reconstrução dos sistemas políticos africanos após o período de colonização, a luta contra o HIV<sup>33</sup>, a educação, os meios para assegurar a paz e a democracia do continente. Nesse capítulo, para a compreensão das discussões em que as mulheres da FRELIMO, representadas por Celina Simango e Priscilla Gumane, se inseriram utilizaremos além da documentação produzida pela Frente, o estatuto da Conferência das Mulher Africanas divulgado no dia primeiro de agosto de 1962 logo após o fim do evento. O estatuto refletiu sobre os problemas sociais, políticos e econômicos imposto pelo imperialismo aos países colonizados em África. Segundo o documento:

Persuadidas que estes problemas podem ser resolvidos pela acção de solidariedade e força nos valores humanos, reconhecemos a resolução a descolonização adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 1960.

Estamos decididas a salvar a nossa posteridade da ameaça do colonialismo e das suas sequelas que durante séculos obtém tem sido impostos aos povos da África na espoliação dos seus direitos fundamentais do modo de viver do ser humano livre.

Estamos determinadas a juntar os nossos esforços e a nossa acção na acção geral dos povos africanos, para combater a ignorância e injustiça, para reabilitar a mulher africana, para elevar o nível de vidas das famílias e fazer da África um continente de prosperidade, de liberdade e paz.

Proclamamos em nome de todas as mulheres africanas a constituição da Conferencia das Mulheres Africanas. (ESTATUTO DA CONFERENCIA DAS MULHERES AFRICANAS, 1962. p.1)

As mulheres da Conferência das Mulheres Africanas se mostraram determinadas em modificar as suas realidades no sentido de agregar a luta por liberdade de seus movimentos políticos e contribuir para a criação de uma plataforma de solidariedade internacional composta por um grande número de movimentos de libertação. Para tanto, o movimento traçou objetivos para a o seu projeto. Como se lê:

Artigo 1 - Criar uma organização internacional africana para permitir as mudanças dos pontos de vista e para empreender as acções comuns conforme os princípios e a política definida abaixo:

a) Aderir o movimento de emancipação das mulheres africanas e promover a sua reabilitação total para que elas possam participar a todas as actividades creadoras nos meios sociais, político e económica do seu país.

---

<sup>33</sup> HIV é a sigla em inglês do Vírus da Imunodeficiência Humana causador da Síndrome da Imunodeficiência Humana (SIDA) mais conhecida popularmente como AIDS. A doença ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças e se tornou epidêmica no continente africano.

- b) Ajudar a guardar corrente de libertação política e econômica do Continente Africano e contribuir para uma acção consciente, real e constante no progresso dos seus povos.
- c) Promover para a amizade, a compreensão e a cooperação a unidade efectiva entre os Estados Africanos.
- d) Estabelecer as relações de amizade e a cooperação entre as mulheres de África e as outras mulheres do mundo em vista de promover o progresso, a justiça e a paz no mundo. (ESTATUTO DA CONFERENCIA DAS MULHERES AFRICANAS, 1962. p.2)

Para realizar os objetivos, estabeleceram a realização do Congresso de dois em dois anos. A reunião encorajou diversas mulheres a participar, investigar e identificar em seus próprios países os problemas relativos a condição das mulheres. Para tanto, cada organização participante era responsável por apresentar suas investigações durante a programação do evento. A Conferência serviu como uma ampla plataforma política de apoio mútuo e auxiliou na construção dos diversos projetos que objetivaram melhorias nas condições de vida das mulheres do continente. As mulheres que foram aceitas como participantes na Conferência eram aqueles onde em seus países ou movimentos de libertação existissem e reconheciam as organizações de mulheres. Assim como, reconheciam como membro as mulheres filiadas em organizações internacionais cujo os fins e objetivos estivessem alinhados aos estabelecidos pela Conferência, ou seja, a combater a “ameaça do colonialismo e das suas sequelas”.

A FRELIMO foi uma presença ativa, em Dar-Es-Salaam, durante a Primeira Conferência das mulheres africanas. Principalmente, por que a FRELIMO esteve presente na All African Peoples Conference realizado no Cairo, um mês antes. O evento projetou a criação de uma Conferência que reunisse membros femininos dos movimentos anticoloniais do continente. Uma hipótese que podemos estabelecer é que a ordem para a organização inicial da LIFEMO, atribuída a Eduardo Mondlane, estava estritamente relacionada com a participação nas plataformas internacionais em construção, como foi o caso da Conferência das Mulheres Africanas. A experiência das atividades internacionais realizadas pelas mulheres integrantes da LIFEMO marcam a trajetória de articulação das mulheres da FRELIMO durante todos os anos de luta anticolonial.

A LIFEMO era composta por mulheres refugiadas na cidade de Dar es Salaam e contribuiu amplamente para a propaganda e mobilização da FRELIMO nos bairros onde residiam moçambicanas e moçambicanos com a cooperação das mulheres no centro de Nashingwea. Portanto, a Liga era estritamente vinculada ao trabalho da FRELIMO ao

norte de Moçambique e seu discurso estava alinhado ao da Organização possibilitando uma ação coordenada.

Porém, a distribuição do comando da Frente para mulheres que eram identificadas como pertencentes das classes urbanas, segundo Isabel Casimiro (1999), fomentou uma tradição que pouco articulou com as mulheres das zonas libertadas, em geral, mulheres do meio rural. O discurso oficial da FRELIMO coincide com a argumentação de Isabel Casimiro (1999) ao afirmar ser a ausência de um diálogo mais agregador e diverso o contributo para a desmobilização da LIFEMO, ao longo dos anos, e, cooperou para a emergência da criação de um outro grupo feminino, como foi o caso do Destacamento Feminino, para a mobilização das mulheres nas zonas libertadas. Como perceberemos, o trabalho intelectual das mulheres da LIFEMO foi imprescindível para a política internacional do DF e construiu uma tradição internacionalista para o movimento social das mulheres da FRELIMO.

Por outro lado, há evidências que indicam que foram as mulheres de Cabo Delgado e do Niassa que constituíram o primeiro grupo de apoio da LIFEMO na região. No documento de autoria do Consulado Geral de Portugal em Salisbury, no dia 9 de outubro de 1962, encaminhou uma informação ao Diretos dos Serviços de Centralização e Coordenação de Informação de Lourenço Marques<sup>34</sup>. No documento informa que durante a I Conferencia das Mulheres Africanas, Priscilla Gumane foi reconhecida como autora de um projeto de criação de um corpo feminino no exército da FRELIMO, com sede na Tanganica. Após o encerramento da Conferência, Priscilla Gumane anunciou que 10 meninas estudantes de Moçambique iriam para o Malí a fim de receberem um treino de organização social. Além das meninas enviadas ao exterior, diversas mulheres já mantinham a participação em greves, manifestações e conflitos com os portugueses. Como exemplo, apenas 2 anos após a criação da LIFEMO, o Boletim de Informações da FRELIMO, n. 4, publicado em janeiro de 1964 registrou a ocorrência de uma mulher presa do posto administrativo de Muidumbe por agentes da PIDE. Ela foi acusada de contribuir para a fuga de homens de sua vila. São relatos como esse que corroboram a existência da mobilização das mulheres atuando juntamente a FRELIMO. Outro fator que revela o trabalho das mulheres no auxílio à FRELIMO está no arquivo permanente da Torre do Tombo, em Portugal, um relatório da PIDE alertou a administração colonial sobre o movimento de libertação de Moçambique contar com a participação de dirigentes

---

<sup>34</sup> Documento permanente do Arquivo da Torre do Tombo, em Portugal, PT/TT/SCCIM/A/14/201 - Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Moçambique, n. 964.

homens e mulheres. O relatório servia para incentivar uma ação por parte da administração colonial para conter a participação política feminina na FRELIMO<sup>35</sup>.

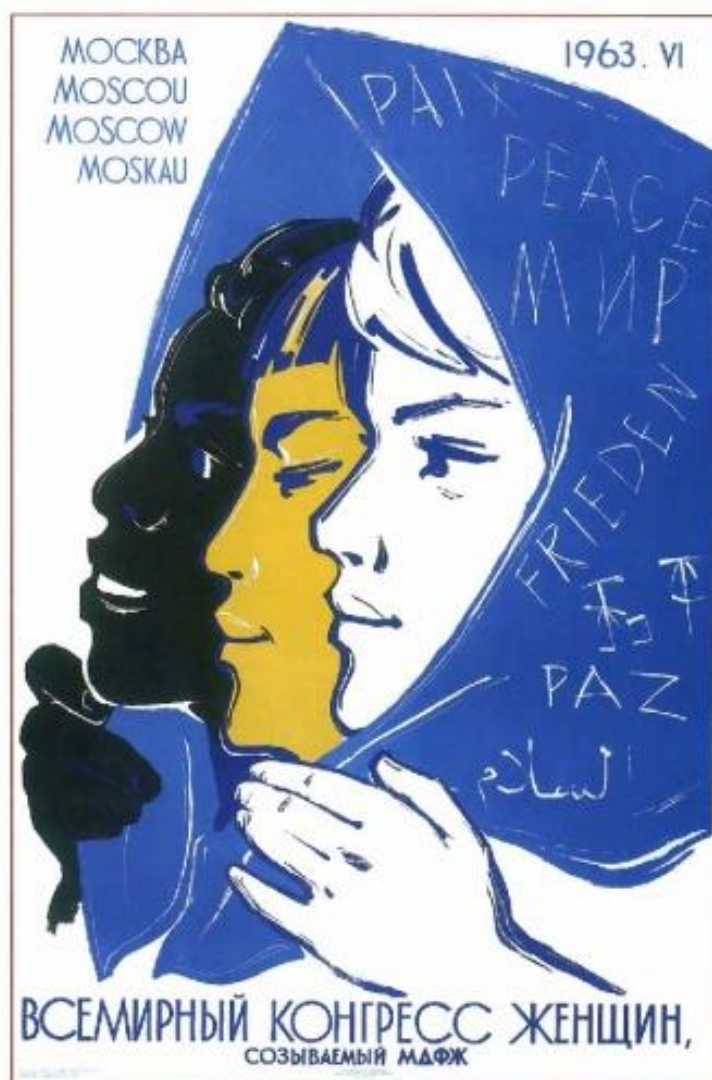
A Conferência das Mulheres Africanas marcou o início da solidariedade internacional dos movimentos de mulheres do continente africano. Porém, não era apenas as mulheres do norte de Moçambique que perceberam o alcance do movimento de mulheres na região. O mundo passou a compreender a FRELIMO através das mulheres. Esse foi o caso do evento que reuniu milhares de mulheres em Moscou, capital da União Soviética, em 1963, e tornou evidente a preocupação da FRELIMO em discutir a condição da mulher em seu território.

## **2. 1. O Congresso Mundial das Mulheres: Moscou, 1963.**

Celina Simango representou a FRELIMO no Congresso Internacional das Mulheres que ocorreu em Moscou nos dias 24 a 29 de junho de 1963. Nesse capítulo, além da documentação produzida pela FRELIMO, utilizaremos a leitura especializada para compor o cenário internacional de atuação feminina. Sediada pela principal e maior organização internacional de mulheres do período, Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM). Podemos identificar que a diversidade de mulheres participantes foi um fator importante ao nos depararmos com o cartaz principal de convocação ao evento:

---

<sup>35</sup> PIDE DGS SC 234 NT 6981 (relatório referente ao período de 16 a 31 de março).



**Figura 4** Cartaz do evento Women's International Congress. Moscow 1963 Artist: Ruben Suryaninov

As mulheres, com as suas diferenças, estão sob um mesmo véu da paz e da liberdade. Portanto, identificamos na imagem algo determinante para o movimento feminista internacional do período, mesmo com as suas diferenças as mulheres estavam todas sob o mesmo véu do comunismo internacionalista, as mulheres formaram uma única comunidade concreta em favor da paz global e da melhoria na condição de vida das mulheres. Para Francisca de Haan (2018), a primeira a pesquisadora da história da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM), a maior das três organizações femininas internacionais do período, ao lado da International Council of Women (ICW) e da International Alliance of Women (IAW)<sup>36</sup>. A FDIM foi descrita por

---

<sup>36</sup> Para mais informações sobre as duas organizações ver em: RUPP, Leila J. “Worlds of Women: The Making of an International Women's Movement”, Princeton: Princeton University Press, 1997.

Francisca de Haan (2018) como “uma organização internacional progressista feminista de esquerda com ênfase na paz, direitos das mulheres, anticolonialista e antirracista”. Para Yulia Gradskaia<sup>37</sup> (2021), em seu trabalho “The Women’s International Democratic Federation, The Global South and the Cold War” a Organização emitia declarações em nome “de mulheres do mundo inteiro”. Representavam desde as cidadãs de países independentes às mulheres que sofriam a colonização de seus países. Pretendiam, sobretudo, corresponder as interseções do ativismo pelo direitos das mulheres com movimentos de libertação nacional e antirracistas bem como difundir ideais da esquerda soviética fazendo duras críticas em favor da redistribuição da riqueza nacional, da igualdade social e de uma nova ordem econômica internacional.

É interessante perceber que para Odde Arne Westad (2007) a propaganda comunista, como a Federação foi acusada de produzir, era compreendida como uma promessa de progresso e justiça e atraiu a atenção do sul global. Como fica evidente na *Mozambique Revolution*, a primeira edição do periódico da FRELIMO para o público Inglês, que registra o discurso de Celina Simango durante o Primeiro Congresso Internacional de Mulheres. Como se lê:

All of the problems and difficulties which our people are facing in Mozambique cannot be changed simply by condemning them. No moralizing against the colonialists is sufficient to get rid of the situation we are facing.

Therefore, the people of Moçambique have decided to fight their freedom. (*MOZAMBIQUE REVOLUTION*, 1963, n. 1, p.1)<sup>38</sup>

O único caminho possível afirmado por Celina Simango era o da luta armada. Assim como defendia a FRELIMO, não percebeu nenhuma outra resolução para o fim do colonialismo português. Para Katharine McGregor (2016), ao estudar a participação das mulheres no Vietnã e na Argélia, afirmou que a Federação desenvolveu três estratégias para atingir os seus objetivos e que podemos utilizar para compreender a dimensão do movimento feminino internacionalista através do discurso Celina Simango neste evento.

---

<sup>37</sup> Yulia Gradskaia é autora de “Soviet Politics of Emancipation of Ethnic Minority Women: Natsinalka e coeditora de vários livros incluindo *Gendering Postsocialism: Old Legacies and New Hierarchies*.

<sup>38</sup> Tradução própria: “Todos os problemas e dificuldades que o nosso povo enfrenta em Moçambique não podem ser mudados simplesmente com a sua condenação. Nenhuma moralização contra os colonialistas é suficiente para acabar com a situação que enfrentamos. Portanto, o povo de Moçambique decidiu lutar pela sua liberdade”.

A primeira estratégia consistia na criação de uma grande rede com mulheres colonizadas através da publicação de seus relatos onde procuraram esclarecer como o colonialismo afetou a condição da mulher em seus países. Esse espaço foi fundamental para que Celina Simango esclarecesse como percebia a condição da mulher em Moçambique, com se segue:

First of all I wish to thank the Women's International Federation for inviting me to represent the Women of Mozambique in this Congress. My country is one of the least know in Africa, if only because we had the misfortune of being controlled by the Portuguese imperialism for many centuries. Therefore, before discussing the subject at hand I would like to tell you a little about my countri and my people. The whole economy of our country is geared towards the satisfaction of the European settlers, in order to make certain that the European settlers get the fullest economic advantage from the African worker, the portuguese government has used many techniques of forcing our people to work in European farms, industries and commercial enterprises, mostly in menial jobs. The women and younger people are also forced to work in European plantations within Mozambique. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1963, n. 1, p.1)<sup>39</sup>.

Foi o primeiro Congresso em que Celina Simango pôde abordar um assunto específico sobre o seu país e a condição de seu povo. Denunciando a economia colonialista de exploração, indiciou os colonos europeus de exigir o trabalho obrigatório e forçado de moçambicanos em fazendas, indústrias e empresas comerciais. Assim como, mulheres e jovens eram forçados a trabalhar em plantações e construção de estradas. O que ocasionava uma série de violações aos direitos humanos. Era a primeira denúncia internacional de uma mulher da FRELIMO, observando a condição da mulher em seu território, pode discorrer sobre sua opressão.

A declaração de Celina Simango indica a segunda estratégia da FDIM após a criação da plataforma internacionalista para as mulheres colonizadas foi necessário o compartilhamento de suas ideias nos congressos da Federação e em suas publicações oficiais. Portanto, Celina Simango durante o Congresso afirmou:

---

<sup>39</sup> Tradução própria: “Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Federação Internacional de Mulheres por me ter convidado para representar as Mulheres de Moçambique neste Congresso. O meu país é um dos menos conhecidos de África, até porque tivemos a infelicidade de ser controlados pelo imperialismo português durante muitos séculos. Portanto, antes de abordar o assunto em questão, gostaria de falar um pouco sobre meu país e meu povo. Toda a economia do nosso país está voltada para a satisfação dos colonos europeus, a fim de garantir que os colonos europeus obtenham o máximo proveito econômico do trabalhador africano, o governo português usou muitas técnicas para forçar nosso povo a trabalhar na Europa fazendas, indústrias e empresas comerciais, principalmente em trabalhos braçais. As mulheres e os jovens também são forçados a trabalhar em plantações europeias em Moçambique.”



If any woman in the whole world should understand the need for peace, it is the African woman in general and the Mozambican women in particular. As African woman I have over consciousness of the need for peace partly because Africa has not yet known peace for the last one hundred years. Since the European imperialist parcelled our continent into enclaves of European capitalist exploitation, they have been taking away the best of our men to feed their economic enterprises with cheap labor, while leaving the women and children behind to fend for existence in the poorest conditions. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1963, n. 1, p.1)<sup>40</sup>

O espaço oferecido pelo Congresso foi amplamente utilizado por Celina Simango. Nesse sentido, é importante perceber que inicia os primeiros contatos para a integração em uma ampla rede internacional de circulação de ideias e movimentos preocupados com a condição da mulher, das crianças e da garantia da paz. Espaço limitado dentro da FRELIMO, mas amplo em eventos internacionais preocupados com a condição das mulheres.

A terceira estratégia, segundo Katharine McGregor (2016), consistiu em gerar pressão nas potências europeias no desenvolvimento de “novos padrões de direitos humanos em relação a lutas compartilhadas”. Como se lê:

We however give our complete support to the worthy efforts of the women of our free sister states in the rest of Africa, who are relentlessly putting pressure on the major powers to achieve a workable scheme for disarmament. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1963, n. 1, p.1)<sup>41</sup>

Portanto, Celina Simango afirmou estar alinhada ao um movimento internacionalista socialistas com aproximações evidentes com as mulheres organizadoras do evento em Moscou. Defendeu a participação de grupos de pressão pelo fim do colonialismo e pelo estabelecimento da paz. Podemos compreender que para as comunistas relacionadas com Moscou, homens e mulheres deveriam se unir a causa revolucionária com o objetivo de eliminar as forças que os oprimem. Assim como,

---

<sup>40</sup> Tradução própria: “Se alguma mulher em todo o mundo deve compreender a necessidade da paz, é a mulher africana em geral e a mulher moçambicana em particular. Como mulher africana, tenho consciência da necessidade de paz, em parte porque a África ainda não conheceu a paz nos últimos cem anos. Desde que o imperialismo europeu dividiu nosso continente em enclaves de exploração capitalista europeia, eles têm levado o melhor de nossos homens para alimentar seus empreendimentos econômicos com mão de obra barata, deixando as mulheres e crianças para trás para sobreviver nas condições mais pobres”.

<sup>41</sup> Tradução própria: “No entanto, damos nosso total apoio aos esforços dignos das mulheres de nossos estados irmãos livres no resto da África, que estão incansavelmente pressionando as grandes potências para alcançar um esquema viável de desarmamento”.

defendiam a não distinção de cor ou origem de seus integrantes, vertente política amplamente defendida pelo primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane. Para Francisca de Haan (2018) o Congresso de Moscou serviu como um catalizador para o processo que levou à Organização das Nações Unidas, em 1967 a adotar a Declaração sobre a Eliminação das da Discriminação contra mulher que, em 1979, é reformulada para uma Convenção permanente liga a ONU e descrita como uma declaração dos direitos das mulheres.

Por outro lado, Elisabeth Armstrong (2016) em seu artigo intitulado “Before Bandung: The Anti-Imperialist Women’s Movement in Asia and the Women’s International Democratic Federation” a especialista ao analisar a documentação do Congresso das Mulheres Chinesas, de 1949, afirmou que a Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM) era um dos eventos mais importantes para as mulheres naquele período ao desenvolver um novo tipo de solidariedade entre as mulheres socialistas. Foi nesse evento que as mulheres chinesas, pela primeira vez, se afirmaram como lideranças poderosas e um exemplo para as mulheres de todo o mundo corroborando para uma nova percepção sobre a emancipação feminina e influenciou o movimento feminino internacionalista do período. Esse fato será aprofundado a seguir, no subcapítulo dedicado a visita da representante da FRELIMO Celina Simango à China em 1964.

## **2. 2. Celina Simango em visita à China (1964)**

Celina Simango foi uma pioneira dos encontros internacionais de mulheres e visitas aos países aliados. Como exemplo, no primeiro dia de abril de 1964, Celina Simango foi convidada pela Federação das Mulheres Chinesas a visitar quatro províncias do país asiático onde pôde conhecer a organização e o trabalho das mulheres em cada uma das províncias (MOZAMBICAN REVOLUTION, n. 7, 1964). A visita de Celina Simango integrou um conjunto de viagens realizadas pelos militantes da FRELIMO ao país. Meses antes, em janeiro do mesmo ano, foram os militantes homens da FRELIMO que anunciaram sua viagem. Enquanto Mondlane visitou a Alemanha ocidental, Marcelino dos Santos estava viajando para a China (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n. 7, 1964, p. 9). Segundo o periódico, Marcelino Dos Santos esteve em uma reunião que contou com a participação do líder chinês Mao Tse Tung. Marcelino Dos Santos foi

convidado pela Peking Institute of Foreign Affairs para visitar vários centros educativos, económicos e instituições sociais dentro e ao redor de Pequim. Provavelmente, a boa recepção dedicada a visita de Marcelino dos Santos esteve diretamente vinculado a representação do cargo que ocupava como secretário geral da Conferência de Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP)<sup>42</sup> desde sua criação no Marrocos em 1961<sup>43</sup>.

Um ano depois, em abril de 1965, foi a vez de Uria Simango ser convidado por Li Yi-Mang vice presidente do Instituto do Povo Chinês dos Negócios Estrangeiros. Uria Simango foi acompanhado de dois companheiros de Organização Jonas Hamashulua e Francisco Kufa. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n. 17, 1965, p.5) Portanto, a visita à China realizada pela Celina Simango era apenas um dos primeiros convites que os militantes da FRELIMO, e em específico do grupo político no qual fazia parte e era liderado por Uria Simango, receberam para visitar o país asiático. Como se lê:

Depois desta, longa visita a Sra.. Simango declarou-nos estar muito satisfeita pela maneira como foi acolhida e sobretudo pelo que pode aprender sobre o povo chinês. Interessou-se muito pelo trabalho das mulheres chinesas e pela, sua organização, que considera um bom exemplo para a mulher Moçambicana. Disse ainda que viera da China com mais coragem e animação para continuar a luta de Libertação de Moçambique. Em conclusão. disse que a mulher Moçambicana devia, ao lado do homem, dar também a sua contribuição directa, na luta contra o inimigo comum pela Independência total e completa de Moçambique. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n 7, 1964, p 5.)

Celina Simango foi a primeira das muitas mulheres da FRELIMO a viajar para a China. O país havia passado por quase 20 anos de guerra civil, o conflito transformou profundamente a sociedade. A Revolução comunista que entrou em curso e pretendeu destruir aspectos considerados da “velha ideologia”, conteúdo acusado de conter em seus argumentos a defesa da inferioridade das mulheres<sup>44</sup>. O discurso de gênero maoísta estava

---

<sup>42</sup> A relevância do cargo de Marcelino dos Santos na CONCP está relacionada com o alcance da organização que permitiu a coordenação política entre diferentes movimentos anticoloniais e significou uma intervenção conjunta na esfera política internacional. Entre seus principais sucessos está a realização do encontro dos líderes políticos africanos com o Papa Paulo VI, em Roma, 1970; a proclamação da independência da Guiné-Bissau em 1973 e o reconhecimento do governo da República Popular de Angola em 1975.

<sup>43</sup> O ano de 1961 também marca o período em que Marcelino dos Santos se filia a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) e escreve os estatutos da Organização que foi uma parte importante para a fusão que resultaria na criação da Frente de Libertação de Moçambique.

<sup>44</sup> Para o Partido Comunista Chinês a inferioridade feminina estava vinculada ao culto ao Confúcio, o filósofo de 552 a.c e 489 a.c. O imperador era a figura central para a filosofia de Confúcio e o povo deveria servir a este. Assim como, defendia que a mulher deveria servir ao marido e os filhos deveriam se submeter aos seus pais. Na China o confucionismo era uma estrutura hierárquica patriarcal que restringiu o papel da mulher as relações entre familiares e ao lar vinculada a dependência das mulheres aos homens, sejam eles os pais, o marido ou os filhos homens (Lang, 1968; Snow, 1967; Thakur, 1997).

vinculado a defesa da libertação da mulher pelo sistema que a oprimia e pode ser identificado como um feminismo Estatal de estrutura paramilitar e hierarquizada desenvolvido durante a Revolução Cultural.

Porém, para Wang (2017) a narrativa oficial durante a Revolução Cultural afirmou que homens e mulheres eram iguais, porém essa igualdade era delicada. O discurso oficial permitiu que as mulheres quebrassem as normas de gênero confucionistas e possibilitou o acesso à esfera pública pela primeira vez. Porém, a narrativa que substituiu a excessiva feminilidade da mulher da China tradicional, considerada a partir da Revolução Cultural como burguesa, foi dominada por um discurso masculinista do Estado que ansiava por uma pureza revolucionária e desenvolveu um controle sobre o comportamento feminino. Homens e mulheres eram considerados iguais, para tanto, a mulher deveria se assemelhar ao comportamento masculino.

Para Joanna Katto (2020) esta era a retórica de gênero da FRELIMO exemplificada no slogan político “não há homens, não há mulheres” e que foi repetido constantemente em relatos de mulheres que participaram da luta anticolonial. Para a especialista, foram raros os momentos em que a noção de libertação das mulheres foi reconhecida como uma pauta importante nos relatos das integrantes da FRELIMO. Para Natalia Telepneva (2022) é evidente que a FRELIMO era uma organização que estava muito próxima da China durante a Revolução Cultural.

Esse fato é evidenciado no trabalho de Zhuying Li (2020) que afirmou ser o período da Revolução Cultural marcado pela utilização dos meios de comunicação em massa que funcionaram como ferramenta propagandística fortemente vinculada com a agenda política e desenvolveram a identidade feminina do período. Em seu trabalho, “Female warriors: a reproduction of patriarchal narrative of Hua Mulan in The Red Detachment of Women” (1972) destacou que o filme revolucionário mundialmente conhecido “The Red Detachment of Women” (1972) acabou por reproduzir a mesma narrativa patriarcal confucionista da antiga história Huan Mulan reforçando uma imagem masculinizada das guerrilheiras mulheres, sem entretanto, determinar o fim da subordinação da mulher ao homem. Outro exemplo evidente desse período foi a criação do termo “Iron Girls” no país chinês para se referia as mulheres durante a década de 1950 à 1970 que participaram da agricultura e da indústria pesada. Como podemos apreciar:



**Figura 5** "Criticar minuciosamente a "teoria da natureza humana" das classes latifundiárias e capitalistas". Comitê revolucionário da fábrica nacional de algodão de Xangai n. 21, 1971. Disponível em <https://chinese posters . net / posters / g2-370>

Após determinar o fim da família tradicional confuciana as transformações revolucionárias se iniciaram principalmente pela participação das mulheres no trabalho. A crença comunista maoísta consistia na experiência do trabalho social para as mulheres como um caminho para a libertação dos afazeres domésticos e pouco valorizados em direção ao desenvolvimento de trabalhos sociais que tornariam possível a tomada de consciência política feminina.

Em 1955, homens e mulheres chinesas iniciaram uma mobilização em conjunto para realizar os planos do conhecido “Grande Salto Adiante” de Mao Tsé Tung e

organizaram pequenas fábricas de bairro, as quais muitas eram majoritariamente formada por associações de mulheres, e nos campos, as camponesas reagrupavam as cooperativas de formação superior para a criação das comunas populares. A indústria passou por um processo de descentralização e em seu lugar era possível perceber a criação de pequenas unidades de produção industrial. As mulheres se esforçaram em dar também um grande salto à frente, estavam empenhadas em transformar a condição da mulher chinesa e de se apresentar como modelo para outras mulheres do mundo. Como foi observado pela delegação feminina, liderada por Celina Simango, durante a viagem à China segundo a Voz da Revolução:

É com muito prazer que anotamos esta experiência da Irma Selina que constitui mais um estímulo para todas as mulheres moçambicanas que, desde o início da nossa, luta., estiveram sempre prontas a participar directamente nela. Efectivamente os colonialistas portugueses oprimem cegamente mulheres e crianças e temos vários exemplos de mulheres Moçambicanas que pela sua coragem e determinação conseguiram salvar os seus maridos das mãos da polícia fascista portuguesa. Hoje no exílio temos entre nós mulheres que com os seus filhos quiseram seguir os seus maridos para, poderem também receber a preparação necessária para o desenvolvimento da nossa luta. A mulher moçambicana sabe hoje em dia, que ela também tem o seu lugar na luta geral do povo moçambicano pela Liberdade. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 8, 1964, p.5)

Celina Simango se aproximou das mulheres chinesas na defesa do trabalho social e político para as mulheres em conjunto com os homens. Acreditou que a mulher tinha um lugar próprio dentro da luta de libertação e seu dever era assumido, em especial, pelas mulheres que seguiam com os seus maridos para integrar os movimentos anticoloniais.

Além de Celina Simango inúmeros eram os grupos de mulheres que visitaram as fábricas de trabalho chinesas. A militante francesa Claudie Broyelle, publicado em 1971, concluiu, a partir de sua visita, que a luta contra a desigualdade de gênero era parte integrante da construção do socialismo ao escrever seu livro “A metade do Céu: o movimento de libertação das mulheres na China”. A pesquisadora Julia Kristeva ao viajar, em 1970, para a China produziu, em 1977, um estudo sobre a sociedade chinesa e seus aspectos históricos, políticos e religiosos para compreender o papel da mulher chinesa na Revolução que resultou em seu livro “About Chinese Women” (1977)<sup>45</sup>. A ampla rede de

---

<sup>45</sup> Sobre o livro de Júlia Kristeva é pertinente compreender a crítica feita por Gayatri Spivak (1981) não sobre a escritora ser uma feminista americana branca do primeiro mundo, mas sobre como a pesquisadora exportou com prontidão as análises para o contexto do terceiro mundo, sem investigar profundamente e, na

circulação de mulheres criou, desde o início de 1960, as primeiras alianças, apoios e análises entre as mulheres, como consolidação de sua participação no trabalho revolucionário, se conectaram com o mundo para denunciar suas desigualdades sociais.

### **Capítulo 3. As articulações das mulheres da FRELIMO provocaram redemoinhos : O início da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO)**

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) esteve por 13 anos em um das maiores redes de descolonização do continente africano da década de 1960 (BURTON, 2019; IVASKA 2018). Era dos seus escritórios da Tanganica que a Frente se conectou com organizações e líderes políticos de diversas partes do mundo. Era através das redes internacionais que a FRELIMO conseguiu financiamento, treinamento e material para a sua luta armada. Para compreender as articulações das mulheres da FRELIMO nas redes internacionais que fizeram parte e que galgou a Frente como representante do nacionalismo moçambicano é necessário um olhar amplo e atento ao seus movimentos femininos.

Para as mulheres que atravessaram a fronteira do território moçambicano para ingressar na FRELIMO coube a participação política através das Women's club<sup>46</sup>, onde aprendiam com as mulheres da Tanganyika diversos métodos de organização e trabalho. A Liga Feminina Moçambicana (LIFEMO), inspirada nas Women's club, foi a primeira organização de mulheres da Frente, fundada e presidida por Celina Simango<sup>47</sup>, contava com Priscilla Gumane a cargo da vice-presidência da LIFEMO e Janet Mondlane como coordenadora do Instituto Moçambicano. Como se sabe, três das mulheres politicamente mais experientes e fundadoras da FRELIMO. Porém, é necessário afirmar que mesmo compreendendo que outras mulheres fizeram parte da LIFEMO, não há documentos ou registros de seus nomes. Tornando o trabalho de estudar essa organização feminina extremamente difícil e limitado. Compreenderemos nas páginas seguintes, através da

---

sua apressada tendência em defender uma potência revolucionária. O debate acalorado das duas grandes teóricas feministas inicia na publicação do ensaio "French Feminism in an International Frame" de Gayatri Spivak em 1981. Ver mais em: Spivak, Gayatri Chakravorty. French Feminism in an International Frame. Yale French Studies, no. 62, 1981, p. 154–84. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2929898>. Acessado em: 04/07/2022.

<sup>46</sup> Inspirada nas Ligas Femininas existente nas colônias inglesas (CASIMIRO, 2001).

<sup>47</sup> O nome da Presidenta da LIFEMO aparece grafada como Celina Simango e como Selina Simango. Optou-se neste estudo por padronizar seu nome apenas como Celina Simango.

trajetória política de suas integrantes, alguns dos motivos que levaram ao apagamento parcial das fontes históricas relacionadas a primeira organização feminina da FRELIMO.

### **3. 1. “A mulher moçambicana está a dar a sua completa participação na luta de libertação de Moçambique”: Celina Tapua Simango**

Celina Tapua Obedias Muchanga nasceu em 1938, em Sofala, no centro de Moçambique. Foi estudante de uma missão protestante na região da Rodésia onde conheceu o seu marido Reverendo Uria Simango, pastor da Presbyterian Church of Central Africa e principal responsável pela organização do núcleo de moçambicanos refugiados e de inculcar nestes os conceitos políticos de nação (NCOMO, 2012, p. 71). Como se sabe, o Reverendo Uria Simango foi um dos fundadores da FRELIMO e concorreu, durante o I Congresso da FRELIMO em 1962, às eleições para líder do Movimento. Com a maioria dos votos, Eduardo Mondlane se tornou o primeiro líder revolucionário da Frente e coube a Uria Simango, o segundo mais votado, ocupar cargo de vice-presidente. Em 1969, após a morte de Eduardo Mondlane, os conflitos internos da FRELIMO que envolviam Uria Simango se intensificaram com a administração de Samora M. Machel após a constituição de um Conselho de Presidência constituído por Uria Simango, Samora Machel e Marcelino dos Santos e negando a sua sucessão na liderança do movimento. Após uma série de divergências, Celina Simango e Uria Simango foram expulsos, e posteriormente presos, pela FRELIMO comandada por Samora M. Machel. Foram julgados por um tribunal popular, realizado em 12 de Maio de 1975, localizado no Centro de Reabilitação e Reeducação de Nachingwea (Tanzânia). Durante o processo reconhecido como “purificação de suas fileiras” (MACHEL, 1973, p. 20) as ordens da FRELIMO estabeleceram os réus julgados e considerados culpados por graves acusações de traição, ambos foram mortos em condições não esclarecidas<sup>48</sup>.

Entretanto, o trabalho político de Celina Simango transcende o sofrimento dos seus últimos dias e é fundamental para compreensão da história de articulação das mulheres da FRELIMO. Considerando nosso objeto de estudo, é interessante a compreensão do papel central de Celina Simango para a criação da Liga Feminina de

---

<sup>48</sup> Entre aqueles que passaram pelo processo junto com o casal Simango foram Paulo Gumane, Joana Simeão, Adelino Gwambe e Mateus Gwenjere. Em setembro de 2009, o número 817 do periódico moçambicano Savana, Mariano Matsinhe, proeminente militante da FRELIMO, desde 1962, afirmou que “Na FRELIMO era norma fuzilar pessoas”(2009, p.1).



Moçambique (LIFEMO) como militante dos direitos das mulheres, para tanto, optou-se por traçar a sua trajetória política através da organização da documentação disponível e da literatura especializada.

Em 12 de dezembro de 1959, Celina Tapua Obedias Muchanga e Uria Simango, reconhecido integrante da Associação Moçambicana da África Oriental<sup>49</sup>, se casaram na cidade da Beira. No mesmo ano, o casal Simango regressa à Salisbury, capital do Zimbábue, para continuar suas atividades políticas e missionárias. O contato clandestino com outros nacionalista como Adelino Gwambe, em novembro de 1960, resulta na criação da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) e tornou o casal Simango dois dos maiores articuladores no recrutamento de moçambicanos na zona central de Moçambique, por via do corredor de Machipanda (NCOMO, 2012). A articulação de Uria Simango na coordenação da UDENAMO possibilitou a comunicação de Adelino Gwambe e os membros de sua organização (já residentes na Tanganica) com os moçambicanos residentes da área central.

Em novembro de 1961, Celina e Uria Simango planejaram sua transferência para Tanganica alarmados pelas prisões de Filipe Samuel Magaia e Silvério Nungu e a descoberta de sua rede clandestina em Moçambique pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) (NCOMO, 2012). A mudança se concretiza, em março de 1962, em meio a boatos de que a PIDE procurava raptar o casal Simango e encaminhá-los para a prisão em Moçambique. O casal chegou a Dar es Salaam, em 7 de abril de 1962, meses antes da criação da FRELIMO, em junho de 1962. Ao participarem do Primeiro Congresso da FRELIMO, Uria Simango ocupou o cargo de vice-presidente da organização. Para Celina Simango pertenceu ocupar o cargo de presidente da Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) criada no mesmo ano e preencheu suas atividades políticas com viagens ao exterior e discursos em conferências internacionais. O conteúdo dos seus discursos revelam o âmago do seu pensamento político e foram utilizados como fontes históricas para o aprofundamento desta pesquisa.

Em junho de 1962, foi fundada a Liga Feminina de Moçambique, referenciada nos periódicos *Mozambique Revolution* como *Mozambique Women's League*, a primeira organização de mulheres da FRELIMO. Fica evidente que a LIFEMO foi uma das

---

<sup>49</sup> A Associação foi legalizada pelas autoridades rodesianas em 1959, mesmo sem esconder o seu objetivo de educar a comunidade moçambicana com os conceitos políticos contra a dominação estrangeira de Portugal, passou a produzir panfletos para propagação de suas ideias que eram introduzidos no território moçambicano através da fronteira de Machipanda (NCOMO, 2012).

estruturas mobilizadas na origem da própria FRELIMO e demarca a presença das mulheres desde o início de sua formação. Porém, o reconhecimento do seu trabalho só é evidente nas fontes históricas da FRELIMO, a partir de 1966, ou seja, após 4 anos de atuação das mulheres na esfera internacional e contou com pouca visibilidade no interior do Movimento. O registro é fruto da realização do primeiro e único congresso da LIFEMO em Mbeya, na Tanzânia. O objetivo central da reunião era “a adoção de uma constituição e o estabelecimento de um vasto programa de acção para o interior de Moçambique” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 6, 1966, p.9).

O documento referente a Primeira Conferência da LIFEMO, de 1966, impõem uma ruptura na historiografia oficial moçambicana referente aos primeiros anos de organização do movimento de libertação, já que é uma prova que, ao contrário do que é oficialmente veiculado, as mulheres já estavam representadas e se faziam presentes na FRELIMO desde sua formação inicial. Enquadradas de maneira bem definida em uma organização anterior e diferente da informação oficial que referênciava o Destacamento Feminino como primeiro movimento feminino da Frente. Por fim, comprova que a LIFEMO mantinha poder de mobilização suficiente para realizar um congresso, onde declararam a existência de mulheres militantes na luta de libertação em combate ao lado dos seus camaradas homens.

Celina Simango é a primeira mulher a constar na documentação oficial da FRELIMO com destaque em um cargo de liderança, escolhida como coordenadora<sup>50</sup> da LIFEMO. Nesse caso, a coordenação da LIFEMO era seguida por outro importante nome no cargo de vice direção, Priscilla Gumane. Não por acaso, essas duas mulheres eram esposas de Uria Simango e Paulo Gumane (originários da UDENAMO), respectivamente vice-líder e secretário geral adjunto da FRELIMO desde 1962. O discurso de abertura foi realizado pela presidenta da LIFEMO, Celina Simango, que referiu-se à participação da mulher na luta armada:

Neste mesmo momento em que estou a falar, centenas de mulheres em Moçambique enfrentam com armas na mão o inimigo ou defendem as populações. Algumas delas já deram as suas vidas em batalhas violentas. Muitas mais farão o mesmo. Por isto, nós podemos ver que a mulher moçambicana está a dar a sua completa participação na luta de libertação de Moçambique (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 6, 1966, p. 9).

---

<sup>50</sup> Designada também em algumas edições da Mozambique Revolution como secretária-geral ou presidente da LIFEMO.

A LIFEMO tinha como objetivo mobilizar o apoio das mulheres de diversas organizações para o movimento revolucionário moçambicano. Em sua fala, Celina Simango revela a necessidade de reconhecer a participação das mulheres militares na FRELIMO. Em 1966, a FRELIMO declarou que as tarefas femininas estavam relacionadas com o desenvolvimento da luta armada de libertação. Como se lê:

As tarefas que requerem imediata acção nas zonas onde se desenvolve a luta, armada, de libertação são:

- a) A integração da mulher de Moçambique na presente luta, armada;
- b) A sua, integração nas milícias populares; integração nos grupos que transportam material de guerra de uma zona para outra, ou comida ou roupas para os combatentes nacionalistas;
- c) A mobilização das mulheres no sistema de comunicações do país, para servirem de mensageiros e elementos de contacto entre os guerrilheiros e o povo, fornecendo informações sobre o inimigo. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 6, 1966, p. 9).

Dessa forma, a defesa da total integração das mulheres na luta de libertação é defendida pela FRELIMO. A mulher deveria ser uma militante revolucionária presente na acção militar e política da organização. Essa integração estava relacionada inicialmente com o suporte material aos combatentes e no desenvolvimento de uma rede de apoio e comunicação clandestina. Em outras áreas, no entanto, a participação da mulher também era uma necessidade do desenvolvimento da luta armada. Como se lê no periódico da FRELIMO:

Nos trabalhos da produção: a mulher moçambicana é bem conhecida pela sua contribuição na produção económica,; na agricultura; nas indústrias ligeiras, como fazer roupa; etc.

Na vida administrativa, a mulher moçambicana deve estar melhor integrada, não só como enfermeira, ou professora, mas também nos importantes trabalhos de planificação e execução dos projectos de desenvolvimento nacional ...

Nas zonas ainda, não libertadas, a mulher moçambicana deve ser encorajada, a participar mais activamente na revolução. Ela deve receber preparação adequada, para trabalhar em condições clandestinas, e para desenvolver os seus talentos naturais na acção política. Ela deve participar na direcção do trabalho político nos vários círculos. Ela deve ajudar a arranjar comida e material para a luta. Ela deve dar alojamento aos trabalhadores políticos clandestinos que se movimentam através das várias regiões do país. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 6 1966, p. 9).

A mulher deveria ser integrada na própria execução dos projetos de desenvolvimento nacional. A participação das mulheres na FRELIMO, e, principalmente, na luta armada, já ocorriam. Inicialmente sem um pelotão feminino organizado, o

Destacamento Feminino (DF) só foi criado em 1967. Como se lê na versão em inglês da Voz da Revolução, publicada na Tanzânia, direcionada ao público internacional:

There are military bases for the training of young women in Cabo Delgado and Niassa Provinces. FRELIMO communiques have already reported guerrilla operations in which the women have taken part, as well as acts of heroism performed by young Mozambican girls. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n 24, 1966, p. 9)<sup>51</sup>

Houve a necessidade de afirmar a importância da LIFEMO, não apenas internacionalmente, mas sua importante presença no interior do próprio território. O alcance da Liga só é evidente nas palavras registradas de Celina Simango e do periódico Mozambique Revolution. Não consta na documentação da FRELIMO analisada em sua versão escrita no português, anterior a 1967, nenhuma relação de nomes de mulheres nas fileiras do exército popular da FRELIMO, além da participação nas delegações da FRELIMO para eventos no exterior. Mesmo que elas, em número reduzido existissem, foram apagadas ou não registradas nas páginas da documentação oficial. Índícios históricos apontam para a autoria de Priscilla Gumane na criação do primeiro centro político e militar para as mulheres da FRELIMO na Tanzânia.

O discurso de abertura desse evento, realizado pelo líder da FRELIMO, Eduardo Mondlane, também exaltou a participação feminina ao apontar para “as tarefas que requerem imediata acção nas zonas onde desenvolve a luta armada de libertação” (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1966, p. 9) com a “integração da mulher moçambicana” na luta armada, ou seja, nos mais variados papéis, seja na milícia popular, nos grupos de transporte de material para combatentes ou de maneira clandestina. A mulher deveria participar do sistema de comunicação do país para servirem também como mensageiras. A mulher deveria participar dos trabalhos de produção, ou seja, na produção econômica, evidenciando que haviam alguns entraves para as ações femininas na guerrilha e na produção da FRELIMO.

Na administração, Eduardo Modlane (1966) afirmou que a mulher não deveria ser apenas professora ou enfermeira, mas devia executar projetos de desenvolvimento nacional, mesmo que na elite da FRELIMO nenhuma mulher ocupasse, até então, um espaço desse nível organizacional. Nas zonas ainda não libertadas, para o Líder da Frente,

---

<sup>51</sup> Tradução própria: ‘Desde então, a Liga tem estado ativa, principalmente no interior de Moçambique, mobilizando as mulheres para a própria luta armada, bem como para outras tarefas, como fornecer comida aos guerrilheiros, confeccionar roupas, recolher lenha para as bases militares, fabricação de sabão, agulhas, sal, etc.’ (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n 24, 1966, p. 9)

a mulher moçambicana deveria ser encorajada a participar da FRELIMO, seja no trabalho em combate ou na direção do trabalho político, mas sobretudo oferecendo comida, roupas e alojamento para os militantes da FRELIMO em combate nas zonas de domínio português.

Logo, ao final do congresso, as mulheres da LIFEMO objetivaram transformar a mulher moçambicana em uma militante revolucionária, que deveria estar presente na ação militar e na ação política da FRELIMO. Mesmo em um período onde suas ausências foram maiores do que sua presença, a LIFEMO foi a primeira criadora do conceito de mulher moçambicana, apontada em sua documentação, embaladas pela homogeneidade dos conceitos criados no seio da FRELIMO. A mulher moçambicana estava vinculada ao projeto da Frente, ou seja, as mulheres que se uniram em torno desse projeto compreenderam que a união em uma organização nacionalista era uma característica necessária para combater o colonialismo, neocolonialismo e a desigualdade de gênero.

No interior da Frente, a limitada participação da mulher já era motivo de preocupação entre os seus militantes. A criação da LIFEMO era a primeira tentativa de organizar e mobilizar mais mulheres a aderirem aos objetivos da Frente. Um ano após o Congresso da LIFEMO, suas ausências, entretanto, foram o principal obstáculo percebido pela organização:

O Comitê Central preocupou-se com o problema da participação da mulher moçambicana na Revolução. O Comitê Central condenou a tendência que existe entre muitos membros masculinos da FRELIMO de excluírem sempre as mulheres da discussão dos problemas que se põem no decurso da luta de libertação nacional, e de limita-las às tarefas de execução. Foram tomadas medidas adequadas para assegurar a participação da mulher tanto na execução quanto na direção das tarefas, nos diferentes órgãos em todos os escalões da FRELIMO, desde o Círculo até o Comitê Central e ao Congresso. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 7, 1967, p. 6).

Se por um lado a participação da mulher era fundamental, por outro, o desaparecimento das atividades da LIFEMO dos documentos oficiais da FRELIMO torna perceptível a insuficiência nesse período de manter uma organização feminina ativa (CASIMIRO, 2001). Não é possível ignorar que a resistência masculina quanto à participação da mulher pode ser percebida como uma das dificuldades da continuação do trabalho feminino da LIFEMO nesse período. A justificativa oficial de sua inatividade anos após sua criação é explicado por Samora Moisés Machel em seu discurso de abertura do Primeiro Congresso da Mulher Moçambicana. Ao criar oficialmente a Organização da

Mulher Moçambicana (OMM), em 1973, Machel expôs os motivos da extinção da LIFEMO:

A LIFEMO criou-se em Mbeya, em Junho de 1962. Nessa reunião, onde só participaram praticamente elementos marginais na luta, eles elegeram uma direção ignorante da luta e do País, e fixaram-se algumas tarefas, fora das perspectivas reais da luta. Poucos meses depois da Conferencia da LIFEMO, da sua Direção só restavam os nomes. Como um fruto podre, a LIFEMO decompôs-se por si própria. Por quê? Quando a LIFEMO se constituiu, em que fase se encontrava a FRELIMO, a revolução moçambicana e a mulher? A FRELIMO ainda não tinha estruturas sólidas, a sua linha não estava suficientemente compreendida e assumida, porque ainda não fora posta à prova pela luta. Os seus quadros e direção não estavam suficientemente temperados pela luta, não possuíam experiência. (MACHEL, 1973, p. 20).

A primeira justificativa de Machel foi a falta de conhecimento sobre o projeto político e ideológico da FRELIMO<sup>52</sup>. A insatisfação quanto a criação da LIFEMO é perceptível nas palavras de Samora M. Machel, o criador do Destacamento Feminino, ao afirmar que a LIFEMO era um “fruto podre”. Afirmou, ainda que, a LIFEMO sofria de falta de tarefas ou engajamento o que, de fato, não é uma verdade. Como percebemos, desde 1962, Celina Simango foi enviada juntamente com uma delegação como representante da FRELIMO em eventos internacionais de grande alcance e se tornou presença ativa naqueles eventos realizado no continente africano. Outro importante evento em escala internacional ocorreu de 24 a 29 de junho de 1963 Celina Simango, representando a LIFEMO, participou do Congresso Internacional de Mulheres em Moscou. Em 1964, ao realizar uma viagem a República Popular da China criou relações com grupos de mulheres chinesas afirmando apoio mútuo entre as lutas dessas mulheres. No primeiro Congresso da LIFEMO, um dos planos principais traçados em sua agenda foi justamente promover a unidade com outras organizações de mulheres, na África e em todo o mundo (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1966). Em 1966, as mulheres da LIFEMO já haviam conquistado ampla experiência ao participarem de eventos no exterior como Dar Es Salaam, Cairo, Pequim e Moscou. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1966). Ainda, faziam parte da Women’s club na Tanzânia, onde aprendiam com as mulheres diversos métodos de trabalho político.

De modo geral, os discursos de Celina Simango, apontaram para a necessidade da paz frente ao imperialismo português, criticou o capitalismo e suas formas de exploração

---

<sup>52</sup> É importante salientar que 1962 também é o ano de criação da FRELIMO, no qual Samora M. Machel ainda não era integrante.

em África. Samora M. Machel ignorou seus discursos e participações em congressos e se esforçou em salientar que a linha assumida pela FRELIMO havia se aprofundado apenas em 1973, após o desenvolvimento do “processo de purificação de nossas fileiras” como Samora M. Machel (1973, p. 20) o nomeou. Ou seja, para o líder revolucionário, o tempo para consolidar um extenso projeto de emancipação da mulher foi possível somente em 1973, após a expulsão ou retirada de um grande número de militantes contrários a liderança de Samora M. Machel. O que importa salientar é que essa é a única justificativa para o fim da LIFEMO divulgada nos documentos oficiais da FRELIMO. Se os motivos para a sua extinção somam-se a outros, infelizmente, estes ficaram nas páginas ainda sem luz da história da Frente de Libertação de Moçambique.

Podemos ainda indicar a hipótese de que Celina Simango, juntamente com o seu marido Uria Simango, foram silenciados duplamente. Primeiro apagados da história da FRELIMO, e, com eles, parte da história da LIFEMO, tão cara à trajetória política de Celina Simango. E, depois de alguns anos, foram mortos pelo tribunal popular conduzido pela FRELIMO que desapareceu com os restos mortais do casal enterrando profundamente parte de sua própria história. Dessa maneira, outra hipótese possível é que a LIFEMO foi desorganizada, entre 1967 e 1968, sem um comunicado oficial dos motivos que levaram à diluição da Liga aos integrantes dos outros setores da FRELIMO. De maneira alguma, seus silenciamentos apagam os vestígios de sua trajetória e importância de seu trabalho político como continuaremos a nos aprofundar no subcapítulo seguinte.

### **3. 2. “Uma pessoa de dois mundos”: Janet Rae Mondlane, a diretora do Instituto Moçambicano**

Em contradição ao discurso da FRELIMO quanto a necessidade da emancipação feminina podemos afirmar que oficialmente não há ocorrências de mulheres na ocupação de altos cargos oficiais nos primeiros anos de criação da FRELIMO, por outro, podemos afirmar que esta evidência não apaga a presença das mulheres em diferentes posições de extrema importância estratégica. Janet Rae Johnson Mondlane foi uma mulher presente desde o início da formação da FRELIMO<sup>53</sup>, participou ativamente na construção do

---

<sup>53</sup> Em 1960, Janet e Eduardo Mondlane, na companhia de seus filhos, visitaram o território moçambicano. A visita serviu de alerta ao casal para o tamanho do problema humanitário que a população moçambicana enfrentava.

projeto político, no qual, seu marido Eduardo Mondlane ocupou o cargo de liderança até 1969. Janet Rae Johnson, nasceu em 1938, em Chicago nos Estados Unidos. Eduardo Mondlane, com o auxílio da Missão Suíça que integrou, passou quase 15 anos no exterior. Após conseguir o financiamento de uma bolsa de estudos na Oberlin College se mudou para os Estados Unidos, em 1951. É no país norte americano, durante um dos retiros de sua igreja, que conheceu a socióloga Janet R. Johnson (IVASKA, 2018). Considerando nosso objeto de estudo, é interessante a compreensão do papel central de Janet Mondlane para o Instituto Moçambicano como ideóloga e organizadora, para tanto, optou-se por traçar o seu perfil de Diretora através da documentação disponível, da literatura especializada e das diversas entrevistas realizadas com a socióloga.

Para compreendermos a relevância alcançada pelo trabalho de Janet Mondlane a frente do Instituto Moçambicano fundado em Dar-es-Salaam, em 1960, é preciso apresentar informações importantes. Ao nível historiográfico, o trabalho de Panzer (realizado entre 2009 e 2015) foi o primeiro capaz de permitir reflexões acerca do Instituto Moçambicano. O autor abordou temas como a criação de um “proto-estado”, o desenvolvimento da consciência nacional e da educação na legitimação da FRELIMO durante a guerra de libertação de Moçambique, assuntos que perceberemos a seguir como fundamentais para a compreensão dos trabalhos do Instituto.

Esse trabalho é apenas contestado pela leitura da biografia de Janet Mondlane escrita por Nadja Manghezi, publicado em 1999, e tem como título *O Meu Coração está nas Mãos de um Negro: Uma História da Vida de Janet Mondlane*. É nessa biografia que compreendemos a real dimensão dessa organização, seus objetivos e história. Aliado a essa biografia, outro trabalho de grande importância foi realizado por Catarina Costa, em 2019, e auxiliou na compreensão do trabalho de apoio humanitário e assistencial produzida pela FRELIMO através do Instituto Moçambicano. Segundo Catarina Costa (2019) os estudos sobre o Instituto Moçambicano:

Permitiu-me quase imediatamente entender e esquematizar a política assistencial da FRELIMO durante a luta de libertação de Moçambique, através do trabalho deste organismo que foi pensado como estratégia engenhosa para aceder a fundos internacionais de ajuda humanitária que estavam vedados a um movimento de caris militar e que, por isso, exigia intermediação de uma organização, cuja idealização, enquanto fundação independente com objetivos humanitários, se ficou a dever a Janet e Eduardo Mondlane . (COSTA, 2019, p. 20)



Aliado aos estudos citados é possível compreender o Instituto Moçambicano, fundado em Dar-es-Salaam, como um “braço social” fundamental para a resistência da FRELIMO durante a luta de libertação. Segundo Manghezi (1999), a criação do Instituto Moçambicano foi um sucesso graças ao trabalho de mulheres como Janet Mondlane e de sua administradora Betty King<sup>54</sup> que conseguiram criar o Instituto com o financiamento de um ano da Fundação Ford.

A LIFEMO foi o departamento escolhido para em cooperação mobilizar e organizar o apoio das mulheres de diversas organizações internacionais existentes no período para o movimento revolucionário moçambicano. Ficou a cargo do Destacamento Feminino o de forneceu assistência humanitárias nas regiões libertadas com o auxílio do dinheiro angariado principalmente pelo Instituto Moçambicano e pela LIFEMO nos encontros internacionais. Mulheres importantes do Destacamento Feminino, como Deolinda Guezimane, foram as responsáveis sobre a destinação e distribuição da assistência humanitária nas áreas libertadas. Papel fundamental do Destacamento, e, como veremos no próximo capítulo, principal promotor da importância de integração do trabalho das mulheres do DF. Nascia assim, uma ampla rede de apoio humanitário organizado pela administração do Instituto Moçambicano, cujo a contribuição para a luta anticolonial se consolidou ao responder as necessidades da população moçambicana refugiada (COSTA, 2019).

Para Catarina Costa (2019) o Instituto revelou-se uma das organizações mais importantes da Frente, já que o seu trabalho envolveu uma estratégia ampla e concentrada na angariação de fundos de ajuda humanitária a nível internacional. Acesso apenas possível pela condição do Instituto Moçambicano “a que a sua condição de independência formal relativamente à Frente permitia aceder, facultava a esta os apoios necessários para colocar em andamento um projeto que mimetizou um verdadeiro Estado Social” (COSTA, 2019,p. 20-21). Nessa Tese de doutoramento, compreenderemos os objetivos alcançado pelo Instituto Moçambicano no desenvolvimento do seu trabalho que admitiu as modificações necessárias para a continuação do seu trabalho, interrompido até a independência do país. Segundo Catarina Costa (2019):

Se, nos primeiros anos, o Instituto Moçambicano haveria de contar com as grandes fundações dos EUA para subsidiar a sua obra, tendo-se para isso instituído como fundação independente de ajuda humanitária

---

<sup>54</sup> Inicialmente, o trabalho de Janet Rae Mondlane foi acompanhado por sua assistente Betty King até 1967 quando é substituída por Polly Gaster.

formalmente alheia à FRELIMO, com o passar do tempo, e a gradual perda destes fundos, o Instituto vai redirecionar os seus pedidos para alguns países da Europa, em especial da Europa do Norte, que fazem chegar da sua ajuda por intermédio de organizações de carácter privado e público, bem como através das agências da ONU. Na sua função de angariador de fundos, o Instituto, passa a ser um embaixador político preferencial do movimento de libertação junto de países que não queriam, nem podiam, ver-se envolvidos com a FRELIMO devido às relações diplomáticas que mantinham com Portugal. (COSTA, 2019, p. 33)

O carácter adaptativo dessa organização deveu-se a administração de Janet Modlane que soube negociar com os mais diversos e potenciais fundos financeiros existentes no período, assim como, foi a principal responsável pela sobrevivência da população exilada ou em zonas libertadas pela FRELIMO. Vítimas que sofreram as consequências mais cruéis da luta de libertação. As necessidades humanitárias dos refugiados moçambicanos nas zonas libertadas deixou o Instituto Moçambicano responsável pelas mais variadas demandas sociais desde sua alimentação, educação básica, política, cultura, saúde, transporte, roupas civis e fardamento militar, material escolar e impressão dos órgãos de informação da Frente.

O fato é que as conexões e o financiamento norte-americanos, adquiridos através dos esforços do casal Mondlane, foram cruciais para as operações da FRELIMO nos acampamentos de treinamento na Tanzânia, e, principalmente, no desenvolvimento do Instituto de Moçambique que funcionou como uma escola e centro de formação para refugiados políticos (IVASKA, 2018). Como se sabe, as mesmas conexões americanas essenciais para a luta anticolonial levaram ao descontentamento de integrantes da FRELIMO particularmente aqueles que se sentiram excluídos do poder de tomada de decisão pelo que o viam como um “líder casado com uma branca americana dominado por moçambicanos do sul com maior nível educacional” (IVASKA, 2018).

Os conflitos internos desenvolvidos nesse período atingiram inclusive a historiografia, até os dias atuais, tornando a investigação sobre o Instituto Moçambicano uma tarefa árdua, segundo Catarina Costa (2019):

Pelas memórias da Diretora, vamo-nos apercebendo do real contributo histórico do Instituto Moçambicano para a evolução da luta de libertação de Moçambique. Porém, contrariamente a todas as expectativas, e apesar do grande esforço e muito trabalho realizado recentemente em Moçambique sobre a guerra de libertação, a informação sobre o Instituto Moçambicano que tem vindo a ser disponibilizada, quer pela historiografia, quer pelo número considerável de testemunhos disponíveis dos intervenientes, continua a

ser residual, parcelar e com imensas lacunas, sedo que muito do seu trabalho continua a ser reconhecido como exclusivo da FRELIMO, não existindo, na esmagadora maioria das vezes, qualquer referência ao Instituto. (COSTA, 2019. p. 31-32)

Sobretudo, as lacunas deixadas pelo Instituto Moçambicano nos revelam muito sobre as estratégias da FRELIMO em contornar os entraves impostos pelos doadores internacionais de ajuda humanitária, que de maneira geral, eram impossibilitados de cooperar com movimentos armados. Porém, possibilitou o apoio através da mediação de uma fundação oficialmente independente, o Instituto Moçambicano, mas que de fato sempre esteve vinculado a FRELIMO. Esse vínculo permitiu ao Instituto Moçambicano desenvolver um papel importante político e social interno que o galgou em uma posição de autoridade dentro do próprio movimento. Como se lê:

Tendo plena noção de que a libertação de Moçambique também se conquistava junto, e com o apoio, da comunidade internacional, foram dados passos decisivos para criar um jogo diplomático que favorecesse as ambições emancipadoras do país e que ultrapassasse na medida do possível a visão bipolar do mundo que então se verificava. As relações com os países amigos da causa moçambicana, por razões de alinhamento internacional, nem sempre se podiam dar ao mais alto nível, pelo que muito do apoio internacional estrangeiro chegava através de instituições várias, como as pertencentes à ONU, à Cruz Vermelha, escolas, associações e igrejas. (COSTA, 2019, p. 52-53)

A capacidade de construir redes de influência internacionais esteve a cargo de Janet Mondlane, cidadã estadunidense que aproveitou de sua experiência na docência universitária nos EUA acompanhada da experiência de seu marido Eduardo Mondlane como colaborador da ONU. Segundo afirma Catarina Costa (2019), com uma metodologia de base sociológica auxiliou a Frente a desenvolver um senso de justiça social.

O objetivo inicial era utilizar a verba para a construção de alojamentos para jovens estudantes escolarizados e que haviam se refugiado em Dar es Salaam. Entretanto, rapidamente o Instituto Moçambicano assumiu a tarefa de angariação de fundos internacional para financiamento de assistência social para os moçambicanos. O Instituto foi auxiliado durante o seu primeiro ano pela fundação humanitária americana, o Instituto Afro-americano. Foram os contatos do casal Mondlane nos EUA que garantiu a doação inicial pela fundação Ford, Rockefeller e Rowntree (IVASKA, 2018; COSTA, 2019). De fato, a construção de uma instituição voltada para a ajuda humanitária permitiu à FRELIMO manter a paz e a estabilidade política nas áreas que administrou tornando

visível para o mundo o seu compromisso de manter a paz ao libertar o território do jugo colonial. Essa foi a principal contribuição do Instituto Moçambicano, a construção de uma estrutura de captação de fundos ao integrar uma rede internacional de ajuda humanitária fundamental para o funcionamento da FRELIMO, até 1975, ano da independência do país e do encerramento das atividades do Instituto (COSTA, 2019).

Janet Rae Mondlane foi responsável por preparar anualmente um orçamento com interesse humanitário destinado a organizações religiosas e políticas, principalmente não governamentais, que auxiliaram a pôr em prática os diversos programas educativos, de saúde e de assistência social do Instituto. Como exemplo, em 1964, o plano de orçamento publicado pelo Instituto Moçambicano<sup>55</sup> informou a necessidade de alimentação de 25 estudantes durante 52 semanas que contavam com apenas 2 refeições por dia para o programa de ensino primário e que custavam a FRELIMO 4,000.00 dólares. Para a distribuição de roupas e medicamento para 70 estudantes o valor era de 3,800.00 dólares. Para a compra de materiais escolares e para a construção de uma biblioteca custaram ao Instituto Moçambicano 10,210.00 dólares. Ao final, a soma total em dinheiro de todas as necessidades relacionadas referentes ao ano 1964, como mostra o documento, era de 70,140.00 dólares.

Os valores publicados no orçamento anual do ano seguinte, em 1965, do Instituto Moçambicano foram vinculados a uma oferta do Governo Sueco que cedeu 10,400 libras e foi uma contribuição da Agência Sueca de Assistência Internacional do Governo da Suécia<sup>56</sup>. Na circular publicada pelo Instituto Moçambicano, afirmaram que os valores cedidos “é mais um exemplo da disponibilidade do povo sueco para pôr em prática a sua compreensão dos problemas das populações deslocadas” e que “muito se espera dos jovens moçambicanos de hoje, enquanto se preparam para uma vida activa e útil na sua pátria “(1965, p.1). Janet Mondlane em entrevista concedida Fundação Getúlio Vargas,

---

<sup>55</sup> O documento referente ao orçamento preparado para o ano fiscal de 1964 é um documento publicado pelo Instituto Moçambicano, Dar es Salaam, Tanganyika, em 1964. Sua versão digital é de propriedade da University of Southern California e compõe a coleção Emerging Nationalism in Portuguese Africa, 1959-1965. Sua versão original é de propriedade da Boeckmann Center for Iberian and Latin American Studies da Doheny Memorial Library, Estados Unidos: Los Angeles. Disponível em: <https://digitallibrary.usc.edu/>. Acessado em: 05/10/2022.

<sup>56</sup> O circular referente a doação do Governo Sueco ao Instituto Moçambicano é um documento publicado pelo Instituto Moçambicano, Dar es Salaam, Tanganyika, em 1965. Sua versão digital é de propriedade da University of Southern California e compõe a coleção Emerging Nationalism in Portuguese Africa, 1959-1965. Sua versão original é de propriedade da Boeckmann Center for Iberian and Latin American Studies da Doheny Memorial Library, Estados Unidos: Los Angeles. Disponível em: <https://digitallibrary.usc.edu/> Acessado em: 05/10/2022.

em 2010, aponta para o trabalho árduo do casal Mondlane na área da educação como um dos fatores que levaram a criação e ao sucesso do Instituto Mondlane. Como se lê:

Era muito difícil. O sistema de educação... Eduardo fez parte da Igreja Presbiteriana e foi através da Igreja Presbiteriana, dos suíços que conseguiu subir, mas a maior parte dos seus compatriotas ficaram atrás, não é? Por isso há muito tempo decidimos que uma parte do movimento de libertação, uma grande parte do movimento de libertação daria ênfase a educação. Por isso quando de fato a luta armada, ou melhor dizendo, a Frente de Libertação [de Moçambique - FRELIMO] foi estabelecida uma das primeiras coisas que entrou nas nossas cabeças foi estabelecer uma escola para os refugiados moçambicanos que estavam lá. Quer dizer, para facilitar a primeira classe, a escola primária, que eram quatro anos mais um, e depois transferir para outra escola perto de nós, [o Centro Internacional de Educação de Kurasini], apoiada pelos americanos para terminar a escola secundária, em inglês. Por isso a nossa tarefa era... completar a escola primária, ensinar inglês para entrar nessa outra escola. Foi assim que começamos. Construimos edifícios, que agora é o Instituto Internacional na Tanzânia. Era uma tarefa muito grande: selecionar estudantes – muitos entraram não é? –, selecionar outros para estudar fora, aqueles que de uma maneira ou outra, normalmente nos países vizinhos. Rodésia, Malawi, ou mesmo na Tanzânia, moçambicanos para estudar fora do país, ou seja, era para apoiar educação em geral. (MONDLANE. 2010, p. 5)

De fato, a preocupação de Eduardo Mondlane com a educação foi constante em seu trabalho, desde 1949, como fundador do Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM) ao lado de outros militantes importantes como Josina Abiatar Macheda, Filipe Samuel Magaia, Joaquim Chissano, Mariano Matsinha e Armando Guebuza. (COSTA, 2019, p. 43). O NESAM ganhou grande importância na história política de Moçambique ao inicialmente manter redes de conexões com ao Centro Associativo dos Negros de Moçambique fundamentais para a criação da FRELIMO. Para esconder suas pretensões, o NESAM foi responsável por encobrir suas atividades sob o pretexto de atividades culturais, porém em seu conteúdo era o grande difusor de pensamento independentistas e sobreviveu até os anos 60<sup>57</sup>. Sobretudo, a preocupação

---

<sup>57</sup> É importante ressaltar que a educação de jovens moçambicanos fez parte de uma rede de conexões em desenvolvimento no período. Em 1954, foi criado em Lisboa o Movimento Democrático das Colônias Portuguesas com núcleo em Paris. Em 1958, do Movimento Democrático surge o Movimento Anticolonialista (MAC) com dois núcleos, um em Lisboa outro em Paris. Agregando da elite cultural das colônias à jovens estudantes cujo objetivo era lutar contra o colonialismo interna e externamente. O MAC passou a ser reconhecido como Frente Revolucionária Africana para a Independência das Colônias Africanas (FRAIN) Foi do FRAIN que surgiu a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP) fundada em Casablanca, em abril de 1961 do qual Marcelino dos Santos foi membro fundador, primeiro secretário-geral, representante da UDENAMO e conquistou reconhecimento internacional em favor da luta anticolonial da FRELIMO. Em 1962, foi criada por estudantes no exílio em Paris a União Nacional dos Estudantes de Moçambique (UNEMO) que, ao entrar em contato com

estava em torno do desenvolvimento da manifestação política da população em torno das causas da FRELIMO. Foi pela experiência na área da educação que o casal contactou as fundações estadunidenses para angariar fundos para a construção da primeira escola secundária da FRELIMO, e posteriormente, para a criação de hospitais, orfanatos e demais obras sociais. Não apenas na educação de base, os planos de Janet Mondlane eram “formar pessoas capazes de compreender o povo com quem estava a lidar e equipar com os instrumentos para governar” (MONDLANE, 2010, p. 5). Em um trecho da entrevista de Janet Mondlane, a socióloga aponta que suas preocupações não se limitaram as tensões geradas pela Guerra Fria. Como se lê:

Eu vi que Eduardo era capaz de trabalhar com todos. Então, também trabalhei com todos. Associamos com todo mundo porque a FRELIMO ganhou suas armas, comida para o exército – todas essas coisas -, da Europa do Leste. A minha responsabilidade era de educação, serviços sociais nas zonas libertadas... esse tipo de coisa. Por isso eu... o Leste europeu estava envolvida nisso, então envolvi o Oeste, sobretudo os países nórdicos e depois, um pouco mais tarde, a Alemanha, grupos de apoio da França, grupos de apoio da Inglaterra, grandes grupos de apoio. E era necessário juntar isso tudo. Então, trabalhei com o Leste, Oeste e respeitei muito os sistemas do Leste, mandei a minha filha para a União Soviética, para estudar balet, mandei o meu filho para terminar o ensino secundário, e, finalmente, mandei a minha filha, pequenininha, para a escola da FRELIMO. Quer dizer, passei a ser uma pessoa dos dois mundos . (MONDLANE. 2010, p. 17)

Foi o sucesso do Instituto Moçambicano que elevou questões importantes como os programas de cuidados infantis e serviços de saúde. Esse fato está alinhado ao que Kathleen Sheldon (2017) afirmou ao escrever que a FRELIMO se concentrou nos interesses práticos das mulheres e mais urgentes com o apoio Instituto, porém ignorou amplamente as “questões estratégicas de igualdade de gênero” que se comprometeram em realizar ao construir seu projeto político e ideológico. Para Joanna Katto (2020) as mulheres da FRELIMO não obtiveram autonomia suficiente para conduzir as suas próprias análises de gênero, mas foram obrigadas a seguir a linha política estabelecida pela Frente. Apesar de traçarem as estratégias para a mobilização política das mulheres, a nível internacional com o trabalho da LIFEMO em coordenação com o trabalho de Janet Mondlane, no Instituto Moçambicano, as mulheres receberam poucos cargos de liderança na organização interna da FRELIMO. Motivo que possibilitou aos homens assumirem a

---

Marcelino dos Santos e Eduardo Mondlane, passaram a fazer parte do grupo de pressão para a unidades do movimentos de independência em Moçambique em torno da criação da FRELIMO.

responsabilidade pelo controle do discurso oficial sobre a posição das mulheres na nova sociedade em construção. Para Manghezi (1999), a diretora do Instituto Moçambicano impactou com sua postura independente que pouco combinava com a subalternidade feminina a qual alguns militantes da Frente estavam acostumados. Catarina Costa (2019) defendeu em sua escrita que a postura interna patriarcal, tradicional e hierárquica da FRELIMO, durante a luta anticolonial, foi contrária a postura de Janet Mondlane que fomentou um pensamento independente e contribuiu para mudanças sociais que se desenvolveram no período. Podemos concluir que apenas Janet Mondlane e seu cargo de diretora do Instituto Moçambicano quebrou a estrutura de gênero aparentemente fixas da FRELIMO e portanto sofreu com a resistência daqueles que não achavam adequado uma mulher branca estadunidense ocupando um cargo de grande importância. Por outro lado, é interessante perceber que o conceito de raça foi utilizado para barrar as mudanças em relação a desigualdade de gênero. Nesse caso, Janet Mondlane foi inúmeras vezes alvo de suspeitas e acusações entre os membros da Frente, por ser uma mulher branca e estadunidense, o que ocasionou o afastamento de uma das mulheres mais importantes da história da FRELIMO, após o fim da LIFEMO, do projeto político de emancipação da mulher que foi levado a cabo por Samora M. Machel. Entretanto, ser uma mulher estadunidense não impediu que Angela Davis conquistasse o reconhecimento e o respeito dos movimentos anticoloniais como observamos na foto da figura 3.

De fato, a crise que se iniciou em 1966 na FRELIMO ofereceu outro rumo para os trabalhos do Instituto Moçambicano. Longe de resolver os diversos conflitos internos, o II Congresso da FRELIMO, de 1966, consolidou decisões importantes para a reestruturação da Frente. Como exemplo, a reestruturação do Departamento de Defesa, dando origem a um comando político e militar centralizado sob a liderança do presidente da Frente. A modificação organizou os guerrilheiros em uma estrutura de exército regular. Foram criadas a secção da agricultura, do comércio e da indústria respondendo a necessidades das zonas libertadas e preparando a organização para uma futura opção cooperativista (COSTA, 2019). E por fim, para o Instituto Moçambicano concentrou as estratégias políticas sobre a condição social e educacional das mulheres. Para Catarina Costa (2019) surgiu, assim, oficialmente, o Destacamento Feminino que agrupou mulheres já engajadas na luta, como combatentes, mas também, as milícias populares procurando aumentar o número de mulheres comprometidas com a FRELIMO

O reconhecimento do papel fundamental do Instituto Moçambicano é registrada no trabalho político de sua Presidente, Janet Mondlane, durante a reunião do

Comité Central realizado em 24 de agosto de 1968 que mantinha o objetivo de planejar as resoluções obtidas do II Congresso. A própria FRELIMO enfrentou dificuldades ao tentar definir os trabalhos do Instituto, como afirma Catarina Costa (2019):

O Comite Central começa por distinguir a obra do Instituto Moçambicano nas suas diversas valências, reconhecendo que o trabalho na escola de Dar es Salaam ofuscava a sua identidade enquanto “centro de angariação d fundos, cujo proposito [era] financiar e assistir, através dos seus serviços técnicos, os programas do DEC, saúde, assuntos sociais e LIFEMO [Liga feminina de Moçambique], em conformidade com as informações fornecidas pelos departamentos de Educação e cultura, saúde, assuntos sociais e lifemo” da FRELIMO. Reconhecendo que a confusão poderia advir “do facto de se ter usado durante longo tempo o mesmo nome “instituto moçambicano” para ambas as instituições e elas terem funcionado nas mesmas premissas”. (COSTA, 2019, p.69)

A partir de 1968, Janet Mondlane concentrou o Instituto Moçambicano em sua vertente humanitária e assistencial que havia conquistado o reconhecimento da FRELIMO durante o II Congresso. A Frente reconheceu a competência na formação e organização humanitária, enquanto rede de contato e captação de recursos internacionais dos países doadores para causas humanitárias, apoiou e ajudou a gerir estrategicamente todo o trabalho social das zonas libertadas da FRELIMO. Para compreendermos a sua relevância é preciso considerar o nível de independência do Instituto Moçambicano em relação a FRELIMO. Nas palavras de Janet Mondlane:

Uma coisa muito interessante sobre o Instituto Moçambicano é que legalmente ele estava separado da FRELIMO. Nós tínhamos o nosso Conselho de Direcção, que eram altas personalidades da sociedade tanzaniana, isso ajudou muito porque governos que não podiam ajudar um movimento de libertação, podiam ajudar o Instituto Moçambicano, e foi ai que começamos o nosso relacionamento com os países nórdicos e depois com a Holanda. Era um grande movimento de apoio à luta armada nos países nórdicos, depois na Europa e finalmente até atingir os Estados Unidos. (MONDLANE, 2011, p. 4).

O fato é que uma mulher branca estadunidense ocupou um cargo de organização e angariação de fundos internacionais para a FRELIMO e tornou o Instituto Moçambicano um pioneiro no trabalho humanitário de grande proporção. No entanto, apesar da sua grande independência, o Instituto Moçambicano sofreu as consequências geradas das tensões e conflitos internos que abateram a FRELIMO de 1966 à 1969. Para Janet Mondlane a grave crise enfrentada pela FRELIMO, e por consequência pelo próprio Instituto Moçambicano, foi ocasionada para sua desestabilização. Em suas palavras:



Andávamos muito bem, até quando apareceram no nosso seio dois homens; o Padre Mateus Gwendjere e um outro padre belga (Poulé). Estes tinham a missão de criar distúrbios e destruir o trabalho social da FRELIMO. Eles mobilizaram os estudantes do Instituto. O Instituto tinha um formato de "U", e este Padre Gwendjere ficou no meio do campo a gritar sobre "injustiças", que nós não estávamos a ensinar em inglês, que todos tinham que saber inglês, que estávamos a tentar bloquear a educação deles...oh! Muita coisa. E os jovens, sendo jovens, e apoiados pelo Senhor Pastor Uria Simango... muito posso dizer sobre isso, mas vai levar um dia inteiro, e não vou falar. Mas realmente criou graves problemas. Numa noite, a polícia foi para lá instigada pelo Simango para criar ainda mais distúrbios. Em todo o caso, decidimos retirar todos os estudantes e coloca-los em Bagamoyo...conseguimos construir uma outra escola em Bagamoyo. (MONDLANE, 2011, p. 4).

O padre Timóteo Mateus Gwendjere foi percebido como o principal responsável pelas conspirações que impulsionaram distúrbios internos na FRELIMO e pela cisão sofrida pelo Instituto Moçambicano pelos seus alunos. Referente ao trecho de Janet Mondlane, o padre e professor de português, foi considerado culpado pela Frente por uma onda de informações quanto a urgência da guerra anticolonial, assim como, pela informação que a FRELIMO tornaria obrigatório a participação na luta armada pelos estudantes do Instituto. Durante o conflito interno, muitos alunos do Instituto fugiram para outras escolas internacionais o que contribuiu para o clima de confronto que se estabeleceu. Sobretudo, as desconfianças que surgiram com as ações de Padre Mateus Gwendjere fomentaram a ameaça de duplicidade, espionagens e ações de desestabilização internas na FRELIMO, principalmente destinado aos professores voluntários e estrangeiros do Instituto, alastrando o sentimento de vigilância interna (COSTA, 2019).

Esse momento foi acompanhado pelo processo de radicalização política da FRELIMO e gerou graves tensões internas. Segundo Luís de Brito (2019) a FRELIMO sempre manteve uma cisão entre dois grupos distintos em sua formação. Um deles, os Macondes do norte que constituíam grande parte dos guerrilheiros da FRELIMO, o outro, os “assimilados” dos centros urbanos do sul que formaram a maioria dos quadros dirigentes do movimento. Ambos os grupos se concentravam no anticolonialismo, os Macondes mais interessados em destruir a ordem colonial, os “assimilados” do sul se esforçavam em constituir um movimento nacionalista agregando sentido ao projeto político para a construção de um Estado-nação moderno. De fato, para Luís de Brito (2019) essa cisão levou a conflitos internos que legitimaram o trabalho intelectual do sul em detrimento do trabalho dos guerrilheiros Macondes. Essa percepção política é

essencial para compreendermos o processo de radicalização política após 1968 e que levou a FRELIMO a construção de uma hegemonia interna vinculada aos dirigentes do sul.

O momento político de cariz racial contra pessoas brancas do país vizinho foi outro fator que contribuiu para desordem interna da FRELIMO. O momento político de consolidação de uma identidade nacional na Tanzânia ocasionou, em 1968, uma onda de instabilidade que colocou em causa tudo o que era considerado de origem estrangeira. Foi pelo apoio e independência reservada às instalações da FRELIMO, os motivos centrais que levaram a organização não sofrer com as consequências da política do país que os acolhia e evitou a interrupção dos trabalhos do Instituto Moçambicano com a administração de Janet Mondlane que continuou residindo na Tanzânia em meio ao conflito.

O fato é que a expulsão em massa de brancos do território tanzaniano agravou as tensões internas e levou os militantes a refugiarem-se nas representações diplomáticas da FRELIMO na Argélia, Marrocos ou no Egito e seu regresso só foi considerado seguro em 1970 (COSTA, 2019). Segundo Bradley (2010) as intervenções americanas, chinesas e soviéticas em países como o Vietnã, Angola, Moçambique, Etiópia, América central e Afeganistão tomaram a forma cada vez mais intrusiva e militarizada. Atos violentos marcaram a morte de líderes políticos, como foi o caso de Eduardo Mondlane ao receber uma carta-bomba anônima em 1969. A autoria do atentado levantou suspeitas dentro da própria FRELIMO, o que ocasionou a preocupação quanto ao distanciamento de Janet Mondlane da elite da Frente moçambicana e fomentou pedidos públicos da própria Organização para que a diretora não se afastasse (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1969, p. 4). A morte de Eduardo Mondlane evidência outro afastamento, o da ala mais moderada da FRELIMO. Para Janet Mondlane, esse período foi fundamental para modificar suas ideias quanto a libertação e do que era necessário fazer para libertar Moçambique, em suas palavras:

Há muita diferença. Naquela altura era um período que posso descrever de romântico. Não sei se a palavra romântico é a mais apropriada, mas éramos um grupo de pessoas com ideais comuns, que tinham uma causa. Ter uma causa é muito importante, éramos pouca gente e por isso estávamos muito juntos. Não é possível aplicar hoje a maneira de ser que tínhamos lá; se continuássemos lá naquele período, diríamos que não nos desenvolvemos. É possível desenvolver-se e a FRELIMO desenvolveu. Posso não concordar com todas as coisas, mas digo que em geral está a tentar movimentar-se para aqueles seus ideais. É por

essa razão que naquela altura ouvia dizer que a FRELIMO nasceu em mim, e não posso sair. Tenho muito respeito pelos outros partidos, e muitas coisas que eles dizem, também tem que ser analisar e decidir se o que eles dizem corresponde à verdade ou não. Mas temos de ouvir as ideias da oposição para melhorar as nossas próprias ideias. E penso que é isso que estamos a fazer. Tenho muito orgulho do que conseguimos fazer desde a independência... em pouco tempo. (MONDLANE, 2011, p. 4-5).

Os conflitos internos abalaram profundamente as estruturas da FRELIMO como consequência o Instituto Moçambicano sofreu um série de modificações que resultou no fechamento da escola secundária. Outra escola foi aberta em Bagamoyo de característica paramilitar (COSTA,2019). É evidente que o paramilitarismo, como ocorreu na criação da nova escola da FRELIMO, nesse período, é decorrência da Revolução Cultural chinesa que reverberou, como princípio, na radicalização de diversos movimentos políticos pelo mundo – inclusive os movimentos sociais em maio de 1968, em Paris.

Portanto, o aumento da necessidade de assistência médica foi acompanhado pela intensificação do paramilitarismo da época e pelo novo plano político e estratégico das Forças Armadas portuguesas, adotado em 1970, e que ficou conhecido principalmente por duas grandes ofensivas no território moçambicano: a Operação Nó Górdio e a Operação Fronteira. Tornando o papel de captação de recursos internacionais cada vez mais central e ampliando a distribuição dos recursos na área da saúde.

Para tanto, Janet Mondlane procurou mulheres da resistência da Frente para compor o seu trabalho correspondendo com Priscilla Gumane reconhecida criadora de um dos Destacamentos Femininos nascido na Tanzânia e cofundadora da LIFEMO. Outra importante militante, Josina Muthemba já havia ingressado na FRELIMO e trabalhou ao lado de Janet Mondlane e seu trabalho humanitário no Instituto Moçambicano é reconhecido até os dias atuais. Como foi também o caso de Deolinda Guezimane militante da FRELIMO e integrante do Destacamento Feminino. Era evidente o contato entre as mulheres da FRELIMO e o interesse em torno das discussões sobre os direitos femininos como foi o caso de Priscilla Gumane, a qual nos aprofundaremos a seguir.

### **3. 3. “Guerreamos contra os males sociais que os colonialistas nos impõem”: Priscilla Gumane, a vice-presidente da LIFEMO.**

Neste subcapítulo focaremos no ano de criação da FRELIMO e da LIFEMO período em que Priscilla Gumane esteve ativa entre as fileiras da FRELIMO e foi responsável pela criação de um núcleo Destacamento feminino na Tanzânia. Sem dúvida, Priscilla Gumane é um dos nomes menos citados nas referências sobre a LIFEMO. O fato pode ser melhor compreendido se começarmos a sua história pelo seu fim.

Seu marido Paulo Gumane esteve entre os acusados de traição pela FRELIMO, juntamente com Uria Simango, mantido em reclusão, até 1975, onde os prisioneiros foram apresentados ao público com longas confissões sobre os seus supostos crimes. Após enviados a campos de reeducação da FRELIMO, os prisioneiros sumiram entre 1977 a 1981. Paulo Gumane era presidente do Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO) que reuniu um grupo de dissidentes da FRELIMO, em 1965, entre eles sua esposa Priscila Gumane. Assim como foi o caso de Celina Simango, Priscilla Gumane foi apagada da história oficial de Moçambique por ser considerada uma “traidora da revolução”.

Antes dessa consideração final, contudo, Priscilla Gumane e seu marido Paulo Gumane, foram membros da UDENAMO e fundadores da colisão que gerou a FRELIMO. Participantes do I Congresso da FRELIMO que promoveu Paulo Gumane como seu vice-secretário geral. Paulo Gumane nasceu em Cumbana ao sul de Inhambane, localizada na região sul de Moçambique, casou-se com Priscilla Gumane que nasceu em 1922 em uma família cristã, de origem sul-africana e etnia zulu que mantinham ligações com as Missões Católicas (LIESEGANG, 2005; TEMBE, 2005). Priscilla Gumane esteve entre o grupo de Paulo Gumane e David Mabunda que romperam definitivamente suas ligações com a FRELIMO, esses antigos quadros e membros da organização formaram a COREMO ou saíram da política como foi o caso de Mabunda.

Priscilla Gumane mostrou experiência em seu trabalho ao estabelecer uma ampla rede de conexões internacionais nos eventos que participava. Como exemplo, em 3 de dezembro de 1963, uma delegação feminina da FRELIMO esteve no Cairo, capital egípcia, como mostra o relatório da agencia estadunidense de informações estrangeiras Foreign Broascast Informatio Service (FBIS)<sup>58</sup>. O registro aponta para um trecho do discurso de Priscila Gumane que ocupava o cargo de secretária dos assuntos da mulher na União Democrática Nacional de Moçambique, no evento afirmou: “Women must not

---

<sup>58</sup> Documentação referente a Daily Report, Foreign Radio Broadcasts, Edições 240-241 Por United States Central Intelligence Agency.

look upon their menfolk for liberation; they also must take up arms to fight and die together rather than be slaves Forever” (GUMANE, 1963, p. 110)<sup>59</sup>. A declaração de Priscilla Gumane salienta a necessidade de um pelotão feminino armado, evidenciando uma reivindicação anos antes da criação do Destacamento Feminino moçambicano. De fato, há residuais evidências de que Priscilla Gumane foi autora da criação do primeiro grupo do Destacamento Feminino a integrar o exército popular da FRELIMO em território tanzaniano<sup>60</sup>.

A FBIS foi responsável por registrar em poucas palavras o conteúdo de um artigo escrito por Priscilla Gumane na última publicação de 1963 da African Association Review onde denunciou o domínio colonial português como mais terrível no continente africano por que forçou milhares de homens a abandonarem suas casas, deixando sem amparo milhares de mulheres e crianças. Afirmou ainda, que a repressão colonial aos nacionalistas moçambicanos era cruel e implacável. Em suas palavras, "Africans know no peace and racial harmony in any Portuguese colony; hence they are opposed to Salazar's fascist rule"(GUMANE, 1963, p. 110)<sup>61</sup>. Sua fala evidencia o aspecto do racismo como um fator central, no mesmo período em que a FRELIMO afirmou que a luta de libertação não tinha origem racial, mas contra aqueles que defendiam a colonização em Moçambique.

Outro momento importante para compreender o seu ativismo político está no conteúdo de uma carta encaminhada no dia 2 de outubro de 1972 escrita Priscilla Gumane, na altura, integrante do Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO). A declaração foi apresentada em nome do Conselho Moçambicano de Mulheres da COREMO à Assembleia Geral das Nações Unidas<sup>62</sup>. Como se lê:

(...)the Mozambican Women's Council has decided to take cudgels and fight these social evils of illiteracy, diseases, and ignorance not only among our young women and girls but boys as well. While our men are waging war against the Portuguese we are waging war against the social evils forced on us by the colonialists. In COREMO controlled areas, we have started a modest scheme of teaching the village children to read

---

<sup>59</sup> Tradução própria: “As mulheres não devem olhar para os seus homens em busca de libertação; elas também devem pegar em armas para lutar e morrer juntos ao invés de serem escravas para sempre”.

<sup>60</sup> Documento pertencente aos arquivos da Torre do Tombo, em Portugal, PT/TT/SCCIM/A/14/201 - Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Moçambique, n. 964.

<sup>61</sup> Tradução própria: “Os africanos não conhecem paz e harmonia racial em nenhuma colônia portuguesa, por isso se opõem ao regime fascista de Salazar”.

<sup>62</sup> O documento referente a declaração de Priscilla Gumane está disponível no acervo online em: <https://www.jstor.org/>. Acessado em: 20/05/2022.

and write. Though faced with many problems in our revolution, we feel that in the end, we women of Mozambique with the help of humanitarian organizations in the world, will overcome all the shortcomings we have had in the past. (GUMANE, 1972, p. 1)<sup>63</sup>

A importância do trabalho humanitário para as mulheres locais é um fator de grande importância e percebido pela Priscilla Gumane. Sua afirmação torna evidente o trabalho fundamental do Instituto Moçambicano. Trabalho no qual, Priscilla Gumane compreendeu que poderia ser reproduzido na COREMO. Ou seja, o projeto original da FRELIMO foi, de alguma modo, transferido para a COREMO, após o processo de radicalização de sua política desenvolvida depois dos anos de 1967-1968. Neste ponto, ainda, podemos considerar que ela era uma das estrategistas da LIFEMO para captação de recursos internacionais por que compreendia a dimensão do problema humanitário que os residentes em território moçambicano enfrentaram. Esse foi uma pauta elencada por Priscilla Gumane a declaração dirigida à ONU, em 1972:

We no longer want others to run our affairs, while we sit back and trust that all will be right in the end. We have had bitter experiences with the colonialists, being ordered about and being told what is good or bad for us. We know what we have lost in the developing modern world, and we know what we want for our children. With one voice, we want freedom for our country. We have long been deprived of these necessities. We prefer self-government with danger to servitude in tranquility. We appeal to this august body, the United Nations, to implement their resolutions. When nations gather and draft resolutions, these should not be empty words of mockery. We thank you very much distinguished delegates. (GUMANE, 1972, p. 1)<sup>64</sup>

Fica evidente, na declaração de Priscilla Gumane na ONU, o respeito e o alcance que havia conquistado como ativista e defensora da libertação de Moçambique.

---

<sup>63</sup> Tradução própria: “O Conselho da Mulher Moçambicana decidiu pegar porretes e combater esses males sociais do analfabetismo, doenças e ignorância não apenas entre nossas mulheres e meninas, mas também entre os meninos. Enquanto os nossos homens guerreiam contra os portugueses, guerreamos contra os males sociais que os colonialistas nos impõem. Nas áreas controladas pelo COREMO, iniciamos um esquema modesto de ensinar as crianças da aldeia a ler e escrever. Embora enfrentando muitos problemas em nossa revolução, sentimos que no final, nós mulheres de Moçambique com a ajuda de organizações humanitárias do mundo, vamos superar todas as deficiências que tivemos no passado.”

<sup>64</sup> Tradução própria: “Não queremos mais que outros administrem nossos assuntos, enquanto nos sentamos e confiamos que tudo ficará bem no final. Tivemos experiências amargas com os colonialistas, recebendo ordens e sendo informados do que é bom ou ruim para nós. Sabemos o que perdemos no mundo moderno em desenvolvimento e sabemos o que queremos para nossos filhos. A uma só voz, queremos liberdade para o nosso país. Há muito que fomos privados dessas necessidades. Preferimos o autogoverno sem perigo à servidão em tranquilidade. Apelamos a este órgão, as Nações Unidas, para que implemente as suas resoluções. Quando as nações se reúnem e elaboram resoluções, estas não devem ser palavras vazias de zombaria. Agradecemos muito ilustres delegados.”

Entretanto, como percebemos na foto da figura 3 apresentada anteriormente, um ano depois da declaração de Priscilla Gumane à ONU , em 1973, quem ganhou fama e reconhecimento entre os movimentos anticoloniais africanos foi a ativista Angela Davis, e não a ativista Priscilla Gumane.

Priscilla Gumane, com seu discurso, pressionou as Nações Unidas para a implementação de resoluções no sentido de libertar seu país do jugo colonial. Ao longo dos anos, Priscilla Gumane mostrou sua obstinação em defender a libertação total do território. A despeito dos processos de apagamento e silenciamento, mulheres como Priscilla Gumane demarcaram o destino de sua sociedade e suas trajetórias ficaram latentes na forma de resistência aos diferentes sistemas de opressão patriarcal<sup>65</sup>.

### **3. 4. A prisão de Celina Simango, o desaparecimento de Priscilla Gumane e o afastamento Janet Mondlane: o fim da LIFEMO**

Não é difícil identificar, quando pesquisamos o período da Guerra Fria, as inúmeras organizações do sul global que tentaram atingir seus objetivos ao formar alianças simultâneas, por vezes temporárias, entre os países que formam o Ocidente e o Oriente. A FRELIMO não foi uma organização diferente. A partir dos estudos desse capítulo, foi possível perceber a ampla rede internacional e transnacional mobilizada pela Frente através do trabalho político das primeiras mulheres que integraram a FRELIMO. A organização foi capaz de manipular, participar e se afirmar frente a grandes potências mundiais como a URSS, EUA, China e cooperar com a plataforma internacional de mulheres do continente africano ainda nos primeiros anos de sua fundação com o trabalho da LIFEMO.

Esse fato é uma demonstração explícita da capacidade de influência das lideranças do sul global e contradiz aqueles que perceberam o período da Guerra Fria como um

---

<sup>65</sup> O avanço dos estudos dedicados a agência feminina revelam documentações ainda pouco pesquisadas, mas que permitem reconhecer as mulheres como sujeitos históricos importantes para a compreensão das relações sociais e nas lutas que travaram em suas sociedades. Como exemplo, novas interpretações trazem luz aos escritos das mulheres russas que esclarecem a participação política feminina desde o século XIX com a fundação, em 1872, de cursos superiores para as mulheres. Ou como foi o caso, em 1908, da realização do “Congresso de Mulheres de toda a Rússia” que trouxe pautas progressistas aos debates da época e ainda fomentam reflexões nos dias atuais. Para saber mais consultar em: GOLDMAN, Wendy. Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo : Iskra Edições, 2014.

conflito de divisão geopolítica que manteve como plano de fundo a exploração e submissão daqueles que tentavam galgar seu espaço para além da limitada compreensão de mundo que foi consolidada no período.

As mulheres são um exemplo das novas oportunidades que foram criadas a partir da solidariedade internacional que agregou sentido ao sentimento de comunidade e de ajuda mútua que eram desenvolvidas nos encontros e congressos internacionais femininos para além de suas diferenças. Um objetivo que foi formulado pela FRELIMO desde seu princípio como estratégia central; estimular e desenvolver a mulher emancipada e seus grupos de trabalho.

As imagens que utilizamos nesta parte da pesquisa ilustram muito bem a propaganda política internacional do período referente às mulheres do bloco socialista. Se nos EUA o desenvolvimento do movimento feminino atravessou os movimentos por direitos civis dos afro americanos, e, portanto, observando as mulheres e suas diferenças. Por outro lado, os movimentos das mulheres socialistas mantinham características singulares que influía na criação de uma grande comunidade de mulheres em busca de reconhecimento, valorização e emancipação através da modificação da própria sociedade.

Após a captação de recursos financeiros internacionais, além da importante tarefa de administração, outras mulheres se envolveram no projeto de ajuda humanitária da FRELIMO através da ação direta dentro das áreas libertadas ou sob o controle da Frente na Tanzânia. As mulheres militarizadas da FRELIMO realizaram o trabalho fundamental de assistência às comunidades locais, transportando armamento e alimento, organizando e recrutando novos membros, promovendo as ideias da Frente e auxiliando outros combatentes nas frentes de batalhas. O sucesso do trabalho das mulheres do DF sucedeu o trabalho das mulheres da LIFEMO exatamente no momento em que Celina Simango e Priscilla Gumane eram afastadas da Organização.

Entretanto, é importante salientar que a partir de 1968, a comunidade internacional mostrou-se cada vez mais sensível às questões dos direitos civis e reivindicações anticoloniais. Órgãos internacionais alarmados pelas denúncias de massacres realizados pelas forças coloniais em todo o território africano pressionaram os governos dos Estados a deixarem de apoiar as políticas colonialistas de Portugal, e em sua substituição, ofereceram apoio humanitário à FRELIMO, o que tornou o trabalho de Janet Mondlane à frente do Instituto Moçambicano inalterado até a independência do país.



Foi nesse período que podemos perceber o início da modificação da visão global sobre as mulheres africanas que passaram a promover o papel e a figura da mulher africana militante, moderna e militarizada que abarcamos no início desse capítulo. O desenvolvimento do projeto por emancipação feminino da FRELIMO se intensificou e acelerou na década de 1970, ao mesmo passo, que condenou o importante trabalho iniciado pelas mulheres da LIFEMO, as precursoras do movimento de mulheres em Moçambique, ao esquecimento. Contradições que serão apontadas nesta Tese, acompanharam as alterações nas cargas ideológicas da FRELIMO e assinalaram as diferenças entre a organização da LIFEMO e a organização do DF.

Para destacar que as ideologias impregnadas nos movimentos femininos desse período diferem, é necessário apontar que as ideologias também são utilizadas como instrumentos políticos poderosos. Nos mais diferentes grupos políticos as ideologias desempenharam um papel de estabilização ou desestabilização da ordem vigente. Os períodos de modificação são aqueles em que as ideologias dominantes encontram-se desgastadas ou incapazes de cimentar grupos políticos coesos. Dessa forma, novos conteúdos ideológicos assumem a posição dos antigos e prenunciam alterações, grandes ou pequenas, do esquema de forças daqueles que ocupam o poder.

Esse foi o caso da Frente de Libertação de Moçambique, determinado pela morte de seu primeiro líder político Eduardo Mondlane, em 1969. Uma forte crise abrangeu a FRELIMO e grupos que se mantinham unidos em torno das figuras de liderança de Eduardo Mondlane e Uria Simango foram atingidos por um período de forte disputa interna. Se a morte de Mondlane determinou o afastamento de Janet Mondlane de suas atividades junto ao Comitê Central, condenou sua presença aos limites do escritório da FRELIMO na Tanzânia e decretou o fechamento da escola secundária limitando o seu trabalho na administração e captação de recursos financeiros através do Instituto Moçambicano até 1975. Foi a mesma motivação que pressionou a desarticulação da LIFEMO no sentido de tornar o DF o único representante do movimento de mulheres da FRELIMO.

A perseguição a Uria Simango determinou a prisão de Celina Simango. Em agosto de 1971, a família Simango estava refugiada no Cairo como exilados políticos e foi do território egípcio que Uria Simango concebeu o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO) até a data da Revolução dos Cravos quando aderiu ao Partido de Coligação Nacional (PCN) que reivindicou eleições livres em Moçambique após a independência. O afastamento de Uria Simango da FRELIMO resultou na adoção da resolução que

determinou Samora Machel presidente da FRELIMO e seu vice Marcelino dos Santos durante a IV sessão do Comité Central, em maio de 1970.

Em outubro de 1974, a FRELIMO inicia um período de perseguição política a membros da COREMO, no Malawi, período no qual Uria Simango e Paulo Gumane foram presos e entregues a FRELIMO. Celina Simango foi presa no mesmo período e encaminhada junto ao marido ao Centro de reeducação de Nachingweia. Atualmente, o governo moçambicano afirma não saber os seus destinos (informação retirada do Relatório da Comissão de Verdade e Reconciliação da África do Sul, Volume 2 , 1998, p.371). O processo de “renovação das fileiras” determinada pelo vencedor das disputas que se estabeleceram, o segundo líder da Frente Samora M. Machel, trouxe à tona novos conteúdos ideológicos para a FRELIMO. Algumas dessas novas noções internas atingiram o movimento de mulher e pretendemos explorá-las no próximo capítulo desta tese de doutoramento.

Diferente de Celina Simango, a fuga empreendida por Priscilla Gumane se concretiza em um período em que esteve desaparecida dos registros e fontes produzidas no período. Após a prisão do marido, Priscilla Gumane enfrentou um período marcado por fugas e esconderijos. Seu reaparecimento só é possível no momento que Priscilla Gumane adere a movimentos de oposição à FRELIMO anos depois.

Portanto, é preciso estabelecer que ideologias são instrumentos de sustentação de grupos que ocupam o poder. Elas possibilitam o estabelecimento do que podemos identificar de “hegemonia”, ou seja, um controle social em grande parte fundado na legitimidade de líderes perante seu grupo político. Esse foi o caso de Samora Moisés Machel, que ao estabelecer a prisão dos seus opositores determinou uma nova fase da FRELIMO onde as noções de exploração do trabalho, luta de classes e busca pelo controle comportamental constituiu, em certa medida, a ideologia socialista da Organização. Por outro lado sua estreita relação com o cenário político da Tanzânia e a possibilidade de arrecadação de dinheiro chinês proporcionou a FRELIMO um processo de aproximação a ideologia maoísta.

A crise que atingiu a Frente, em 1968, foi explicada por diversos especialistas e pesquisadores de maneiras argumentativas diversas. Além de mapear conflitos internos, esse estudo evidenciou que a crise foi acompanhada por manifestações políticas que transformaram a organização e o projeto inicial de emancipação das mulheres da FRELIMO. O renovado nome de mulheres que pesquisaremos nas páginas que seguem esta Tese reflete a modificação radical desse período.

Por fim, importa ainda mencionar que a perseguição de Celina Simango, o afastamento de Janet Mondlane e o desaparecimento de Priscilla Gumane são os motivos que levaram ao encerramento dos trabalhos da Liga Feminina de Moçambique e ao fim da primeira fase dos movimentos femininos da FRELIMO. Porém, esse não foi o seu fim. Como veremos no próximo capítulo, a continuidade da participação das mulheres da FRELIMO em eventos internacionais é uma herança que o Destacamento Feminino herdou da LIFEMO. Com uma nova configuração e com novas mulheres escolhidas para a liderança avançaremos na história das organizações femininas da FRELIMO.

## **PARTE II. “O MOMENTO É FAVORÁVEL PARA NAVEGARMOS”: O DESTACAMENTO FEMININO DA FRELIMO (1967 – 1973)**

Após explorarmos os anos de atuação do primeiro movimento feminino da FRELIMO na construção das redes de contatos entre as mulheres de todo mundo passaremos a explorar o período, entre 1967 até 1973, marcado pela presença do Destacamento Feminino da FRELIMO. Nesse capítulo, dedicado à trajetória das mulheres combatentes Josina Machel, Deolinda Guezimane e Marina Pachinuapa. Como percebemos no capítulo anterior, desde de 1963 a Conferência Internacional de Mulheres organizada em Moscou contou com a presença da LIFEMO e revelou ao mundo a amplitude das organizações femininas do bloco comunista em que estavam inseridas. A continuidade do trabalho internacional das mulheres pelo Destacamento Feminino aponta para pontuais diferenças no desenvolvimento do projeto emancipatório e nos guia ao caminho de sua consolidação durante o Primeiro Congresso da Mulher Moçambicana, evento que marca a criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), em 1973.

#### Capítulo 4. “Sopra, pois, o vento da revolução”: O novo equilíbrio mundial de 1970

O fim da década de 1960 marca uma virada na história da Guerra Fria com ascensão de novos atores políticos, novos países com armas nucleares e um terceiro mundo em uma crescente de países independentes. A expansão econômica global havia alcançado seu ápice e os envios de materiais, instrutores e dinheiro para os países do terceiro mundo revoltaram populações civis gerando protestos generalizados. Setores abalados por uma forte crise promovida pela inflação que atingiu tanto oriente como ocidente contribuiu para a erosão da qualidade de vida da população global (FINK, 2018, p. 132).

O discurso “Sobre o culto à personalidade e suas consequências” (1956) proferido por Nikita Khrushchev<sup>66</sup> e sua queda, em 1964, deixaram um legado evidente de desestalinização<sup>67</sup> na União Soviética que forçou seu sucessor Leonid Brejnev<sup>68</sup> a iniciar reformas econômicas na tentativa de recuperar o controle central da indústria soviética. Problemas semelhantes eram enfrentados pelos Estados Unidos na virada da década, seu alcance econômico havia diminuído e países como Japão ou grandes empresas estrangeiras como a alemã Volkswagen ameaçaram os lucros da indústria norte-americana.

O fim da década de 1960 revelou ao mundo as implicações da Guerra Fria nas três maiores crises da época, a guerra dos Estados Unidos no Vietnã<sup>69</sup> (1955-1975), a guerra

---

<sup>66</sup> Nikita Khrushchev (1894-1972) foi o Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, de 1953 a 1964, e Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética, de 1958 a 1964.

<sup>67</sup> A desestalinização refere-se ao processo de eliminação do culto da personalidade e do regime ditatorial criado pelo líder soviético Josef Stalin. O processo foi iniciado ainda em 1953, após a morte de Stalin, mas não era oficial até 1956 quando Nikita Khrushchev, na altura secretário do Comitê Central da União Soviética, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética realizou o que ficou conhecido como o "discurso secreto" ou "relatório de Khrushchev". O processo começou com o fim do trabalho forçado, até a remoção do nome de Stalin das cidades, monumentos e instalações. Durante o XXII Congresso do Partido Comunista da URSS, de 1961, o corpo de Stalin foi removido do mausoléu na Praça Vermelha e enterrado, assim como, a cidade de Stalingrado foi renomeada Volgogrado.

<sup>68</sup> Leonid Brezhnev (1906 - 1982) foi líder da União Soviética, entre 1964 a 1982, e Chefiou o Partido Comunista como Presidente do Soviete Supremo de 1977 até sua morte em 1982. Ou seja, Presidente da maior instância do poder legislativo da URSS, criado em 1936 e destituído 1988.

<sup>69</sup> Também conhecida como Guerra Americana, oficialmente travada entre o Vietnã do Norte - apoiado pela União Soviética, China e outros aliados comunistas - e o Vietnã do Sul - apoiados pelos Estados Unidos, Coreia do Sul, Austrália, Tailândia, e outras nações anticomunistas - o conflito consistiu em um grande conflito armado que ocorreu no Vietnã, Laos e Camboja

árabe-israelense<sup>70</sup> (1967) e a repressão soviética na Primavera de Praga<sup>71</sup> (1968). Diversos conflitos acompanhados da ameaça de armamento nuclear mostraram ao mundo os perigos do novo mundo multipolar (FINK, 2018, p. 133). Como reação, o movimento antiguerra cresceu inesperadamente durante a década de 1970 e acompanhou a intensificação da intervenção militar dos EUA no Vietnã. A intervenção foi acompanhada pelo crescente abastecimento de suprimentos, ajuda monetária, mão de obra técnica e mísseis enviados da União Soviética para a resistência vietnamita ao travar uma competição com a China pela imagem global de guardião dos movimentos de libertação nacional (FINK, 2018, p. 137). A relação da China nesse período com o Vietnã do Norte acompanhou a rivalidade entre os dois países asiáticos pelo controle da Indochina.

Porém, não eram apenas os movimentos civis do ocidente que desejaram o fim das intervenções armadas. As reivindicações políticas dos dissidentes do leste europeu passaram a ecoar no movimento global. Cresceu o número de ativista no mundo que defenderam o direito das mulheres, trabalhadores, estrangeiros e refugiados. Segundo Carole Fink (2018) nem Moscou nem Washigton mostraram interesse em ampliar a influência da ONU sobre os direitos humanos, mesmo que, ambos os governos usassem a ONU como palco de suas disputas. Os países ocidentais insistiram em condenar a proibição soviética de emigração e seu sistema de trabalho forçado, e, por sua vez, os países não-ocidentais denunciaram as leis e práticas discriminatória dos E.U.A com a população negra do país. Novos países da Ásia, África e América assumiram representatividade nos encontros da ONU e denunciaram os últimos resquícios do imperialismo ocidental no mundo revelando toda a experiência política adquirida pelo Espírito de Bandung (SANTOS, 2017).

Ainda em 1969, as tensões da Guerra Fria apresentaram novos sujeitos políticos na arena internacional. Nos EUA, Richard Nixon assumiu a liderança do governo americano, enquanto Leonid Brezhnev assumiu o controle da União Soviética. Novas regras foram acordadas e as superpotências promoveram acordo recíprocos, além de uma

---

<sup>70</sup> Também conhecida como a Guerra dos Seis Dias, Guerra do Oriente Médio ou a Terceira Guerra árabe-israelense foi um conflito armado envolvendo Israel e países Árabes - Síria, Egito, Jordânia e Iraque apoiados pelo Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão – em junho de 1967. Os conflitos em torno da posse do território palestino iniciaram com a criação do Estado de Israel, em 1948, ao todo foram quatro grandes conflitos entre israelenses e as nações árabes.

<sup>71</sup> A Primavera de Praga ocorreu na Tchecoslováquia, em 1968, foi promovida por uma reação contrária ao autoritarismo da União Soviética. A Tchecoslováquia era parte da União Soviética, e seu governo seguia as rígidas regras vindas de Moscou, como manutenção de um partido único, censura à imprensa e economia planificada. A Primavera de Praga exigiu reformas que garantissem maior liberdade ao país. Entretanto, tropas soviéticas foram enviadas à Tchecoslováquia em agosto de 1968 e encerraram as manifestações.

conversa direta sobre os seus três principais interesses do período: o controle de armas nucleares, a expansão dos laços econômicos e a contenção dos conflitos na Europa e no Terceiro mundo (FINK, 2018).

Uma resposta direta, com novas reconfigurações, para enfrentar o mundo multipolar no qual outros atores políticos como o chanceler da Alemanha Ocidental Willy Brandt ou líder da China Mao Tsé-Tung passaram também a ditar as regras da diplomacia externa. Apenas dois fatores semelhante as duas superpotências, União Soviética e Estados Unidos, de fato, não mudaram desde 1960, a disputa pela ordem econômica global – capitalismo ou comunismo – e os esforços para o fim do colonialismo.

Apesar da tentativa de aproximação diplomática, a década de 1970 foi testemunha do acirramento das disputas políticas. O perigo eminente de uma guerra nuclear fez com que a cooperação Leste-Oeste atingisse seu auge, em 1968, com a assinatura do Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Em 1969, as duas superpotências da época mostravam sua vulnerabilidade diante uma guerra nuclear ao forjarem o conceito de “destruição mútua garantida” (MAD, na sigla em inglês) que tornou possível, em 1972, a visita do presidente estadunidense Richard Nixon a capital soviética para a assinatura do Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT, na sigla em inglês). Foi a primeira grande tentativa de conter a corrida armamentista, reorganizar estratégias e afirmar acordos, ambas as potências diminuíram seu arsenal bélico e estabeleceram dois sistemas de defesa militar fixos baseados em terra, cada um com cem interceptadores de mísseis (FINK, 2018, p.156). Sem esquecer, que esta era uma preocupação latente as duas potências, desde 1962, como ficou evidente durante o evento que ficou conhecido como a Crise dos Mísseis<sup>72</sup>. A crise foi responsável por um dos primeiros acordos entre os dois países, assinado em Moscou, que redefiniu as relações estadunidenses e soviéticas e incluiu a promessa de evitar novos conflitos para prevenir uma guerra nuclear. Segundo Carole Fink (2018), esse acordo reverberou em diferentes partes do mundo como uma declaração formal das duas potências em não explorar conflitos regionais para o seu próprio benefício.

A República Popular da China, na década de 1970, ainda podia sentir os efeitos da severa crise gerada pelo Grande Salto Adiante (1950) e pela Revolução Cultural (1966) que empobreceu e isolou o país. Em meio à crise interna, seus vizinhos e inimigos

---

<sup>72</sup> A Crise dos Mísseis foi uma crise diplomática entre Estados Unidos e União Soviética relacionada a implantação de novos mísseis soviéticos em Cuba. O evento foi considerado o momento mais delicado da Guerra Fria, onde o mundo sofreu com a ameaça do início de uma guerra nuclear.

políticos ameaçaram o país entre eles Taiwan, Japão, Coréia do Sul, Índia e, principalmente, a União Soviética que ao invadir a Tchecoslováquia, com o apoio dos membros do Pacto de Varsóvia<sup>73</sup> ameaçou a soberania nacional do país chinês em 1968. Em resposta, a China se aproximou estrategicamente de países como a Romênia e a Albânia e provocou o primeiro conflito direto sino-soviético em 1969<sup>74</sup>. Segundo Carole Fink (2018) é após esse conflito que a República Popular da China passa a se destacar como uma alternativa ao marxismo estrutural soviético.

A obsessão de Nixon em garantir uma vitória americana no Vietnã favoreceu sua aproximação com a China e foi utilizada como ferramenta para pressionar a União Soviética contrária ao protagonismo global que a China havia adquirido. Entretanto, essa aproximação não estava livre das adversidades da Guerra Fria e a aproximação dos países foi abalada pela persistência da presença militar americana em Taiwan, em 1970, e com a expansão americana durante a Guerra do Vietnã ao invadir o Camboja<sup>75</sup>. Em 1971, a relação de Mao e Nixon avançaram e discretamente o presidente estadunidense encerrou o embargo de 21 anos com o país chinês, no mesmo ano, em que, anunciou o estabelecimento da embaixada chinesa nos EUA. Apesar da Guerra do Vietnã ser o grande obstáculo do jogo político de Pequim e Washington, quando os estadunidenses iniciaram o bombardeio sobre Hanoi, a China não reagiu (FINK, 2018).

Embora, em processo de se estabilização, a aproximação chinesa aos Estados Unidos tenha sido uma manobra estratégica de grande alcance, a China foi percebida como a grande defensora contra o perigo do “imperialismo soviético”. Ao fim da Revolução Cultural, em 1975<sup>76</sup>, a China começou a lucrar com a expansão dos seus laços econômicos com o ocidente. Enquanto que a União Soviética declinou sua política externa, insistente em apontar a “ameaça chinesa”, mas sem conseguir estabelecer uma diplomacia estável com os EUA. O fim do isolamento chinês e sua ascensão a um lugar no Conselho de Segurança da ONU, em 1971, foi determinante para mudar o equilíbrio

---

<sup>73</sup> Os membros do Pacto de Varsóvia eram Polônia, Alemanha Oriental, Albânia, Bulgária, Hungria e Romênia que recebiam as ordens da União Soviética. O fim do Pacto de Varsóvia ocorreu em 1991 com a dissolução da União Soviética.

<sup>74</sup> O conflito fronteiriço sino-soviético foi uma série de confrontos armados entre a República Popular da China e a União Soviética causado pela competição entre os dois modelos distintos de comunismo.

<sup>75</sup> Desde 1968, a guerra do Vietnã se intensificou rapidamente. A expansão do conflito consistiu em intensos bombardeamentos realizados pela força aérea dos Estados Unidos com a intenção de atingir o Laos e o Camboja, uma reação ao avanço comunista na região iniciado com a grande Ofensiva do Tet. A Ofensiva do Tet foi um grande ataque realizado pelos norte-vietnamitas contra as forças americanas e sul-vietnamitas, em 30 de janeiro de 1968.

<sup>76</sup> Há uma discussão entre os especialistas referente ao ano do fim da Revolução Cultural Chinesa. Seu encerramento ocorreu entre os anos de 1969 e 1975.



de poder na Ásia e no mundo. A China comandada por Mao Tsé Tung foi percebida como a verdadeira defensora dos princípios de Bandung de não-interferência e não-dominação (FINK, 2018,p. 161).

A influência da China no continente africano, e, como consequência, a radicalização da FRELIMO, só pode ser entendida dentro do seu contexto histórico e global. Para Julia Lovell (2020) o aparente fervor anti-imperialista defendido por Mao Tse Tung também foi uma questão de contingência histórica. A consolidação da República Popular da China coincidiu com um aumento global de descolonizações em toda a África, Ásia e Oriente Médio. Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a China pode ser compreendida como um quartel-general do anti-imperialismo para os novos países. Mao Tse Tung era um pragmático militar, político e centralizador que glorificou a rebelião de massa e criou o próprio culto à sua personalidade. A partir de 1966 até sua morte em 1976, Mao Tse Tung realizou uma onda de expulsões em nome da purificação de sua doutrina. Em particular, a política externa, após a negativa da União Soviética em defender um revolução violenta, tornou possível utiliza-la como justifica global. Para Mao objetivo central estava em derrubar os críticos de seu projeto político como foi o caso de Liu Shaoqi<sup>77</sup> e Deng Xiaoping<sup>78</sup>.

Para Jeremi Suri (2010) a influência da Revolução Cultural chinesa foi uma inspiração para os novos países, mesmo que conscientes das graves consequências promovidas pela Revolução Cultural, a violência ganhou um caráter de força purificadora essencial para a limpeza das antigas estruturas sociais. Uma mistura de comportamento militarizado com políticas da contracultura que tornou a violência uma ferramenta necessária para a resistência e seu elemento definidor. Ou seja, a militarização tornou-se um elemento essencial para o sucesso da Revolução comunista.

Portanto, a virada da década foi acompanhada por um processo de radicalização do comunismo liderado pela China maoísta<sup>79</sup>. Como consequência, o movimento juvenil

---

<sup>77</sup> Liu Shaoqi (1898 - 1969) foi o primeiro presidente do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo, de 1954 a 1959, primeiro vice-presidente do Partido Comunista da China, de 1956 a 1966, e presidente da República Popular da China de 1959 a 1968 quando iniciou uma série de políticas para reconstrução econômica da China após realizar uma série de críticas as políticas econômicas de Mao Tsé Tung.

<sup>78</sup> Deng Xiaoping (1904-1997) foi o líder supremo da República Popular da China entre 1978 e 1992. Após a morte de Mao Tsé-Tung (1976), conduziu um golpe na China através de uma série de reformas econômicas, garantindo a fama de ser o grande Reformador chinês.

<sup>79</sup> Segunda Julia Lovell (2020) “maoísmo” foi um termo em crescente popularização, desde 1950, quando foi utilizado para definir, em resumo, a percepção anglo-americana do sistema de pensamento político e prática instituído pela República da China. Outro ponto importante explorado por Julia Lovell é o uso da

em diversas partes do mundo, passaram a carregar imagens e livros de Mao Tse Tung, Che Guevara e Ho Chi Minh e exigiram um novo mundo que transcendesse os conflitos da Guerra Fria. A influência do maoísmo impactou diversos países ao redor do mundo, entre eles, o Brasil como podemos perceber no trabalho “Maoísmo na Bahia (1967-1970)” de Cristiane Soares de Santana<sup>80</sup>. Para Jeremi Suri (2010) a contracultura da década de 1970 passou gradualmente a rejeitar a retórica ideológica e insistir na necessidade de relações internacionais mais estáveis. Ou seja, a contracultura foi um produto da Guerra Fria e também um agente de sua transformação.

A política de emancipação feminina da FRELIMO sofreu forte influência chinesa, mas também, do país que o sediava, a Tanzânia. Para Julia Lovell (2020) o jovem Mao Tsé Tung, de 1910, mantinha uma retórica feminista ao insultar o casamento como forma de “estupro indireto” e defendeu que os perpetradores da prática – os pais - deveriam ser presos. O jovem Mao protestou ainda contra a falta de posição pública das mulheres na sociedade, principalmente, quanto a proibição da presença das mulheres em lojas, hotéis e em alguns setores de trabalho. Em 1968, Mao Tsé Tung havia modificado profundamente sua postura<sup>81</sup>, entretanto, ficou famoso ao proclamar que “as mulheres podem segurar metade do céu” em referência a defesa da igualdade entre homens e mulheres<sup>82</sup>. De maneira geral, a história da constituição da República Popular Chinesa foi marcado por uma série de discussões sobre a questão da emancipação da mulher e da posição da mulher na sociedade chinesa (JAYAWARDENA, 2016). Caso semelhante a Tanzânia, para Susan Geiger (1982) a retórica da “libertação das mulheres” foi bastante aceita no país durante a década de 1970, o próprio presidente Julius Nyerere assumiu a liderança na identificação das origens das desigualdades entre homens e mulheres, apontando esse como um impedimento a transformação socialista do país<sup>83</sup>.

---

violência como gramática política do período. Ver mais em: LOVELL, Julia. *Maoism. A Global History*. New York: Vintage Books, 2020. [ Cap.1 – What is Maoism?, pp.25-59; Cap.6- Into Africa, pp.184-222]

<sup>80</sup> Para saber mais: SANTANA, Cristiane Soares de. *Maoísmo na Bahia (1967- 1970)*. Salvador: Sagga Editora, 2020.

<sup>81</sup> No final da década de 1960, no entanto, Mao Tsé Tung ficou conhecido por reunir diversas mulheres em seu vasto leito em Zhongnanhai, um antigo palácio imperial a oeste da Cidade Proibida - a residência enclausurada da liderança comunista após 1949. Anos depois, foi possível perceber uma série de denúncias contra o líder chinês, entre elas, diversas mulheres que foram abandonadas depois de engravidarem, sofreram abusos sexuais e foram infectadas com DST's por Mao Tsé Tung. Ver mais em: CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. *Mao: a história desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>82</sup> A segunda lei implementada por Mao Tse Tung na República Popular da China, em 1950, foi a lei do divórcio, assim como, deu direitos legais às mulheres para adquirir propriedades próprias.

<sup>83</sup> Ler mais em: GEIGER, Susan. “Umoja Wa Wanawake Wa Tanzania and the Needs of the Rural Poor.” *African Studies Review*, vol. 25, no. 2/3, 1982, pp. 45–65. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/524210>. Acessado em 03/10/2022.

Assim como as grandes potências necessitaram se reorganizar, a FRELIMO passou por um momento de mudanças profundas, com a conclusão de sua crise interna, que culminou no comando do líder revolucionário Samora Moisés Machel. Para o pragmático político da FRELIMO a militarização também foi uma escolha. Tornou a luta armada de libertação nacional um caminho violento, mas legitimador da vanguarda política que a Frente procurou estabelecer diante de outros grupos políticos opositores. Adaptou o processo de purificação de sua doutrina ao expulsar e afastar opositores políticos como foi o caso de Celina Simango, Priscilla Gumane e Janet Mondlane e ocasionou o encerramento das atividades da LIFEMO. Em seu lugar, foi oficializado o Destacamento Feminino que integrou as mulheres ao exército da Frente de Libertação, como veremos nesse capítulo, ao recuperarmos as trajetórias políticas de Marina Pachinuapa, Josina Machel, e Deolinda Guezimane.

Esse foi o período referenciado por Samora Moisés Machel, em 4 de março de 1973, durante o I Congresso da Mulher Moçambicana quando definiu “O momento é favorável para navegarmos” para o líder revolucionário era o período em que “sopra, pois, o vento da revolução, e com ele obrigatoriamente “sopra o vento da emancipação da mulher” (1973, p. 23). E, portanto, seu projeto emancipatório feminino deve ser percebido sob essa ótica. Não apenas a emancipação da mulher também se torna um assunto central desde a criação da FRELIMO que fomentaram uma série de debates sobre a situação da mulher na sociedade. Como o Destacamento Feminino moçambicano manteve contato com o Destacamento Feminino maoísta, nos eventos internacionais que participou, e tornou evidente a diplomacia entre o país asiático e a FRELIMO.

O caso de Deolinda Guezimane é extremamente importante para essa Tese de doutoramento. A Comandante do DF foi a representante feminina da FRELIMO durante a década de 1970. Entre 24 a 31 de julho de 1972, foi presença durante a 10ª Conferência das Mulheres Africanas, em Dar es Salaam, na Tanzânia. Dez anos depois da primeira participação das mulheres da FRELIMO que contou com a presença da LIFEMO, como percebemos no capítulo anterior. No mesmo ano, a delegação feminina do DF foi convidada, entre 30 de julho e 11 de agosto, a conhecer a República Democrática Alemã. Os encontros incluíram visitas à fábricas, cooperativas, orfanatos, escolas e reuniões com responsáveis pela organização de mulheres da R.D.A, a Democratic Women's League of Germany. Os encontros reforçaram apoios e intensificaram a divulgação internacional do projeto da FRELIMO. Outro importante evento desse período ocorreu na Mongólia, a 10ª Conferência afro-asiática das mulheres, realizada de 13 a 20 de agosto de 1972, em Ulan-

Bator capital. É importante lembrar que, nos anos anteriores, a Conferência que criou a Organização afro-asiática das mulheres foi marcada pela presença da LIFEMO. Portanto, o Destacamento Feminino foi o representante oficial da Frente e o órgão continuador do trabalho político da LIFEMO.

Por fim, é fundamental para a pesquisa a compressão dos processos desenvolvidos entre as décadas de 1960 e 1970 por organizações femininas que se destacaram no desenvolvimento de correntes teóricas sobre o feminino, em todo o mundo, e marcam um momento de “ruptura epistemológica nas ciências sociais e humanas” (CASIMIRO, 2014, P. 29). Para Francisca de Haan (2018) a libertação das mulheres é um princípio chave para a compreensão do socialismo, nas décadas de 60 e 70, e permaneceu no centro da ideologia soviética. As contribuições internacionais das mulheres de esquerda, socialistas e feministas em seus encontros internacionais e suas iniciativas na ONU tiveram amplo impacto na FRELIMO, como veremos nas páginas que seguem.

#### **4. 1. “Sopra o vento da emancipação da mulher”: A criação do Destacamento Feminino da FRELIMO**

O afastamento das dirigentes da Liga Feminina de Moçambique do Comitê Central da FRELIMO resultou na sua desarticulação e encerramento de suas atividades entre 1965 e 1968. A segunda organização exclusivamente de mulheres foi planejada por Filipe Samuel Magaia que ocupou o cargo de Chefe do Departamento de Defesa (DD) (ZIMBA, 2012). O Destacamento Feminino (DF), também denominado Female Detachment (FD) nas páginas da Mozambique Revolution, era um pelotão armado exclusivamente feminino treinado no seio do exército da FRELIMO. O alargamento do exército da Frente, uma necessidade do avanço da luta armada, foi definitivo para a inclusão de mais mulheres na luta anticolonial. Nesse subcapítulo, ao utilizarmos as fontes históricas e a leitura especializada, exploraremos o cenário político de criação do Destacamento Feminino e avançaremos na história das mulheres da FRELIMO.

Como referenciado no capítulo anterior desta Tese de doutoramento, desde o início da criação da FRELIMO as mulheres estavam presentes e atuando politicamente através da LIFEMO. Algumas, como percebemos, foram importantes para o desenvolvimento intelectual do projeto por emancipação da mulher que a Frente desenvolveu como demonstra os trechos, do capítulo anterior, de Celina Simango e

Priscilla Gumane. Outras, participaram diretamente nas zonas libertadas, no combate à fome, à doenças, no apoio a crianças órfãos, transportando alimentos, roupas e materiais de higiene que, em grande parte, eram distribuídas a partir do Instituto Moçambicano, administrado por Janet Rae Mondlane. As mulheres mobilizadas nas zonas libertadas, ao norte, foram organizadas pela FRELIMO em um Destacamento Feminino (DF). Em geral, com um nível escolar inferior às mulheres da LIFEMO, o DF foi constituído por mulheres, em sua maioria analfabetas, que começaram os treinamentos no campo de treinamento da FRELIMO em Nachingwea, na Tanzânia (ZIMBA, 2012).

Em relação à participação feminina na luta armada, parece haver alguma discordância ou incongruência não apenas com a data do fim da LIFEMO, mas também com a data da criação do DF. Segundo a documentação oficial da FRELIMO, a criação do Destacamento Feminino se concretizou durante a luta anticolonial, em 04 de março de 1967. De início, contaram com a participação de 25 mulheres que integraram as Forças Populares da FRELIMO após uma aprovação imediata do próprio Comandante-geral do exército da Frente. Neste momento, após a morte de Filipe S. Magaia, quem ocupou o alto cargo no exército foi Samora M. Machel. A informação oficial disponível pela FRELIMO indica que a criação do DF partiu da conscientização dos seus líderes políticos homens em melhorar a condição das mulheres combatentes. Porém, a informação oficial é contraditória ao indicar que a reivindicação das mulheres foi ofertada, ao invés, de conquistada por elas. Como apontam as pesquisas de Isabel Casimiro (2014) e Benigna Zimba (2012), ao sublinharem que o Destacamento Feminino se formou a partir da vontade própria das mulheres que procuraram a base de treinamento político e militar da FRELIMO e dedicaram-se a impulsionar a Revolução comandada pela Frente.

Segundo Casimiro (2014), a mobilização dessas mulheres inicia ainda em 1965, um ano após o início da luta armada anticolonial, momento em que formaram o primeiro grupo de mulheres que solicitaram o treinamento político e militar à FRELIMO. De fato, o primeiro registro das fontes históricas referentes ao Destacamento Feminino é o conteúdo de um comunicado da Base do Niasa, em setembro de 1965, e integra a *Mozambique Revolution*, n. 21. Em letras de destaque, o título do comunicado é “23 Mozambican girls participate in the armed struggle” e acompanha uma pequena matéria sobre mulheres guerrilheiras que já estavam em atividade no exército da FRELIMO. Como se lê:

As a result of the political activity of our militants – each FRELIMO militant is an active agent of revolutionary propaganda among the people - 23 young girls from different villages, 18 to 24 years old, declared they were ready to participate in the struggle and to join our forces. We constructed a special base for them, where they received military training. Since then they have participated in the attacks and ambushes, as true militants, revealing a courage and consciousness of their duties and responsibilities in no way inferior to that of FRELIMO men. Last August, for example, a group of 6 FRELIMO militants was intercepted by a troop of 30 Portuguese soldiers. Our militants fanned out, and shooting, they gradually drove the Portuguese soldiers back to near the girls' base. Hearing the shots, the girls dispersed and encircled the Portuguese soldiers, killing 5 and forcing the others to run away. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, 1965, n.21, p.7)<sup>84</sup>

Em 1965, a FRELIMO já havia montado uma base feminina no seu exército e realizaram as atividades que foram impostas com sucesso. Entretanto, a informação indica 23 jovens mulheres e não 25. Isabel Casimiro (2014) aponta para a hipótese de um período de coexistência das mulheres da LIFEMO e do Destacamento Feminino, entre 1965 a 1968. O primeiro e mais antigo representado por mulheres com um maior nível de formação formal e uma grande experiência política adquirida pelos encontros internacionais. O segundo e mais novo grupo feminino, militarizado e hierarquizado, foi criado e comandado no seio da administração de Samora M. Machel e reuniu jovens mulheres. Podemos apontar essa coexistência como hipótese do motivo da confusão do número total de mulheres participantes na FRELIMO.

Foi a insegurança sentida pelas mulheres, segundo a argumentação de Casimiro (2014), que impulsionou sua vontade de integrar a luta anticolonial sob a liderança da FRELIMO. No sul do país, era comum a ausência masculina nas comunidades. Devido ao trabalho forçado, instituído pela colonização portuguesa, milhares de homens foram levados às minas localizadas na África do Sul. Como consequência à ausência dos homens, povoados inteiros eram formados por crianças, velhos e mulheres, que assumiam o papel antes realizado pelos homens. Ao norte, o trabalho forçado não era comum como no sul, porém a mobilização de homens para o fortalecimento das bases militares da

---

<sup>84</sup> Tradução própria: “Fruto da actividade política dos nossos militantes - cada militante da FRELIMO é um agente activo de propaganda revolucionária junto do povo - 23 jovens de diferentes aldeias, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, declararam-se prontas a participar na luta e a aderir nossas forças. Construímos uma base especial para elas, onde receberam treinamento militar. Desde então têm participado nos ataques e emboscadas, como verdadeiros militantes, revelando uma coragem e consciência dos seus deveres e responsabilidades em nada inferior à dos homens da FRELIMO. Em agosto passado, por exemplo, um grupo de 6 militantes da FRELIMO foi interceptado por uma tropa de 30 soldados portugueses. Os nossos militantes espalharam-se e, atirando, conduziram gradualmente os soldados portugueses para perto da base feminina. Ao ouvir os tiros, as raparigas dispersaram-se e cercaram os soldados portugueses, matando 5 e obrigando os restantes a fugirem.”

FRELIMO foi outro ponto que contribuiu para a ausência masculina. Esses dois fatores forçaram as mulheres a ocuparem os mais diversos espaços sociais, exercendo inúmeras atividades, entre elas, a defesa de seu território. O projeto político de emancipação feminina permitiu que mulheres auxiliassem no conflito, de fato, a violência e a insegurança consolidada pela instabilidade da luta armada foi evidenciada por uma série de violações aos direitos humanos executada pelo exército português.

Porém, nem todas as mulheres que formaram os pelotões femininos os integraram a partir de sua vontade ou escolha. Muitas dessas mulheres tinham pouca ou nenhuma opção. Serviram as fileiras da FRELIMO ou morreriam pelas ações da PIDE que mantinha a tática recorrente de intimidação da população para que não integrassem a luta anticolonial da Frente. Além da violência constante, causada pelo desenvolvimento da luta armada, outros motivos levaram as mulheres a se unirem à causa da FRELIMO. Destacam-se, principalmente, os altos impostos cobrados pelos colonialistas e as baixas remunerações pelo trabalho – quando havia alguma remuneração. As mulheres muitas vezes acabaram sozinhas e com os seus filhos em um espaço de guerra, fome, doenças e epidemias que se alastraram rapidamente pela falta de cuidados médicos. Algumas mulheres decidiram seguir a família como única opção possível para a sua sobrevivência, enquanto outras viram na FRELIMO uma forma de alcançar o fim do colonialismo, do racismo e do machismo em que estavam submersas. Entre as diferentes trajetórias, outro insistente problema era enfrentado pelas militantes: a resistência masculina de inserção da mulher na luta anticolonial foi, desde o princípio da Organização, um obstáculo.

A criação de um destacamento feminino significou a intensa atuação de mulheres em um “lugar sagrado, reservado ao homem”(CASIMIRO, 2014, p. 229), uma vez que, na tradição do sistema patriarcal as guerras são espaços exclusivamente masculinos onde a presença de mulheres sofre uma série de críticas no sentido de avaliarem a presença feminina de maneira depreciativa. Esse fator foi reforçado pela estrutura nos campos de treinamento onde os homens, de maneira geral, mantiveram a autoridade sobre as mulheres. Os chefes tradicionais, ou régulos, também passaram a determinar o trabalho realizado pelas mulheres da FRELIMO e, em muitas ocasiões, “disponibilizavam seus corpos para satisfação sexual dos guerrilheiros homens” (CASIMIRO, 2014, p. 229). Muitas dessas mulheres foram proibidas de se casarem, pelo menos até a libertação nacional, o que ocasionou não apenas a proibição de mais mulheres recrutadas nas fileiras do DF - pelos próprios pais que não abriram mão do lobolo e da autoridade parental -,

mas também, ocasionou a associação das mulheres do DF à fama de “mulheres de má vida” (CASIMIRO, 2014).

Por outro lado, a participação das mulheres no Destacamento Feminino promoveu a opinião dessas mulheres dentro da FRELIMO e muitas manifestaram estar insatisfeitas com as contradições entre discurso e a prática dos próprios companheiros da FRELIMO (CASIMIRO, 2014, P. 230). Ou seja, um dos grandes destaques da atuação do DF é a formação de um espaço onde mulheres puderam manifestar a sua inconformidade com a sua condição, principalmente pela desigualdade de gênero dentro da Frente de Libertação.

Para as mulheres-combatentes da FRELIMO, a trajetória até seu reconhecimento só aconteceu na organização de um Destacamento Feminino. O objetivo demarcado para o DF consistiu, primeiramente, na mobilização e defesa das populações das zonas que seriam libertadas pela Frente. Segundo as ex-combatentes Filomena Nchaque e Marina Pachinuapa do DF, entrevistadas por Benigna Zimba (2012) em seu livro “A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do Destacamento Feminino”, Filipe Samuel Magaia foi fundamental para melhorar a condição de materiais dessas mulheres. Como se lê:

Durante o ano de 1966, período no qual o nosso grupo de meninas se encontrava no 1º sector, localizado na zona de Namuende, Filipe Samuel Magaia visitou-nos. Ele viu e apreciou sobremaneira as capacidades do nosso grupo feminino; falou conosco, efectuou vários contatos e em seguida, regressou para a Tanzânia. Felizmente, antes de falecer, nesse mesmo ano, 1966, ele teve a oportunidade de propor à direção da FRELIMO, que nós fizéssemos treino político-militar; embora nesta fase nós já participávamos na patrulha, ronda, sentinela e outras tarefas. Numa das reuniões do Comité Central da FRELIMO, Filipe Samuel Magaia apresentou o assunto do grupo das combatentes de Cabo Delgado, explicando detalhadamente o que nós fazíamos, e propôs que nós deveríamos ter aulas sobre política e arte militar. (NCHAQUE; PACHINUAPA in ZIMBA, 2012, p. 26)

Antes da criação do DF, as mulheres militarizadas não eram percebidas integralmente como ativistas e militantes da FRELIMO e estavam fadadas a escassez de armamento e fardamento de uso individual. A falta de reconhecimento tornou a situação do trabalho das mulheres-combatentes precária. Essas mulheres acabaram recorrendo para soluções temporárias como roupas que pouco resistiam ou eram apropriadas para um ambiente de guerrilha. Como é possível perceber na foto que segue:





**Figura 6** Mulheres combatentes na formatura, juntamente com soldados do gênero masculino, na base de Beira, Cabo Delgado, em 1967.( ZIMBA, 2012, p.26)

Foi alarmado pela condição que as mulheres militantes da FRELIMO enfrentavam, que Filipe S. Magaia propôs a inserção delas oficialmente nas forças do exército popular da Frente a partir do treinamento político e militar. Porém, foi apenas no ano seguinte a sua morte, em outubro de 1966, que a FRELIMO decidiu apoiar as ideias de Filipe S. Magaia em relação às mulheres que estavam sob seu comando. Segundo a história oficial da FRELIMO considera-se o dia 4 de março de 1967 a data de criação do DF. O momento histórico é descrito através da participação de vinte e cinco mulheres, de Cabo Delgado, que ao solicitarem treinamento à FRELIMO, após uma sequência de reuniões internas, entraram no Centro de Preparação Política-militar de Nachingwea (Tanzânia) e constituíram o primeiro pelotão do Destacamento Feminino. Como se sabe, em 1967, Samora M. Machel ocupou o posto de Filipe M. Magaia, como comandante geral do exército da FRELIMO. O fato tornou Samora M. Machel um membro fundador do DF. Como podemos ver na imagem que segue:



**Figura 7** Samora M. Machel e o primeiro pelotão do Destacamento Feminino em Nachingwea, 1967 (ZIMBA, 2012, p. 41)

Portanto, foi Samora M. Machel considerado o idealizador do Destacamento Feminino por ser responsável por sua criação (ZIMBA, 2012). De fato, Samora Machel defendeu a participação da mulher na luta armada e as integrou em seu projeto político revolucionário. Além do fardamento e das armas, a diferença marcante da imagem está na postura militar das mulheres que acompanham o Comandante do exército Samora Machel. No final de 1967, várias unidades da Frente de Libertação integraram mulheres em suas fileiras e criaram núcleos do DF. O documento a seguir contém os detalhes sobre as novas decisão do Comité Central da FRELIMO no sentido de fomentar sua integração. Como se lê:

O Comité Central preocupou-se com o problema da participação da mulher moçambicana na Revolução. O Comité Central condenou a tendência que existe entre muitos membros masculinos da FRELIMO de excluïrem sempre as mulheres da discussão dos problemas que se põem no decurso da luta de libertação nacional, e de limita-las às tarefas de execução. Foram tomadas medidas adequadas para assegurar a participação da mulher tanto na execução como na direção das tarefas, nos diferentes órgãos em todos os escalões da FRELIMO, desde o Círculo até ao Comité Central e ao Congresso. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 7, 1967 P.6)

Os protestos masculinos quanto a participação das mulheres ocasionaram a reprodução da lógica da divisão sexual do trabalho. Mesmo com pouca aceitação, as mulheres militarizadas ainda mantinham a responsabilização por alimentar combatentes, lavar suas fardas e cuidar dos seus campos de cultivo (machambas). Para Isabel Casimiro (2014) a atuação militar feminina foi um desafio relativo à aceitação dos discursos de igualdade de gênero desenvolvidos pela elite da FRELIMO. A resistência dos homens da Frente reduziu a presença das mulheres a um incômodo sem relevância em meio a importante luta anticolonial.

A participação das mulheres na luta armada da FRELIMO foi essencial para subverter a lógica de opressão nas quais eram inseridas aumentando seu espaço de circulação e as inserindo em novos papéis. A resistência masculina não percebeu o potencial revolucionário contido no conteúdo do projeto emancipatório feminino da Frente. Assim como, é possível afirmar que a presença feminina na FRELIMO, principalmente através das redes internacionais dos eventos no exterior, influenciou e impactou o movimento internacionalista feminino global. Tornou possível, portanto, uma luta política que começou no movimento anterior, na LIFEMO, mas que o DF assumiu e o tornou seu principal continuador até a criação da OMM, em 1973.

No entanto, a pauta da participação militarizada das mulheres ganhou grande repercussão no movimento a partir da realização do II Congresso da FRELIMO, em 1968, nas zonas libertadas do Niassa e demarcaram um novo rumo para a organização feminina. Estiveram presentes em torno de 170 pessoas entre delegados e apoiadores da Frente. Em 1968, a FRELIMO continuou a avançar militarmente sobre três províncias diferentes<sup>85</sup>, Niassa, Cabo Delgado e Tete<sup>86</sup>. Segundo os registros da Organização, em setembro de 1964, no começo da luta armada, contavam apenas com 250 soldados do exército popular da FRELIMO. Em 1968, esses números subiram para 12 mil soldados e sua mobilização foram considerados parte da vitória no plano militar, político e ideológico da Frente.

A realização do II Congresso está nas páginas nebulosas da história da FRELIMO. Assim sendo, pouco se sabe sobre os detalhes da resolução dos conflitos internos da FRELIMO nesse período e que se encerram com a realização do II Congresso. Ao que parece, apesar das tentativas de boicote pelo grupo representado por Lázaro Nkavandame,

---

<sup>85</sup> Portugal, por sua vez, travava guerra oficialmente em Moçambique, Angola e Guiné.

<sup>86</sup> A província de Tete era principalmente explorada pela sua riqueza em minérios. Dessa parte do território se extraía urânio, ferro, ouro, berílio, titânio, cobre, pirite, grafite, manganês e volfrâmio. Além da grande produção agrícola de milho, arroz, trigo, feijão, ervilha, batata, mandioca, algodão, mexoeira e mapira, além de, uma grande criação de gado.

o II Congresso é realizado e estabeleceu a vitória, por consenso, da linha política revolucionária defendida por Eduardo Mondlane. Para Newitt (2012), o:

Comité Central alargou-se para incluir os radicais mais jovens que apoiaram os conceitos gêmeos de revolução social e de uma campanha de guerrilha generalizada baseada na politização do campesinato e no estabelecimento de cooperativas. O Congresso aprovou também a ideologia de articulação com movimentos internacionais afins e adoptou a perspectiva que a guerra era contra os inimigos de classe e não os inimigos raciais. Estas propostas colocaram a Frelimo de uma forma cada vez mais distinta no extremo socialista do espectro da opinião política internacional (NEWITT, 2012, p. 453).

As resoluções do II Congresso deixa ver que esse evento determinou o afastamento do grupo contrário a essa política, ou seja, de Nkavandame<sup>87</sup> e seus simpatizantes. Ou seja, essa estratégia apartou a maioria dos Macondes, originários da região norte de Moçambique, da direção do movimento revolucionário e estabeleceu em sua direção uma maioria de origem das etnias sulistas. Essa modificação diretiva fomentou desconfianças e acusações entre os militantes originários dos povos do norte do território. Porém, Lázaro Nkavandame não era o único insatisfeito com a radicalização da FRELIMO. Uria Simango formou um terceiro grupo divergente da ideia aceita, por votação, pelo II Congresso. Segundo Ncomo (2003), Simango mantinha um largo apoio entre os militantes da FRELIMO e denunciou a realização do II Congresso na zona libertada do Niassa (e não na Tanzânia) uma estratégia política do grupo opositor denominado por ele de “ala de regionalistas do sul”, formado por Samora Moisés Machel, Marcelino dos Santos, Jorge Rebelo, Armando Guebuza, Joaquim Chissano, Manuel dos Santos e seus apoiadores.

Assim, com a ausência de seus partidários, em sua maioria das etnias do norte e residentes na Tanzânia, entre eles os líderes Macondes<sup>88</sup>, durante o Congresso, Uria Simango, que já havia perdido as eleições para líder do movimento, continuou em seu cargo como vice-presidente. Contudo, a derrota o tornou minoria na FRELIMO. Desde então, os conflitos internos se intensificaram com a morte de Eduardo Mondlane, em 1969, e ocasionaram disputas pela liderança do movimento.

---

<sup>87</sup> Lázaro Nkavandame é expulso após a suspensão de suas atividades como secretário provincial de Cabo Delgado. O Comitê Executivo da FRELIMO o acusou de planejar o assassinato de Paulo Samuel Kankhomba, chefe adjunto da Secção de Operações do Departamento de Defesa (MUIUANE, 2006, p. 118).

<sup>88</sup> Entre seus apoiadores, a presença de Lázaro Nkavandame que concorreu como seu vice e mantinha influência entre os numerosos combatentes da etnia Maconde. Outro apoiador fundamental foi o Padre Mateus Pinho Gwengere com influência entre os militantes do sul e do centro do território. A base aliada de Simango partilhava das desconfianças contrárias a hegemonia dos militantes das etnias do sul na direção da FRELIMO.

Dentro desse cenário, o II Congresso reafirmou seu compromisso com a construção de uma unidade nacional sem acolher as diferenças políticas. Continuou aceitos todos os moçambicanos, sem distinção, que aderissem ao programa e ao estatuto da FRELIMO. Entre a construção de uma unidade nacional e a necessidade de mobilização de mais militantes, o novo programa da Frente esteve comprometido com “eliminar todas as causas de divisão entre os diferentes grupos étnicos moçambicanos; construir a nação moçambicana, na base da igualdade de todos os moçambicanos e do respeito pelas particularidades regionais” (Ata do II Congresso da FRELIMO. IN: MUIUANE, 2006, p. 114). Uma clara resposta à crise interna que atravessaram.

Dessa maneira, é de grande importância nesse trabalho esclarecer que as intersecções entre gênero e raça no contexto africano não produzem os mesmos significados que nas Américas. No contexto moçambicano, as hierarquias e desigualdades entre as várias realidades socioculturais reforçaram as diferenças em um contexto de disputa pelo poder político. Para Angela Figueiredo e Patrícia Godinho Gomes (2016), esclarece essa questão. Como se lê:

[...] as estruturas de poder se dão tanto na articulação de classe e gênero, em que o colonialismo teve um impacto importante, mas, sobretudo, em termos da dicotomia cidade-campo, que acaba por refletir as diferenças culturais e étnicas. As mulheres que protagonizaram e se apropriaram do discurso emancipatório do movimento de libertação eram majoritariamente do meio urbano, e que acessaram as instituições de formação asseguradas pelo Estado colonial. Por outro lado, os movimentos sociais protagonizados pelas mulheres, e que assumimos como práticas feministas, emergiram essencialmente das experiências de mulheres vivendo no mundo rural. (FIGUEIREDO; GOMES, 2016, p. 918 )

Importa salientar a percepção da própria FRELIMO sobre o seu primeiro movimento de mulheres, a LIFEMO. Suas dirigentes foram acusadas de manter uma postura intelectual e urbanizada distante da realidade do contexto rural compartilhada pela grande maioria das mulheres do DF. Essa cisão entre cidade-campo ou trabalho militar-intelectual, se torna uma cisão evidente depois do II Congresso FRELIMO (BRITO, 2019). Ao nos aprofundarmos na trajetória política das mulheres do DF, no próximo subcapítulo, perceberemos ainda mais cristalina suas distinções.

Portanto, o II Congresso marca a inserção de importantes reflexões e decisões que acompanharam o desenvolvimento do projeto político e ideológico da Frente. Entre elas, o alargamento do Destacamento Feminino e reafirmação do compromisso com a

libertação mulher ao se comprometerem em “promover a emancipação política, social, econômica e cultural da mulher moçambicana, realizar a igualdade de direitos entre homem e a mulher moçambicana e leva-la a participar cada vez mais na luta de libertação nacional” (Ata do II Congresso da FRELIMO. IN: MUIUANE, 2006, p. 114). Dessa forma, estabeleceram oficialmente as funções que deveriam ser exercidas pelo Destacamento Feminino. Suas funções designadas foram:

- 1) Mobilização e organização das massas;
  - 2) Recrutamento de jovens de ambos os sexos para serem integrados na luta armada;
  - 3) Produção;
  - 4) Transporte de material;
  - 5) Protecção militar das populações.
- (ATA DO II CONGRESSO [1968] IN: MUIUANE, 2006, p. 3)

O estabelecimento das funções das mulheres do DF é essencial para percebermos que a FRELIMO não havia destinado o trabalho político internacional que a LIFEMO realizou nesse período. Vestígios históricos apontam para a atuação da LIFEMO nos encontros internacionais até o fim da década de 1960. Como veremos a seguir, os encontros internacionais do início da década de 1970 contam com a presença das mulheres combatentes do DF. Podemos perceber, no entanto, o reconhecimento da participação feminina na luta armada de libertação nacional, através do trabalho do Destacamento Feminino, que foi publicamente gratificado pelo II Congresso. E os apontamentos do II Congresso continuaram sensíveis, à situação da mulher combatente. Decretavam, nesse sentido:

- c) Dar-se-á particular atenção às mulheres dos militantes, fixando-as, sempre que possível, nas províncias onde os maridos combatem, e incitando as que estão fora do país a regressarem.
- d) Sempre que possível, as mulheres grávidas e as que têm crianças a seu cuidado, sejam instaladas nas zonas de maior estabilidade.
- e) A FRELIMO, em cooperação com a LIFEMO, estabeleça as modalidades que permitam a esta organização nacional ocupar-se da manutenção das crianças órfãs; o mesmo deverá ser feito no que respeita aos filhos das mulheres não casadas, a fim de permitir a estas darem uma maior contribuição à luta; (ATA DO II CONGRESSO [1968] IN: MUIUANE, 2006, p. 3)

Desse modo, é evidente que ocorreu, entre 1965 a 1968, a cooperação dos trabalhos das mulheres da LIFEMO, do DF e do Instituto Moçambicano. Dessa maneira,

é possível perceber a grande dimensão e importância do trabalho humanitário gerido pelas mulheres da FRELIMO e comandado por Janet Mondlane, principalmente, preocupadas com as consequências mais cruéis do conflito armado que se alastrou pelo território. A FRELIMO era o órgão responsável, nesse período, por um enorme número de crianças órfãs existentes devido a guerra anticolonial. O reconhecimento do seu trabalho foi fundamental para as mulheres esposas dos combatentes que, pela primeira vez, tornaram-se alvo de preocupação da FRELIMO. Assim como, a situação de mulheres grávidas e suas crianças em um período demarcado pela denúncia da crueldade do exército português com as populações locais.

Para Catarina Costa (2019), o Destacamento Feminino da FRELIMO, foi essencial para demonstrar não apenas a capacidade de liderança e atuação em cenários majoritariamente masculinos. Mas, sobretudo, foi um impulsionador de uma mudança valorativa na própria forma de viver o feminino, rompendo com uma visão estereotipada da mulher vitimada e apática, pelo contrário, as mulheres afrontaram as bases da sociedade tradicional patriarcal. Como se lê:

Rejeitando o papel de vítima, um número significativo destas jovens mulheres optou por se organizar e participar na luta pela independência do seu país, o que resultou num legado que, ainda hoje, se encontra consagrado na memória coletiva da Nação, fazendo de Moçambique, a nosso ver, um caso particular. (COSTA, 2019, p. 14)

O apagamento evidente da história Liga Feminina de Moçambique, e, conseqüentemente, a prisão de Celina Simango o afastamento de Janet Mondlane e desaparecimento de Priscila Gumane contribuíram para uma visão simplificada do trabalho político complexo das mulheres da FRELIMO. A atuação internacional dessas mulheres deveria servir como exemplo e propagação do trabalho das mulheres em organizações anticoloniais. Porém, uma parte cara a história das mulheres de Moçambique, foi substituída pela exclusiva participação das mulheres em organização militar e vinculada ao projeto político do líder Samora M. Machel. Entretanto, é evidente a importância da existência do Destacamento Feminino da FRELIMO na contínua luta de enfrentamento da desigualdade de gênero na Organização. Esse fato é evidentemente complexo, segundo Catarina Costa (2019):

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), ao trazê-las para o movimento de libertação a fim de as preparar e enquadrar militarmente, imprimiu uma carga ideológica à sua emancipação que lhes permitiu, após a libertação, manter a paridade conquistada, apesar

de alguns retrocessos posteriores, neste campo, inerentes à evolução cultural, política e social de qualquer país. (COSTA, 2019, p. 14)

A carga ideológica imposta pela FRELIMO à emancipação das mulheres - impulsionada pela radicalização do Movimento no início da década de 1970 - sua militarização é o diferencial mais palpável no desenvolvimento do trabalho feminino da organização em comparação ao grupo feminino anterior, a LIFEMO. Esse fato não pode obliterar os diversos papéis desenvolvidos pelas mulheres da FRELIMO desde o início de sua participação. Sua contribuição política evidenciou o papel adaptativo realizado pela FRELIMO ao reformular o projeto emancipatório das mulheres. Quatro anos depois do II Congresso, o Comunicado do Comitê Central, de 1972, esclareceu que a nova carga ideológica adicionada ao projeto emancipatório das mulheres era parte de um projeto de modificação interna. Como se lê:

Por isso esta reunião teve como objectivo fundamental a análise de princípios - revisão da nossa orientação e métodos de trabalho, clarificação de certos pontos a nossa linha política, actualização das estruturas; embora tenham sido também formulados programas e palavras de ordem para os vários departamentos, apreciados casos disciplinares de alguns membros do Comitê Central, etc. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 14, 1972, p. 2).

A última edição da Voz da Revolução de 1972, n. 14, carrega o Comunicado do Comitê Central que declarou o momento como um processo fundamental de análise de princípios, ou seja, de reformulação da Organização. É apenas em 1972, portanto, que assumem que a “unidade ideológica é o resultado de uma identidade ideológica” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 14, 1972, p. 2) diretamente vinculada aos casos disciplinares aplicados em alguns membros do Comitê Central, entre eles, Uria e Celina Simango. Essas modificações, como afirma Catarina Costa, adicionaram ao movimento de mulheres uma nova carga ideológica. Podemos adicionar ainda, que essa nova carga ideológica, significou uma ruptura no desenvolvimento do movimento feminino da FRELIMO. A ruptura brusca é evidente ao percebermos que a LIFEMO foi um grupo feminino formado por mulheres com experiência em política internacional. Já as mulheres do DF, militarizadas e jovens, necessitaram de um treinamento político para realizarem o trabalho internacional.

Segundo o Comitê Central (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 14, 1972) o maior problema enfrentado pelas mulheres, em 1972, era o fato delas não aderirem por completo ao projeto político da FRELIMO. Evidenciando que o seu projeto também foi balizado



pelo controle comportamental da mulher. A partir dessa visão, as mulheres revolucionárias eram aquelas que preenchiam todos os requisitos necessário para a luta anticolonial. De 1968 a 1973, o único corpo organizacional existente exclusivamente feminino dentro da FRELIMO foi o Destacamento Feminino. Entretanto, o DF se mostrou insuficiente em abranger a totalidade das mulheres em território moçambicano. Conseqüentemente, muitas mulheres não obtinham os requisitos necessários para a participação militar. Não se integrar as fileiras do exército da FRELIMO significou fazer uma escolha: ficar à margem da luta revolucionária ou se unir a outros grupos políticos.

Não é raro notar que muitos dos movimentos revolucionários africanos passaram por processos de disputas internas graves. Essas disputas muitas vezes levaram, por um lado, a visões hegemônicas com características autoritárias, e, por outro, a um esvaziamento dos propósitos iniciais. A falta de uma postura democrática e agregadora das diferenças socioculturais prejudicou profundamente o movimento de mulheres da FRELIMO. Para Catarina Costa (2018) apesar do aparente avanço quanto ao projeto de libertação da mulher, a FRELIMO, como movimento organizado em estrutura militar mantinha uma postura interna patriarcal, tradicionalista e hierarquizada, própria de uma guerra. As mulheres combatentes da FRELIMO, ao se adaptarem ao projeto de libertação da mulher iniciado pela LIFEMO, tornaram possível uma nova discussão sobre o papel da mulher na sociedade ao impulsionar um pensamento emancipatório, mesmo que muitas vezes limitado, dentro da nova ordem política estabelecida pela elite da FRELIMO. Essa nova ordem, concretizada após o fim conflitos internos e a realização do II Congresso, passou a ser organizada de maneira militarizada, homogeneizadora, massificante e hierárquica onde o Comitê Central foi o responsável pelos conceitos atribuídos a lei, justiça e sociedade liderados por Samora M. Machel, o orientador da “nova” sociedade projetada pela FRELIMO. No próximo capítulo recuperaremos a trajetória de Josina Machel, Marina Pachinuapa e Deolinda Guezimane, três mulheres fundamentais para a compreensão da história do Destacamento Feminino da Frente de Libertação de Moçambique.

## **Capítulo 5. As combatentes do Destacamento Feminino da FRELIMO**

O desenvolvimento da luta armada anticolonial fez surgir a necessidade de dividir cada vez mais as tarefas que, inicialmente, foram designadas sem distinções quanto as

aptidões físicas das pessoas e sem obedecer qualquer ordenação pré-determinada. O grande número de pessoas em trânsito que fugiram das zonas de guerra para se juntar a FRELIMO, na Tanzânia, tornou necessário o aumento do contingente militar. Principalmente nas zonas libertadas, as mulheres mobilizadas por outras mulheres entravam diretamente para as bases militares da FRELIMO (ZIMBA, 2012).

Após o término dos treinos na base de Nachingwea, por norma, as combatentes voltavam para sua região de origem e se integravam nas bases masculinas. Algumas ainda continuavam nas bases de treinamento exercendo a função de instrutoras, como veremos a partir da trajetória de Marina Pachinuapa. Uma parcela, em geral, casada com militantes da FRELIMO, concluíram o curso e se mudaram para a maior base política do período localizada em Tunduro, na Tanzânia, como veremos na trajetória política de Deolinda Guezimane. Outras situações, ainda mais específicas, como Josina Machel, após concluir seu treinamento militar formou o primeiro grupo do DF, em conjunto com Marina Pachinuapa, e realizou uma série de importantes trabalho para a FRELIMO e se tornou a imagem do programa político de libertação da mulher em Moçambique. Após traçarmos a trajetória política das mulheres que integraram os primeiros pelotões do Destacamento Feminino, será possível compreender o novo perfil de mulheres que participaram da segunda etapa do movimento feminino da FRELIMO e que galgaram seus lugares de importância dentro do movimento revolucionário moçambicano.

Sem, no entanto, esquecer de outros nomes importantes para o início do desenvolvimento do Destacamento Feminino moçambicano como Filomena Nchaque a primeira chefe do primeiro pelotão do DF, Paulina Mateus N’kunda secretária do DF, ou ainda, aquelas mulheres formadas na base militar do Niassa<sup>89</sup> como Teresa António Chiabo Anaiva, Teresa Amuli Saide Nhalingue, Julieta Alves Aide e Mónica Chitupila. Outra importante base da FRELIMO formada em Tete também destacou nomes femininos, mesmo que tardiamente em comparação a formação dos primeiros grupos do DF, Alice Victorino Albino e Zita Kapangula Malhangwana Na Zambézia, o trabalho clandestino incluiu as mulheres na luta anticolonial através do trabalho de Rosa Mangassanja e Rosa Goliata. Assim como, diversas combatentes anônimas que serviram

---

<sup>89</sup> Segundo Jonna Katto (2020) entre 200 e 250 mulheres foram integradas como soldados na frente do Niassa durante a luta anticolonial representando aproximadamente 10 por cento da força total da guerrilha no Niassa. Segundo a especialista, a região é compreendida no imaginário nacional moçambicano como um sertão periférico constituído de poucas pessoas e muito espaços vazios. Em grande parte as ex-combatentes da FRELIMO dessa região são invisibilizadas das comemorações públicas sobre a luta de libertação.

ao exército popular da FRELIMO e acreditaram na conquista da emancipação das mulheres e da libertação de seu território. Em geral, a falta de fontes históricas sobre essas mulheres torna difícil o estudo de suas trajetórias políticas individuais. Entretanto, é possível concluir que, através do DF, todas desempenharam um importante trabalho dentro da FRELIMO e merecem mais atenção dos historiadores.

### **5. 1. “O nosso militante é aquele que sabe interpretar devidamente a nossa política”: Marina Mangedye Pachinuapa**

Neste subcapítulo nos dedicaremos a trajetória política de Marina Mangedye Pachinuapa a primeira Comissária política e 2ª chefe do 1º Pelotão do DF. Através das leituras especializadas, de suas entrevistas e de sua autobiografia registrada no livro de Benigna Zimba (2012) o estudo da sua trajetória política é fundamental para recuperarmos a história da origem do Destacamento Feminino da FRELIMO. Marina Mangedye nasceu em 1947, na cidade de Mueda, em Cabo Delgado, localizado no nordeste do país. Em 1963, realizou o curso de catequese na Igreja Católica incentivada por um grupo de professores que ensinavam na sua povoação (ZIMBA, 2012). Integrou a Missão Católica de Imbuo, em Mueda, para realizar o seu batismo. Foi durante sua estadia na Missão Católica que Marina M. Pachinuapa se tornou uma das sobreviventes do Massacre de Mueda (1964).

O ano de 1964 foi marcado pela inserção dos guerrilheiros da FRELIMO, no território moçambicano, em combate direto com os portugueses ao iniciarem a luta anticolonial. Em meio a uma área de intenso conflito, Marina M. Pachinuapa afirmou que além da grave situação política e militar de Mueda, a falta de água foi outro fator que contribuiu para a sua decisão de fugir da Missão Católica de Imbuo localizada na estrada principal da cidade (ZIMBA, 2012). O fato relatado por Marina nos guia para a primeira grande ação da FRELIMO contra os portugueses. Perto da Missão Católica de Imbuo integrantes da Frente derrubaram o primeiro avião português, razão pela qual, as tropas coloniais intensificaram o conflito na região iniciando a luta armada de libertação. A crise local forçou a fuga da população local, entre eles, Marina M. Pachinuapa e mais três colegas que procuraram a família de Marina nas redondezas de Namuachela, principalmente, por saberem da vinculação da família com a FRELIMO.

Foi de Namuachela o primeiro contato dos integrantes da FRELIMO com Marina M. Pachinuapa. Como argumento para o convencimento, os integrantes da FRELIMO assumiram a defesa da participação das mulheres, junto aos homens, na defesa pelo seu território e expulsão dos portugueses. Para Marina, eles afirmam que queriam pessoas, “mais concretamente mulheres jovens para receber aulas de política” (PACHINUAPA in ZIMBA, 2012, p. 59). Ao aceitar aderir para a FRELIMO foi encaminhada diretamente para a base de treinamento da FRELIMO, sob responsabilidade de Paulo Samuel Kankhomba, como afirma Marina Pachinuapa ao relatar as instruções iniciais dispensadas pelo comandante:

Nós estamos à procura de mulheres jovens para as treinarmos como pessoas que sabem fazer trabalho de mobilização. Não sei se sabem que nós guerrilheiros, nós que estamos aqui, não treinamos na Tanzânia. Nós fomos treinados na Argélia. Nós precisamos de jovens para receberem as aulas de política, e queremos treiná-las como comissárias políticas para viver e conviver com população. Vocês vão viver com a população para mobilizar as pessoas, promover reuniões e explicar a razão pela qual o povo moçambicano decidiu pegar em armas e lutar. Não estamos a lutar contra os portugueses, mas estamos a lutar contra a máquina de governação colonial. Inicialmente, povo moçambicano pediu a independência de uma forma pacífica, mas este pedido não foi aceite. Além do que aconteceu aqui em Mueda – o massacre de Mueda, e noutros sítios do País, as populações pediram independência, mas o governo colonial português, nunca aceitou este pedido. (PACHINUAPA in ZIMBA, 2012, p. 61)

É interessante perceber que as mulheres mobilizadas pela FRELIMO foram habilitadas por integrantes treinados na Argélia, como afirma Pachinuapa (2012), e transmitiram os ensinamentos aprendidos no treinamento oferecido pelo país. Após a independência da Argélia, em 1962, seus líderes seguiram o viés de uma política de não-alinhamento e de solidariedade internacional, exploradas no capítulo anterior. De fato, os líderes argelinos prestaram grande auxílio a FRELIMO ao treinarem seus primeiros guerrilheiros para o início da luta armada.

A importância de aceitar mulheres entre as fileiras do exército da Frente não era apenas uma estratégia política, mas também militar. Havia situações onde soldados homens da FRELIMO não conseguiram passar despercebidos pelas tropas portuguesas, mas muitas mulheres passaram a integrar o trabalho clandestino pois era mais fácil o processo de infiltração nas áreas inimigas. Tornando a participação das mulheres no exército um instrumento estratégico poderoso.

Foi nesse contexto que as mulheres puderam assumir o cargo de Comissárias Políticas. Esse cargo diferenciou as mulheres dentro da FRELIMO, daquelas que

integravam as bases da Frente e aprendiam as táticas e estratégias militares sem, necessariamente, receberem aulas de Educação Política da Frente. Já as Comissárias, como Marina Pachinuapa a primeira a ocupar o cargo pelos registros da FRELIMO, formaram uma espécie de força tarefa para a mobilização das populações. Para elas, o processo de infiltração no território dominado pelas tropas portuguesas era mais acessível, por serem identificadas como parte das populações locais e por falarem a língua local, o Maconde. As mulheres da FRELIMO passaram a circular pelas zonas em guerra. Além da mobilização, a FRELIMO dependia do auxílio da população local para o carregamento de materiais na travessia entre as fronteiras do conflito. Esses foram os motivos relatados pelos integrantes da FRELIMO, ao aceitarem em suas fileiras mulheres entre 17 e 18 anos de idade como foi o caso de Marina Pachinuapa.

Para Marina Pachinuapa em entrevista para Ana Bouene Mussanhane, em seu livro “Protagonistas da luta de libertação nacional” foi em 1965, na Base de Namachaka, o começo do pequeno grupo de jovens mulheres a receberem aulas de Educação Política que tinha, inicialmente, uma duração de 3 meses (PACHINUAPA. In: MUSSANHANE, 2012). Foi nesse contexto, ainda em 1965, que o grupo de jovens mulheres começou a receber atenção da FRELIMO pelo grande número de mulheres mobilizadas na região (ZIMBA, 2012). Em 1966, o Comitê Central da FRELIMO decidiu que todas as meninas mobilizada deveriam receber treinamento militar na base de Nachingwea.

Dois anos depois, em 1967, todas as mulheres que deram origem ao primeiro pelotão do DF já estavam em Nachingwea com Marina Pachinuapa, como foi o caso de Paulina Mateus, Filomena Nachaque, Filomena Licuni, Manuela, e mais outras 20 jovens mulheres. Todas, com exceção de Paulina Mateus, eram analfabetas e não falavam português (PACHINUAPA. In: MUSSANHANE, 2012). Em 1968, o primeiro grupo de mulheres concluíram a preparação militar necessária para a formação do primeiro grupo do Destacamento Feminino da FRELIMO. Como podemos ver na foto a seguir:



**Figura 8** Formatura de Marina Pachinuapa a primeira posicionada na fila da frente, da esquerda para direita, após Marina segue-se Josina Machel. Cabo Delgado, 1968. In: ZIMBA, 2012, p. 73.

Em 1968, Marina Pachiunuapa já havia adquirido experiência como Comissária Política e foi encaminhada por Eduardo Mondlane juntamente a Filomena Nachaque para o Instituto Moçambicano. Com o auxílio do intérprete Januário Napulula, as mulheres do DF palestraram, em Maconde, sobre a sua experiência em campo. Marina Pachinuapa, nesse contexto, foi utilizada pela FRELIMO para mediar os conflitos internos que se instalaram na Escola Secundária. Ou seja, a primeira batalha das mulheres do DF foi no campo intelectual.

Como nos aprofundamos no capítulo anterior, o professor Mateus Gwengere foi identificado como o responsável pela desordem causada entre os estudantes do Instituto. Marina Pachinuapa como Comissária Política, explicou aos estudantes que a luta da FRELIMO se desenvolvia em várias frentes, uma delas era a sua própria escola (PACHINUAPA. In: MUSSANHANE, 2012). Ao saírem do Instituto Moçambicano, foram encaminhadas para os escritórios da FRELIMO, em Dar es Salaam, onde entraram em contato com o trabalho de Josina M. Machel. Foi depois do encontro com Marina Pachinuapa que Josina M. Machel, impressionada pela trajetória da Comissária Política, resolveu partir para a base de Nachingwea para receber treinamento militar. Foi depois

da conclusão do seu treinamento que encontrou novamente Marina Pachinuapa em Cabo Delgado para integrar a formação do primeiro DF.

Retornando a base de Nachingwea Marina Pachinuapa recorda que foi recepcionada por Eduardo Mondlane que disse: “Vocês são minhas professoras de política” (PACHINUAPA in FRELIMO, 2012, p. 222). Evidenciando que a falta de conhecimento formal, ou seja, mesmo sem saber escrever, ler ou falar em português, não foi um empecilho para o reconhecimento de Marina Pachinuapa como instrutora política durante a luta de libertação. Uma vez que, a luta armada se restringiu a região norte do país e dependeu muito da sua aceitação entre as populações locais. De fato, em 1968, foi formada uma das primeiras bases femininas, a Base Ibo, localizada em Muidumbe, na província de Cabo Delgado. O DF foi organizado por Marina Pachinuapa, que era a Comissária Política da base, juntamente com Filomena Nachaque que se tornou a Chefe da base e Paulina Mateus N’kunda que era a secretária, por ser a única alfabetizada em português entre as mulheres do DF.

Em 1969, Marina Pachinuapa casou com Raimundo Pachinuapa - comandante provincial de Cabo Delgado, e, após a independência, tornou-se o governador de Cabo Delgado - com quem gerou 5 filhos, Domingo Pachinuapa em 1970, Raime Pachinuapa em 1972, Valerito Pachinuapa em 1974, Guigiane Pachinuapa em 1977 e Neto Pachinuapa em 1978. Marina Pachinuapa foi a primeira comissária Política e Chefe da 2ª Seção do 1º Pelotão do DF a defender não apenas a participação ativa das mulheres nas fileiras da FRELIMO, mas também, foi responsável pela árdua tarefa de explicar a legitimidade do DF e da participação das mulheres na luta anticolonial. Como podemos perceber em suas palavras, durante uma reunião orientada por Marina Pachinuapa na Base de Tunduro, em 4 de janeiro de 1971. Como se lê:

É nosso dever reunirmos sempre que houver necessidade de revermos a nossa vida. Como de costume, este encontro é para trocarmos as nossas ideias. Como podemos ver, nós estamos aqui em Tunduro, onde todos os dias esperamos receber mais camaradas que vêm de qualquer parte do território moçambicano. Também sabemos que nós somos militares, mas há outras que não acreditam quando são ditas que são militares! Nós não definimos o nosso militante somente como aquele que pega em armas para combater o inimigo- não é isso – o nosso militante é aquele que sabe interpretar devidamente a nossa política, e o cumprimento das respectivas normas ou regras. Há outros camaradas que se esquecem que no interior existe luta, e não conhecem o valor do treino. Ultimamente, mesmo aqueles camaradas que já treinaram, depois de voltarem para casa, não dão importância àquilo que já aprenderam. Isso é muito mau. Mas vocês devem ter em mente nas

vossas cabeças, que um dia poderão ser chamadas, para ficar lá no interior; e o treino e a preparação que vocês tiveram poderá vir a servir-vos. (“Conversações com as camaradas esposas dos militantes dirigida pela Camarada Chefe Marina Pachinuapa”. Tunduro: Frente de Libertação de Moçambique, Departamento de educação e cultura – DEC, Secção dos Assuntos Sociais. 4 de janeiro de 1971. In ZIMBA, 2012, p. 75)

Além de sua função principal, Marina Pachinuapa era instrutora das aulas de Educação Política para homens e mulheres. Para Marina Pachinuapa, essa tarefa facilitava o desenvolvimento do vínculo de colaboração entre os guerrilheiros da FRELIMO e a população local (PACHINUAPA. In: ZIMBA, 2012). Além da propagação de suas ideias, Marina Pachinuapa foi capaz de incorporar em seu discurso a ideologia da FRELIMO. Ao relatar cair em uma emboscada planejada pelas tropas portuguesas, com objetivo de localizar uma das bases da FRELIMO na região de Mueda, Marina Pachinuapa é assertiva quanto aos sacrifícios que estava disposta a fazer. Como se lê:

Nós aprendemos a colocar em risco a nossa própria vida, aprendemos a estar prontos para morrer, assumindo que é preferível que morra uma pessoa, para que ela possa salvar a vida de muitas outras senão até, centenas de vidas humanas! É esta a lição da Unidade Nacional, da provação do combate ou da emboscada da qual você sobrevive e não entrega a FRELIMO – a causa do povo – nas mãos do inimigo! (PACHINUAPA in ZIMBA, 2012, p. 72)

Após a independência do país, Marina seguiu a carreira política e militar, após a independência, e se tornou deputada da Assembleia da República. Atualmente é Coronel na reserva em conjunto a sua posição de membro do Conselho Nacional de Defesa e Segurança do Estado, Membro de Honra da OMM e membro do Comitê Central da FRELIMO. Por fim, importa salientar que é referenciada como uma figura histórica importante para a história da libertação, através das homenagens que recebe da própria FRELIMO. Assim como, outras mulheres são recordadas todos os anos pelos seus sacrifícios a Revolução, a principal delas é Josina Machel, membro do primeiro Destacamento Feminino.

## **5. 2. “É necessário fazer um combate interno”: Josina Abiatar Muthemba Machel (1945-1971)**



Nesse subcapítulo, dedicado ao estudo da trajetória política de Josina Abiatar Muthemba Machel membro do primeiro grupo do Destacamento Feminino. Como se sabe, em torno de sua figura política formou-se o mito que cristalizou a sua imagem como exemplo da mulher moçambicana emancipada. Esse fato, revela a sua figura como modelo e mentora da política do projeto de emancipação feminina da FRELIMO. Através da leitura especializada, das diversas fontes histórica reunidas e de suas biografias traçaremos aspectos importantes da sua história para a compreensão do movimento feminino da FRELIMO.

Josina Abiatar Muthemba nasceu em 10 de agosto de 1945, em Vilanculos à 715 km de Maputo, capital de Moçambique, na região sul do território. Estudou na escola “Dom João de Castro” associada a Igreja Católica onde foi batizada e convertida à religião católica (ZIMBA, 2012; MATUSSE E MALIQUE, 2008). Ao iniciar os estudos na Escola Comercial da capital colonial, iniciou sua trajetória política durante seus primeiros contatos com o Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique. Inicialmente, Josina A. M. Machel foi uma das poucas alunas do gênero feminino a integrar e participar ativamente no Núcleo que ficou mais conhecido por sua sigla NESAM. Como percebemos no capítulo anterior, o NESAM foi responsável por uma série de movimentações políticas clandestinas em favor da FRELIMO. O Núcleo foi o responsável, segundo Jacimara Santana (2009), antes mesmo da formação da LIFEMO ou do DF, por incentivar o sentido de luta em milhares de jovens moçambicanas<sup>90</sup>.

De acordo com Matias Mboa (2009) foi apenas alguns meses após o início da luta anticolonial, em 25 de dezembro de 1964, que a direção clandestina da FRELIMO do Sul do Save empreendeu uma grande ação anticolonial. Na data determinada, com a organização do Conselho Revolucionário da Clandestinidade, que operava nas províncias de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane, um grupo formado por homens e mulheres militantes inundaram as ruas de Lourenço Marques com panfletos em apoio e promoção da Frente. A data é conhecida pela utilização de latas de leite condensado como cola para os panfletos. Entre os nomes que participaram desse evento está Josina A. Muthemba, Juvenália Muthemba, Lúcia Morgado, Virginia Tembe, Eulália Muthemba, Maria Chissano, Ivete Chambale, Leonor Chichava, Alice Chongo, Rufina Muthemba, Aurora

---

<sup>90</sup> É por esta trajetória política inicial que Benigna Zimba (2012) percebe semelhanças com a trajetória de outra importante mulher moçambicana Noémia de Sousa (1926-2002). Poetisa e jornalista internacional, ofereceu sua contribuição para a denúncia das opressões e violências do regime colonial português. Em conjunto, as duas figuras históricas, se tornaram exemplos da participação da mulher em movimentos de resistência ao colonialismo em Moçambique.

Hunnguane, Habiba Irashande e Maria Pfumo (MBOA, 2009, p. 31-34). A ação resultou em um grande êxodo de jovens da capital diretamente para as fileiras da FRELIMO. Em 1965, Josina Muthemba era uma dos 18 jovens presos na fronteira do país com a Rodésia, ao tentar alcançar as zonas de treinamento da FRELIMO, pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Os jovens nacionalistas só foram libertos a partir dos esforços de Eduardo Mondlane em denunciar o rapto do grupo no Comité de Libertação da Organização da Unidade Africana (OUA) ao evidenciar internacionalmente a cooperação da polícia britânica com a polícia portuguesa.

Segundo a sua biografia, produzida por Renato Matusse e Josina Malique (2007), ao chegar na FRELIMO Josina Machel colaborou com o trabalho de Janet Mondlane, no Instituto Moçambicano, a partir de 1 agosto de 1965. No mesmo ano, no Instituto Moçambicano, conheceu Deolinda Guezimane no início de seus estudos na escola do Instituto Moçambicano.

Em 1968, após receber treinamento político e militar, integrou o DF de Cabo Delgado, no mesmo ano, participou como delegada do II Congresso da FRELIMO (1968), realizado na Província de Niassa, onde foi reconhecida durante o Congresso como “grande defensora de uma luta de caráter popular” (ATA DO II CONGRESSO In: MUIUANE, 2006). Ainda em 1968, assumiu o cargo de coordenadora da Seção da Mulher no Departamento dos Negócios Estrangeiros da FRELIMO onde operou como representante política da FRELIMO na arrecadação de fundos internacionais para a construção de orfanatos (MATUSSE E MALIQUE, 2007). Nesse período, integrou uma rede de contatos entre grupos femininos de movimentos anticoloniais através de encontros internacionais e correspondências e se inseriu no feminismo internacionalista. Ou seja, após o fim da LIFEMO, foi a primeira representante internacional indicada pela liderança de Samora M. Machel. Após sua morte, como veremos no subcapítulo seguinte, foi substituída no seu trabalho de representante internacional por Deolinda Guezimane. Portanto, Josina Machel mantinha ainda uma rotina de trabalho no exterior ao definir contatos com organizações femininas como a Organização da Mulher Angolana, a Organização da Mulher de Guiné-Bissau e a Organização da Mulher da Tanzânia (MATUSSE e MALIQUE, 2007).

Em 1969, casou-se com Samora Moisés Machel que ocupava o cargo de comandante militar das tropas da FRELIMO e, no ano seguinte, em maio de 1970 se tornou o líder revolucionário da FRELIMO com quem teve um filho, Samora Machel Júnior. No mesmo ano, Josina Machel realizou missões ao interior de Moçambique em

campanhas de mobilização de novos militantes, principalmente de mulheres, como representante do Destacamento Feminino. Seu trabalho ocasionou, ainda em 1969, sua indicação na ocupação do Departamento dos Assuntos Sociais da FRELIMO. Cargo ocupado anteriormente por Uria Simango e estava relacionado com a garantia do bem-estar dos militantes da FRELIMO. Dessa forma, foi designada para resolver problemas sociais relacionados ao conflito armado e as tensões políticas com a população local, foi nesse período também, a responsável por parte da reestruturação do Centro Educacional de Tunduru (MATUSSE e MALIQUE, 2007). Importa lembrar que, a partir de 1965, Tunduru viveu um momento de chegada de um grande número de refugiados moçambicanos depois da abertura da Frente do Niassa. Foi em Tunduru, após a transferência da escola de treinamento político do Instituto Moçambicano, que se concretizou a realização de atividades de caráter político, cultural e social da FRELIMO após a consolidação da liderança política de Samora M. Machel. Entre as atividades, podemos listar, a Primeira Conferência da Organização da Mulher Moçambicana, em 1973, como veremos a seguir.

Em janeiro 1970, um importante discurso de Josina Machel foi publicado na edição de janeiro da *Voz da Revolução*<sup>91</sup> e integrou o livro “7 de Abril de 1981 – 10º Aniversário da Morte da Camarada Josina Machel”, organizado pelo Secretariado Nacional da OMM, publicado em 1981. No documento publicado com o título “O papel da mulher na Revolução”, Josina Machel explica que embora o trabalho militar das mulheres foi uma prova importante da capacidade e da coragem feminina, o seu trabalho político era também fundamental para o sucesso da Revolução contra o papel tradicional que a mulher ocupava. Segundo Josina Machel (1970), a FRELIMO passou por um momento de reformulação de seus quadros. Como se lê:

Na última reunião do Comitê Central, em abril de 1969, decidiu-se que a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) deveria fundir-se completamente com o Destacamento Feminino. Estamos neste momento no processo de integrar no exército todas as atividades anteriormente realizadas pela LIFEMO. Durante a sua existência, a LIFEMO fez trabalho, mas o desenvolvimento da luta impõe que todos os esforços, todos os trabalhos estejam localizados no interior de Moçambique e, portanto, sejam levados a cabo pelo Destacamento Feminino. (MACHEL in: VOZ DA REVOLUÇÃO, 1970, p. 3)

---

<sup>91</sup> O documento está localizado no fundo Arquivo Mário Pinto de Andrade que integra Fundação Mário Soares. Disponível em: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_85393](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_85393) acessado em: 10/05/2020.

Com a justificativa de que o alcance da LIFEMO era restrito, Josina Machel explicitou o processo de integração, no exército, de todas as atividades realizadas pela LIFEMO, ou seja, seu trabalho político emancipatório em desenvolvimento. É interessante perceber o uso da palavra “fundir-se” utilizado por Josina Machel e que demonstra o caráter de desintegração da LIFEMO ao passarem a execução de todas as suas atividades para o DF. Não havia, naquela altura, como ser diferente, as mulheres da LIFEMO não participaram da política da FRELIMO após as perseguições sofridas por Celina Simango e Priscilla Gumane. Por outro lado, apesar do Instituto Moçambicano existir até 1975, Janet Mondlane estava limitada a seus escritórios na Tanzânia e as atividades do Instituto ficaram restritas a assistência social. Em contínua cooperação com as mulheres do DF.

Em janeiro de 1971, meses antes de seu falecimento, durante uma reunião na Base Central do Niassa Oriental, realizou um breve discurso gravado em fita magnética. A intervenção documentada de Josina Machel foi redigida pela Revista Tempo, n. .236, 6 abril 1975, p.9-11. O. Seu discurso era destinado às reclamações de inúmeras mulheres que deveriam encaminhar seus filhos e filhas para as escolas da FRELIMO em outras provinciais das zonas libertadas. Em sua fala demonstra a sua defesa irrestrita ao programa e as ações da FRELIMO.

Eu também tenho uma criança, ela é ainda pequenina, mas deixei-a não porque não queira ficar sempre junto dela, mas devido às circunstâncias de trabalho da Revolução que não permitem sempre estar com ela. O mesmo vai acontecer convosco, e deste modo, se traçarmos um programa é preciso que as camaradas compreendam porque é que vai ser assim. É bom compreender que a FRELIMO ao traçar programas para vocês não é por que não queira que as camaradas vivam junto das vossas crianças – a FRELIMO sabe que as camaradas têm amor por elas, mas aqui o que é necessário fazer um combate interno. Se as camaradas vêm que são militantes da FRELIMO e estão prontas para executar qualquer missão que a FRELIMO lhes confiar é porque sabem porque é que lutam. (MACHEL, [1971] in: *Tempo*, 1975 p. 10)

No trecho destacado, é possível perceber não somente a defesa irrestrita dos ideários revolucionários do Movimento, como ainda, a alta valorização da Revolução comandada pela FRELIMO na mediação de Josina Machel. Para sua conclusão era necessário o “combate interno” a favor da educação das escolas da FRELIMO. A imposição de encaminhar crianças às escolas da Frente criou um clima de desordem e tensão nas zonas libertadas. Importa salientar que a ciência foi percebida pela Frente como um substituto da educação tradicional, essencial para a formulação de uma

sociedade moderna. A educação passou a ser considerada fundamental no desenvolvimento da consciência política revolucionária e campanhas de alfabetização alcançaram um grande número de mulheres matriculadas nas escolas da FRELIMO.

Interessante notar que em 1970, um ano antes da fala de Josina, Samora M. Machel discursou à 2ª Conferência do Departamento de Educação e Cultura - DEC, publicado pela FRELIMO na Coleção "Estudos e Orientações", nº 2, em Novembro de 1973, com o título "Educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a Pátria". Sua fala era sobre as funções políticas das escolas da FRELIMO nas zonas libertadas, entre elas, defendeu a educação obrigatória nas escolas da Frente como forma de criação de uma nova moral revolucionária que promovesse a libertação da mulher e um novo comportamento e mentalidade do homem em relação a desigualdade de gênero. Esse foi o argumento de Josina Machel, um ano depois, e evidência sua interpretação do projeto de político e ideológico da FRELIMO.

Josina Machel morreu em sete de abril de 1971, com apenas 25 anos de idade. Nunca foram esclarecidas as condições de sua morte. Porém, muitos foram os acusados por sua causa, entre eles, o marido Samora M. Machel. Entretanto, a versão oficial da FRELIMO, registradas nas páginas da Revista Tempo, n. 236, publicada em abril de 1975, Josina Machel morreu por consequência ao agravamento de uma doença não especificada no Hospital de Tunduru.

Seu funeral foi acompanhado por um grande número pessoas, de diferentes nacionalidades, dentre elas os membros do Comitê Central da FRELIMO, membros do governo da Tanzânia, representantes dos movimentos de libertação na África, representantes da Organização das Unidades Africanas (OUA) e embaixadores de diferentes países (TEMPO, n. 236, 1975)<sup>92</sup>. Durante seu funeral Marcelino dos Santos enfatizou os atos históricos de Josina Machel salientou a grande falta de Josina na luta anticolonial. Seu funeral foi marcado por mensagens de condolência que elevavam o seu trabalho a nível heroico. Como se lê:

A camarada Josina, acrescentam as mensagens, foi a verdadeira imagem das altas virtudes moçambicanas, admirável pela sua capacidade de resolver problemas da luta, isenta de intrigas, amiga de todos quantos a viam, exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade, incansável nos trabalhos duros da Revolução; tribalismo e racismo foram seus inimigos e boatos não

---

<sup>92</sup> Essas informações foram originalmente publicadas no Jornal 25 de Setembro pelo Órgão de Informação do Comissariado Político da FRELIMO em 15 de abril de 1971 e republicadas na Revista Tempo, n. 236, em 1975.

conhecia. A camarada Josina foi uma das dirigentes da nossa Organização, e ela dirigiu cabalmente o setor que lhe foi confinado com exemplos muito vivos para a nossa revolução, e o seu trabalho será para nós guia inesquecível na luta que ela nos deixou para continuar. Foi ela uma combatente que levantou bem alto a bandeira da Revolução Moçambicana. (...) Ela separou-se de nós e deixou-nos cheios de tristeza, mas o exemplo de sua vida, a sua dedicação e espírito de abnegação na luta pela salvação da Pátria, serão por nós recordados e imitados criadoramente na execução das tarefas impostas pela revolução moçambicana - frizaram as mensagens. (SANTOS, Marcelino [1971] in: *Tempo*, 1975, p. 15)

O “exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade” era a essência da sua imagem como heroína revolucionária e correspondia ao combate travado pela FRELIMO em seu projeto político, evidenciando, a contribuição de Marcelino dos Santos como um ideólogo do projeto nacionalista do período. A partir de sua morte a imagem de Josina passou a ser gradualmente vinculada pela FRELIMO ao seu projeto de libertação da mulher. Tornando Josina Machel um símbolo da luta emancipatória que Deolinda Guezimane passou a representar nos encontros internacionais que participou, como veremos no subcapítulo seguinte.

### **5. 3. “Um autêntico exemplo para a emancipação da mulher”: Deolinda Simango Guezimane**

Destacamos nessa escrita a trajetória de Deolinda Guezimane, chefe de secção do DF e primeira coordenadora da Organização das Mulheres Moçambicanas. Foi a representante da FRELIMO nos encontros e eventos internacionais para as mulheres, da década de 1970, que exploraremos no próximo subcapítulo. Através da leitura especializada, das fontes históricas selecionadas e de sua autobiografia que compõem o livro “Simpósio 50 anos da FRELIMO – Fontes para nossa história” publicado pelo Partido Frelimo em 2012, compreenderemos a sua trajetória política.

Deolinda Simango nasceu em 6 de março de 1943, na cidade de Buzi, na Província de Sofala, na região central de Moçambique. É a primeira filha de Alfredo Simango e de Marta Samuel Simango (ZIMBA, 2012). Não há registros históricos que comprovem o grau de parentesco de Deolinda, com Uria e Celina Simango. Porém, vestígios históricos apontam para a hipótese de Deolinda Guezimane ser sobrinha de Uria e Celina Simango. Em 1952, foi enviada pelo seu avô, o pastor da Igreja de Cristo Unido de Manica e Sofala

à Missão Rucito para estudar na Rodésia. Em 1953, foi enviada a Província de Gaza para terminar os estudos. Em 1960, foi residente em Lourenço Marques ao ingressar no curso Corte, costura e bordado. Foi na capital colonial que Deolinda Guezimane sofreu diversos episódios de racismo que a fizeram abandonar o curso e retornar para a Província de Sofala (GUEZIMANE, 2012).

Em 1965, incentivada pela rádio Voz da Revolução transmitida pelos escritórios da FRELIMO no exterior atravessou a fronteira através do Malawi, onde ficou residindo por 3 meses, até se juntar a FRELIMO na Tanzânia. Ao atravessar a fronteira encontrou os campos de treinamento políticos e militares da Frente e integrou a LIFEMO. No mesmo ano, foi encaminhada para Dar es Salaam, por Eduardo Mondlane, para continuar seus estudos na escola do Instituto Moçambicano. Local onde conheceu Josina Machel, Marina Pachinuapa e Janet Mondlane. Deolinda Guezimane foi a coordenadora da casa dos estudantes do Instituto. De 1966 a 1967, foi enviada com um pequeno grupo de estudantes do Instituto Moçambicano para estudar em uma escola Komsomol (Liga Jovem Comunista) na União Soviética (DARCH, 2018).

Ao retornar do exterior, foi para a Base de Nachingwea e recebeu treinamento militar para integrar o primeiro pelotão do DF. Para Deolinda Guezimane, em entrevista para Benigna Zimba (2012), os treinos político-militares da FRELIMO foram o suporte principal, elemento formador e definidor do DF. Deolinda Guezimane defendeu que a mulher deveria participar de todas as atividades que a revolução exigia. Em especial, o cuidado às crianças órfãos que sempre estiveram sob a guarda das mulheres da FRELIMO, desde a LIFEMO, e dos doentes. Para tanto, a FRELIMO passou a oferecer cursos de enfermagem para as guerrilheiras do DF através da instrução de médicos soviéticos enviados às bases da FRELIMO na Tanzânia. (ZIMBA, 2012). O fato revela o amplo acordo de solidariedade existente entre a FRELIMO e a URSS, que, apesar de enfraquecido pelo contexto político global, foi uma das importantes ajudas internacionais no desenvolvimento da luta armada.

Para Deolinda Guezimane, sobretudo, a luta de libertação foi uma luta de caráter ideológico pela mudança da mentalidade e do comportamento. Dentro do projeto político que supervalorizou a revolução, Deolinda Guezimane soube usar a sua capacidade de se comunicar com as populações para seu convencimento. Como se lê:

Por sermos militares, nós andávamos com fardamentos e as pessoas perguntavam muitas vezes: Será mesmo que são mulheres? Nós parecíamos homens com aquelas fardas militares, mas é interessante

que isso ajudou muito na nossa tarefa como comissárias políticas, ou simplesmente, combatentes mobilizadoras. (GUEZIMANE in ZIMBA, 2012, p. 160)

As mulheres do Destacamento Feminino, segundo Deolinda Guezimane, se depararam com o questionamento fundamental do livro da Simone de Beauvoir “O que é uma mulher?”. Ao se comprometerem a política da FRELIMO, impactaram através do comportamento e das suas roupas. Ao abrirem mão da feminilidade, elemento impróprio de uma guerra, foram questionadas sobre seu gênero. O incômodo na definição do gênero das mulheres do DF revela que a sua presença era, por si só, um elemento de modificação social.

Interessante notar que Deolinda Guezimane, desde o início de sua participação da FRELIMO, foi vinculada com parte da administração da Organização. Seja na sua participação na escola do Instituto Moçambicano ou na base de Nachingweya em seu primeiro treinamento militar. Onde, apesar de sua pouca experiência em campo de batalha não impediu que ela se tornasse uma das Comandantes de um dos grupos femininos em treinamento.

Dessa forma, construiu sua carreira política, militar e administrativa até alcançar o cargo representativo da FRELIMO no exterior. Evidenciando, que foi uma escolha da elite da FRELIMO pela representação de Deolinda Guezimane e não a combatente mais experiente Marina Pachinuapa. Principalmente, uma escolha do Chefe do Comissariado Político da FRELIMO, Armando Emílio Guebuza<sup>93</sup> (GUEZIMANE, 2012). Além disso, podemos compreender a escolha de representante internacional da FRELIMO ser Deolinda Guezimane, da região central do território, alfabetizada em português, em detrimento de Marina Pachinuapa, originária do norte do território, mas que não compreendia nem falava em português.

Em 1970, casou com o comandante e general da FRELIMO, Raúl Guezimane, e, no mesmo ano, foi eleita como Membro do Comitê Central da FRELIMO e integrou o time de professores que davam aulas no Centro Educacional de Tunduru. Em 1973, durante o Primeiro Congresso da Mulher Moçambicana, Samora M. Machel anunciou Deolinda Guezimane como primeira secretária geral da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) (DARCH, 2018). Como relembra em seu discurso durante o Simpósio de 50 anos da FRELIMO, em 2012, como se lê:

---

<sup>93</sup> Armando Emílio Guebuza (1943 - ) é um político moçambicano que foi presidente de Moçambique entre 2005 e 2015.



Com a criação da OMM, a mulher ganhou grande liberdade para participar em todas as actividades relevantes para o desenvolvimento do País. Para além disso, foi através da OMM que garantimos uma participação massiva da mulher moçambicana em nível internacional, em grandes eventos na Bulgária, União Soviética, Alemanha, Angola, Guiné-Bissau e muitos outros países. Da mesma maneira, Moçambique, através da OMM, tem vindo a criar oportunidades para receber, continuamente, visitas das mais variadas organizações de mulheres que consideram a OMM e Moçambique, um autêntico exemplo para a emancipação da mulher. (GUEZIMANE in FRELIMO, 2012, p. 230)

Seu discurso destacou o método de apagamento da LIFEMO da história da FRELIMO. Portanto, não foi a OMM que garantiu sua participação massiva em nível internacional, mas o trabalho político de Celina Simango e Priscila Gumane durante a realização dos encontros internacionais de mulheres ainda na década anterior. Assim como, de Janet Mondlane e seu trabalho de acesso aos fundos internacionais necessários para o desenvolvimento da luta anticolonial da FRELIMO. Muitos deles, como veremos a seguir no subcapítulo referente a 10º Conferência das Mulheres Africanas, já contavam com a presença da LIFEMO desde sua primeira edição, dez anos antes. Não reconhecer parte da história do movimento de mulheres deixa claro o projeto político de emancipação da mulher que a FRELIMO passou a afirmar para o mundo depois de 1970. As participações internacionais de Deolinda Guezimane são acompanhadas por discursos, de modo geral, promovendo a luta armada da FRELIMO como a única solução para o fim da opressão da mulher em Moçambique afirmando sua militarização. Como continuaremos a nos aprofundar no capítulo seguinte.

## **Capítulo 6. Os encontros internacionais das mulheres da FRELIMO: 10º Conferência das Mulheres Africanas, Dar-es-Salaam, 1972**

Em 1972, não era apenas a FRELIMO que contava com um DF, mas os efeitos da Revolução Cultural desencadearam uma onda de militarização dos grupos de mulheres integrante de movimentos anticoloniais africanos através da fundação de Destacamentos Femininos. Esses grupos femininos militarizados são tema de diversas novas pesquisas

acadêmicas<sup>94</sup>. Nosso foco neste subcapítulo, é a 10ª Conferência Pan-africana das Mulheres, em Dar-es-Salaam, como referenciado nas páginas escritas pela FRELIMO na Voz da Revolução, n. 10, publicada em junho de 1972. Conhecida, também como, 10ª All-African women's Conference, como referenciado na publicação do “The Mozambican Woman in the Revolution”, do Movimento de Apoio à Libertação do Canadá (Liberation Support Movement - LSM), publicado pela Editora LSM, em Vancouver, quatro anos depois da realização do evento, em 1974. Dois documentos que foram cruzados para a análise e forneceram uma ampla visão, interna e externa, sobre a atuação do movimento feminino da FRELIMO.

A 10ª Conferência Pan-Africana de mulheres ocorreu de 24 a 31 de julho de 1972, em Dar es Salaam, na Tanzânia. Dez anos após sua primeira edição, as mulheres se reuniram novamente no seio do país, fortalecendo o legado político das mulheres no continente. Como veremos, o evento é marcado pela participação de Deolinda Guezimane, como membro do Comitê Central e chefe da Delegação do DF, acompanhada pelas Comandantes do exército Marcelina Chissano e Rosária Tembe. Podemos observar parte da delegação feminina, na foto publicada na Voz da Revolução, n. 10:

---

<sup>94</sup> Como exemplo, podemos citar o livro Isabel Casimiro (2014) em seu livro “Paz na Terra, Guerra em Casa”, o livro de Margarida Paredes (2015) em “Combater duas vezes Mulheres na luta armada de Angola” e Patrícia Alexandra Godinho Gomes (2016) em suas pesquisas, como a publicação “As outras vozes: percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau”.



**Figura 9** Respectivamente Deolinda Guezimane e Rosária Tembe (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 10, 1972, p. 7)

Como podemos observar, tanto Deolinda Guezimane quanto Rosária Tembe utilizaram um fardamento militar especial, específico para os encontros internacionais, desejando evidenciar a militarização de seu movimento. No discurso publicado na *Voz da Revolução*, n. 10, em 1972, com autoria atribuída à Deolinda Guezimane, a comandante destacou o direito da mulher de combater e trabalhar com os homens no exército, ou seja, assumiram sua nova postura definidora. Como podemos ler:

É difícil para nós falar do papel da mulher africana na luta, porque na nossa organização homens e mulheres lutam e trabalham juntos, lado a lado, em todos os tipos de actividades: nós mulheres participamos nos combates, integradas em unidades militares; trabalhamos como comissárias política, mobilizando o povo, esclarecendo-o sobre todos os aspectos da luta; transportamos material de guerra para as linhas da frente; defendemos o povo contra incursões do inimigo; participamos na produção; estamos activas nas escolas, nos hospitais, nos infantários...podemos por isso dizer que, em geral, fazemos o mesmo trabalho que os homens. E, precisamente, nós consideramos que este é um dos grandes resultados alcançados pela nossa revolução. Especialmente se considerarmos os antecedentes desta situação – a sociedade tradicional, privadas de qualquer iniciativa, sem participação na vida da comunidade, com a única função de produzir filhos e de

cuidar da casa; e a sociedade colonial, que torna as mulheres instrumentos de trabalho, mais exploradas ainda do que homens. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 10, 1972, p. 7)

Podemos perceber, que a reivindicação de igualdade de gênero se diluiu na homogeneização do trabalho militar dos homens e mulheres da Frente. Deolinda Guezimane minimizou as reclamações de diversas integrantes do DF, que em coro denunciaram as desigualdades que viviam. Para tanto, Deolinda alegou que o país já havia mudado com a Revolução, mesmo antes da independência, e sem a integração da FRELIMO em todo o território. Afirmando a legitimidade da FRELIMO como única representante política da população. Como se lê:

Tudo isso mudou no nosso país. E queremos chamar a atenção desta Conferência para este ponto, que traduz a nossa experiência – estas mudanças realizaram-se através do nosso engajamento político. Foi a nossa participação militante numa Organização política que tem uma linha correcta que nos deu a orientação própria para tornar frutífera os nossos esforços. Foi a consciência política que nos permitiu encontrar o caminho correcto da nossa emancipação. Ao mesmo tempo, pensamos que é dentro desta perspectiva política que nós, Mulher moçambicanas, podemos formular os melhores métodos de coordenar os nossos esforços com as outras mulheres africanas. A nossa experiência – repetimos – ensinou-nos que nos devemos organizar e lutar dentro do movimento, quer dizer, a nossa organização de mulheres deve ser um braço, um instrumento de um movimento político. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 10, 1972, p. 7)

Destaca o trabalho político como meio indispensável para a emancipação da mulher. A consciência política, gerada pelo projeto da FRELIMO se uniu a experiência das mulheres do DF. Para Guezimane, essa foi a maior contribuição das mulheres do DF para o seu projeto emancipatório. Portanto, justificou a transformação de um movimento de mulheres, como a LIFEMO construiu, para um instrumento de um movimento político anticolonial, majoritariamente construído por homens, a FRELIMO. No trecho acima, Deolinda Guezimane esclareceu que a nova perspectiva política da FRELIMO, que ela afirmou estar correta, tornou possível sua frutificação. O mesmo termo usado, um ano depois por Samora Machel (1973), para se referir a LIFEMO como um “fruto podre”. Ou seja, foi a nova perspectiva política militarizada da FRELIMO que atribuiu a legitimidade ao novo movimento feminino da FRELIMO. Deolinda Guezimane continua:

Queremos agora fazer um apelo a todas as mulheres africanas e às mulheres de todo o mundo, que nos ajudem a vencer as dificuldades que enfrentamos para podermos realizar as nossas tarefas de uma maneira mais eficaz. O nosso apelo não é só de apoio material. É principalmente

uma chamada a todas as mulheres para que tomem parte activa na nossa luta, mobilizando seus povos, organizando reuniões de solidariedade, difundindo os sucessos e dificuldades do nosso combate, usando todos os meios possíveis como rádio, a imprensa, as manifestações culturais, exposições, etc para desenvolverem o movimento de solidariedade para com a nossa causa. Este esforço de mobilização política representa sem dúvida a mais importante contribuição, e criará a solidariedade material indispensável para prosseguimento da nossa luta. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 10, 1972, p. 7)

No trabalho internacional, Deolinda Guezimane reforçou suas alianças e apelou para mais ajuda política e de propaganda. Esse pedido foi atendido, em 1974, por militantes solidários as causas da FRELIMO em outro continente. A articulação das mulheres do DF chamou atenção de organizações internacionais como foi o caso do Movimento de Apoio à Libertação do Canadá (Liberation Support Movement - LSM), ao publicar o periódico “The Mozambican Woman in the Revolution”. Parte do documento da LSM se dedicou à atuação das mulheres da FRELIMO durante a 10ª Conferência das Mulheres Africanas (AAWC), de 1972, do qual retiramos as informações para compor esse estudo. Segundo a publicação do Movimento, o discurso apresentado durante o evento continuava, para além do que está escrito nas páginas da FRELIMO, por mais um parágrafo. Como podemos ler:

For us the All African Women's Conference represents a platform of struggle from where women of our continent can coordinate their efforts in the hard struggle they are undertaking against the many forces which oppress them. To define clearly these forces must be our first task. Then it is necessary to decide on the methods of struggle. Finally, we must study and develop ways in which we can best coordinate our efforts so that they can be made more effective. It is with this perspective that we come to this meeting at which we commemorate the tenth anniversary of the African Women's Conference.<sup>95</sup> (LSM, 1974, p.15)

---

<sup>95</sup> Tradução própria: Para nós a Conferência de Mulheres Africanas representa uma plataforma de luta a partir da qual as mulheres do nosso continente podem coordenar os seus esforços na dura luta que estão a assumir contra as muitas forças que as oprimem. Definir claramente essas forças deve ser nossa primeira tarefa. Então é necessário decidir os métodos de luta. Finalmente, devemos estudar e desenvolver maneiras pelas quais possamos coordenar nossos esforços para que possam ser mais eficazes. É com esta perspectiva que viemos a este encontro em que comemoramos o décimo aniversário da Conferência das Mulheres Africanas.

Essa parte adicional ao texto de Deolinda Guezimane pela publicação da LSM, evidencia o recorte que a Voz da Revolução eventualmente realizava em seu texto. Sobre o conteúdo, assim como Celina Simango, Deolinda Guezimane reconheceu a importância na criação de plataformas de solidariedade de luta que coordenassem seus esforços entre os movimentos anticoloniais. Essa coordenação poderia existir como um método de luta se desenvolvidos através do estudo dos esforços de guerra. Reconhecendo o trabalho intelectual, sobretudo, como parte fundamental da organização transnacional das mulheres. Antes mesmo de ressaltar a militarização do movimento, no parágrafo seguinte, quando menciona o trabalho militar dos homens e das mulheres. Dessa forma, Deolinda Guezimane faz uma proposta de ação, essa parte também não integra o texto da Voz da Revolução, n. 10, de 1972. Como se lê:

We propose also that the women's organization in Africa, at national and pan-African levels, organize the collection of funds and useful materials for our activities. The list of our needs is not limited, it concerns all types of materials needed for the multiple activities that we have to undertake: clothes, clothing, school materials, medical and health equipment, powdered milk, baby food... The best way to accomplish all these activities seems to be the creation of support committees at the level of the different organizations existing in the member countries. We feel that this is very necessary in Africa where - we must say it - popular solidarity has not yet found the proper outlet to express the deep feelings of the masses. And, woman must understand that her role in the mobilization begins, first of all, at home amongst the family.<sup>96</sup> (LSM, 1974, p.16)

Como exposto, Deolinda Guezimane procurou desenvolver o trabalho do Instituto Moçambicano, através do DF, ao propor uma organização com acesso aos fundos internacionais de ajuda humanitária. Para a Comandante, o apelo é necessário por que “a solidariedade popular” ainda não encontrou a saída adequada para expressar “os sentimentos profundos das massas”, portanto, são necessários a criação de comitês de apoio. Assim como, adicionou um sentido diferente e único sobre a mobilização das

---

<sup>96</sup> Tradução própria: Propomos também que a Organização das mulheres em África, a nível nacional e Pan-africano, organize a recolha de fundos e materiais úteis para as nossas atividades. A lista das nossas necessidades não é limitada, diz respeito a todo o tipo de materiais necessários às múltiplas atividades que temos de realizar: vestuário, material escolar, equipamento médico e de saúde, leite em pó, comida para bebé... dessas atividades parece ser a criação de comitês de apoio ao nível das diferentes organizações existentes nos países membros. Sentimos que isso é muito necessário na África onde - devemos dizê-lo - a solidariedade popular ainda não encontrou a saída adequada para expressar os sentimentos profundos das massas. E, a mulher deve entender que seu papel na mobilização começa, antes de tudo, em casa, no seio da família.

mulheres, que sempre foram reconhecidas por seu trabalho entre as populações e nunca por começarem a mobilização a partir de suas casas ou de suas famílias. Dessa forma, Deolinda Guezimane foi uma das únicas integrantes da FRELIMO a reconhecer o importante trabalho desempenhado pelas mulheres do DF da região norte do território que mobilizaram as populações de suas regiões de origem, local dos seus laços familiares, e sustentaram o avanço da luta armada da FRELIMO no território de domínio português.

As publicações da Liberation Support Movement do Canadá, além de suscitarem a pressão pública à governantes e líderes políticos do norte global, no caminho da descolonização do continente africano, também, trabalharam na produção de materiais informativos de apoio à descolonização (SCHLIEHE, 2019). No mesmo ano, 1972, a FRELIMO através de seu Secretário de Informação Jorge Rebelo agradeceu o apoio recebido pelo Comitê de Libertação do Canadá. Como se lê:

Dear Comrades,  
We wish to express our appreciation for your reprinting of our bulletin "Mozambique Revolution" for distribution in Canada and North America in general. In this stage of our struggle, political work among the people in the capitalista countries — traditionally supporters of Portugal — is extremely important. This is one way of making them aware of the realities and the justness of our struggle, and thus enabling them to support our cause. The basic aspect of this political work is obviously information. That is why your reprinting of our information material in large numbers, is an importante contribution to our struggle. We encourage you and hope that you will continue to carry out this task, for the strengthening of the solidarity movement in your country, thus bringing nearer the final liquidation of colonialism and imperialism. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n. 53, p.2, 1972)<sup>97</sup>

O agradecimento foi republicado dos números 53, de outubro-dezembro de 1972 até a publicação de janeiro-março de 1974, número 58. E torna manifesto a importância da circulação das ideias da FRELIMO, através da distribuição da Mozambique Revolution, para o público no Canadá e na América do Norte, durante no mínimo 2 anos. As republicações do da LSM alimentaram os movimentos civis anticoloniais do período com novas informações e aumentaram o alcance do apoio internacional às mulheres da

---

<sup>97</sup> Tradução própria: Caros camaradas, Gostaríamos de expressar o nosso apreço pela reimpressão do nosso boletim "Mozambique Revolution" para distribuição no Canadá e América do Norte em geral. Nesta etapa de nossa luta, o trabalho político entre o povo no capitalismo países — tradicionalmente apoiantes de Portugal — é extremamente importante. Isso é uma maneira de torná-los conscientes da realidade e da justiça da nossa luta, e permitindo-lhes assim apoiar a nossa causa. O aspecto básico deste trabalho político é obviamente a informação. É por isso que sua reimpressão de nosso material informativo em grandes números, é um importante contribuição para a nossa luta. Nós o encorajamos e esperamos que você continue a realizar esta tarefa, pois o fortalecimento do movimento de solidariedade em seu país, trazendo assim mais perto da liquidação final do colonialismo e do imperialismo. (MOZAMBIQUE REVOLUTION, n 53, p.2, 1972)

FRELIMO através da divulgação de seu conteúdo. Ou seja, ao combinar política e apoio material o trabalho do Destacamento Feminino funcionou como rede de defesa transnacional de seu movimento anticolonial, além de ao mesmo tempo, iniciarem as mulheres em espaços ideológicos importante, de maneira geral, para a conquista de direitos femininos da década. Entretanto, não foram apenas os Comitês de Libertação que tornaram visíveis a presença das mulheres na FRELIMO. No próximo subcapítulo compreenderemos a visita de Deolinda Guezimane, no mês seguinte, à Alemanha Oriental revelou a complexa agenda internacional das mulheres do DF.

#### **6. 1. A Federação das mulheres da República Democrática Alemã (R.D.A.) convida o Destacamento Feminino Moçambicano**

Depois de participar em Dar es Salaam, as mulheres da delegação da FRELIMO representada por Deolinda Guezimane, partem para a Alemanha Oriental à convite da Federação das Mulheres da República Democrática Alemã (R.D.A.), a FDIM, que exploramos no capítulo anterior. Em 1970, a FDIM era reconhecida por diversas mulheres socialistas e feministas de esquerda, que quase por definição, elogiaram a União Soviética e outros países socialistas, pelas conquistas em termos de direitos das mulheres, e, principalmente pela realização dos Congressos de Moscou (HAAN, 2018). A visita ocorreu entre 30 de julho e 11 de agosto de 1972 e foi registrado nas páginas da *Voz da Revolução*, n. 11, de 1972 . O periódico, ainda registrou a importância das reuniões internacionais realizadas pela FRELIMO. Como se lê:

Quando a Organização nos envia em uma missão exterior, ela envia-nos numa missão que embora não fundamental, é importante. A missão no exterior é também uma missão de combate, a certo sentido mais difícil - porque frequentemente o inimigo e o amigo aparecem confundidos, inclusive dentro de nós individualmente. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11, p. 6)

É interessante notar que as tarefas desenvolvidas pelas mulheres da FRELIMO, eventualmente acompanharam trechos adicionais que serviam para justificar a realização do trabalho desenvolvido por elas. Não era novidade o questionamento, por parte dos homens, sobre as tarefas desenvolvidas pelas mulheres da FRELIMO. Reconhecimento nunca atribuído a LIFEMO, o DF foi compreendido como uma ferramenta importante



para a FRELIMO no exterior. Compreendendo a natureza da participação nos eventos internacionais uma missão de combate importante e difícil, listaram qual os objetivos da Delegação da FRELIMO no exterior. Como se lê:

A missão exterior, em geral, propõe-se atingir os objetivos principais seguintes:

- 1 Reforçar o isolamento do inimigo
- 2 Tornar a nossa luta ais conhecida, o que permite o desenvolvimento da solidariedade para connosco.
- 3 Testemunhar a nossa amizade, solidariedade e reconhecimento junto das Organizações, Governos e Povos que visitamos.
- 4 Estudar a experiência revolucionária do Povo visitado, para enriquecer a nossa própria teoria e prática revolucionárias. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11, p. 6)

Podemos notar que sua missão estava centrada na manifestação política internacional no desenvolvimento da solidariedade em favor da FRELIMO. O convite realizado pela República Democrática Alemã ocorreu meses após a VIII Congresso do Partido Socialista Unificado da RDA onde decidiram intensificar as visitas e eventos internacionais. A criação das redes internacionais que partiam da RDA fortaleciam o Partido no acirramento da disputa com a República Federal da Alemanha, principalmente através da denúncia dos crimes de guerra. Essas denúncias acusaram a RFA de compactuar com os interesses portugueses no continente africano. Nesse sentido, a delegação feminina visitante na Alemanha Oriental foi integrada por 4 mulheres do DF. Como se lê:

Convidadas pela Federação das Mulheres da República Democrática Alemã, 4 quadros do Destacamento Feminino da FRELIMO visitaram a R.D.A de 30 de julho a 11 de agosto de 1972. A nossa delegação era chefiada pela camarada Deolinda Raul Guezimane, membro do Comitê Central. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11, p. 6)

Entretanto, não há registros históricos referente ao nome da quarta componente da delegação, além de, Deolinda Guezimane, Rosária Tembe e Marcelina Chissano que pareciam formar a delegação feminina permanente da FRELIMO naquele ano. Em 1972, o fortalecimento de parceiros internacionais pressionou a ONU a admitir a RDA em sua organização. A admissão foi resultado da assinatura do chamado Tratado de Bases entre a Alemanha Federal e a República Democrática Alemã uma das consequências da chamada Ostpolitik<sup>98</sup> do então chanceler federal Willy Brandt. O acordo não apenas

---

<sup>98</sup> Ostpolitik (na língua alemã significa Política do leste) é um termo usado para descrever os esforços realizados por Willy Brandt, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Chanceler da República Federal da

negou a única representação a RFA, como admitiu que o povo alemão sustentassem duas representações nas Nações Unidas no mesmo período. Nesse sentido, a admissão das duas representantes alemãs foram importantes e desempenhou um papel relevante na prorrogação do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, na proibição de testes atômicos e na criação da Tribunal Penal Internacional.

Sobre a visita das mulheres do DF ao país, novamente Deolinda Guezimane era a chefe responsável pela Delegação. Porém, não há registros históricos sobre os discursos proferidos por ela durante a visita ao país. De fato, a viagem esteve centrada no estudo do desenvolvimento do trabalho das organizações femininas. Ou seja, essa passagem mantém uma semelhança evidente com a visita à República Popular da China por Celina Simango, dez anos antes, principalmente, ao observar seus objetivos. Como se lê:

O objetivo da visita foi o de estudarmos o processo de desenvolvimento da R.D.A., em particular no que respeita às realizações específicas das mulheres daquele país. E, ao mesmo tempo, estreita mais ainda as relações de amizade e solidariedade entre os nossos povos. O programa incluiu visitas a fábricas, cooperativas, infantários, escolas, campos de pioneiros, assim como reuniões com responsáveis das Organizações das mulheres a vários níveis. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11, p. 6)

Assim como Celina Simango, estendeu e reforçou os laços da FRELIMO no mundo. Em 1970, a voz e o rosto da FRELIMO eram Deolinda Guezimane, amplamente reconhecida pela sua representatividade. É interessante notar ainda, que as visitas internacionais, normalmente, assumiram uma postura menos formal que os eventos internacionais. Como podemos observar na foto:

---

Alemanha para normalizar as relações com as nações da Europa de Leste, incluindo a República Democrática Alemã.



**Figura 10** Deolinda Guezimane no Encontro Internacional da República Democrática Alemã. Fonte: VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11 p. 4 1972.

Ao ser recebida em sua chegada na RDA, Deolinda Guezimane apareceu sorridente e sem fardamento militar ao lado de Ilse Thiele que assumiu a coordenação da Democratic Women's League of Germany em setembro de 1953 até novembro de 1989. A foto estampou também a página 7 da *Mozambique Revolution*, n. 52, publicada em setembro de 1972, em Dar es Salaam, na Tanzânia. Fortalecendo os vínculos de apoio internacional, as mulheres da FRELIMO deixaram o continente europeu e partiram para o próximo evento daquele ano. Como veremos a seguir.

## **6. 2. 10ª Conferência Afro-asiática das Mulheres: Mongólia, 1972.**

Deixando a Alemanha Oriental, as mulheres da delegação da FRELIMO, Deolinda Guezimane, Rosária Tembe e Marcelina Chissano partem para o terceiro evento internacional daquele ano. A 10ª Conferência afro-asiática das mulheres ocorreu entre 13 a 20 de agosto de 1972, em Ulan-Bator, na Mongólia. É importante lembrar que, nos anos anteriores, a Conferência que criou a Organização Afro-asiática das Mulheres foi marcada pela presença da LIFEMO. Portanto, o Destacamento Feminino era o representante oficial da Frente e o órgão oficial continuador do trabalho da LIFEMO. Nesse subcapítulo, através da fonte histórica selecionada, *Voz da Revolução*, n. 11, publicada em 1972, assim como, sua publicação em inglês para o público externo a *Mozambique Revolution*

número 52 e 54, publicadas respectivamente em setembro de 1972 e janeiro de 1973, produzida em Dar es Salaam, na Tanzânia e da leitura especializada nos aprofundaremos na Conferência Afro-asiática de mulheres. Novamente, Deolinda Guezimane era a representante internacional e porta-voz das mulheres da FRELIMO. Como se vê:



**Figura 11** Deolinda Guezimane na 10ª Conferência Afro-asiática das mulheres Fonte: VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 10, 1972, p.6

Deolinda Guezimane retornou ao uso dos trajes militares nesse evento e contrastou com outras mulheres com roupas civis ao fundo, acentuando, mais uma vez, em âmbito internacional a militarização do movimento feminino da FRELIMO. Além disso, a foto deixa ver que a união de diversas mulheres com línguas diferentes não foi um empecilho para a reunião e sim um motivo de orgulho para o evento que reuniu mulheres dos dois continentes. Quanto ao discurso de Deolinda Guezimane, nenhuma palavra foi transcrita ou registrada pelas publicações da FRELIMO. Mas, a Frente não deixou de informa o seu conteúdo, como podemos ler:

Na sua intervenção, a representante da FRELIMO, depois de fazer um sumário geral da situação da nossa luta nos seus dois aspectos fundamentais - luta política - militar e reconstrução nacional - falou em detalhe sobre a participação das mulheres moçambicanas em cada sector de actividade. Explicámos à Conferencia como a mulher moçambicana tem sido oprimida através dos séculos - pela sociedade tradicional e pelas estruturas coloniais. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11 p. 4 1972)

Em 1972, a publicação Voz da Revolução passou a incorporar um novo objetivo a mulher do DF. Se antes, a mulher deveria estar comprometida com a Revolução, a partir de 1972, deveria estar comprometida com a reconstrução nacional. Adicionando ao projeto político a militarização do movimento como meio legitimador de sua criação. Como se lê:

Como, segundo a nossa experiencia o engajamento directo da mulher dentro de um movimento político é um factor decisivo para a sua emancipação. Dessemos como a mulher nas zonas libertadas do nosso país realiza hoje plenamente todas as tarefas revolucionárias, ao lado do homem e em pé de igualdade com ele. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 11, p. 4, 1972)

De fato, as mulheres realizaram o movimento político desde a constituição da FRELIMO em 1962. Seu engajamento direto, como percebemos, foi um fator político importante no desenvolvimento do projeto emancipatório. Entretanto, segundo o trecho a cima, Deolinda Guezimane omitiu novamente as reclamações das mulheres do DF quanto ao tratamento desigual que recebiam. Em seu lugar, ofereceu uma perspectiva de igualdade de gênero que nunca foi alcançada pela FRELIMO, mas foi utilizada como propaganda política internacional. Esse fato fica evidente quando percebemos a republicação do mesmo texto nas páginas da Mozambique Revolution, n. 52, publicada em setembro de 1972, produzida em Dar es Salaam, na Tanzânia.

Ao final de 1972, as mulheres da FRELIMO haviam circulado por um amplo circuito internacional constituído por uma rede de contato entre as mulheres de todo o mundo. O alcance de sua influência foi percebido como um sucesso do seu trabalho político. A política externa produzida pelo DF foi reconhecida e referenciada durante a 5ª sessão do Comitê Central da FRELIMO, dezembro de 1972<sup>99</sup>. As resoluções da reunião, causadas principalmente pela abertura da nova frente de batalha, a frente de Tete, durou

---

<sup>99</sup> Uma parte do comunicado oficial do Comitê Central da Frelimo está publicada na Revista Tempo, n. 233, disponível na Biblioteca Virtual Aluka que reúne mais de 70 coleções contendo 190.000 páginas de documentos e imagens sobre as lutas de libertação da região da África Austral.

26 dias e iniciou a consolidação do projeto de libertação da mulher desenvolvido pelo Comitê Central da FRELIMO que decidiu pela criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Como podemos ler na primeira publicação de janeiro/março de 1973, da *Mozambique Revolution*, n. 54:

The C.C. also considered that one of our priority tasks must be the struggle for the emancipation of women, a struggle which must be a major concern of all Mozambican revolutionaries, both men and women. This will permit the effective mobilisation of the abilities of Mozambican Women in the service of the struggle against Portuguese colonialism, and will also put an end to discriminatory and colonial society. In this way, Mozambican women will fully assume their role as citizens of free Mozambique.

To give more impetus to the struggle for the emancipation of women, the C.C. decided to create an Organisation of Mozambican Women which has as its nucleus the Women's Detachment. This new Organisation will bring together all women engaged in the various sectors of activity. (*Mozambique Revolution*, n. 54, 1972, p. 21)<sup>100</sup>

A FRELIMO justificou a criação da OMM como um espaço político que ofereceu o status de cidadã, antes mesmo da independência do país e da constituição da FRELIMO como partido único no poder. As mulheres reunidas a partir da OMM se diferenciariam pela sua representatividade política. Novamente, desde a LIFEMO, a FRELIMO reuniu as mulheres em uma organização para se prepararem para suas tarefas políticas. Continua a publicação:

The C.C. decided, on the proposal of the provinces and the Mozambican women to declare 7 April, the date of the death of Comrade Josina Machel, head of Social Affairs, Mozambican Women's Day. The C.C. was prompted to take this decision by the spirit of militancy and of revolutionary sacrifice which characterised the life of Comrade Josina Machel. Her work as a clandestine militant while in the zone under colonial domination, and her role in the FRELIMO Women's Detachment, for the emancipation of Mozambican women, are outstanding examples for all militant revolutionaries.

Analysing the status and programme of FRELIMO in the light of the practical experience gained in the past 4 years, the C.C.

---

<sup>100</sup> Tradução própria: O C.C. considerou também que uma das nossas tarefas prioritárias deve ser a luta pela emancipação das mulheres, luta que deve ser uma das maiores preocupações de todos os revolucionários moçambicanos, homens e mulheres. Isto permitirá a mobilização efectiva das capacidades da Mulher Moçambicana ao serviço da luta contra o colonialismo português, e também porá fim à sociedade discriminatória e colonial. Desta forma, as mulheres moçambicanas assumirão plenamente o seu papel de cidadãs de Moçambique livre. Para dar mais fôlego à luta pela emancipação da mulher, o C.C. decidiu criar uma Organização da Mulher Moçambicana que tem como núcleo o Destacamento Feminino. Esta nova Organização reunirá todas as mulheres que se dedicam aos vários setores de atividade.

resolved that it was necessary to bring up to date certain structures, rules and organs, to make them more efficient and adapted to the present phase of our struggle.

Through a deep study of the problems of our war, this historic meeting of the C.C. was able to clarify many aspects of our strategy and tactics. (Mozambique Revolution, n. 54 ,1973, p. 21)<sup>101</sup>

A resolução do Comité Central tornou possível o processo de heroicidade de Josina Machel, o processo de transforma-la em um símbolo da mulher moçambicana emancipada pela FRELIMO foi decidido na mesma reunião. A data da sua morte tornou-se o dia da mulher moçambicana centrada na justificativa de ser um exemplo de militarismo e sacrifício, dois elementos essenciais para as mulheres da FRELIMO. O documento continua, como podemos ler:

It also brought to our attention the need for constant study, for knowledge of Mozambican society in all its complexity, as the way for FRELIMO to be able to affirm its presence in the whole country, and to carry the flame of freedom to all the regions where our compatriots still suffer under the yoke colonialism.

The watchwords formulated at the meeting which constituted a true landmark in the life of our Organisation, were: general offensive on all fronts and extension of the war to new zones. By implementing these watch words we shall be striking the enemy in their most vital areas, and we shall be changing the balance of forces in favour of our people. We, shall, in short, be speeding up the final crumbling of Portuguese colonialism and imperialism in our country, and continuing with the building of a free prosperous and strong Mozambique. (Mozambique Revolution, n. 54 ,1973, p. 21)<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> O C.C. decidiu, por proposta das províncias e das mulheres moçambicanas, declarar o dia 7 de Abril, data da morte da camarada Josina Machel, chefe dos Assuntos Sociais, o Dia da Mulher Moçambicana. O C.C. foi levado a tomar esta decisão pelo espírito de militância e de sacrifício revolucionário que caracterizou a vida da camarada Josina Machel. O seu trabalho como militante clandestina na zona de dominação colonial, e o seu papel no Destacamento Feminino da FRELIMO, para a emancipação da mulher moçambicana, são exemplos marcantes para todas as militantes revolucionárias.

Analisando o estatuto e o programa da FRELIMO à luz da experiência prática adquirida nos últimos 4 anos, o C.C. resolveu que era necessário atualizar certas estruturas, regras e órgãos, para torná-los mais eficientes e adaptados à fase atual de nossa luta.

Através de um estudo profundo dos problemas da nossa guerra, esta reunião histórica do C.C. foi capaz de esclarecer muitos aspectos de nossa estratégia e táticas.

<sup>102</sup> Tradução própria: Chamou-nos também a atenção para a necessidade do estudo constante, do conhecimento da sociedade moçambicana em toda a sua complexidade, como forma de a FRELIMO poder afirmar a sua presença em todo o país, e levar a chama da liberdade a todas as regiões onde nossos compatriotas ainda sofrem sob o jugo do colonialismo. As palavras de ordem formuladas no encontro que constituiu um verdadeiro marco na vida da nossa Organização, foram: ofensiva geral em todas as frentes e alargamento da guerra a novas zonas. Ao implementar essas palavras de alerta, estaremos atingindo o inimigo em suas áreas mais vitais e estaremos mudando o equilíbrio de forças em favor de nosso povo. Estaremos, em suma, a acelerar o desmoronamento final do colonialismo e imperialismo português no nosso país, e a continuar a construção de um Moçambique livre, próspero e forte.

A necessidade do estudo constante sobre a sociedade moçambicana e sua complexidade era o início da consolidação do projeto político da FRELIMO . Procurando, através do estudo desenvolver métodos de se consolidar como único representante político dos povos moçambicanos. Portanto, necessidade de construção de uma Organização política que centralizasse seus esforços na mobilização da mulheres através do discurso de sua emancipação. Como podemos perceber, o projeto político de libertação da mulher da FRELIMO foi originado com a LIFEMO. Continuado através do trabalho das mulheres do Destacamento Feminino, possível após a reformulação realizada pela elite da FRELIMO que resultou em sua militarização. De fato, esses era o “fruto”, originado do DF e não da LIFEMO, que Deolinda Guezimane e Samora Machel referenciaram em suas falas. Em 1973, as mulheres da FRELIMO passaram a se concentrar na reconstrução nacional através da organização da OMM.

Após escolher a mulher símbolo do projeto emancipatório, a FRELIMO avançou rápido no desenvolvimento ideológico do seu projeto, Foi na busca de ampliar a divulgação do seu próprio trabalho que o ano de 1973 é marcado pela realização de Conferências e reuniões de estudos com objetivo estabelecido pela FRELIMO de “adequar o nosso programa à fase atual” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973). Como exemplo, em janeiro de 1973 ocorre o Seminário Pedagógico Nacional; em fevereiro, a Primeira Conferência dos Serviços de Saúde; e em março, a Primeira Conferência da Mulher Moçambicana. A partir dessa Conferência, oficialmente é criada a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) como veremos no próximo subcapítulo.

## **Capítulo 7. A Primeira Conferencia da Mulher Moçambicana: A consolidação do projeto libertação da mulher da FRELIMO na criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM)**

Neste capítulo, dedicado à análise do comunicado final do Comitê Central da FRELIMO referente à Primeira Conferencia da Mulher Moçambicana, evento que marca a criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). O Comunicado foi registrado nas páginas da Voz da Revolução, n. 16, publicada em 1973, assim como, sua versão em inglês, na Mozambique Revolution, n. 54, publicada em 1973 na Tanzânia. O discurso de Samora M. Machel, realizado na abertura do evento foi, posteriormente, publicado como



documento de estudo dos militantes da FRELIMO, com o título *A libertação da mulher é uma necessidade da Revolução, garantia da sua continuidade e condição do seu triunfo*<sup>103</sup>, em 1979.

A primeira Conferência da Mulher Moçambicana, em 1973, ocorreu em Tunduru e marca o início da consolidação do projeto ideológico de libertação da mulher da FRELIMO. Samora Moisés Machel, líder revolucionário da FRELIMO, ao discursar durante a Conferência, afirmou que a libertação política, cultural e social da mulher era fundamental para libertação política, cultural e social de todos em território moçambicano. Para o líder revolucionário, não existiria uma libertação da mulher sem a vitória da luta de libertação nacional, não existiria vitória do “povo moçambicano” sem a participação da “mulher moçambicana” forjados na ideia da unidade ideológica silenciando a diversidade de interpretações sobre as mulheres coexistentes em território moçambicano. O discurso de Samora Moisés Machel sobre reivindicações de direitos de mulheres, fenômeno associado a experiência concreta da participação das mulheres em diversos eventos internacionais<sup>104</sup>, foi percebida como uma profunda crítica as bases do sistema colonialista e tradicional.

A opressão da mulher privada de direitos políticos circunscrita as suas capacidades reprodutivas, e por consequência, limitada a vida doméstica não era uma situação fora do comum, no início da década de 1970. Porém, é através da leitura da FRELIMO, que combina as concepções tradicionais sobre a submissão da mulher e as concepções colonialista de submissão feminina que “está opressão e exploração atingem graus mais extremos” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.5). Procuraram estabelecer um projeto que recusou qualquer forma de opressão e exploração de um indivíduo ou grupo, de classe ou de sexo. Procurando estabelecer “relações humanas sãs e harmoniosas” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.5).

Participaram da Conferência cerca de 80 mulheres da FRELIMO, nomeadamente delegadas, sendo responsáveis pelos mais diversos setores de atividades da FRELIMO,

---

<sup>103</sup> Os discursos de Samora Moisés Machel sobre a mulher foi tema da dissertação de Mestrado realizada pela autora desta investigação, defendida em 2018, intitulado “Do vento da emancipação” à “força motriz da Revolução”: a mulher nos discursos de Samora Moisés Machel (Moçambique) (1973 – 1980). Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8069>

<sup>104</sup> Outras experiências femininas em processos revolucionário suscitaram discursos altamente inovadores de líderes políticos por reivindicação de direitos femininos, a exemplo, o caso da Albânia com o discurso *A mulher albanesa e sua completa emancipação* de Vito Kapo, o caso Chinês com o discurso *A libertação da mulher na china* de Soon Ching-ling, esposa de Sun Yat-sen um dos líderes da Revolução de 1911 que estabeleceu a República da China, ela teve um papel de destaque na política chinesa antes de 1949, e, por fim, a experiência de mulheres no processo revolucionário do Vietnã é o assunto do discurso *A mulher vietnamita ontem e hoje* da Mai Thi Tu.

com predominância dos elementos do Destacamento Feminino. Podemos visualizar a Conferência de 1973 na foto a seguir:



**Figura 12** Foto da primeira conferência da OMM. Retirada de: VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, pág. 5.

Podemos perceber que a Conferência foi realizada de maneira organizada em meio a zona libertada da FRELIMO com a participação de diversas mulheres. Visivelmente, a sua maioria composta por mulheres militares sentadas de maneira disciplinada. Prestam atenção no único homem, em pé, da reunião. Foi de baixo que as mulheres observaram Samora M. Machel autoproclamar fundador do projeto de emancipação feminina da FRELIMO. Desde a criação do Movimento revolucionário, este é um momento crucial de mobilização de mulheres nas discussões em torno de questões exclusivamente pautadas em seu gênero. A Conferência, entretanto, se concentrou em questões predeterminadas pelo Comitê Central:

A agenda inclui: 1) relatórios das actividades; 2) análise e caracterização da situação actual; 3) estudos do processo de integração da mulher moçambicana no processo de revolução, com atenção particular aos seguintes pontos: obstáculos a integração e caracterização das condições; definição dos alvos; formulação da estratégia; tarefas da Organização da Mulher Moçambicana e seu lugar na estrutura da FRELIMO (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p..5).

Após um estudo sobre os relatórios encaminhados por mulheres engajadas na militância da FRELIMO, o Comitê Central destacou os resultados analisados e quais os trabalhos que deveriam ser desenvolvidos. Segundo o comunicado oficial publicado, o Destacamento feminino “realizou o seu trabalho de maneira correcta, com um alto nível de consciência política e um elevado grau de eficiência” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.5). De todas as tarefas desenvolvidas, entre as mais relevantes estavam ressaltaram “o combate, mobilização, organização e defesa da população; transporte de material; produção; recrutamento; segurança; cuidado dos infantários e trabalho clandestino” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.5) sem mencionar seu trabalho político internacional. A conclusão final do Comitê Central se centrava na identificação do maior inimigo da luta por emancipação da mulher, que se configurava em um elemento psicológico: o complexo de inferioridade.

As raízes desse complexo estavam localizadas no “sistema de educação tradicional conjugado com o regime colonial” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.6). Quando crescem, as mulheres eram submetidas a “ritos de iniciação”. Embora assumissem que poderiam manter as mais variadas formas, um fato foi identificado pela Frente como comum em todas essas práticas culturais: o de “inculcar nas jovens um espírito de submissão em relação ao homem, e ensinar-lhes que o seu lugar na sociedade é de segundo plano” (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1973, p.6). Em conjunto com o sistema colonial, por sua vez, inspiravam a ideia da mulher como “o segundo sexo”. Uma referência ao conteúdo do clássico livro de Simone de Beauvoir (1949). Para a feminista, o segundo sexo é uma construção histórica e social do papel que a mulher ocupa na sociedade. Juntos, o sistema colonial e o tradicional, submeteram a mulher moçambicana:

O sistema colonial veio piorar esta situação. Ele próprio inspirado também pela ideia da mulher como "o segundo sexo" a uma dupla opressão: uma de carácter geral, que abrange a distintamente homens e mulheres, e que se manifesta no trabalho forçado, culturas forçadas, prisões arbitrarias, discriminação racial, e etc. Outra de carácter específico, dirigida só à mulher. Separando-a do marido pelo trabalho forçado, privando-a dos meios de sustento do lar e dos filhos, o colonialismo criou deste modo condições para forçar a mulher a recorrer à venda do seu corpo, a prostituir-se, para sobreviver. A mulher avilta-se, degrada-se, é submetida à forma extrema de humilhação pelos colonialistas que fazem dela, além da força de trabalho e máquina reprodutora, também instrumento de prazer. (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1973, p.6).

O principal foco dos ritos de iniciação, segundo o comunicado, era o de ensinar as mulheres a “produzirem filhos e cuidarem do marido e da casa, sendo-lhes interdita qualquer tarefa” (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1973, p.6). Esses ritos, segundo do Comitê Central, estavam cobertos por uma “aura de mistério e solenidade religiosa” e, para a FRELIMO, mantinham um efeito psicológico devastador à “aceitação cega por parte das jovens, dos ensinamentos que recebem, traumatizando-as para o resto de suas vidas” (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1973, p.6). Além desse fato, prostituição foi percebida como uma forma de imputar à mulher uma extrema humilhação, a face mais cruel de sua opressão. Tanto os ritos de iniciação, como o lobolo, a poligamia, a educação tradicional, a prostituição e os casamentos forçados e prematuros foram proibidas pelo Partido Frelimo após a independência do país. Podemos perceber, no entanto, a forja dos fundamentos que guiaram o projeto emancipatório feminino dos primeiros anos do governo da constituídos nessa Conferência.

O comunicado final ao mesmo tempo que utilizou a teoria de Simone de Beauvoir, uma feminista de um país capitalista, foi o mesmo que afirmou ser o movimento de mulheres capitalistas era o causador do desvirtuamento do motivo da opressão das mulheres, por que tornou o homem como alvo e não sistema de opressão. Como se lê:

A conferencia chamou a atenção das delegadas para o perigo de desvirtuamento na definição dos alvos, exemplificando a posição dos chamados "movimentos de libertação das mulheres" que proliferam hoje nos países capitalistas. Esses movimentos dirigem o seu combate contra o homem, a ele apontam como alvo, acusando-o do estado de opressão e exploração em que eles se encontram. A Conferencia fez notar que homens trabalhadores são eles próprios também explorados e oprimidos nessas sociedades, juntamente como as mulheres, e que as eventuais concepções reacionárias dele face às mulheres foram ministradas pelo sistema sob o qual vivem. É contra o sistema que difunde esta mentalidade, isto é, contra aspectos negativos da tradição e contra o colonialismo e imperialismo, que a mulher moçambicana deve dirigir suas armas. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.6).

Dessa maneira, a FRELIMO fez notar que homens e mulheres em unidade ideológica destruiriam não apenas os aspectos da antiga tradição e contra o colonialismo, como estava posto. Nesse momento, o imperialismo também é um alvo no qual as mulheres deveriam dirigir suas armas. O sistema capitalista era por si só um sistema de desigualdade de gênero onde apenas na sua destruição e “sobre as suas ruínas estruturar uma nova sociedade” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.6). O único caminho

concreto para sua emancipação foi encerrado em um projeto que dependeu de “sua integração nas tarefas da luta” possível apenas pelo desenvolvimento processo revolucionário da FRELIMO o único “capaz de dar à mulher uma orientação correcta e definir lhe as tarefas” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973, p.6). Consolidando seu papel de vanguarda na luta política das mulheres da FRELIMO que tornou a libertação da mulher uma peça importante para a compreensão da política da FRELIMO a partir de 1973.

Esse projeto estava centrado na conclusão da Revolução, com a criação de uma “nova sociedade”. O projeto resultaria em um novo sistema, dessa vez, emancipatório para as mulheres. Segundo o projeto, mantinha o objetivo final de elencar as condições necessárias para que a mulher pudesse realizar a “participação no poder” e assim “tomar nas suas mãos o seu destino” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973 p.6). Nesse sentido, a OMM, além da tarefa de mobilizar, organizar e unir para o desenvolvimento de uma “consciência crescente da mulher moçambicana”, era a estrutura de enquadramento e orientação na construção da homogeneização da mulher emancipada, também protagonista da batalha por emancipação nacional. Portanto, à OMM foi relegado a importante tarefa de mobilizar a opinião internacional ao manter contato com as outras organizações femininas em escala internacional e transnacional.

Para o Comitê Central a luta da mulher em escala global “nos chama atenção para o facto de a nossa luta não estar isolada, nos mostra que o combate da mulher é um combate da humanidade e nos faz sentir os progressos já realizados” (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973 p.7). Portanto, compreendia a importância da contribuição dos diferentes movimentos femininos para a construção do feminismo internacionalista do período. Ao se integrarem no projeto de solidariedade feminina em escala global, felicitaram mulheres capitalistas e comunistas. Como podemos ler:

A conferencia felicitou as mulheres e os povos dos países socialistas, pelos sucessos alcançados na construção duma sociedade nova e pela maneira exemplar como assumem o seu dever internacional.

O combate das mulheres e dos homens nos países capitalistas e em todos os continentes contra o colonialismo, o racismo, o imperialismo, a exploração do homem e a discriminação da mulher, foi considerado pela Conferencia como uma contribuição concreta à causa do Povo moçambicano em geral e da mulher moçambicana em particular. (VOZ DA REVOLUÇÃO, n. 16, 1973 p.7).

Como podemos perceber, a FRELIMO contribuiu para o feminismo internacionalista que marcam a década de 1960 e 1970. É nesse momento que a mulher

se deslocou de um lugar antes negligenciado, como no caso do não reconhecimento da LIFEMO, para se tornar fundamental no projeto ideológico da FRELIMO. Dessa forma, apenas em 1973, a mulher da FRELIMO assumiu o lugar que foi prometido desde o início da formação do Movimento, ao se comprometerem no Primeiro Congresso, em 1962, pela criação de “sindicatos e organizações para o desenvolvimento social, cultural e político das mulheres”. Como veremos a seguir, após o estabelecimento teórico do projeto e a criação de um instrumento político desse projeto, a OMM, foi preciso reforçar a imagem homogeneizante da modelo e mentora Josina Machel como exemplo da mulher emancipada da FRELIMO. Essa estratégia foi essencial para a ampla divulgação de sua política emancipatória.

### **7. 1 "O farol que ilumina caminhos da revolução moçambicana" : A instrumentalização política de Josina Machel através de sua biografia**

Neste subcapítulo investigaremos a Revista Tempo n. 236, publicada em seis de abril de 1975. A biografia formulada pela FRELIMO foi um marco importante para o início da utilização política da sua imagem, quatro anos após sua morte, no ano da independência do país. Josina Machel, como conhecemos hoje, foi construída como imagem simbólica do projeto de libertação da mulher desenvolvido pela Frente de Libertação, desde a criação da LIFEMO, em 1962. A edição acompanha uma capa composta por um retrato de Josina Machel sorrindo onde se lê como título “Camarada Josina Machel, símbolo da libertação da Mulher Moçambicana. Quarto aniversário da sua morte”. Como forma de homenagem, o conteúdo da revista é dedicada a explicar a vida, a obra e as motivações que levaram a Frelimo a escolher Josina Machel como símbolo da mulher moçambicana emancipada. Em uma grande pergunta de abertura da revista “Porquê o dia da morte da Camarada Josina Machel para Dia da. Mulher Moçambicana?” (TEMPO, n. 236, 1975, p.4), podemos entender as motivações da Frelimo em sua resposta:

Josina Machel foi uma mulher engajada totalmente na Revolução, militante na clandestinidade, duas vezes detida - uma pela PIDE e outra pelas autoridades britânicas, combatente, organizadora, companheira e esposa, ela representa a mulher consciente, representa a vitória sobre as amarras da tradição, simboliza a total abnegação em prol da Revolução. (TEMPO, n. 236, 1975, p.4)

É interessante notar que não são raras as vezes em que novas informações sobre Josina Machel são reveladas nas publicações da Frelimo. Nesse caso, podemos ler que duas vezes ela foi presa pelo seu trabalho clandestino militante, entre elas uma pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e outra pelas autoridades britânicas. Como veremos, novas informações sobre Josina Machel, como nesse caso a sua segunda prisão, funcionam de maneira a instrumentalizar a sua imagem como “um guia de encorajamento para outras mulheres” (TEMPO, n. 236, 1975, p.5).

Um mês após a morte de Josina Machel, em 1971, a revista Tempo relata que Samora M. Machel da base da FRELIMO na Tanzânia, escreveu poesias em sua homenagem e que foram publicadas somente quatro anos depois, em 1975. Ou seja, após a independência, momento em que se intensifica a construção de uma imagem heroica vinculada a Josina Machel. Não foi localizado nenhum registros dessas poesias em documentos anteriores a 1975. Como se lê:

Não te encontrei na casa,  
Mas no rosto de toda a gente,  
Na machamba e na horta  
VI-TE VIVA! (...)  
É doloroso perdermos o quadro,  
É doloroso perdemos a mulher  
Que soube na revolução emancipar-se  
É doloroso perdermos-te  
Quando ainda somos tão poucos e tanto resta a fazer.  
É doloroso perdermos aquela que combinou inteligência com o matope  
para fazer crescer a planta nova.  
É doloroso perdermos quem no mundo e na Pátria  
ASSUMIU A NOVA MULHER MOÇAMBICANA. (...)  
Assim, na luta na revolução te encontro continuamente  
A minha vida pertence à revolução. (MACHEL, S. [1971] in: *Tempo*,  
n. 236, 1975. p. 12)

A identificação da Josina Machel a qualquer mulher moçambicana está presente nesse imaginário simbólico construído pela Frente de Libertação. Após sua morte, sua imagem passou a ser utilizada para valorizar o papel de vanguarda da revolução da FRELIMO, ao construir, grandes heróis históricos com a justificativa de grandes atos de sacrifício pela luta armada. Em sete de abril de 1975, no quarto aniversário de sua morte e ano da independência de Moçambique, a Revista Tempo, n. 236, publicou também outra poesia feita por Samora Machel, em 1971. Essa publicação foi acompanhada por uma pequena introdução de letras grandes onde se lia “O camarada presidente Samora Moisés Machel não é um homem insensível a dor” (TEMPO, 1975, p. 10). Sendo a figura

da Josina, também usada para atribuir características positivas à imagem de Samora M. Machel como pai, marido, companheiro que “duramente desempenha as tarefas da revolução” (TEMPO, n. 236, 1975, p.10) acima de suas dores e tragédias pessoais. Como se lê:

Josina tu não morreste por que assumimos as tuas preocupações e elas vivem em mim.  
Não morreste, porque os interesses fundamentais que defendias foram integralmente recebidos por nós, como herança.  
Definitivamente te separaste de nós e a arma e mochila que deixaste, esses teus instrumentos de trabalho, fazem agora parte da minha carga.(...)  
Do teu pensamento farei a enxada que revolve a terra rica do teu sacrifício  
E crescerão os frutos novos.  
Que a guerra se alimenta do sangue dos melhores que temos daqueles que mais amamos  
Assim a missão do teu sangue: fazer dele exemplo vivo a ser assumido, mistura-lo profundamente à terra criadora, para que ele nunca seja inútil. A minha alegria é que como patriota e mulher morreste duplamente livre, neste tempo em que cresce o poder novo e a mulher nova. (MACHEL, S. [1971] in: Tempo, n. 236, 1975. p. 13)

É importante ressaltar a modificação da imagem da Josina Machel, nesta publicação, da mulher-militante revolucionária para a ideia simbólica de um “pensamento” que como uma “enxada modifica a terra”, nesse caso, um instrumento político para a modificação e unificação da nação conforme o projeto político e ideológico da Frente. É possível perceber a alteração no discurso do Samora M. Machel, como nesse poema, ao travar uma luta moral e ética na construção de uma “nova sociedade”. Dessa forma, seu poema se mostra um prenúncio do projeto político da FRELIMO na ideia poética de uma mulher “nova” renascida da mesma terra, organizada através de um poder novo, parte da continuação da luta de Josina Machel integrada ao desenvolvimento de uma “nova nação”.

No editorial, do mesmo número da Revista Tempo (n. 236, 1975), intitulado “A voz da mulher”, a homenagem à Josina Machel acompanhava os poemas de duas de suas companheiras do Destacamento Feminino. A primeira de autoria de Rosália Tembe que foi integrante do primeiro grupo feminino de formação do DF. Sua poesia faz parte do livro “Antologia da poesia feminina dos PALOP” de Xosé Lois García publicado em 1998. A sua homenagem à Josina Machel ressaltou a sua presença ainda viva como exemplo para a militância “Tu não morreste, jamais morrerás, amor e liberdade nunca



poderão morrer” (TEMPO, n. 236, 1975, p.13). A segunda autora foi Joana Nachake, também integrante do primeiro grupo feminino do DF. Sua poesia também integrou parte do livro de Xosé Lois García. Da mesma maneira, reconheceu “Josina tu não morreste o teu sangue até agora serve como água corrente do mar” (TEMPO, 1975, p.13). Ou seja, sua imortalidade era atribuída ao desenvolvimento da edificação da nova sociedade revolucionária, dessa forma, Josina Machel se tornou ícone da mulher emancipada eternizada nas linhas escritas pela Frelimo para a história do país.

Grande parte da sua biografia se dedica com detalhes as passagens tortuosas de Josina Machel para alcançar a base militar da FRELIMO na Tanzânia, fato que marca suas prisões e o início de sua trajetória na Frente. É importante ressaltar que essa passagem revela uma série de privações e fome, ou seja, dos sacrifícios de Josina Machel para integrar as fileiras da Frente. Como no trecho que segue:

Moçambique e a Suazilândia poderia gozar meia liberdade, uma vez que o governo britânico concedia asilo político aos moçambicanos. A Suazilândia ainda não estava independente. Essa meia liberdade porém transformava -se em verdadeira prisão por causa da situação geográfica daquele país, que fica entre Moçambique e a África do Sul. A única possibilidade de se ganhar a liberdade completa seria atravessar a terra do «apartheid» em direcção ao Protectorado britânico da Bechuanalândia, actual Botswana, daqui para a Zâmbia e depois Tanzânia. (TEMPO, 1975, p.6).

Trajectoria difícil da qual Josina Machel enfrentou até alcançar a Tanzânia e ser reconhecida como uma valorosa militante por enfrentar seus sacrifícios. Podemos afirmar ainda que em alguns momentos sua biografia torna-se poética e simbólica. Entre esses fatos, o momento da sua morte é emblemático e torna-se um exemplo da instrumentalização política de, inclusive, momentos sensíveis de sua vida pessoal:

O seu espírito revolucionário em aceitar os sacrifícios, comoveu os médicos e camaradas que com ela estava. Momentos antes de morrer disse-nos:

*«Deixo atrás de mim duas preocupações, a Revolução e a minha família».*

A sua morte privou a Revolução de um valor incalculável e privou a Mulher Moçambicana de uma líder esclarecida. Mas o trabalho continua. Na FRELIMO, quando um camarada cai, outro carrega a sua arma e continua a luta. (TEMPO, 1975, p.8. Grifo original)

A sua imagem reforçava a dor da perda familiar. A tragédia e dor da guerra é substituída pela esperança da Revolução e na reconstrução nacional. Esses momentos, de modo geral, são acompanhados por poesias atribuídas a Samora M. Machel. Como se lê:

*As flores que caem da arvore  
[vêm preparar a terra  
Para que novas e mais belas  
flores cresçam na estação se  
[guinte  
A tua vida continua nos que  
[continuam a Revolução (TEMPO, 1975, p.8. Grifo original).*

Como uma verdadeira heroína, após uma trajetória de sacrifícios e trabalho, a sua morte é dramática, misteriosa e pouco esclarecida mas não o ponto final de sua história. Em sua biografia consta apenas que “sua saúde deteriorou-se e foi forçada a aceitar ser levada para a Tanzânia” (TEMPO, n. 236, 1975, p.8.). As poucas palavras sobre a causa da sua morte contrastam com as páginas contendo os detalhes de sua trajetória política e pessoal.

Nem sempre o momento trágico de sua morte foi carregado de tristeza e muitas vezes foi exaltado por diversos departamentos da FRELIMO, entre eles o próprio departamento de defesa, setor coordenado por Samora M. Machel antes de se tornar líder da FRELIMO, e que contribuíram para construir a figura de Josina Machel. Segundo a biografia, essa foi a mensagem do departamento, em 1972:

Parece estranho comemorar-se a morte de alguém. Mas neste caso é importante fazê-lo, para que o nosso povo seja animado pelo exemplo da vida da Camarada Josina (...) na luta pela libertação nacional, para a construção de uma nova sociedade, particularmente, pela emancipação e integração da Mulher na Revolução...Os obstáculos criados pelos preconceitos reaccionários sobre a mulher, existentes na sociedade tradicional ou trazidos pelo colonialismo, começam a ser afastados pelo exemplo da Camarada Josina que protestou abertamente contra eles.... Por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, o Departamento de Defesa deseja exprimir a sua profunda admiração e respeito pela coragem total, determinação e espírito revolucionário patentes durante a vida pela Camarada Josina. (TEMPO, n. 236, 1975, p.8.)

Pareceria estranho comemorar a morte de alguém, se esse alguém não passasse por um processo de instrumentalização de sua figura como um símbolo da mulher revolucionária da FRELIMO. E foi no esforço de imortalizar a sua imagem como exemplo de militância, coragem e emancipação, dedicada às mulheres, que a FRELIMO sempre se mostrou disposta a recontar incansáveis vezes sua trajetória até a popularização de sua figura, assim como, manteve todos os seus departamentos vinculados a esse objetivo como podemos perceber nos trechos selecionados e que compõem a biografia analisada:

(...)foi sempre completamente dedicada à Revolução, corajosa com alta consciência política. (Comité Provincial de Cabo Delgado)

(...)as actividades que ela empreendeu para a luta e o exemplo do comportamento, no qual ela colocou a Revolução acima de tudo, incluindo ela própria, fez dela uma heroína.... Ela morreu por causa do pesado trabalho que lhe minou a saúde.... A sua contribuição para a Revolução, o seu trabalho no meio do Povo e internacionalmente, chefiando a Mulher Moçambicana no caminho da sua emancipação e fazendo com que a sua voz fosse ouvida no estrangeiro, foi incalculável. (Comité Provincial do Niassa)

(...)viveu e morreu para que Moçambique pudesse ser livre. Ela representa a coragem e dedicação, o glorioso espírito de luta da Mulher da FRELIMO. Ela não pertence apenas à FRE LIMO.. Josina, pertence a todas as mulheres onde quer que se lute pela libertação. (Mulheres do A. N. C.) (TEMPO, n. 236, 1975, p.8.)

Dessa forma, não apenas Samora Moisés Machel através das publicações da Frelimo na Revista Tempo, como diversos outros políticos moçambicanos atuaram na construção da imagem de Josina Machel. Assim como, a imagem de Josina Machel foi promovida não apenas pelos órgãos que faziam parte da própria Frelimo como o Comité Provincial de Cabo Delgado ou do Comité Provincial do Niassa, mas também, por organizações internacionais importantes como a African National Congress (A.N.C) - partido e movimento político sul africano responsável pela defesa dos direitos da população negra do país - parceiro indispensável da Frelimo. Sua figura pública foi moldada a partir das necessidades políticas do período das publicações que a homenageavam. Até hoje sua figura é mobilizada, em sua maioria por figuras políticas que defendem a igualdade social e de gênero em Moçambique.

Após a análise da biografia selecionada para esta investigação é necessário salientar dois pontos importantes para o trabalho. Primeiro, a figura da “Nova mulher”, segundo o discurso oficial da FRELIMO, era aquela que coloca os interesses do projeto político e ideológico nacionalista da Frelimo acima da sua própria vida. Outro ponto importante é notar que a autoria dos poemas feitos pelo viúvo e líder político Samora Machel vincula a sua imagem à da revolucionária abnegada, que se sacrifica pela pátria. Dessa maneira, a Frelimo reivindicou o lugar de guia da nação e utilizou a figura de Josina Machel como afirmação de seu projeto político e ideológico articulador da “Nova mulher” moçambicana.

Dito isso, fica patente a importância da compreensão das nuances contextuais que estavam inseridos na imagem de Josina Machel como instrumento político da Frelimo. O estudo histórico é fundamental para a reflexão das múltiplas mobilizações do passado, e

é sobretudo, um olhar atento à historicidade dos significados atribuídos. Ao mesmo passo em que cresce o número de pesquisas nas ciências humanas sobre gênero, mulheres e feminismos torna-se imprescindível refletir sobre a pluralidade dos processos que pautaram a emancipação da mulher bem como a construção de mulheres símbolos de lutas femininas em diferentes escalas e contextos históricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história não pode ser utilizada para a compreensão de períodos conflituosos a partir dos resultados de suas resoluções. O passado não foi fruto da manipulação política de apenas dois grandes atores principais disputando as linhas que controlavam os líderes políticos do terceiro mundo. Pelo contrário, ao olharmos para o agenciamento das mulheres da FRELIMO percebemos o alcance de sua atuação política e suas esferas de influência. Negociações, acordos e alianças foram forjadas no terceiro mundo e podem ser compreendidas em escala global, sobretudo, quando percebemos que um assunto específico, como o direito das mulheres, foi transversal e expõem a fragilidade da dicotomia declarada do contexto da Guerra Fria. Corroborando para uma interpretação da Guerra Fria compreendida a partir de sua multipolaridade.

Podemos afirmar que o movimento feminino da FRELIMO inicia antes mesmo da criação de um grupo organizado. Foi a atuação política internacional iniciada por Celina Simango e Priscilla Gumane que inseriram as mulheres nas três maiores correntes do movimento internacionalista feminino. Meses após a formação oficial da FRELIMO, Celina Gumane integrou o movimento transnacional de mulheres do continente, ao participar da Primeira Conferência das mulheres africanas, em 1962. Nesse evento, foi membro fundadora da Organização Pan-africana de mulheres, dedicada à realizar estudos que compreendessem a condição das mulheres em diferentes lugares do continente. Durante o Congresso, Celina Simango defendeu a ocupação de todos os espaços de atuação para a mulheres dentro dos movimentos anticoloniais que se multiplicaram no período. Para ela, era na sua presença política representativa e na formação de uma comunidade de solidariedade internacional, que a mulher conquistaria a sua emancipação. Por outro lado, os estudos de Priscilla Gumane, nos revelam que desde a realização desse evento, a militante já afirmava que a mulher deveria participar do exército, antes mesmo da criação do Destacamento Feminino pela FRELIMO. É interessante notar que a opinião política de Priscilla Gumane chamou atenção dos departamentos de vigilância opositores, pois influenciou em uma questão fundamental para a guerra, o número de pessoas mobilizadas para a guerrilha.

Como percebemos, o Congresso internacional das Mulheres, realizado em Moscou, foi o maior evento de mulheres da década de 1960. Era o início do desenvolvimento de uma das maiores organizações internacionais de mulheres do

período, a Federação Democrática e Internacional de Mulheres (FDIM). Ao se conectarem com as mulheres europeias entraram em contato com múltiplas ideias sobre emancipação feminina que se desenvolviam no norte global. Formando uma comunidade sem distinção quanto à origem de suas integrantes, foram unidas pela sua causa revolucionária. O evento foi dedicado à defender a participação da mulher em grupos de pressão internacionais pelo fim do colonialismo e o estabelecimento da paz como prioridade para melhorar a condição da mulher.

Em 1963, a viagem de Celina Simango à República Popular da China conectou o movimento feminino da FRELIMO à terceira corrente em desenvolvimento do internacionalismo feminino comandado pelas mulheres chinesas. Sua visita reforçou sua visão sobre o lugar próprio que a mulher ocupou dentro da luta de libertação. A retórica de gênero da FRELIMO foi profundamente influenciada pela noção chinesa exemplificada no slogan político “não há homens, não há mulheres”. A ideia promovia o pensamento socialista de que homens e mulheres sofriam da mesma opressão gerada pelo sistema político, econômico e pelas normas sociais. Essa ideia foi defendida desde o princípio do projeto e como percebemos, acentuada no Destacamento Feminino.

Com grande experiência política, Celina Simango e Priscilla Gumane foram as administradoras do primeiro grupo de mulheres organizado pela FRELIMO, a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO), em 1966. O que acarretou na cooperação dessas mulheres com Janet Mondlane coordenadora do Instituto Moçambicano. As três maiores ativistas da FRELIMO, da década de 60, construíram juntas uma cadeia de assistência social de apoio às populações das zonas em conflitos. Poucas Organizações humanitárias atuaram tão ativamente como o Instituto Moçambicano, isso devido, em grande parte, pelo trabalho de Celina Simango, Priscilla Gumane, e, principalmente, de sua diretora Janet Mondlane. O alcance internacional das mulheres da FRELIMO foi enorme e possibilitou o acesso aos mais diversos fundos internacionais fundamentais para a construção das estruturas da FRELIMO na Tanzânia.

A LIFEMO representou um avanço na organização do movimento feminino da FRELIMO, entretanto, acabou por ser desarticulado em meio a um processo interno conflituoso e pouco revelado. O que se sabe, é que as resoluções da FRELIMO, em um momento de virada da Guerra Fria, acarretou em profundas modificações no movimento feminino, após 1968. Nesse sentido, a FRELIMO realizou a reestruturação da LIFEMO ao delegar todas as suas atividades para o segundo grupo criado exclusivamente para as mulheres, o Destacamento Feminino (DF). O evidente apagamento das primeiras

mulheres da história oficial da FRELIMO, ofuscou a característica fortemente internacional do movimento de mulheres da Frente de Libertação.

Portanto, a história não é apenas uma, pelo contrário, ela é escrita pelos resultados gerados a partir de um leque de opções possíveis. A FRELIMO foi responsável por essas opções, e trilhou o seu caminho medindo as suas ações em meio ao complexo período da Guerra Fria. O movimento que escolheu por uma revolução em defesa da libertação do povo, foi o mesmo que criou uma onda de prisões em um sistema altamente disciplinador e punitivo que encarcerou opositores políticos, percebidos como “traidores”. Esse foi o destino de Celina Simango ao ser presa, seu fim pouco correspondeu a grandeza de sua trajetória. Provavelmente, o mesmo destino atingiria Priscilla Gumane, se a militante não houvesse desconfiado de sua detenção. Janet Mondlane, por outro lado, resistiu a rearticulação da FRELIMO, ao mesmo tempo, que sofreu ao ser restringida aos escritórios da Tanzânia e afastada do centro diretivo da Frente. As modificações internas e a morte de seu marido Eduardo Mondlane não interromperam o seu trabalho social até 1975.

Podemos afirmar que os conflitos internos provocados pelo início da Luta Armada de Libertação Nacional foram gradualmente, mas parcialmente, preenchidos por uma nova ordem revolucionária. A influência da China maoísta promoveu uma onda de militarização nos movimentos femininos afro-asiáticos. O movimento de mulheres passou a ser cada vez mais controlado pela FRELIMO que impediu o trabalho de diplomatas políticas de longa carreira como Celina Simango e Priscilla Gumane. A radicalização da Frente modificou o seu projeto emancipatório e resultou em uma nova perspectiva para a libertação das mulheres. Nesse sentido, o projeto feminino foi reenquadrado nos moldes de um sistema militarizado, homogeneizador e hierárquico. Por outro lado, foi o mesmo projeto que, ao dar atenção para as mulheres que viviam nas zonas de combate, melhorou a condição de vida das mulheres combatentes.

Dessa forma, iniciamos pelos estudos de Marina Pachinuapa, tornando evidente a importância da participação política das mulheres do norte do território durante a luta anticolonial. Em sua língua materna, o Maconde, mobilizaram as populações das zonas em conflito e mediarão os desordens internos gerados no Instituto Moçambicano. Seu trabalho tornou evidente a importância das Comissárias Políticas. No intenso trabalho feminino foram reunidas no Destacamento Feminino mulheres de todos os outros setores da Frente, como Josina Machel.

O núcleo do Destacamento Feminino, como podemos perceber, foi formado muito antes da integração oficial das mulheres no exército. De fato, a necessidade de defender

seu território tornou a participação feminina nas bases militares uma estratégia poderosa. A guerra anticolonial dependeu, em grande parte, do auxílio das populações do norte, principalmente, no transporte de material e alimentação para além das zonas libertadas. Ou seja, a aderência das populações do norte, convencidas pelas Comissárias Políticas, foi um fator essencial para a sustentação da guerra.

Josina Machel integrou a FRELIMO e percorreu uma trajetória política multifacetada nos mais diversos setores que trabalhou. De modo geral, se destacou na criação de orfanatos que ampliaram a rede de acolhimento para as crianças órfãos. Deu atenção à população local, ao transmitir as ideias da FRELIMO em busca de mediação. De fato, foi um membro destacado do movimento feminino por sua complexa trajetória política, incluindo como representante internacional ao se corresponder com outras organizações femininas do continente.

Porém, em 1972, um ano após a morte de Josina Machel, sua sucessora Deolinda Guezimane assumiu a posição de representante internacional. A militante da FRELIMO realizou uma trajetória importante na organização e sempre esteve vinculada a cargos administrativos. Portanto, foi a escolha da FRELIMO para ocupar o cargo máximo representativo das mulheres do DF. Nesse sentido, manifestou a defesa da promoção geral da mulher vinculada ao combate contra o colonialismo e ao imperialismo, assim como, pelas sociedades tradicionais. Em seus discursos procurou promover a linha ideológica da FRELIMO projetando sua teoria ao exterior. Dessa maneira, foi capaz de acompanhar a radicalização da FRELIMO apontando o sistema capitalista, promotor do imperialismo, também um promotor da opressão feminina. Com intuito de estabelecer vínculos com grupos femininos progressistas de todo o mundo, como foi o trabalho da LIFEMO, acentuou sua militarização através do uso do fardamento militar em congressos internacionais emanando uma mensagem concreta sobre a localização da nova perspectiva da FRELIMO.

Como percebemos, o primeiro evento que marcou a presença das mulheres do DF, em 1972, foi a 10ª Conferência das Mulheres Africanas, em Dar-es-Salaam. Dez anos após a participação da LIFEMO, as mulheres do DF foram as continuadoras do seu trabalho internacional. Solicitando mais apoio internacional para a luta das mulheres da FRELIMO, chamaram a atenção, em 1974, da Liberation Support Movement do Canadá. Partes adicionadas ao texto original da fonte histórica, pelo Comité de Libertação, destacaram o reconhecimento do trabalho intelectual das mulheres da FRELIMO nas plataformas internacionais que participaram. Sem mencionar o trabalho da LIFEMO, as



mulheres informaram a importância da criação de plataformas de solidariedade de luta que coordenassem seus esforços entre os movimentos anticoloniais. Nesse sentido, foi a única militante da FRELIMO a reconhecer a importância do trabalho das mulheres do norte durante a luta anticolonial, principalmente, como Comissárias Políticas na mobilização da população.

A 10ª Conferência afro-asiática das mulheres, em Ulan-Bator, na Mongólia nos acrescentou novos apontamentos ao estudo. O fardamento militar de Deolinda Guezimane esteve alinhado ao movimento afro-asiático de mulheres do período. Nesse sentido, afirmou que a mulher deveria estar comprometida com a Revolução, a partir de 1972, deveria estar, também, comprometida com a reconstrução nacional. É possível perceber que essa nova perspectiva diluiu as desigualdades entre os gêneros na homogeneização do trabalho militar dos homens e mulheres. Foi nesse evento que a comandante afirmou que era através da participação direta da mulher na luta anticolonial, o motivo que a levaram a conquistar a igualdade de gênero dentro da FRELIMO, ou seja, afirmou uma igualdade que nunca se concretizou, mas que foi utilizada como propaganda política. Portanto, Deolinda Guezimane afirmou que a Revolução já havia triunfado na FRELIMO pela participação da mulher na luta anticolonial.

No final de 1972, a satisfação com o desenvolvimento do trabalho das mulheres foi o reconhecimento durante a 5ª sessão do Comitê Central. Dessa forma, anunciaram ampliar o trabalho do DF, através da criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). A FRELIMO justificou a criação da OMM como um espaço político que ofereceu o status de cidadã, antes mesmo da independência do país e da constituição da FRELIMO como partido único no poder. Com a consolidação do projeto de emancipação da mulher, foi possível também, a construção de um instrumento poderoso de comunicação como percebemos ao estudar Josina Machel nas páginas de sua primeira biografia.

De fato, o projeto emancipação da mulher foi desenvolvido durante 11 anos e constituído por diferentes mulheres da FRELIMO. As primeiras, Celina Simango e Priscilla Gumane forjaram o projeto nos moldes do internacionalismo feminino que discutiu, de maneira global, a emancipação da mulher. O tom internacionalista foi uma herança captada pelo Destacamento Feminino através do trabalho de Deolinda Guezimane. O Destacamento Feminino, por sua vez, militarizou, hierarquizou e homogeneizou o movimento de mulheres da FRELIMO. Essa etapa foi percebida como fundamental para a criação de uma “nova” sociedade sem desigualdade de gênero.

O projeto acrescentou características novas ao movimento feminino, através da leitura da FRELIMO, em um primeiro momento combinou as concepções tradicionais sobre a submissão da mulher e as concepções colonialista de submissão feminina para compor um quadro de opressão à mulher. Passou a acrescentar também, depois de 1968, o sistema capitalista, através do imperialismo, mais um fator de opressão no qual as mulheres eram submetidas. A nova ordem, com o intuito de diminuir as diferenças, acabou estabelecendo diferenças singulares entre as próprias mulheres do território moçambicano. Aquelas que corresponderam aos planos nacionais, as mulheres da FRELIMO, foram percebidas como as “novas” mulheres revolucionárias responsáveis pelo futuro da Nação. Em oposição, as mulheres vistas como “traidoras”, àquelas que não assentiram ao projeto de libertação da mulher proposto, foram presas acusadas de serem aliadas aos opositores da FRELIMO.

O projeto desenvolvido, desde 1962, pelas mulheres, foi assumido por Samora Moisés Machel, em 1973, consolidado como objetivo central da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) que mantinha como símbolo do seu projeto Josina Machel. Fica evidente que o movimento de mulheres definido pela FRELIMO, após 1968, se mostrou eficiente no controle comportamental da mulher e em torna-las a propaganda ideológica do seu próprio movimento. O apagamento das primeiras mulheres da história oficial contribuiu para as narrativas que colocaram Samora M. Machel como autor de um projeto feminino.

Muitos foram os governos totalitários que desapareceram com vestígios históricos importantes para preencher as lacunas dos documentos oficiais. Moçambique sofre desse mesmo destino. A ausência de um governo democrático desenvolveu movimentos femininos vinculados ao Estado, onde um homem como Samora M. Machel passou a ditar o movimento de mulheres assumindo o controle comportamental feminino elegendo quais delas agiam de “maneira revolucionária” e quais eram as “inimigas da Revolução”. Por isso, a cada ano se revelam novos vestígios do passado e mais pessoas conhecidas e desconhecidas transportam dentro de si as consequências dos anos conflituosos que marcam o contexto da Guerra Fria. Um verdadeiro acordo de paz requer reconhecimento dos erros cometidos contra os direitos humanos, cívicos e políticos do passado.

Por fim, a história também é feita pelas mulheres. A escolha em integrar um movimento feminino dentro da FRELIMO inseriu o movimento nos termos do feminismo internacionalista em desenvolvimento no período. O processo revolucionário foi fundamental para a criação de espaços exclusivos e conquistados por mulheres, como a

Liga Feminina de Moçambique, o Destacamento Feminino e a Organização da Mulher Moçambicana. As mulheres da FRELIMO promoveram maiores oportunidades de participação política. De maneira, particular essas mulheres desenvolveram suas próprias políticas, agenciaram melhorias na condição das mulheres e crianças e integraram-se a um movimento internacional e transnacional que se esforçou em ampliar os direitos das mulheres ao evidenciar o sentido da *Guerra, um substantivo feminino*.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

ATA DO II CONGRESSO. In: MUIUANE, Armando Pedro. *Datas e Documentos da FRELIMO. De 1960 a 1975- O ano da independência de Moçambique*. 3. ed. Maputo: nov. 2006. p. 92- 104.

BOLETIM DE INFORMAÇÃO. *Comitê Central da Frente de Libertação de Moçambique*, atividades DA FRELIMO no exterior, no. 8, Tanganyika: Dar es Salaam, 1964.

FRENTE REVOLUCIONÁRIA DO TIMOR-LESTE INDEPENDENTE (FRETILIN). *Nacrum*, Timor-Leste, Printed newsletter: 1 a 15 de outubro, 1974.

GUEZIMANE, Deolinda. *Simpósio 50 anos da FRELIMO (1962-2012): fontes para a nossa história*. Coleção memórias do combatente. Ministério dos Combatentes, Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional: Maputo, 2012. P. 223 - 230.

GUMANE, Priscilla. *African Association Review*. Daily Report, Foreign Radio Broadcasts, Edições 240-241 .United States Central Intelligence Agency, 1963.

GUMANE, Priscilla. *Declaração Apresentada em Nome do Conselho da Mulher Moçambicana da COREMO para Assembleia Geral das Nações Unidas*, 1972. Disponível em JSTOR: <https://jstor.org/stable/al.sff.document.ydlwcc2334>. Acessado em 8/11/ 2022.

INSTITUTO MOÇAMBICANO, Tanzânia: Dar es Salaam, 1964. Sua versão digital é de propriedade da University of Southern California e compõe a coleção Emerging Nationalism in Portuguese Africa, 1959-1965. Sua versão original é de propriedade da Boeckmann Center for Iberian and Latin American Studies da Doheny Memorial Library, Estados Unidos: Los Angeles. Disponível em: <https://digitallibrary.usc.edu/>. Acessado em: 05/10/2022.

INSTITUTO MOÇAMBICANO, Tanzânia: Dar es Salaam, 1965. Sua versão digital é de propriedade da University of Southern California e compõe a coleção Emerging Nationalism in Portuguese Africa, 1959-1965. Sua versão original é de propriedade da Boeckmann Center for Iberian and Latin American Studies da Doheny Memorial Library,

Estados Unidos: Los Angeles. Disponível em: <https://digitallibrary.usc.edu/> Acessado em: 05/10/2022.

LSM - LIBERATION SUPPORT MOVEMENT. *The Mozambican Woman in the Revolution*. Editora LSM, Canadá: Vancouver, 1974.

MACHEL, Josina. Mensagem grava em fita magnética. Base Central do Niasa, janeiro de 1971. In. *TEMPO*, n. 236, Lourenço Marques: 6 abril 1975. p.9-11.

MACHEL, Josina. O papel da mulher na Revolução, 1970. In: SECRETARIADO NACIONAL DA OMM. 7 de Abril de 1981: *10.º aniversário da morte da camarada Josina Machel, da mulher moçambicana combatente*. Maputo, INLD, 1981.

MONDLANE, Janet. Entrevista concedida ao *Jornal Savana*, Entrevista por Fernando Gonçalves em 16/09/2011. Disponível em: [https://www.mozambiquehistory.net/people/mondlane/familia/20110916\\_entrevista\\_com\\_janet\\_mondlane.pdf](https://www.mozambiquehistory.net/people/mondlane/familia/20110916_entrevista_com_janet_mondlane.pdf). Acessado em 10/05/2021.

MONDLANE, Janet. Janet Rae Mondlane (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2010. 20 p.

MOZAMBICAN REVOLUTION . *Comitê central da Frente de Libertação de Moçambique*: 23 Mozambican girls participate in the armed struggle. no. 21, Tanganyika: Dar es Salaam, 1964.

MOZAMBICAN REVOLUTION . *Communique of the Central Comite*, opening speech by the President of LIFEMO, Mrs. Selina Simango, vol. 2, Tanganyika: Dar es Salaam, 1966.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite*. Conference of the Afro-Asian Women's Organisation. n. 52, Tanganyika: Dar es Salaam, 1972.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite*. Message to LSM. n. 53, Tanganyika: Dar es Salaam, 1972.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite*. no. 17, Tanzânia: Dar es Salaam, 1965.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite*. no. 2, Tanganyika: Dar es Salaam, 1964.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite.* n. 54, Tanganyika: Dar es Salaam, 1973.

MOZAMBICAN REVOLUTION. *Communique of the Central Comite: SISTER SELINA SIMANGO IN CHINA.* no. 7, Tanganyika: Dar es Salaam, 1964.

MOZAMBIQUE REVOLUTION. *Communique of the Central Comite.* A Mozambican Woman in the Internacional Women's Congress, no. 1, Tanganyika: Dar es Salaam, 1963.

MOZAMBIQUE REVOLUTION. *Communique of the Central Comite.* No. 24, Tanzânia: Dar es Salaam, 1966.

PACHINUAPA, Marina. *Simpósio 50 anos da FRELIMO (1962-2012) : fontes para a nossa história.* Coleção memórias do combatente. Ministério dos Combatentes, Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional: Maputo, 2012. P. 215 – 222.

PACHINUAPA. Marina. In: MUSSANHANE, Ana Bouene. *Protagonistas da luta de libertação nacional.* Maputo: Marimbique, 2012. P. 573 - 584

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê Central Da Frente De Libertação De Moçambique.* Discurso de abertura a Sra Selina Simango, Presidente da LIFEMO, , no. 6, Tanganyika: Dar es Salaam, 1966.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* n. 7 Tanzânia: Dar es Salaam, 1967.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* Tanzânia: Dar es Salaam, 1969.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* Janeiro de 1970. Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Disponível em: [http://hdl.handle.net/1102/fms\\_dc\\_85393](http://hdl.handle.net/1102/fms_dc_85393) acessado em 10/05/2020.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* 10ª Conferência Afro-asiática das Mulheres. N. 11, Tanzânia: Dar es Salaam, 1972.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* 10ª Conferencia Pan-africana das Mulheres. N. 10, Tanzânia: Dar es Salaam, 1972.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique.* A Primeira Conferência da Organização da Mulher Moçambicana. N. 16, Tanzânia: Dar es Salaam, 1973.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique*. N. 7, Tanzânia: Dar es Salaam, 1967.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique*. N. 14, Tanzânia: Dar es Salaam, 1972.

VOZ DA REVOLUÇÃO. *Comitê central da Frente de libertação de Moçambique*. Visita à República Democrática da Alemanha. N. 10, Tanzânia: Dar es Salaam, 1972.

## **Bibliografia**

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

ARMSTRONG, Elisabeth. Before Bandung: The Anti-Imperialist Women's Movement in Asia and the Women's International Democratic Federation. *Journal of Women in Culture and Society*. Vol. 41, n 2. p. 305 – 311. University of Chicago Press Journals: Chicago, 2016.

ATA DO I CONGRESSO. Disponível em: Biblioteca Digital da University of Southern California (USC). Link de acesso: <<http://digitallibrary.usc.edu/cdm/compoundobject/collection/p15799coll60/id/9258/rec/1>> Acesso em set.201

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4 ed. São Paulo: Difusão, 2016.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BRADLEY, Mark Philip. Decolonization, the global South and the Cold War, 1919-1962. In: WESTAD, Odd Arne & LEFFLER, Melvin (Eds.). *The Cambridge of The Cold War*. Vol.1 -Origins. New York: Cambridge, 2010, pp. 464-485.

BRITO, De Luís. *A FRELIMO, o marxismo e a construção do estado nacional 1962-1983*. Maputo: IESE, 2019.

BROYELLE, Claudie. *A metade do céu: o movimento de libertação das mulheres na China*. São Paulo: Nova Cultura, 2016.

BURTON, Eric. *Hubs of Decolonization*. African Liberation Movements and 'Eastern Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam' In: DALLYWATER, Lena;

SAUDERS, Chris & FONSECA, Helder Adegar (Eds). *Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East"*. Berlin/Boston: Degruyter, 2019.

CABRITA, João. *Moçambique: The Tortuous Road to Democracy*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2000.

CASIMIRO, Isabel. Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de Samora. In: SOPA, A. *Samora : homem do povo*. Maputo; Maguezo, 2001.

\_\_\_\_\_. Feminismo e direitos humanos das mulheres. *Revista Outras Vozes*, n 6º, fevereiro de 2004.

\_\_\_\_\_. *Paz na terra, Guerra em Casa*. Serie Brasil & África, Coleção Pesquisas. Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

COSTA, Catarina. *Moçambique: o sonho de uma nação : o Instituto Moçambicano e a FRELIMO no nascimento de um estado social livre*. Lua Eléctrica, 2019.

CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. *Mao: a história desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DARCH, Colin. *Historical dictionary of Mozambique*. Rowman & Littlefield Publishers, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. *Rev. Estud. Fem.*, n. 24, 2016.

FINK, Carole K. *Cold War: An International History*. London: Routledge, 2018.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. (trad.) BITELLI, Carla; YACUBIAN, Flávia. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GEER, Germaine. A mulher eunuco. 3ª ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

GEIGER, Susan. Umoja Wa Wanawake Wa Tanzania and the Needs of the Rural Poor. *African Studies Review*, vol. 25, no. 2/3, 1982.

GHODSEE, Kristen. *As Mulheres de Vermelho: O Comite do Movimento Das Mulheres Bulgaras e o Desenvolvimento dos Movimentos de Mulheres Progressistas Na Africa e na Asia, 1980-1985*" Perseu, No. 9, Ano 7, 2013.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo : Iskra Edições, 2014.



GRADSKOVA, Yulia . *The Women's International Democratic Federation, The Global South and the Cold War*. 1ª ED. Routledge: Inglaterra, 2020.

HAAN, Francisca de. The Global Left-Feminist 1960's. From Copenhagen to Moscow and New York In: In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building*. New York: Routledge, 2018, pp.230-242.

IVAKSA, Andrew. Liberation in Transit: Eduardo Mondlane and Che Guevara in Dar es Salaam. In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building*. New York: Routledge, 2018, pp.27-38.

JAYAWARDENA, Kumari. *Feminism and Nationalism in the Third World.*, New York: Editora Verso, 2016

KATTO, Jonna. *Women's Lived Landscapes of War and Liberation in Mozambique: Bodily Memory and the Gendered Aesthetics of Belonging*. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, Julia. *About Chinese Women*. Marion Boyars Publishers Ltd: Londres, 2000.

LAL, Priya. Maoism in Tanzania: Material connections and shared imaginaries. In A. Cook (Ed.), *Mao's Little Red Book: A Global History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. doi:10.1017/CBO9781107298576.007

LANG, Olga. *Chinese Family and Society*. Archon Books, China: 1968.

LI, Zhuying. Female warriors: a reproduction of patriarchal narrative of Hua Mulan in The Red Detachment of Women. Vol.1. *Media International Australia*, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1329878X20916955> Acessado em: 20/10/2021.

LIESEGANG, Gerhard; TEMBE, Joel das Neve. *Subsídios para a História da UDENAMO e FRELIMO: Da fundação e dos planos de fusão da UDENAMO e MANU à revolta da base da UDENAMO em Junho de 1962 e o resurgimento deste partido em 1963:Um plano e primeiros resultados da recolha de fontes para permitir uma leitura*

sociológica. Moçambique: Maputo, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/9800597/Da\\_Udenamo\\_a\\_Frelimo](https://www.academia.edu/9800597/Da_Udenamo_a_Frelimo). Acessado em 10/10/2022.

LOVELL, Julia. *Maoism. A Global History*. New York: Vintage Books, 2020. [ Cap.1 – What is Maoism?, pp.25-59; Cap.6- Into Africa, pp.184-222]

MACHEL, Samora Moises. *A Libertação da mulher*. Discurso de abertura do Primeiro Congresso a OMM, 1973. São Paulo: Parma, 1979. p. 13-44.

MACHEL, Samora. *Educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria*. Mensagem do Presidente da Frelimo, à 2a Conferência do Departamento de Educação e Cultura - DEC Moçambique : FRELIMO, 1973

MANGHEZI, Nadja. *O meu coração está nas mãos de um negro*. Centro de Estudos Africanos. Livraria Universitária, Maputo: 1999.

MARCUM, John. *Conceiving Mozambique African Histories and Modernities*. New York: Palgrave Macmillan, 2018.

MATUSSE, Renato; MALIQUE; Josina. *Josina Machel: ícone da emancipação da mulher moçambicana*. Embondeiro: Maputo, 2008

MBOA, Matias. *Memórias da luta clandestina*. Marimbique: Maputo, 2009

MCGREGOR, Katharine. *Opposing Colonialism: the Women's International Democratic Federation and decolonisation struggles in Vietnam and Algeria 1945–1965*. *Women's History Review*. Routledge: Inglaterra, 2016.

MONTEIRO, Katani Maria Nachimento; MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero, biografia e ensino de História. *Aedos* n. 11 vol. 4. Setembro de 2012.

NCOMO, Barnabé Lucas. *Uria Simango: um homem, uma causa*. Maputo: Novafrica, 2003.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Lisboa: Publicações Europa-América: Dezembro, 2012.

NHAUELEQUE, Laura António. Os direitos humanos na polícia moçambicana. Surgimento e fortalecimento do modelo autoritário: da independência ao regime democrático (1975-2019). *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, PE. Brasil, Ano 3, v.3, n. 8, jan./abr. 2020. ISSN: 2595-2803

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PAREDES, M. M. 2022. Para Além da Lusofonia: o Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975). *Tempo e Argumento*, v. 14, n. 35: 1-23

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da Identidade Nacional Moçambicana no pós-Independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. Dossiê África. Porto Alegre, *Anos 90*, v. 21, n. 40, p. 131-161, dez. 2014.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

POLICIA INTERNACIONAL DO ESTADO NOVO PORTUGUÊS (PIDE). Relatório referente ao período de 16 a 31 de março 1964. *Arquivo Nacional Torre do Tombo*. Lisboa, 1964. DGS SC 234 NT 6981

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE VERDADE E RECONCILIAÇÃO DA ÁFRICA DO SUL, Volume 2 , 1998, p.371.

ROY-CAMPBELL, Zaline Makini. "Pan-African Women Organizing for the Future: The Foundation of the Pan African Women's Liberation Organization and Beyond," in *African Journal of Political Science New Series* Vol. No. 1, 1996.

SANTANA, Cristiane Soares de. O olhar da frelimo sobre a emancipação feminina. *Revista África(s)*, v. 03, n. 05, p. 157-168, jan./jun. 2016

SANTANA, Cristiane Soares de. *Maoísmo na Bahia (1967- 1970)*. Salvador: Sagga Editora, 2020.

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985). *Revista SANKOFA de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. São Paulo. n. 4 dez. 2009.

SANTOS, Aurora Almada e. *A organização das Nações Unidas e a questão colonial portuguesa. 1960-1974*, Lisboa, Instituto da Defesa Nacional, 2017.

SCHLIEHE, Nils. “West German Solidarity Movements and the Struggle for the Decolonization of Lusophone Africa”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118, maio 2019, pp.173-194.

SHELDON, Kathleen. *African Women: Early History to the 21st Century*. Bloomington: Indiana University Press, 2017

SNOW, Helen Foster. *Women in Modern China*. Harmondsworth: Pequim, 1967.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. French Feminism in an International Frame. *Yale French Studies*, no. 62, 1981, p. 154–84. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2929898>. Acessado em: 04/07/2022.

SURI, Jeremi. Counter-Cultures: the rebellion against the Cold War order, 1965-75. In: WESTAD, Odd Arne & LEFFLER, Melvin (Eds.). *The Cambridge of The Cold War*. Vol.2 – Crises & Détente. New York: Cambridge, 2010, pp. 460-481.

TAYLOR, Rosi. *China and Africa: Engagement and Compromise*, Routledge Contemporary China Series, 2006.

TELEPNEVA, Natalia. *Mediators of Liberation: Eastern-Bloc Officials, Mozambican Diplomacy and the Origins of Soviet Support for Frelimo, 1958–1965*. UCL School of Slavonic and East European Studies, 2022.

THAKUR, Ravni. *Rewriting Gender: Reading Contemporary Chinese Women*. London: Zed Books, 1997.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista*. *Revista de Antropologia*. 2008, p. 177-214.

TORONTO COMMITTEE FOR THE LIBERATION OF SOUTHERN AFRICA. *The Mozambican Woman in the Revolution*. Editora LSM: Vancouver, 1974.

TZU-CHUN WU, Judy. “Hypervisibility and Invisibility. Asian/American women, radical orientalism, and the revisioning of global feminism”. In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building*. New York: Routledge, 2018, pp.211-229;

WANG, Zheng. *Finding Women in the State: A Socialist Feminist Revolution in the People's Republic of China, 1949-1964*. Oakland, CA: University of California Press, 2017.

WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. New York: Cambridge University Press, 2007.

ZIMBA, Benigna. *A Mulher Moçambicana na Luta de Libertação Nacional: Memórias do Destacamento Feminino*. Maputo: Organização da Mulher Moçambicana, 2012.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)